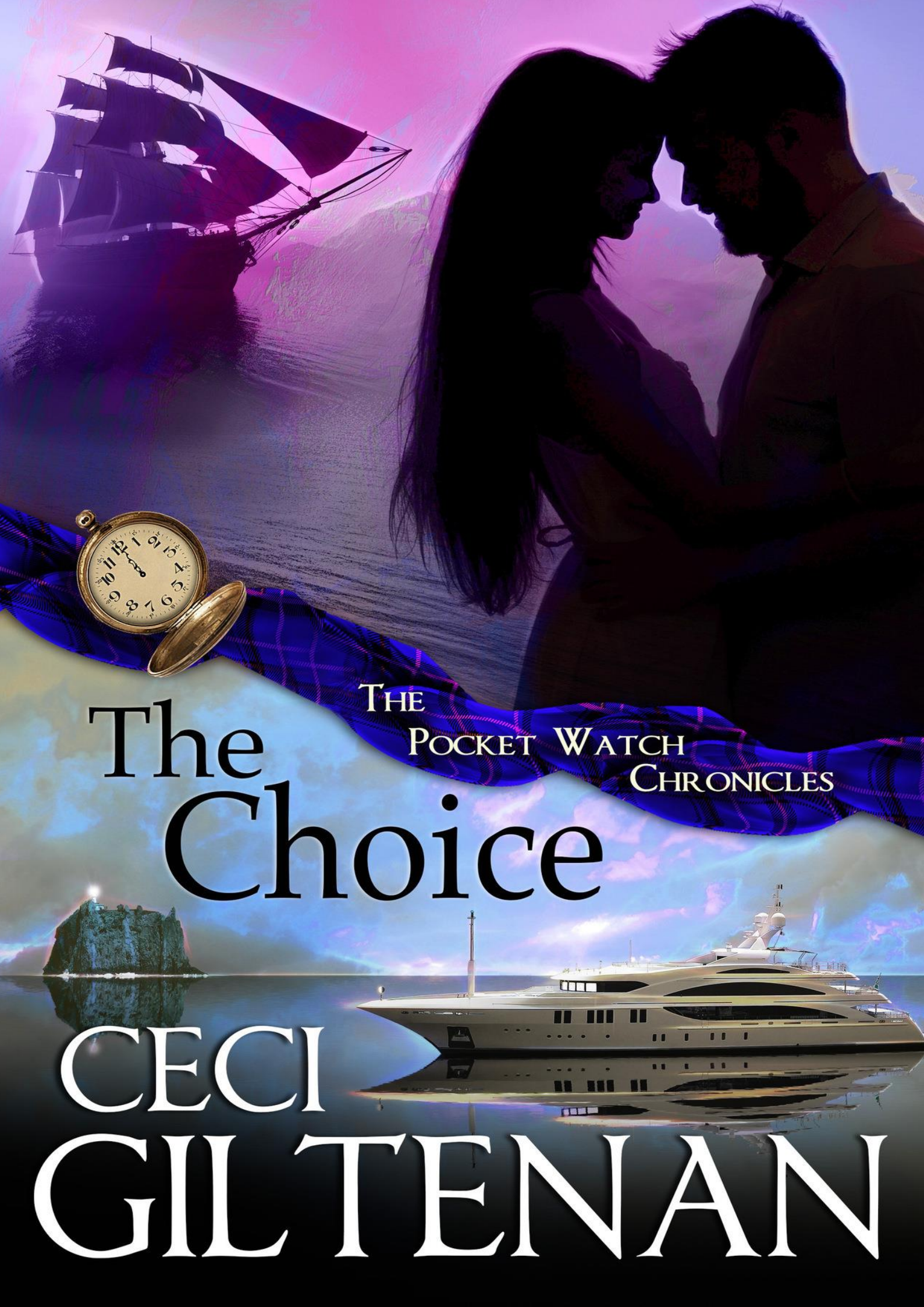




THE
POCKET WATCH
CHRONICLES

The Choice

CECI
GILTENAN



A ESCOLHA

CECI GILTENAN

(Série Crônicas do Relógio de Bolso 04)



Anabela Sá, Sil, M^ªLuana e Daniele RMP



SINOPSE

Sessenta dias em outra vida, outro tempo... é tentador. Agora a decisão de aceitar o relógio de bolso é sua. Qual escolha fará?

Sara Wells está em Veneza, se preparando para sair em um cruzeiro de quatorze dias para a Grécia, quando Gertrude lhe oferece o relógio de bolso. Ela irá aceitá-lo? Você decide.

Se você aceitar o relógio, Sara viajará a Veneza do século XVIII onde conhecerá um jovem expatriado que possui uma pequena companhia marítima. O amor deles será suficiente para superar todos os obstáculos?

Se você recusar o relógio, Sara permanecerá no século XXI, onde ela encontrará um viajante do passado e mais intrigas que ela pode escrever em seus livros.

Assim que ler um, você pode voltar e escolher o outro.

Uma escolha, duas almas, dois finais felizes diferentes.



Prólogo

O lugar onde você se encontra Agora

Gertrude entrou no quarto e sorriu.

— Olá. Você se importa se eu entrar?

Sem resposta.

— Você que está aí ... sim, você que está lendo este livro. Você se importa se eu entrar? — Gertrude sorriu para a expressão perplexa do leitor. — Surpreso por eu estar aqui para uma conversa, com você? Quer dizer que um personagem de um livro nunca falou com você antes? Bem, acho que posso entender isso. É como quebrar a quarta parede, não é? Como um personagem de televisão falando diretamente com você da tela? Simplesmente não é possível. — Gertrude riu. Claramente, o fato de que algo simplesmente não seja possível, não a incomodou nem um pouco.

— Eu peço desculpas se você está achando isso um pouco estranho, mas realmente preciso falar com você, e prometo que não vou ficar muito tempo. Apenas continue lendo. Francamente, se quiser que eu vá embora, você terá que continuar lendo para superar este pedaço.

A velha mulher olhou em volta, observando o ambiente.

— Lugar lindo que você tem aqui. — Ela riu novamente. — Não, querido, eu não estou falando sobre a sala ao seu redor. Não posso ver isso. Este cérebro e consciência de vocês é absolutamente notável. Permite que você abra um livro e seja transportado para ele. Isso oferece possibilidades ilimitadas. É sua mente que me dá vida e forma. Sua imaginação muito literalmente me leva à existência. Então, enquanto você está nisso, não se importaria de tirar alguns quilos de mim? Pense em mim como uma mulher imponente. Mas elegante. Madura, de idade indeterminada. É isso, querido. Agora, se você não se importa, poderia imaginar um espelho de corpo inteiro, para que eu possa me ver?

Sem aviso, com a simples menção da palavra espelho, um apareceu.

— Esse é um começo. — Ela olhou seu reflexo. — Bem, não é exatamente o que eu tinha em mente, mas é o que combina com suas sensibilidades, então vou aceitar.

Ela olhou por cima do ombro.

— Palavra de honra, de onde veio aquele elefante rosa? Lá, você também viu, não é? — Gertrude riu. — Oh, querido, eu estava apenas brincando com você. — É o truque mais antigo do livro. Você não pode pensar em algo, uma vez que a sugestão é feita. Então, seja bonzinho e pense em um bom lugar para sentar enquanto conversamos.

E, assim como o elefante rosa, uma cadeira apareceu.

— Vamos lá, algo um pouco mais confortável do que isso seria legal. Talvez uma cadeira de balanço. Sim, aí estamos nós. Perfeito. Eu amo uma boa cadeira de balanço.

Gertrude se sentou, fazendo-se confortável.

— Agora, como eu disse, não ficarei muito tempo, mas há algumas coisas que preciso esclarecer antes de se estabelecer na história. Se você leu algum dos outros Crônicas do Relógio de Bolso, pode me reconhecer, mas mesmo assim provavelmente não sabe exatamente quem eu sou. E se esta é a primeira das Crônicas que você lê, não se preocupe. Você está em pé de igualdade com todos os outros. Por isso, não abaixe o livro e corra para encontrar outro. Não é necessário. Este livro é absolutamente independente.

Ela franziu a testa por um momento.

— Onde eu estava? Oh, sim, lembro agora, que estou prestes a dizer-lhes quem eu sou. — Ela sentou-se um pouco mais ereta. — Eu sou um espírito imortal. Existo desde o início dos tempos, desde o primeiro momento da criação. Ao longo da história nos foram dados diferentes nomes. Entre eles estão: anjo, fada, musa, guia espiritual, mensageiro, eudaemon, dakini, Deva, espírito elementar, Gandharva, observadores, Grigori, um dos antigos, ou um servo do Divino. Infelizmente, porém, toda linguagem humana é dolorosamente imprecisa e a compreensão humana é limitada. Não há uma palavra que resuma a nossa verdadeira natureza. Então escolha o nome que funciona melhor para você.

Ela sorriu.

— Está perfeitamente bem se você não acredita em nenhuma dessas coisas. Podemos fazer o que deve ser feito, quer você acredite ou não. Nosso propósito é guiar os humanos, ajudando-os a discernir a vontade do Criador. Cada um de nós tem habilidades e ferramentas únicas para vos ajudar e temos apenas três regras. Nós não podemos mentir. Não podemos quebrar uma promessa. E, acima de tudo, não podemos interferir no livre arbítrio de um humano.

Gertrude passou os dedos por baixo do queixo por um momento.

— Este último ponto é frequentemente o mais difícil de entender. E se a pessoa que estamos tentando orientar não escutar, ou disser que não, ou intencionalmente tentar contornar a vontade do Criador? Bem, muito simplesmente, quando os seres humanos fecham portas, abrimos janelas. Geralmente, há mais de uma maneira de realizar qualquer coisa. A história que você está prestes a ler ilustra isso. Nela, a heroína terá uma escolha e você, meu caro leitor, poderá fazer essa escolha por ela.

— Se você escolher um curso, a história seguirá uma direção. Se você escolher o outro, seguirá uma direção diferente. Eu prometo a vocês, ambas as histórias têm finais felizes. E a melhor parte é que, uma vez que você leu uma, pode voltar, fazer a outra escolha e ler a outra. É uma história completamente diferente.

Gertrude deu ao leitor um momento para deixar isso entrar.

— Isso mesmo, uma escolha, duas histórias completamente diferentes e com finais felizes. Se o conceito é intrigante para você, é provável que aproveite a aventura.

A mulher idosa levantou-se graciosamente da cadeira de balanço.

— Bem, agora eu tomei o suficiente de seu tempo, então é melhor ir. Se você decidir ficar por aí para esta história, podemos nos ver mais vezes. Se não, deseje-lhe tudo de bom em seus futuros empreendimentos. Mas lembre-se ... quando os humanos fecham as portas, abrimos janelas.

E num piscar de olhos, ela se foi.

Capítulo 1 - A Escolha

Domingo, 9 de julho de 2006

Um café ao ar livre perto do Rialto

Veneza, Itália

Sara Wells estava ansiosa por estas férias há meses. Nunca havia visitado Veneza. Todos diziam que era uma das cidades mais bonitas e românticas da Europa. Um escritor de romances deve visitar a cidade mais romântica da Europa, não é? Mas toda vez que sugeriu isso para Mark, seu namorado, ele encontrou razões para não ir. E cada vez que ele explicava essas razões, elas pareciam perfeitamente lógicas.

Então fizeram canoagem na Pensilvânia e na Virgínia Ocidental, jogaram em Las Vegas e em Atlantic City, e esquiaram em Aspen e Tahoe. O fato de que ela não gostava de fazer rafting e não sabia como jogar ou esquiar realmente não importava; adorava estar com ele. Ele sempre parecia trabalhar seu charme e ela ficava animada com qualquer coisa que fizessem juntos. E tudo que eles fizeram foi feito em grande estilo.

A família de Mark fez milhões com a Holland Imports, uma série de concessionárias de automóveis que vendiam carros de luxo usados anteriormente. Mark era um vendedor brilhante e já um milionário por direito próprio.

Então foi um choque total quando ele sugeriu que voassem para Veneza, passando alguns dias lá e depois embarcassem em um navio para um cruzeiro de catorze dias pelas ilhas gregas. Finalmente, iam fazer algo que eu desejava fazer, e essa ideia fora dele. Ficou tão animada que fez as malas três dias antes e mal conseguiu dormir na noite anterior à partida. Nem se importava com o fato de que o melhor amigo de Mark, Benjamin Talbot, e sua mais nova namorada, Daphne Cheswick, estavam indo com eles. Não se importava com quem estava com eles; era Veneza e as ilhas gregas.

Agora, estava sentada sozinha, tomando café no Grande Canal, à vista da Ponte Rialto. Se isso não fosse ruim o suficiente, este era o segundo dia em que vagava sozinha pelas ruas da romântica Veneza.

Quando chegaram no dia anterior, Mark havia desistido.

— Sara, querida, o jetlag me drenou. Me dê um dia para descansar e então serei cem por cento seu. Acho que Benjamin está indo para o cassino. Talvez você possa acompanhá-los.

— Eu não vou acompanhar Benjamin e sua boneca Barbie.

— Faça como quiser. Mas é uma pena você perder os pontos turísticos de Veneza só porque sou um viajante fraco.

— Não tenho intenção de perder Veneza. Eu só queria que você viesse comigo. Você vai acabar com o jetlag mais rápido se simplesmente ficar acordado.

— Querida, se isso significa muito para você, eu vou. Embora, eu tenha medo de ser um tremendo desmancha-prazeres. Estou realmente exausto. Não consigo dormir em um avião como você.

— Foi classe executiva, Mark. Você poderia colocar-se completamente esticado e ainda assim não dormiu?

— Não é uma piscadela. Estava muito encantado vendo minha linda garota dormir para fechar meus próprios olhos.

Ela riu.

— Pare. Você não me assistiu dormir a noite toda.

Ele sorriu para ela.

— Como você sabe? Você estava dormindo.

— Eu suponho que estava.

— E é por isso que você está fresca como uma margarida e pronta para explorar, enquanto eu estou batido. Mas se você realmente quer que eu...

— Não, está tudo bem. Eu vou andar sozinha por um tempo.

— É por isso que eu te amo, querida. — Ele a beijou. — Enquanto você está fora por aí, veja se consegue encontrar um bom restaurante e vamos sair para um bom jantar. Talvez sushi ou chinês.

— Em Veneza? Você está de brincadeira?

Mark riu.

— Sim. Estou brincando. — Ele a beijou novamente. — Vejo você mais tarde. Me dê cerca de quatro horas.

Ela encontrou um restaurante adorável em suas andanças. Felizmente, Benjamin e Daphne tinham planos próprios, então ela e Mark jantaram sozinhos. Foi maravilhoso. Depois, fizeram um espetacular passeio de gôndola e percorreram as ruas de Veneza de mãos dadas. Era realmente o lugar mais romântico que já havia visitado.

Quando finalmente voltaram para o hotel, Mark deu-lhe um beijo abrasador no elevador.

— Eu sempre quis fazer isso.

Sara corou.

— Mark, há uma câmera de segurança.

Ele encolheu os ombros.

— E daí? Estamos apaixonados e na Itália. Ninguém se importa se nos beijamos no meio da praça de San Marco.

Felizmente o elevador atingiu o seu andar antes de Mark ter outras ideias.

Quando entraram no seu quarto, Sara deu-lhe um beijo rápido.

— Eu volto já.

— Não me deixe esperando muito tempo, linda. Eu não vou aguentar.

Sara riu quando entrou no banheiro. Escovou os dentes, lavou-se rapidamente para se livrar da sujeira do dia e vestiu a camisola de seda que comprara para a viagem. Levou apenas alguns minutos, mas quando deslizou para a cama ao lado de Mark, ele estava dormindo.

Sacudiu-o um pouco, esperando que ele estivesse apenas cochilando de leve, mas ele murmurou algo ininteligível, rolou e começou a roncar.

Sara suspirou. Depois de seu dia dormindo, surpreendeu-a que ele tivesse adormecido tão rapidamente, mas achou melhor começar o cruzeiro bem descansado.

Rastejou para fora da cama e vestiu outra camisola, planejando salvar a nova para uma ocasião em que ele estivesse acordado o suficiente para apreciá-la.

Na manhã seguinte, quando acordaram, Mark reclamou de dor de cabeça.

— Me desculpe, linda, deve ter sido o vinho tinto na noite passada.

— O vinho tinto não costuma causar-lhe dor de cabeça

— Não, mas eu não costumo beber exausto e desidratado. Eu acho que foi para a minha cabeça. Não há outra explicação para por que adormeci esperando a minha namorada linda e sexy. Me desculpe querida. Temo que andar nesse calor só vai piorar as coisas.

— Está bem. É uma pena que você não consiga ver grande parte de Veneza.

— Quando estou com você, eu não vejo mais nada de qualquer maneira. — Ele deslizou a mão por trás do pescoço dela e a beijou profundamente, deixando-a sem fôlego e querendo mais quando se afastou. — Amo você, baby. Deixe-me descansar um pouco mais e tentar me livrar dessa dor de cabeça e prometo que vou fazer as pazes com você hoje à noite.

— Tudo certo. Tome alguma aspirina e descanse. Eu vou sentar na mesa e trabalhar no meu livro.

— Você é a melhor. — Deu-lhe outro beijo rápido. — Mas me sentirei terrível se você perder alguma coisa por causa da minha dor de cabeça. Continue. Faça mais algumas explorações. Se a dor de cabeça desaparecer em breve, ligarei para o seu celular e nos encontraremos em algum lugar.

— OK. Se eu não souber de você, voltarei ao meio-dia para que possamos dar uma olhada.

— Não há necessidade de tornar o seu dia tão curto. Eu pedi um check-out tardio. Nós só temos que embarcar no navio antes das quatro e meia. Acho que teremos muito tempo se sairmos daqui por volta das três.

— OK. Eu não posso imaginar que sua dor de cabeça não tenha desaparecido antes disso. Talvez possamos nos encontrar para o almoço?

— Parece bom. Tenho certeza de que vou me sentir melhor até lá. Eu vou te ligar.

Isso havia sido há horas e ele não ligou. Tentou ligar para ele algumas vezes, mas foi direto para o correio de voz. Ele deve ter desligado o celular. Finalmente desistiu e almoçou sozinha. Já eram quase duas horas agora; planejaram partir para o navio às três. Assim que terminasse seu café, voltaria para o hotel.

Nesse momento, uma mulher mais velha e bem-vestida parou ao lado dela.

— Perdoe-me, querida, você se importaria se eu me unisse a você? Todas as mesas estão cheias e estou precisando desesperadamente de uma xícara de chá. — Ela tinha um leve sotaque escocês e um sorriso caloroso.

— Não, não tudo bem. Eu estava saindo de qualquer maneira.

— Agora, moça, não se apresse a sair por minha causa. Eu não me importaria com um pouco de companhia e uma conversa leve enquanto tomo o meu chá.

— Acho que tenho alguns minutos.

— Excelente. — Ela estendeu a mão. — O meu nome é Gertrude.

Sara apertou a mão dela.

— Prazer em conhecê-la, Gertrude. Eu sou Sara.

Gertrude lhe deu um pequeno aceno de cabeça.

— O prazer é meu. — Ela fez sinal para o garçom e pediu uma xícara de chá num italiano perfeito. — Quer outra xícara de café? Ou um café com leite?

— Sim, obrigado.

Gertrude pediu o café e sentou-se na cadeira em frente a Sara.

— Agora, moça, me conte um pouco sobre si mesma.

— Não há muito para contar. Meu nome é Sara Wells, eu vivo em Maryland, nos arredores de Washington, e eu sou escritora.

— Escritora? Meu Deus, que interessante. Que tipos de livros você escreve?

Sara sorriu. A resposta a essa pergunta geralmente provocava uma das duas respostas. O rosto das pessoas se iluminava e eles perguntavam sobre seus livros, ou sorriam educadamente, dizendo algo como: *‘Eu realmente não leio romances.’*

Estava disposta a apostar Gertrude estaria no último grupo.

— Eu escrevo romances.

A resposta de Gertrude a surpreendeu.

— Sério? Nossa, que fascinante. Qual subgênero você prefere? — Ela parecia realmente interessada.

— Eu amo fantasia. Escrevi romances de shifters contemporâneos e históricos. Mas também escrevi romance histórico regular.

— E você escreve sob seu próprio nome?

— Não, meu nome parece aborrecido. Sara Wells parece nome de escritora de manuais de proprietários ou procedimentos operacionais padrão. Eu uso o pseudônimo de Arieta DeCosta.

— Bem, eu não acho que Sara Wells soa chato, mas posso ver o apelo de *Arieta DeCosta*. — Ela pronunciou o pseudônimo com um sotaque italiano. — Diga-me, Arieta, por que você está em uma cidade tão bonita e romântica sozinha?

— Eu não estou sozinha. Estou aqui com meu namorado.

Gertrude olhou ao redor.

— Oh, me desculpe por me intrometer. Eu só vi uma xícara e assumi que você estava sozinha. Ele foi ao banheiro?

— Você não está se intrometendo. Ele não está comigo neste café, mas está aqui em Veneza.

— O que diabos ele está pensando, ficando sozinho e deixando uma moça tão bonita sozinha?

Sara riu.

— Obrigado pelo elogio, mas ele não saiu exatamente por conta própria. Ele acordou esta manhã com uma forte dor de cabeça e ficou no hotel para descansar um pouco.

— Entendo. Bem, espero que ele esteja se sentindo melhor em breve.

— Obrigado. Eu também.

O garçom chegou com o chá de Gertrude e outro café com leite para Sara. A mulher idosa mexeu um pouco de leite e açúcar no chá, tomou um gole e deu um suspiro satisfeito antes de voltar sua atenção para Sara.

— Então, você escreve romance e gosta de fantasia. Já considerou a viagem no tempo?

— Oh, eu amo a ideia disso. Mas não consegui uma maneira realmente boa de fazê-lo, e também todas as regras tornam isso um desafio.

— Quais são as regras?

— Ah voce sabe. Você não pode mudar nada, sem correr o risco de mudar o futuro. *O Efeito Borboleta*.

— *O Efeito Borboleta*?

Sara assentiu.

— Um par de anos atrás, houve um filme de viagem no tempo com esse título. Mas *o efeito borboleta* é a parte da teoria do caos que sugere que mesmo algo tão pequeno como pisar em uma borboleta no passado poderia ter enormes consequências para o futuro.

— Oh, isso é um monte de bobagem. Eu acredito que o universo se desenrola como deveria, apesar do que os humanos fazem.

Sara sorriu.

— Talvez, mas, em seguida, há a questão de retornar ao presente.

— Por que é que isso é um problema?

— Bem, meus romances são romances. O herói e a heroína deve ter seu *felizes para sempre* juntos. Portanto, o leitor sabe desde o início que o viajante do tempo vai ficar.

— Ninguém nunca retorna?

— Normalmente não. Ainda assim, eu acho que o fato de que o viajante do tempo permanece sempre é o menor dos obstáculos. Em todo o romance, há uma conclusão precipitada de que o herói e a heroína estarão juntos no final.

— Isso é verdade. Claro, romance é diferente da vida real.

Sara riu.

— Sim, mas é precisamente por isso que as pessoas lêem. Elas gostam do conto de fadas. A leitura permite que alguém entre em um mundo de fantasia onde metamorfos, sereias e uma série de outros seres míticos habitam. Podem deixar a realidade por trás por algumas horas e viajar através do espaço e do tempo. Livros trazem magia para o que às vezes é um mundo mundano.

— Sim, livros certamente podem ampliar a imaginação. É um presente especial para ser capaz de abalar os laços da realidade e voar para o fantástico.

Sara sorriu.

— Eu acho que sim, pelo menos.

Gertrude assentiu.

— Então, você faria se pudesse?

— Fazer o quê?

— Agitar os laços da realidade e viajar no tempo.

— Sim. Eu amo ler.

— Não, moça, não me entenda mal. Se você realmente tivesse a oportunidade de viajar no tempo, aceitaria?

Sara pensou por um momento.

— Eu suponho que poderia, mas não é possível.

— Se eu dissesse a você que é possível?

— Mas não é.

— Oh, mas é.

Sara riu.

— Você não está falando sério. As pessoas não podem viajar no tempo.

A velha inclinou a cabeça.

— Diga-me, sabe tudo o que há para saber neste mundo?

— Não, claro que não. Ninguém sabe.

— Então, como você pode ter tanta certeza de que viajar no tempo não é possível?

— Porque ele desafia as leis da natureza.

— Talvez, mas não desafia as leis da magia.

— Não há tal coisa como magia.

— Agora, moça, você acabou de descrever a mágica que você mesmo cria com a palavra escrita.

Sara balançou a cabeça. A velha parecia perfeitamente normal quando se sentou.

— Isso não é magia real.

— Você está errada, é uma magia muito real e a viagem no tempo também. Se deixar de lado sua descrença por um momento, vou explicar.

A mulher podia estar louca, mas Sara tinha que ouvir isso.

— Ok, me fale sobre viagens no tempo.

— A magia acontece de várias maneiras. Você usa palavras escritas para trazê-la ao mundo. Eu uso outras ferramentas. — Gertrude enfiou a mão na bolsa tirou um relógio de bolso e uma longa corrente. — Este é o meu canal para viagens no tempo.

Sara riu.

— Você é engraçada. Um relógio ... nós viajamos para frente no tempo a cada segundo ... é um ótimo trocadilho.

Gertrude riu alegremente e de alguma forma, apenas o som disso levantou o ânimo de Sara.

— Parece um pouco prosaico, não é? Mas eu não estava fazendo um trocadilho, e não é um relógio de bolso comum. Deixe-me mostrar a você. — Ela abriu a tampa, mostrando a Sara o mostrador do relógio de bolso.

Sara franziu a testa.

— Só tem um ponteiro e está parado.— A velha parecia perfeitamente normal quando ela se recostou.

— Sim, porque ninguém está viajando com ele no momento. Quando você voltar no tempo, este ponteiro avançará um segundo para cada dia que você estiver no passado.

— Como isso transporta alguém para o passado?

— Os detalhes estão além da minha capacidade de entender. Mas muito simplesmente, permite que você troque sua alma com outra pessoa.

— Trocar almas?

— Sim. Sua alma e consciência entram no corpo de outra pessoa, em outro tempo.

— E a alma dela entra no meu corpo?

— Sim, mas estritamente falando, geralmente não é uma troca regular. Veja, para todos os dias que você estiver no passado, apenas um segundo passará aqui.

Você vai ocupar o corpo dessa pessoa por até sessenta dias, mas quando voltar, não mais do que sessenta segundos terão passado.

— Então a pessoa em cujo corpo eu entro retorna sessenta dias depois sem nenhuma lembrança do que aconteceu?

— Não exatamente. Em geral, essa pessoa terá colocado em movimento os eventos que acabarão por resultar na sua morte. Você fará algo para impedir isso assim que chegar. Mas a vida deles já havia terminado, por causa de alguma escolha que fizeram. Se você retornar ao seu próprio corpo, o corpo da outra pessoa morrerá e sua alma seguirá em frente.

— E se?

— Sim. Deve escolher voltar dentro dos sessenta dias ou ficará para sempre.

— O que acontece com a outra alma então?

— Seu corpo vai morrer e a alma vai seguir em frente.

— Então, e o problema de toda a linguagem e o risco de mudar drasticamente o futuro?

— Como eu disse a você, não há risco de irreparavelmente mudar o futuro - o universo se desdobra como deveria. E quanto ao problema de linguagem, não existe. Só há um problema. Enquanto sua alma e suas memórias vão com você, você estará em seu corpo, com seu cérebro e suas memórias. Você experimentará algumas de suas memórias imediatamente e, como a linguagem é uma lembrança tão arraigada, você saberá e entenderá quaisquer idiomas que ela fale. Você vai se sentir como se estivesse falando inglês. Também é possível que outras memórias surjam com o tempo

— Mas e se não surgirem? Como eu explicaria o fato de não lembrar de nada?

— Sara, querida, você é uma escritora. Qual seria o enredo mais óbvio?

— Amnésia, suponho.

— Sim, geralmente é o mais simples, mas às vezes não é necessário. Cada situação é diferente e como cuida disso depende de você.

Sara mal podia acreditar que estava se entretendo com essa ideia, mas era nova e queria saber mais.

— Então, como se ativa o relógio de bolso?

— É bem simples na verdade. Se você decidir aceitá-lo, deve selecionar uma palavra de retorno. Se disser essa palavra a qualquer momento durante os sessenta dias, ela a levará de volta ao próprio corpo em seu próprio tempo, poucos segundos depois de você partir. Então, você vai querer escolher algo que não seja provável que diga acidentalmente. Então você diz a palavra e coloca o relógio de bolso em volta do seu pescoço, ou até mesmo no bolso antes de ir dormir, e vai acordar em outro lugar. O relógio de bolso estará com você.

— E, voltando, acabei de dizer a palavra de retorno.

— Sim. É simples assim.

— E se eu perder o relógio de bolso?

Gertrude riu.

— Você não pode perdê-lo. O relógio de bolso consegue estar onde for necessário. Enquanto estiver no mesmo tempo que você, a palavra de retorno irá funcionar independentemente de onde esteja.

Sara balançou a cabeça com espanto, meio desejando que tivesse pensado isso por si mesma.

— Então deixe-me ver se entendi. Se eu aceitar o relógio, antes de ir para a cama digo a ele uma palavra e vou acordar no corpo de outra pessoa em outro tempo onde vou fazer alguma coisa para impedir temporariamente a morte dessa pessoa. O ponteiro avança um segundo para cada dia que estiver no passado. Para voltar para casa, devo dizer a palavra assim que passarem os sessenta dias. Quando eu voltar, a pessoa no passado morre. Se não voltar, meu corpo aqui morre.

— Sim. Muito concisamente.

— É um pouco severo.

— Suponho que vocês poderiam olhar para ele dessa forma, mas todos fazemos escolhas, todas as nossas escolhas têm consequências, e algumas consequências são mais graves do que outras.

Sara não podia discutir com isso. Enquanto estava na faculdade, sua família inteira: o seu pai, mãe e irmão mais novo, foram mortos num acidente de automóvel em alta velocidade causado por alguém que estava enviando mensagens enquanto dirigia.

Gertrude acariciou a mão de Sara.

— Você já sofreu tais consequências.

Não tinha sido uma pergunta, mas Sara assentiu, com os olhos cheios de lágrimas.

— Sim, já.

— Eu sinto muito. Não há palavras para expressar o quão difícil é perder entes queridos devido às ações dos outros.

Sara permaneceu em silêncio por um momento, tentando recuperar o controle. Ela não acreditava que a dor da perda diminuísse. Quando confiou em si mesma para falar sem tremer em sua voz, disse:

— Obrigado por me contar sobre o relógio. Foi uma história fascinante.

— Então agora você tem uma escolha a fazer.

— Uma escolha?

— Sim, moça, uma escolha. Você quer pegar o relógio e experimentá-lo ou não?

— Você está falando sério?

— Claro que estou falando sério.

Sara olhou para ela, espantada.

— Você espera que eu acredite que um relógio de bolso realmente faz com que as almas mudem de lugar?

— Eu não teria dito a você sobre isso se não esperasse que você acreditasse nisso.

Sara estava pronta para rir de tudo, mas algo no comportamento da velha a impediu. Além disso, estava cheia de absoluta certeza de que o relógio de bolso de Gertrude poderia fazer o que ela disse que podia.

— Você acredita em mim agora?

Sara assentiu.

— Eu não sei por que. Talvez você tenha feito algum tipo de controle mental Jedi. Mas sim, acredito em você.

Gertrude riu, o som encantador novamente enchendo Sara com a confiança de que tudo estava bem com o mundo.

— Eu acho que talvez você seja a primeira pessoa a fazer essa observação. Mas fora do cinema, não existe tal coisa como um Jedi, querida. Então, o que vai ser? Quer escolher aceitar o relógio de bolso ou não?

— Eu ... eu ...

Sara estava sem palavras. Podia realmente fazê-lo? Poderia realmente aceitar o relógio e trocar de alma com alguém?

— Eu... eu... como eu posso? Mark e eu partimos para um cruzeiro das ilhas gregas esta tarde.

— Sara, vai funcionar onde quer que você esteja. Contanto que diga sua palavra de retorno dentro dos sessenta dias, você acordará amanhã de manhã no mar, com todo o seu cruzeiro à sua frente.

Como ela poderia não tentar isso? Se não funcionasse, não perderia nada. Mas se funcionasse, o material rico que teria para seus romances históricos seria extraordinário. *“Eu realmente não tenho nada a perder. E talvez possa fazer algo para evitar o acidente. Talvez, em vez de encontrá-los no show de Josh, eu possa salvá-los e vir para casa de uma maneira diferente.”*

Gertrude deu-lhe um sorriso triste.

— Sara, querida, a razão pela qual você não precisa se preocupar em mudar o futuro é que nunca estará em posição de ter esse tipo de efeito. Eu disse a você que o universo se desdobra como deveria. Nada que você faça vai mudar as coisas que já aconteceram.

— Como você sabia que o que eu estava pensando?

— Todos os que já perderam um ente querido e a quem foi oferecido o relógio querem isso.

Sara assentiu.

— Eu acho que sim.

Gertrude estendeu a mão com o relógio na palma da mão.

— Sim ou não, moça?

Agora, caro leitor, a escolha é sua. Sara viajará para o passado com o relógio de bolso ou ficará no século XXI?

Se optar por aceitar o relógio de bolso, [Clique aqui](#).

Se escolher recusar o relógio, [Clique aqui](#).

Lembre-se, depois de fazer sua escolha e terminar a história, você pode voltar, fazer a outra escolha e ler a história alternativa.

Capítulo 2 - Nada a perder

Sara respirou fundo. Não tinha nada a perder.

— Eu vou fazer isso. — Sua mente brincou brevemente com o que poderia acontecer se ela se apaixonasse por alguém no passado, um risco ocupacional, imaginou, mas rapidamente colocou essa preocupação de lado. Se o que ela e Mark tinham era realmente amor, e acreditava que era, nada iria afastá-la dele.

— Esta é uma oportunidade incrível. Apenas a mera possibilidade de voltar no tempo é emocionante. Eu não posso imaginar que alguém, pelo menos não qualquer autor, iria deixar passar essa oportunidade.

— Oh, mas eles deixam.

— Bem, eu não tenho certeza se acredito completamente que vai funcionar, mas não posso ver o mal em tentar isso. A pior coisa que vai acontecer é eu acordar com um relógio de bolso inútil.

— Fico feliz que você tenha a mente aberta, mas garanto que não é inútil. Agora, pense um pouco na palavra que escolherá. Deve ser algo que não dirá acidentalmente.

Sara pensou por um momento antes de sorrir.

— Skywalker. Eu sempre amei Star Wars.

— Skywalker então. Certifique-se de dizer isso ao relógio antes de dormir.

— OK. Há mais alguma coisa que eu precise saber?

Gertrude ponderou essa questão, batendo um dedo nos lábios.

— Eu acredito que você sabe nadar bastante bem, não sabe?

Sara riu.

— Quando estava no último ano do ensino médio, estabeleci um recorde escolar para o estilo livre de quinhentos metros que ainda não foi quebrado.

— Excelente. E uma vez você trabalhou como salva-vidas?

Sara deu-lhe um olhar interrogativo.

— Sim, mas como você sabia disso?

Gertrude sorriu.

— Eu conheço muitas coisas. Por exemplo, você sabia que dois terços das vítimas de afogamento são fortes nadadores?

— Na verdade sim.

— Então, por que se afogam?

— Entram em pânico. Quando alguém pensa que não pode ter a cabeça acima da água, perde a capacidade de pensar e raciocinar, e o instinto faz com que lute incontavelmente. Quando atingem esse ponto, não podem nem mesmo pegar um anel de flutuação se ele for jogado.

— Correto, muito bom. Tenho certeza de que você era um excelente salva-vidas.

— Não tenho certeza se entendi o que isso tem a ver com viagens no tempo.

— Não? Nunca tenha medo, ok?! Agora eu devo ir embora. — Ela se levantou para ir embora.

Sara também se levantou, oferecendo a mão a velha.

— Foi um prazer conhecê-la. Vou ver você de novo?

Gertrude riu alegremente quando apertou a mão de Sara.

— Só o tempo dirá, moça. Só o tempo dirá. — Ela se virou e caminhou em direção à Ponte Rialto. Parou por um momento, olhou para o canal e acenou. Sara olhou na direção que Gertrude tinha acenado, mas havia muito tráfego no canal naquela hora do dia e não conseguia ver ninguém acenando de volta. Quando olhou de volta para Gertrude, a velha misteriosa desapareceu na multidão.

Sarah olhou para o relógio na sua mão. Poderia realmente funcionar? Esperava que sim. Que aventura seria passar sessenta dias em outro tempo. Mal podia esperar para ir dormir naquela noite.

Os sinos de San Marco começaram a tocar, despertando-a de seu devaneio. Eram duas e meia. Ela precisava voltar. Depois de pagar sua conta no café, atravessou a ponte e encontrou o pequeno beco escuro que levava ao hotel. A primeira vez que passou por ele, ficou impressionada com o fato de que o beco parecia intocado pelo tempo. Havia um pequeno santuário para São José em um nicho a meio caminho da passagem. Toda a conversa sobre viagem no tempo fez sua imaginação correr solta. E se o antigo beco fosse realmente um portal do tempo que a levaria à Veneza medieval?

— Ei, isso poderia funcionar. Este poderia ser o meu canal para viajar no tempo — disse em voz alta para o beco vazio. Sorriu para si mesma. Talvez a magia do relógio de bolso fosse apenas abrir sua mente para outras possibilidades. Mesmo que não voltasse no tempo, acabara de descobrir uma maneira de deixar seus leitores fazerem isso.

Entrou no sol quente na pequena praça do outro lado. Logo, um de seus personagens seria recebido com uma visão muito diferente do outro lado desse beco. Sorriu. Ia escrever um romance de viagem no tempo. *‘Obrigado, Gertrude, por me dar a ideia.’*

Ela praticamente pulou para o hotel.

O porteiro a cumprimentou.

— Boa tarde, Signorina Wells. Você aproveitou sua manhã? — Seu rico sotaque italiano transformou a saudação educada em algo íntimo, quase ilícito.

Sara sorriu... certo, um homem com um sotaque italiano podia ler a lista telefônica e fazê-la soar sexy.

— Sim, muito, obrigado. Vamos sair em breve. Você poderia providenciar um táxi aquático para nós?

— O Sr. Holland já cuidou disso.

— Perfeito. Obrigado.

Quando chegou ao seu quarto, Mark estava saindo do chuveiro. Seu cabelo estava molhado e despenteado e tinha uma toalha enrolada em torno de seus quadris.

Ele se virou para ela e mostrou seu sorriso de megawatt.

— Você está linda. Bem na hora. Só me dê um minuto para me vestir e podemos ir ao terminal de cruzeiros.

— Ótimo. — Ela já tinha arrumado suas coisas e sentou na cama esperando por ele.

— Você está animada com o cruzeiro? — Ele perguntou.

— Muito animada. Estou meio ansiosa para chegar ao navio. — O que ela estava realmente ansiosa para fazer era se estabelecer e anotar suas ideias de história. Elas estavam voando através de sua cabeça na velocidade da luz agora, estimuladas pela perspectiva de realmente experimentar outro tempo.

— Droga, onde eu coloquei meus sapatos?

Ela encolheu os ombros, perdida em pensamentos.

— Yoo-hoo, Sara, você acha que poderia acordar e me ajudar a encontrá-los?

— Oh, desculpe, claro. Eles provavelmente deslizaram para baixo da cama. Eu vou olhar. — Ela se ajoelhou no chão e levantou a colcha. — Sim, aqui estão eles. — Ela os passou para ele, mas quando começou a se levantar, notou algo no chão ao lado da cama. — O que é isso?

Ela pegou.

— Eca, nojento. É o invólucro de preservativo de alguém.

Mark franziu a testa.

— Uau, eu estou surpreso que o serviço de limpeza perdeu isso. Bem, pelo menos não é um preservativo usado. Me dê isto. Vou jogar fora, então temos que pegar a estrada ... ou o canal, devo dizer.

— Ok. — Ela entregou a ele, o nariz ainda amassado em desgosto.

Mark jogou-o no cesto de lixo ao lado da mesa.

— Eu gostaria de ter me sentido bem o suficiente para ver mais de Veneza. Você tirou muitas fotos?

— Um pouco. Eu vou te mostrar mais tarde. — Ela pegou uma das malas. — Você está pronto para ir?

— Sim, mas eu vou levar isso. Basta pegar sua bolsa e sua bagagem de mão.

— Benjamin e Daphne vão com a gente?

— Não, eles saíram mais cedo. Vamos vê-los para o jantar. É só você e eu agora.

Yay! Ela fez uma dança feliz mental. Quanto mais fossem apenas os dois melhor.

Momentos depois, estavam no térreo e um porteiro os estava guiando em direção ao beco para o Grande Canal.

— Oh, espere um minuto. Quero tirar uma foto desta — disse Sara.

— Do beco? — Perguntou tanto Mark e o porteiro em uníssono.

Sara riu.

— Sim, do beco. Eu tenho uma idéia para um livro.

Mark sorriu.

— Essa é minha garota.

~ * ~

Por volta das cinco da tarde o navio estava no mar e eles estavam confortavelmente instalados em sua cabine, uma grande suíte com uma varanda privada que parecia estar fora da parte traseira do navio. Mark abriu a garrafa de champanhe que os aguardava e Sara bebeu um copo enquanto digitava em seu computador, tentando capturar todas as suas ideias sobre viagens no tempo.

— Sara, isso não é exatamente o que eu tinha em mente quando a convidei para um cruzeiro de férias. Vamos para um dos bares ou o casino antes de nos encontrarmos com Benjamin e Daphne.

— Você pode ir se quiser, eu vou levar apenas um minuto.

— Nah, pensando bem, é melhor dar a Benjamin um pouco de tempo para esfriar. Ele está muito chateado que eles arruinaram a reserva e nós não conseguimos a cobertura.

— Ok — Quando ouviu falar sobre isso, pensou que a coisa toda tinha sido totalmente ridícula e ela não queria ser arrastada para uma discussão sobre isso. Continuou escrevendo e Mark ligou a televisão.

Cerca de uma hora depois, o telefone tocou. Mark respondeu, mas Sara não prestou atenção à sua conversa.

Mark desligou o telefone.

— Era Benjamin.

— Ele já se acalmou?

— Um pouco. Ele está amadurecendo.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele.

— Amadurecendo?

Ele riu.

— Sim, amadurecendo. Ele está com raiva, mas ainda está aqui. Ele não foi embora quando seu dinheiro não conseguiu consertar a falha.

— Isso é verdade. — Um sorriso aflorou nos lábios de Sara. Benjamin lidava com todos os problemas jogando dinheiro neles e, considerando seus bolsos profundos, estava acostumado a seguir seu próprio caminho. Francamente, teria sido divertido ver o seu método testado e aprovado fracassar, mas tudo acontecera antes que ela e Mark chegassem ao navio. — Então, o que ele queria?

— Encontrar bebidas e ir jantar.

— OK. É só mais um minuto.

Um minuto se tornou vinte e, quando encontraram Benjamin e Daphne, este estava de mau humor. Sabendo que era melhor apenas sorrir e suportar, Sara grudou um sorriso na cara e manteve a boca fechada. Era especialmente cansativo quando Benjamin passava uma boa hora reclamando da —*incompetência geral exibida pela tripulação e pela linha de cruzeiro*—, mas foi capaz de ignorar o desabafo, deixando sua mente voltar às ideias de seu livro. Na sobremesa, já havia trabalhado muito na trama e mal podia esperar para terminar e descer.

Quando saíram do restaurante, Sara se virou para o saguão do elevador.

— Onde você está indo, linda? — Mark perguntou.

Sara franziu a testa.

— Até o nosso quarto.

— Baby, você não estava prestando atenção? Todos concordamos em ir ao cassino por um tempo.

O cassino? Ugh.

— Você sabe que eu não sou muito boa em apostas. Eu não sei muito sobre isso.

Ele beijou sua têmpora.

— Você não precisa saber muito. Tudo o que tem que fazer é parecer bonita e me trazer sorte.

Relutantemente, concordou, mas logo ficou entediada vendo Mark e Benjamin jogarem como se estivessem gastando dinheiro em *Monópolis*. Ela realmente queria voltar para sua ideia e seu livro.

Às dez e meia ela disse:

— Estou muito cansada, Mark. Você se importa se eu voltar para a nossa suíte?

— Oh, querida, me desculpe. Você acordou cedo e provavelmente está cansada. Eu deveria ter lembrado disso. — Ele a beijou. — Você vai para a cama.

Ela não estava indo exatamente para a cama, mas essa era uma desculpa tão boa quanto qualquer outra.

Daphne deu um tapinha no braço dela.

— Abençoado seu coração. Você parece exausta.

Sara ignorou o comentário insincero.

— Está bem então. Vejo você mais tarde, Mark.

Ele deu a ela seu sorriso vencedor.

— Aposte nisso, querida. Eu vou me juntar a você em breve. O cassino fecha às três horas.

Cinco horas e meia não era sua idéia de breve, mas isso não importava. Ela tinha todo o tempo de que precisava com seu livro. Enquanto se afastava, ouviu Daphne dizer:

— Bem, você realmente não pode esperar que alguém como ela entenda a emoção dos jogos de apostas altas.

Sara sentiu alguma satisfação ao ouvir o riso irônico de Benjamin.

— Este não é um jogo de apostas altas.

Quando chegou à suíte, vestiu um pijama confortável e se perdeu em sua escrita. Chegou a um ponto de parada um pouco antes da meia-noite, cansada, mas muito feliz com seu progresso.

Pegou o relógio de bolso e subiu na cama. Mark estaria fora por horas ainda. Se o relógio funcionasse, viajaria para o passado, passaria sessenta dias lá e estaria de volta antes mesmo de voltar do cassino.

— Ok, pequeno relógio de bolso, vamos ver o que você pode fazer. Minha palavra de retorno é Skywalker.

Com isso, deslizou a corrente em volta do pescoço e se enrolou sob as cobertas, adormecendo quase instantaneamente.

Capítulo 3 - *Nada a perder*

Sara acordou quando seu corpo bateu na água fria e instintivamente respirou fundo pouco antes de sua cabeça afundar. Santo inferno, o que estava acontecendo? Tudo era preto. Deve ter caído no mar à noite, mas não sabia como. Tentou chutar para a superfície da água, mas algo restringiu suas pernas e sentiu como se estivesse sendo puxada mais profundamente. Era a roupa dela. Ela usava sapatos e camada sobre camada de roupas.

Camadas de roupas? O relógio de bolso funcionou, mas se não se libertasse, iria se afogar. Os primeiros a ir foram os sapatos e as meias. Então ela tirou uma capa como roupa de seus ombros. Empurrou as saias longas e pesadas para cima, liberando suas pernas para que pudesse chutar para cima. Ainda com roupas molhadas, levou tudo para alcançar a superfície. No momento em que sua cabeça transpassou a água, engasgou, enchendo seus pulmões com o oxigênio necessário. Tentou dar pernadas na água enquanto trabalhava para tirar as roupas, mas era quase impossível fazer as duas coisas. Ia se exaurir rapidamente nesse ritmo, então respirou fundo e se permitiu afundar um pouco enquanto procurava por aberturas em suas roupas.

O vestido exterior pesado tinha laços na frente. Encontrou a abertura na gola, soltou-a e conseguiu soltar a fita o suficiente para se esquivar do vestido. Isso diminuiu seu peso o suficiente para que pudesse nadar de volta para a superfície e ficar lá dessa vez. Usava camadas de anáguas que se soltavam facilmente. Em poucos minutos tinha despido tudo, exceto uma camisa de seda e o relógio de bolso que pendia no seu pescoço. Completamente aliviada agora, era preciso muito pouca energia para flutuar na água, então ela levou um momento para avaliar sua situação.

O céu estava nublado e estava completamente envolta pela escuridão da noite. A única luz vinha de lanternas em um grande galeão¹ não muito longe dali. A atividade no convés sugeriu que algo estava errado. Sara assumiu que a garota em cujo corpo ela se encontrava deve ter caído - ou saltado - daquele navio. Era

¹ Um **galeão** é um navio que se distingue dos restantes navios do mesmo tipo pelo facto de possuir quatro mastros, de alto bordo, armado em guerra, frequentemente utilizado no transporte de cargas que possuíam alto valor na navegação oceânica entre os séculos XVI e XVIII. Alguns deslocavam 1200 toneladas e continham 40 bocas de fogo.

provável que estivessem trabalhando para resgatá-la. Ela podia apenas esperar, flutuando na água, até que eles o fizessem.

Num esforço para descobrir onde estava, Sara olhou em volta. Estavam razoavelmente perto da terra, dada a direção que o navio apontava, deviam estar voltando ao porto. Estava certamente a pouca distância. Mas havia também outro navio caindo sobre eles com velas cheias. De alguma forma isso a angustiava. Sentiu como se tivesse que evitar esse navio a todo custo. Talvez essa fosse uma das lembranças da outra garota, mas naquele momento Sara acreditava que precisava nadar até a praia, evitando os dois navios.

Na verdade, estava tão certa disso que, apenas no caso da camisola branca que usava pudesse ser vista, nadou debaixo d'água o máximo que pôde antes de emergir para respirar rapidamente e mergulhar novamente. Quando finalmente estava longe o suficiente para ter certeza de que as luzes do navio não poderiam alcançá-la e revelar sua localização, sua ansiedade diminuiu e ela mudou para um curso de estilo livre lento e constante. Cansou-se muito mais cedo do que esperava. Assim como disse a Gertrude, tinha sido uma nadadora a distância no ensino médio. Ela ainda nadava quase todos os dias para se exercitar e deveria ter conseguido chegar à praia com pouca dificuldade.

Mas este não é o seu corpo, ela lembrou a si mesma. Precisava repensar isso, ou arriscar-se a se cansar e se afogar. Virou e flutuou de costas por um tempo para descansar. Quando se sentiu capaz, virou novamente e nadou por um tempo. Repetiu esse processo várias vezes, até chegar ao ponto em que mal conseguia dar cinco toques antes de se virar para descansar. Eventualmente chegou a terra, mas estava exausta.

Havia uma estreita faixa de areia e rochas entre o mar e uma área de terra coberta de grama do mar. A noite estava quente e silenciosa, apenas uma leve brisa se agitou. Mas encharcada e sem nada seco para envolvê-la, foi o suficiente para sentir calafrios. A vegetação alta a protegeria do pouco ar que se movia. Ela rastejou pela areia e se enrolou na grama, completamente gasta. Não tinha ideia de quando ou onde estava. E embora provavelmente deveria procurar alguma ajuda, não tinha energia para isso. Ela deitou a cabeça e caiu no sono.

~ * ~

Benedict MacIan estava acostumado a se levantar antes do amanhecer nos dias de trabalho, mas geralmente tentava dormir um pouco mais aos domingos. No entanto, esta manhã, os primeiros raios da aurora mal tinham levantado no céu quando alguma coisa o arrancou do sono. Ele virou na cama e escutou, mas nada

quebrou a quietude matinal da casa vazia. Tentou voltar a dormir, mas simplesmente não conseguiu. Finalmente, desistiu, levantou-se e vestiu-se.

Desceu para a cozinha e fez uma xícara de chá, mas mesmo quando se sentou para beber, algo o incomodou. Ele não tinha certeza do que era, mas decidiu que talvez um passeio na praia acalmaria esse sentimento.

Mesmo nesta parte mais fria do dia no Lido, uma ilha estreita bem longe do centro de Veneza, a manhã estava quente. Seria um dia quente e ele estava feliz por não ter que ir ao seu estaleiro no Arsenale hoje.

Caminhou ao longo da praia deserta, as águas do Adriático lavando seus pés, perguntando-se quem havia acenado para ele.

Acenado? Essa foi uma escolha estranha de palavra. Mas agora que pensava nisso, sabia que era a palavra certa porque se sentia atraído como se alguém estivesse chamando por ele.

Então viu. A cerca de cem metros da praia, algo esmagara a grama a beira mar e podia vislumbrar um tecido branco.

Acelerou o passo. Quando percebeu que era uma pessoa, começou a correr. Ao se aproximar, foi capaz de ver mais claramente que era uma menina, ou uma jovem mulher com cabelo escuro e encaracolado. Ela parecia ter se arrastado pela areia e ficou enroscada na grama, vestindo nada além de uma camisola branca fina.

Quando a alcançou, se ajoelhou ao seu lado. Sua roupa estava úmida e ela estava fria ao toque. Virando-a suavemente sobre suas costas, temeu o pior. Mas em poucos segundos, foi capaz de discernir a respiração superficial e queda do seu peito. Deu um suspiro de alívio. Ela estava viva. Talvez apenas um pouco, mas estava viva. *Graças a Deus.*

Ele sacudiu-a delicadamente.

— Senhorita, senhorita, você pode acordar? — Ele perguntou em veneziano.

Seus olhos se abriram. Ainda estava escuro demais para ver de que cor eles eram.

— Onde ... onde ... onde eu estou?

Ela falou em Inglês. Ele falava Inglês, mas não numa base regular e estava um pouco enferrujado, mas daria uma chance.

— Senhorita, você está no Lido, uma das ilhas de Veneza. O que está fazendo aqui?

Ela apareceu confusa por um momento. Levantando-se sobre um cotovelo, franziu a testa e olhou em volta.

— Eu estou molhada. — Ela esfregou a cabeça e a areia de sua mão caiu sobre seu rosto. — E cheia de areia. Eu, uh ... Eu acho que nadei até aqui.

— Você nadou até aqui? Por que diabos você fez isso? Você veio de um dos navios?

Sua carranca se aprofundou.

— Eu não sei. Eu não me lembro.

— Talvez só comece com o seu nome. Você pode me dizer o seu nome?

— Não tenho certeza.

— O que quer dizer, com não tem certeza? Você não pode se lembrar do seu nome?

— Eu uh ... não. Bem, talvez. Acho que o meu nome é ... Sara. Quem é você?

— Meu nome é Benedict Maclan. De onde você é, Sara? Talvez tenha caído ao mar e eu simplesmente possa encontrar o navio certo.

— Eu não sei de onde sou. Não me lembro.

Benedict franziu a testa.

— Você não lembra quem é e de onde é?

Ela franziu as sobrancelhas.

— Não, eu não lembro.

Benedict abanou a cabeça.

— Eu não tenho certeza do que está acontecendo, mas acho que você deveria ir para dentro e secar-se. Você aguenta?

— Eu ... eu acredito que sim.

Ele a ajudou a ficar numa uma posição sentada e depois em seus pés, mas ela cambaleou, caindo para a frente.

Seus braços estavam ao redor dela instantaneamente.

— Whoa! Talvez eu deva levá-la.

Ele pegou-a nos braços. Ela enterrou a cabeça contra o seu peito como uma criança confiante faria, e isso aqueceu seu coração. Levou-a para sua casa. Mesmo ela sendo muito leve, estava cansado quando chegou.

Ela claramente passou por alguma provação. Apesar de sua perda de memória, não tinha nenhum ferimento óbvio. Talvez se ela descansasse, recuperasse a sua memória.

— Sara, eu vou levar você até a cama. Acho que depois que você dormir um pouco, vai se sentir melhor.

— Acho que sim. Estou completamente exausta.

Ele provavelmente deveria colocá-la no quarto que seus pais haviam compartilhado, mas não havia lençóis na cama. Imaginou que seria melhor deixá-la dormir em sua própria cama no momento. Sentou-a na beira da cama. Foi a primeira chance que teve de dar uma boa olhada nela. Mesmo arenosa, úmida e suja, ela era adorável. De pequena estatura, com cabelo encaracolado escuro, pele clara cremosa e olhos azuis cristalinos. A camisola de seda úmida não deixava nada para a imaginação, revelando o contorno claro de seios suavemente arredondados com mamilos duros. Também parecia ter uma corrente de ouro em volta do pescoço, na qual estava pendurado o que poderia ser um medalhão que se aninhava entre seus seios. Ele suspirou. Embora quisesse olhar para esta linda ninfa do mar por horas, ela precisava de roupas secas e dormir.

— Acho que seria melhor se você dormisse com uma roupa seca. Se eu te der uma camisa, você consegue colocá-la?

— Sim.

— Bom — E ainda uma parte muito perversa dele ansiava poder remover a sua camisola e explorar seu belo corpo. Ele freou sua libido, caminhou até seu guarda-roupa, e voltou com uma camisa de algodão macia e limpa, entregando-a a ela.

— Eu vou virar de costas.

— Obrigado.

Ele se virou. A cama rangia ligeiramente enquanto ela se levantou e rapidamente sentou-se novamente.

— Você está bem?

— Sim. Minhas pernas estão como geléia, mas eu posso controlar.

Momentos depois, ela disse:

— Você pode virar agora.

Ele fez e se pensou que vesti-la em uma de suas camisas que era muitas vezes muito grande a tornaria menos atraente, estava errado. Sentiu-se um pouquinho ciumento por aquela camisa que poderia acariciar seu corpo sedoso com impunidade.

— Aqui, deixe-me ajudá-la a ir para debaixo das cobertas. — Puxou os lençóis de volta e ela deitou, curvando-se para um lado. Ele colocou a roupa de cama sobre ela. — Você está confortável?

— Sim, obrigada. — Ela bocejou e se aconchegou no travesseiro.

— Então vou deixar você descansar. Vou estar lá embaixo, mas vou deixar a porta deste quarto entreaberta. Apenas chame se precisar de alguma coisa.

— Obrigada — ela sussurrou, já quase dormindo.

Ele desceu as escadas e foi para a cozinha. Preparou uma xícara de chá e ponderou o que fazer com a garota. Ela não parecia estar ferida, apenas esgotada. Pelo que parecia, havia caído de um navio que seguia para a lagoa de Veneza e conseguira nadar até a margem do Lido. Talvez o medalhão que usasse revelasse alguma coisa sobre sua identidade. Tentaria descobrir um pouco mais quando ela acordasse.

Capítulo 4 - Nada a perder

Quando Sara acordou novamente, o sol brilhante do lado de fora e o calor do quarto sugeriam que já passava do meio-dia. Quente e confusa, jogou os lençóis para o lado e se sentou na beira da cama. Ela teve um sonho horrível sobre um afogamento. Passou as mãos pelos cabelos apenas para encontrar uma massa de cachos emaranhados com grandes quantidades de areia capturadas neles. Que diabos? Olhou em volta. Este não era o seu camarote.

Então percebeu o peso de uma corrente em volta do pescoço. Sentiu o pingente e puxou-o debaixo da camisa volumosa que usava.

O relógio de bolso. Ela aceitou-o de Gertrude e usou-o. Não foi um sonho. Ela foi para a cama a bordo do navio e acordou na água, lutando por sua vida. Por algum milagre, foi capaz de nadar até a praia, embora o corpo em que se encontrava estivesse muito menos em forma. Talvez devesse apenas dizer a palavra e ir para casa.

Mas então se lembrou de ter sido encontrada na praia por um homem. Um homem incrivelmente bonito. O que ele disse sobre qual era o seu nome? Ele era alto, com cabelos castanho-claros, olhos verdes, pele bronzeada que sugeria que trabalhava ao sol e um físico do tipo que só tinha visto em modelos em revistas ou nas capas de romances. E mesmo aqueles, provavelmente, foram retocados.

Novelas de romance. Era como se ele tivesse saído diretamente de uma.

Pensamentos do antigo beco onde caminhara para chegar ao hotel ontem à tarde apareceram em sua mente. Ela achou que era um local perfeito para um portal do tempo e já havia começado a história. Agora se encontrava no passado, ainda na romântica Veneza. Não tinha certeza de que ano era, mas isso era um detalhe menor, facilmente resolvido.

Ela sorriu. Isso era perfeito. Absolutamente perfeito. O homem sonhadoramente bonito que a carregara da praia estava prestes a se tornar o herói em seu próximo romance. Se pudesse conhecê-lo, poderia criar um dos personagens mais bem desenvolvidos já escritos e colocá-lo no cenário mais realista possível.

Obrigada Gertrude!

Então sentiu um momento de pânico. O relógio de bolso esteve na água, e se não funcionasse mais? Abriu-o para verificar sinais de danos causados pela água. Parecia estar em perfeitas condições e revirou os olhos para si mesma. *É um*

relógio de bolso mágico, pateta. Se ele pode puxar uma alma através do tempo, certamente pode suportar um pouco de água do mar.

Observando o ambiente, ela notou que uma pequena pilha de roupas havia sido colocada em uma cadeira. Seu salvador deve ter encontrado algo para ela usar além da camisa dele. Talvez fossem roupas de sua esposa. Sara franziu a testa, sem saber por que esse pensamento a incomodava. Ela poderia padronizar um herói sendo ele casado na vida real ou não.

No topo das roupas havia um pente de tartaruga. *Eu definitivamente* preciso disso. Uma pia estava em um canto da sala em que estava uma bacia e uma jarra. Toalhas penduradas na barra de toalha.

Excelente, iria limpar-se, vestir-se e explorar.

Ela se levantou e imediatamente se sentou de novo. Sentiu-se fraca e vacilante. A sua natação claramente forçou os limites do corpo de quem ela era. Ficou de pé novamente, dessa vez preparada para a instabilidade. Pegou o pente e sentou-se na beira da cama. Levou séculos para desvendar a bagunça selvagem que era o seu cabelo, em parte devido ao fato de que seus braços estavam tão fracos quanto suas pernas. Ela simplesmente não conseguia segurá-los na cabeça por muito tempo sem ter que descansar. Mas, eventualmente, foi capaz de tirar a maior parte da areia e, embora fosse impossível controlá-los completamente sem produtos de cabelo modernos, os cachos escuros pendiam de suas costas temporariamente domados.

Em seguida, foi até o lavatório. Despejou água na tigela, tirou a camisa e lavou a areia e a água salgada de sua pele. O corpo em que ela estava era pequeno e muito esguio, mas não sem curvas. Sua pele era clara e pálida como se nunca tivesse sido exposta ao sol. O que era óbvio, considerando o volume de roupas que teve que tirar para não se afogar.

Finalmente examinou as roupas que foram colocadas para ela. Sorriu. Qualquer outra mulher de seu próprio tempo poderia ter ficado um pouco confusa com todas as camadas, mas Sara sempre fora fascinada com roupas históricas. Havia um antigo conjunto de Enciclopédias do Livro Mundial em casa quando ela estava crescendo. Um dos dois volumes continha uma seção de páginas amarelas com imagens coloridas das roupas que as pessoas tinham usado ao longo da história. Mesmo antes de poder ler, ela sabia em que volume estavam, porque podia ver a seção de páginas amarelas apenas olhando para o livro fechado. Depois que começou a escrever romances históricos, havia feito ainda mais pesquisas. Afinal, era uma espécie de exigência que os personagens de romance tivessem que se despir, e para isso tinha que saber o que estavam vestindo por baixo de tudo.

Vestiu a camisa de algodão em primeiro lugar. Obviamente tinha visto um pouco de uso, porque o algodão era gasto e macio.

A roupa seguinte à camisa parecia uma camisola. Pendia solta no chão, mas tinha mangas de três quartos de comprimento justo. Quando puxou-a sobre a cabeça, percebeu que tinha o cheiro um pouco rançoso. Não, mofada, como se não tivesse sido lavada recentemente. Talvez não fossem as roupas de sua esposa depois de tudo.

Então vieram várias anáguas e finalmente um vestido de algodão cor de ferrugem que se entrelaçava na frente, em conformidade com sua figura. Isso foi provavelmente uma coisa boa porque poderia ter sido grande demais. Não havia um espelho no quarto, mas gostou do que viu e do jeito que parecia. Ela sempre quis experimentar roupas de época, mas se imaginou em um clima frio. Estas roupas eram demais para usar no calor. Estava feliz por não ter um espartilho. Poderia entrar em combustão espontânea.

O estilo de roupa ajudou-a, pelo menos, a descobrir em que século estava. Os estilos de roupa dos homens mudaram mais lentamente do que os das mulheres ao longo do tempo. As roupas que o homem usava podiam ter sido usadas no final do século XVII até o início do século XIX. Mas a roupa que ela usava era provavelmente de meados do século XVIII. Pretendia descobrir com precisão e não havia tempo como o presente. Ele disse que estaria lá embaixo, então apenas procuraria por ele.

Saiu do quarto, encontrou as escadas e, segurando firmemente o corrimão por causa de suas pernas trêmulas, desceu. Na parte inferior das escadas havia um corredor no qual havia várias portas. A maioria estava entreaberta, mas não tinha certeza se deveria ir enfiando a cabeça por elas.

— Olá — chamou suavemente.

Nada.

Tentou de novo, um pouco mais alto desta vez.

— Olá.

Ele deu um passo para fora da porta no final do corredor.

— Olá. Vejo que encontrou as roupas que eu coloquei lá para você. Elas se encaixam muito bem.

Sara alisou as mãos na frente de seu vestido.

— Sim, obrigado. — Oh, inferno, bastava perguntar. — Será que elas pertencem à sua esposa?

Ele sorriu.

— Não, à minha mãe.

— Oh. — Sara supôs que teria a oportunidade de conhecer e agradecer a Sra *Seja-qual-for-o-nome* num momento posterior.

— Bem, obrigado. Por tudo. Devo-lhe muito e sinto muito, sei que você me disse, mas não consigo lembrar do seu nome.

— Isso não é surpreendente. Você não estava mesmo certa de seu nome na última vez que falamos. Mas meu nome é Benedict Maclan.

Ela sorriu.

— Eu tenho certeza que meu nome é Sara.

— Sim, isso é o que você disse.

Ela podia também mergulhar no papel amnésico com ambos os pés.

— E você disse que nós estávamos em uma das Ilhas Venezianas.

— O Lido.

— Certo. O Lido. Mas isso é tudo que posso lembrar. Eu nem sei que dia é hoje. — Talvez ele incluísse o ano em sua resposta.

— É domingo, o nono dia de julho. Venha para a cozinha e eu vou fazer uma xícara de chá para você.

9 de julho, o dia em que saí. Que estranho. Mas eu ainda não sei o ano.

Talvez pudesse descobrir sem apenas perguntar. Ela o seguiu pela porta no final do corredor.

— Benedict Maclan? Isso não soa muito Ital., quero dizer Veneziano.

Ele riu.

— Não é. Eu sou escocês. Aqui, sente-se.

Um escocês vivendo em Veneza?

Isso poderia dar uma história muito boa. Sentou-se à mesa enquanto ele colocava uma chaleira em um fogão de ferro, abria a porta da fornalha, alimentava o fogo para trazê-lo à vida e acrescentou um pouco de carvão. Fogões de cozinha só entraram em uso na segunda metade do século XVIII. Isso reconfirmou o que havia adivinhado até agora sobre o ano.

Enquanto ele continuava a reunir o que era necessário para fazer chá, ela perguntou:

— Há quanto tempo você mora em Veneza? Você está no Grand Tour? — Ela sabia que havia uma época em que jovens europeus, particularmente britânicos, passavam vários anos visitando algumas das grandes cidades da Europa como parte de sua educação. Veneza era um dos destinos mais populares.

— Definitivamente não. Eu não sou um membro da pequena nobreza. Sou apenas um escocês comum. Meus pais eram originalmente da Ilha de Mull, mas eu moro aqui desde os dez anos de idade.

— O que te trouxe a Veneza?

— É uma história um pouco sinuosa. Meus pais deixaram Mull para Port Glasgow quando eu era apenas um rapaz. Acho que tinha uns quatro anos. Eles eram muito pobres, mas meu pai era um carpinteiro habilidoso. Ele acreditava que poderia melhorar a vida de sua família trabalhando nos estaleiros de Port Glasgow. Depois de alguns anos, um comerciante veneziano, Emilio Santi, notou seu talento e ofereceu-lhe a oportunidade de construir navios aqui. Eu acho que inicialmente meu pai planejou aprender o que pudesse, então voltar para a Escócia para encontrar sua fortuna lá. Mas ele se apaixonou por Veneza. Eventualmente, ele e Emilio formaram uma parceria. — Ele riu. — Santi e MacIain, as embarcações mais sólidas no mar, e como a maioria dos navios venezianos, obras de arte por direito próprio.

— Você fala dele no passado.

— Sim, nenhum dos meus pais está vivo

Ah, isso explicaria por que a roupa de sua mãe cheirava como se tivesse estado armazenada por um tempo.

— Eu sinto muito. O que aconteceu?

— Eles voltaram para a Escócia para uma visita quando eu tinha dezesseis anos e foram pegos na rebelião. Meu pai morreu em Culloden e minha mãe morreu pouco depois. Disseram que ela morreu de um coração partido.

— Eu sinto muito pela sua perda. — Seu coração doeu por ele. Ela entendia muito bem o que era perder ambos os pais.

— Foi há muito tempo atrás.

— Perder um pai, ambos os pais, é uma coisa terrível. Eu ... — ela parou antes de dizer que perdeu seus pais e irmão de uma vez também. Se tinha amnésia, não saberia disso. — Uh ... isso é ... eu não posso imaginar isso. Quanto tempo se passou?

— Mais de doze anos.

Doze anos. A batalha de Culloden foi em abril de 1746. Assim, Sara tinha viajado para o ano de 1758 e seu anfitrião tinha vinte e oito anos de idade. Isso era absolutamente incrível. Ela queria saber mais. Esse romance seria o melhor dela.

— Então, você mora aqui sozinho?

— Sim.

— E você é um construtor de barcos?

— Sim. Eu herdei a metade do negócio do meu pai.

Sara podia imaginá-lo construindo um navio, sem camisa, calças apertadas, músculos ondulados brilhando de suor. *Oh, sim. Você é um herói espetacular. Alberto talvez ... não Pietro ... não Rafael. Rafael di Santi. Rafe filho de um construtor naval.* Ela precisava ver o lugar onde ele trabalhava.

— Onde fica o estaleiro, está próximo? Eu adoraria ver isso.

— O estaleiro não está aqui no Lido. Está no Arsenale.

Claro que sim. Ela aprendeu sobre a história do Arsenale enquanto visitava a cidade ontem. Mas isso levantou outra questão:

— Se sua empresa está no Arsenale, por que você mora aqui? E em uma área tão remota?

— Tanto quanto meu pai amava Veneza, minha mãe odiava-a. Ela desprezava a cidade. Havia muitas pessoas. Ela odiava a comida e a língua. Não suportava o tempo.

— Aqui é lindo.

— Esse foi o problema. De todas as coisas, ela não gostava da luz do sol brilhante. Ansiava por frio, pela Escócia cinzenta. Ela ainda odiava os invernos aqui

porque embora possa ficar bastante frio, ainda há muitos dias ensolarados. Ela disse que fazia sua cabeça doer.

— Então ela deve ter realmente odiado esta época do ano.

— E odiava. Ela simplesmente detestava o calor do verão. A Escócia tempestuosa estava em casa e era lá que ela queria estar. Então, meu pai construiu uma casa para nós aqui no Lido, bem ao norte da vila de Malamoco. Era fácil para ele atravessar a lagoa para ir trabalhar. Ele esperava que o isolamento e proximidade com o mar a deixassem mais confortável.

— Não deixou?

— Só um pouco. Ela se recusou a trazer qualquer coisa de Veneza para a sua casa. Usava estanho e louça em vez dos belos objetos de vidro pelos quais Veneza é famosa. Ela não usava seda, brocado ou qualquer tecido bonito feito aqui, preferindo lã e linho.

— Lã? Bem, não é de admirar que ela não tenha gostado do calor.

Ele assentiu e sorriu.

— Meu pai comprou algumas coisas bonitas, embora ela geralmente as evitasse. Mas durante o calor do verão, cedia e vestia algumas roupas de algodão como essas. — Ele indicou as roupas que Sara usava. — Mas deixou todas para trás quando foram para a Escócia. Eu realmente acredito que sua falta de vontade de se adaptar às menores coisas só a deixou mais com saudades de casa.

O coração romântico de Sara doía um pouco pelo pai dele. Imaginou um homem apaixonado por sua esposa. Querendo apenas o melhor para ela. Comprando suas lindas roupas feitas de tecidos luxuosos, que não só devido às suas despesas, mas também às leis suntuárias, ela não poderia ter possuído na Escócia. Também imaginou sua decepção quando ela rejeitou seus presentes.

— Isso é triste. Amar alguém e querer o melhor para ele e ainda assim ser incapaz de fazê-lo feliz. Deve ter sido angustiante para ele.

Com isso, Benedict parou o que estava fazendo, dando-lhe um olhar interrogativo.

— Eu nunca pensei nisso dessa maneira, mas tenho certeza que sim.

Ela inclinou a cabeça para um lado.

— Deve ter sido perturbador para você também. Não pode ter sido fácil crescer com uma mãe que nunca foi feliz.

As sobrancelhas de Benedict se uniram e ele parecia prestes a dizer alguma coisa, mas mudou de ideia.

— Foi há muito tempo. Além disso, minha história é de pouca importância no momento, enquanto a sua é de suma importância. Precisamos descobrir quem você é. Eu pensei sobre isso enquanto você estava dormindo. A única explicação é que você caiu de um dos barcos. Não deve ser muito difícil descobrir. Eu vou perguntar ao redor. — Ele colocou chá em duas xícaras e colocou uma na frente dela. — Você toma leite e açúcar?

— Não, obrigado. — Ela disse distraidamente. À menção de descobrir quem ela era a encheu de pavor. Lembrou dos sentimentos que experimentou momentos depois de chegar a este corpo. A sensação de que precisava ficar longe dos navios a todo custo. Isso só poderia ser uma das memórias da outra garota que estava empurrando.

— Tem alguma coisa errada? — Ele perguntou.

— Não. Bem... isso... quer dizer... sim, acho que existe. Não consigo lembrar quem sou ou como acabei na água, mas sinto que estava tentando escapar de algo. Algo perigoso. Você tem que descobrir de onde eu vim?

Benedict franziu a testa.

— Alguém pode estar preocupado, procurando por você. Talvez até acreditando que você está morta. Eu acho irresponsável não descobrir.

O pânico aumentou nela.

— Não, por favor, não. Não sei explicar porquê, mas sei que seria um erro.

— Sara, você não lembra de nada. Como pode ter certeza disso?

— Como disse, eu não sei. Mas estou com medo. Não tenho certeza de como acabei na água, mas... temo... temo... — O que era esse medo? Não era só por ela, mas por ele também. — Eu temo que possa ser perigoso... para nós dois.

— Isso não é provável.

— No entanto, tenho certeza disso.

— Mas o que devo fazer com você?

— Talvez você pudesse me deixar ficar aqui por um tempo? Talvez minhas memórias voltem em alguns dias e eu descubra o que fazer.

Benedict olhou para ela, sem saber o que pensar. Ela parecia completamente despreocupada com sua profunda perda de memória, mas simplesmente com a sugestão de que tentaria descobrir quem ela era, estava quase em pânico.

— Por favor, Benedict. Eu não vou ficar no seu caminho. Eu prometo. Por favor, deixe-me ficar com você só por um tempo.

Ela parecia tão assustada. Como poderia negar isso a ela?

— Bem. Você pode ficar por alguns dias. Estou trabalhando em planos para um novo navio e posso fazer isso aqui tão facilmente quanto na agitação e no barulho do estaleiro.

Ela visivelmente relaxou.

— Obrigado. Eu agradeço imensamente.

Mas sua repentina inquietação também o colocou no limite.

— Ainda assim, se você não lembrar de nada até o final da semana, vou ter que reconsiderar.

Ela assentiu.

— Compreendo.

Capítulo 5 - *Nada a perder*

Sara passou o resto da tarde e metade da noite conversando com Benedict. Fez perguntas sobre sua vida e seu trabalho. Em um ponto, quando temia que estivesse na fronteira com a grosseria, ela se desculpou.

— Receio estar sendo excessivamente curiosa, mas continuo achando que você pode dizer algo que mexa com a minha própria memória. — Ela suspeitava que fosse uma desculpa esfarrapada, mas ele aceitou ela aprendeu bastante sobre ele e um pouco sobre si mesma.

Ele estava falando inglês com ela, porque as primeiras palavras que ela falou quando a encontrou foram em inglês. No entanto, a língua que ele falava diariamente era veneziano. Além disso, ele falava gaélico escocês - a única língua que sua mãe usaria.

Sara aprendeu que quem ela era, também falava veneziano, mas parecia muito com uma segunda língua. Ainda assim, imaginou que deveria se acostumar mais a usá-la se quisesse realmente experimentar a cultura veneziana, então pediu que eles se comunicassem o máximo possível em veneziano.

Se ele pensou que era um pedido estranho, não disse nada.

Quando chegou a hora de dormir naquela noite, para sua surpresa, Benedict mostrou a ela outro quarto.

— Este era o quarto dos meus pais. Não tem sido usado em alguns anos. Eu o arejei esta tarde e coloquei lençóis limpos na cama. Você pode dormir aqui pelos próximos dias. Há mais roupas da minha mãe penduradas no guarda-roupa. Ela estava muito perto do seu tamanho, talvez um pouco mais pesada. Sinta-se à vontade para usar o que quiser.

— Obrigado, Benedict. Obrigado por tudo.

— O prazer é meu.

— Eu vou te ver de manhã.

— Sim, mas não imediatamente. Eu vou para o estaleiro na primeira luz como costumo fazer para pegar as coisas que vou precisar e para avisar a Emilio que não vou estar no resto da semana. É provável que volte antes mesmo de você acordar, mas caso isso não aconteça, quero que você saiba.

— Obrigado. Eu teria me preocupado.

Ele sorriu.

— Então direi boa noite.

— Boa noite.

Sara tinha se arrastado para a cama, mas embora seu corpo estivesse cansado, sua mente estava cambaleando com as possibilidades que estavam à sua frente. Primeiro precisava saber qual era o prazo para voltar para casa. Tinha que dizer a palavra dentro de sessenta dias. Se hoje fosse 09 de julho, sessenta dias a partir de agora seria 07 de setembro. Ainda assim, não sabia exatamente como isso funcionava. Eram sessenta dias à mesma hora ou apenas tinha que sair em algum dia no sexagésimo dia? Deixou o século XXI pouco antes da meia-noite de 09 de julho, mas chegou aqui nas primeiras horas da manhã de 09 de julho. Imaginou, só por segurança, que planejava dizer a palavra antes da meia-noite do dia 06 de setembro.

Isso a levou a outra preocupação. Como ia fazer isso? Se apenas dissesse a palavra onde quer que estivesse naquele momento, seria onde esse corpo seria encontrado morto. Esse pensamento a fez parar. Não queria que Benedict tivesse que lidar com a sua morte. Na verdade, ocorreu-lhe que, se fosse encontrada morta em sua casa, ele poderia ser acusado de assassiná-la. Não, isso não aconteceria. Claramente, tinha que ir para outro lugar, mas onde?

Então teve uma ideia. Se aqueles que sabiam que ela tinha caído ao mar nunca a encontrassem, assumiriam que se afogou. Ela poderia colocar a camisola que estava usando e nadar até o Adriático. Quando estivesse longe o suficiente, poderia dizer a palavra. Voltaria para o próprio corpo e se esse corpo fosse encontrado, seria coerente com o que todos acreditavam ter acontecido com ela.

Com esses detalhes acertados, Sara começou a imaginar possíveis tramas dignas de seu valente herói, Rafe di Santi, e adormeceu.

Quando acordou na manhã seguinte, o sol mal estava levantado. Em casa, quando não estava de férias, vivia de acordo com um cronograma bastante fixo. Ela acordava cedo. Não definiu um alarme, era apenas o que seu corpo estava acostumado. Tomava o café da manhã e passava a manhã escrevendo. Por volta das onze, saía por um tempo – geralmente para a academia –, onde nadava ou fazia uma aula de ginástica. Então ia para casa, tomava banho, fazia o almoço e se acomodava com um café gelado para escrever por mais algumas horas. Quando chegava a hora de parar, tomava um copo de vinho e preparava o jantar. Gostava de boa comida e vinho e absolutamente amava cozinhar.

Escrever esta manhã estava fora de questão. Não podia fazer isso aqui. Bem, ela adivinhou que poderia, mas seria um pouco inútil, porque não podia levar com ela. No entanto, poderia interpretar cenas em sua cabeça enquanto explorava este tempo e lugar. E poderia simplesmente experimentar como era a vida aqui. Esperava que se lembrasse o suficiente para poder escrever o livro assim que retornasse. Então, se levantou, vestiu e fez a cama. Procurou nas roupas da senhora Maclan até encontrar um avental.

Quando se vestiu no dia anterior, permaneceu descalça, mas poderia ser bom ter um par de sapatos úteis. Procurou no guarda-roupa, mas tudo o que encontrou foram dois pares do que Sara chamaria de *slides ou mules*². Sapatos com salto baixo que escorregam no pé e não tinham uma correia atrás ou no calcanhar. Um par era muito delicado e bonito, claramente destinado a ser usado com um vestido extravagante. O outro era um pouco menos delicado. Eles não eram exatamente o que Sara tinha em mente, mas teriam que servir. No lado positivo, servindo ou não poderiam ser usados sem meias. E acrescentar mais uma camada às suas roupas já quentes não era atraente.

Quando chegou à cozinha, Benedict não tinha retornado do Arsenale ainda. Boa. Faria o café da manhã. Mas o que ele tinha que se pudesse preparar?

Quando ele serviu sua ceia de presunto frio e pão na noite anterior, tinha tirado o presunto e pão de uma pequena despensa fora da cozinha. O presunto curado poderia ser mantida à temperatura ambiente. A copa também continha frascos e potes de conservas, garrafas de vinho, azeite e vinagre, bem como um carrinho de batatas. Mas ele saiu para pegar a manteiga. Havia um poço com uma bomba manual que era sua fonte de água. No entanto, a um lado da base da bomba havia uma placa redonda de ferro, como uma pequena tampa de bueiro. Ele levantou essa placa e, presa à parte de baixo, havia uma corda. Ele puxou a corda para cima e no fim havia uma cesta coberta, dentro da qual havia uma garrafa de leite, uma roda de queijo, um recipiente de manteiga e outra de ovos. Claramente, a cesta foi baixada o suficiente para manter o conteúdo mais frio, sem submergi-lo.

Ela saiu, puxou a cesta e pegou a manteiga, queijo e dois ovos antes de colocá-la de volta no fundo do poço. Faria presunto, ovos, batatas fritas e pão.

Teria adorado fazer biscoitos ou pão de soda, mas o bicarbonato de sódio não tinha sido inventado ainda e não havia nenhuma câmara de forno no fogão. No entanto, ontem ele tinha lhe mostrado o forno de tijolos construído fora, bem longe da casa. Não tinha sido usado desde que sua mãe saíra. Ele tinha farinha na



despensa da qual ela poderia fazer um início da fermentação. Se pudesse descobrir como usar o forno de tijolos, poderia fazer pão em poucos dias.

Lavou e fatiou as batatas, colocou-as em uma tigela e cobriu-as com água. Precisavam ficar de molho por alguns minutos, então misturou a farinha e a água para a entrada, cobriu-a com um pano e colocou-a na gaiola onde os pratos estavam guardados. Em seguida, cortou um pouco de presunto cortando-o em pequenos cubos, finamente picou um pequeno pedaço de queijo e cortou algumas fatias de pão. Ela adoraria tostá-lo, mas não tinha certeza de como fazer isso.

Voltou sua atenção para as batatas. Secou-as antes de fritá-las em uma mistura de manteiga e azeite de oliva. Foi um pouco complicado cozinhar no fogão sem poder controlar a temperatura, mas conseguiu evitar queimar as batatas, fritando-as apenas até ficarem macias e depois removê-las para um prato para esfriar. Terminaria tudo antes que ele retornasse. Encheu a chaleira e a colocou no fogo, depois saiu pela porta dos fundos.

Ele mencionou um jardim na noite anterior, mas não teve a chance de ver o que crescia lá. Para sua alegria, havia uma infinidade de legumes que estavam chegando à estação. Daria uma olhada mais de perto depois, mas por enquanto, pegou algumas cebolas pequenas. Além do jardim havia um pomar, que teria que explorar mais tarde também. Voltou para a cozinha, sua mente já planejando o jantar.

Lavou e cortou as cebolas antes de pegar um bule de chá para que pudesse tomar um copo enquanto esperava. Mas sem ideia de quando ele estaria em casa, o pote poderia esfriar antes de voltar e não queria ser um desperdício.

Não precisava se preocupar. Ouviu-o vindo pela porta da frente assim que a água chegou à fervura. Enfiou a cabeça no corredor.

— O café da manhã está quase pronto.

— Café da manhã?

— Sim. Café da manhã. A deliciosa primeira refeição do dia.

Ele sorriu, com uma expressão um pouco confusa no rosto, mas seguiu-a até a cozinha. Tinha um pacote grande embrulhado em papel debaixo de um braço que colocou sobre a mesa.

Ela despejou água no bule e começou a preparar o café da manhã. Colocou as batatas para fritar novamente, permitindo que ficassem um pouco crocantes antes de adicionar o presunto e as cebolas. Em outra panela, fritou os dois ovos.

Polvilhou queijo na mistura de batatas e, quando começou a derreter, dividiu-a em duas placas e cobriu cada uma com um ovo frito.

Colocou os pratos na mesa e serviu o chá antes de se sentar.

— Você costuma pedir uma bênção?

Mais uma vez, ele deu-lhe um sorriso interrogativo.

— Sim.

Ela cruzou as mãos, inclinou a cabeça e esperou.

— Abençoa-nos, ó Senhor, e estes teus dons que estamos prestes a receber de Tua generosidade, através de Cristo nosso Senhor. Amém.

— Amém — ela repetiu.

Ela quebrou o ovo para que a gema pingasse sobre a mistura de batatas e depois deu uma mordida. Estava uma delícia.

Ele seguiu o exemplo. Seu rosto se abriu em um sorriso largo quando o alimento bateu nos seus lábios.

— Isto é delicioso.

— Obrigada.

— Isto é algo que você faz com frequência?

— Fazer café da manhã?

— Sim.

— Claro, não fazem todos?

— Não.

Não?

— O que você quer dizer?

— Quer dizer, eu nunca comi nada assim em qualquer momento do dia, muito menos na parte da manhã. Mas agora que comi, temo que vá querer mais.

Ela franziu a testa.

— Você não come o café da manhã?

— Bem, como um pouco de pão e manteiga com o meu chá, mas isso é tudo.

Whoops.

— Uh ... Eu sinto muito. Eu apenas pensei ... me desculpe, eu não deveria ter...

— Sara, eu não estou chateado. Isso é maravilhoso. Eu apenas nunca o tive antes. Faz-me perguntar onde você aprendeu a cozinhar assim.

Ela encolheu os ombros. A Food Network, não pareceria ser uma boa resposta.

— Eu não sei. — Achou que seria melhor simplesmente mudar de assunto. — O que está no pacote?

— O almoço.

— Almoço?

Ele riu.

— Sim, almoço. A grande refeição deliciosa no meio do dia.

Ela riu.

— Quero dizer, o que é?

— É um peixe. Um robalo que eu peguei no mercado de peixe antes de chegar em casa.

— Eu amo robalo.

— Você sabe como cozinhá-lo?

— Claro que sim. Você vai amar.

— Estou certo de que vou.

Capítulo 6 - Nada a perder

Benedict adorou o robalo naquela noite o que emocionou Sara. Ela sempre gostou de cozinhar, mas Mark era a única pessoa para quem cozinhasse há um bom tempo. Não era que ele não gostasse da sua comida, ele gostava. “Baby isto está ótimo” veio na esteira de quase todas as refeições. Mas aprendeu desde cedo que ele gostava do básico. Ele queria carne e batatas simples, vegetais sem frescuras e salada de iceberg com molho de salada.

Depois que ela fez bife wellington uma vez, ele disse:

— Eu sou um cara, Sarah. Gosto de bife, costeletas de porco, presunto, costelas e hambúrgueres. Não me importo com camarões de vez em quando e os caranguejos estão bem, mas não desperdice seu tempo com peixe ou qualquer coisa fru-fru.

Ele comia batatas quase de qualquer maneira que fizesse, mas os únicos vegetais que gostava eram abobrinha, abóbora amarela, brócolis, couve-flor, feijão verde e milho, e a única maneira que gostava deles era cozidos ou cozidos no vapor, sem molho. Ele não se importava de comer espaguete de vez em quando, mas apenas com almôndegas e molho de tomate. E a única vez que fez um prato de arroz, ele empurrou-o no local e perguntou:

— Ei, poderíamos jogar uma batata no microondas?

Então, ela reservava seus menus mais aventureiros para as noites, quando estava cozinhando apenas para si mesma.

Foi dormir na noite de segunda-feira pensando em todas as coisas que poderia tentar fazer com que Benedict não só comesse, mas também gostasse. Começaria amanhã com omeletes ocidentais. Isso ia ser ótimo. Depois de apenas um dia tentando viver sem a tecnologia moderna, estava se divertindo muito. Esta pequena aventura estava se transformando em todos os elementos necessários para suas férias de fantasia ideais.

Primeiro, estava perto do mar. Ela tinha ido a praias da Nova Inglaterra para a Flórida e não importava onde estivesse, amava a costa. Tinha crescido em Maryland e poderia estar em uma praia de Maryland ou Delaware em poucas horas. Mas talvez suas melhores memórias do oceano fossem de suas férias em família. E desde o acidente, era o único lugar onde poderia ir para se sentir conectada à sua família através dessas lembranças maravilhosas.

Desde que era uma menina, sua família passava duas semanas a cada verão na “*arrogantemente gasta*” Ilha de Pawley, Carolina do Sul. Duas semanas de body surfing, caça às conchas, construção de castelos de areia com seu irmãozinho, ou simplesmente relaxar em uma rede com um bom livro. Ela leu seu primeiro romance lá. Foi lhe dado por uma garota chamada Paula, cuja família estava de férias lá também. Também experimentou seu primeiro beijo de verdade lá, enquanto caminhava pela praia uma noite com um garoto local que tinha conhecido ao longo dos anos.

Então, a localização de suas férias de fantasia era perfeita. Mas ela também gostava de cozinhar, e como o destino a favoreceu, do lado de fora da porta dos fundos, tinha acesso aos ingredientes mais frescos possíveis. Descobrir como cozinhar num fogão a lenha foi um desafio, mas até agora conseguiu. E como um bônus adicional, havia alguém a mão que parecia gostar de comer suas criações.

O que a levou para a última característica de sua fantasia de férias perfeita, alguém fantástico para compartilhar com ela. Gentil, atencioso e – oh, tão bonito... ela não podia imaginar passar esse tempo com alguém mais maravilhoso que Benedict ... bem, exceto Mark. Mas ele não gostava muito da culinária “*fru-fru*” e, além disso, como fornecia um excelente material para seu próximo herói, Benedict era perfeito nas condições atuais.

Uma pequena voz dentro dela sussurrou: “*Benedict é perfeito ... neste período*”. Mas fez todo o possível para acalmar aquela voz “*Eu estou apaixonada por Mark. Tenho que voltar para o meu próprio tempo e uma vez que o faça, tenho um cruzeiro de catorze dias diante de mim e Mark vai me propor casamento.*”

Adormeceu como havia feito pelo menos no último mês, imaginando as coisas maravilhosas que ela e Mark fariam no cruzeiro. E, no entanto, em algum momento de seus sonhos, o homem ao seu lado no cruzeiro tornou-se Benedict.

~ * ~

Sara acordou na manhã seguinte com o canto de um galo.

Um galo? Seus olhos se abriram e quase gritou de alegria quando percebeu que realmente estava ainda no século XVIII em Veneza, cortesia do relógio de bolso. Levantou-se, vestiu-se e correu pelas escadas para começar a fazer o café da manhã. No momento em que Benedict se juntou a ela, tinha batido os ovos, cortado queijo, e foi refogar presunto picado, cebolas e pimentão verde.

— Café da manhã de novo? — Ele perguntou, parecendo esperançoso.

— Sim. Ovos de uma maneira diferente hoje. Eu normalmente juntaria com pão torrado, mas não tenho certeza de como fazer isso.

Ele riu.

— Você sabe como cozinhar um robalo absolutamente incrível, mas não pode tostar o pão?

Ela deu de ombros, percebendo o quão tola tinha soado.

— Eu acho que é uma das minhas memórias desaparecidas.

— Não precisa se preocupar. Eu posso lidar com fazer as torradas.

Assim, quando Sara terminou de fazer as omeletes, ele cortou vários pedaços de pão e um de cada vez, espetou-os num garfo longo e colocou-os perto do fogão para torrar.

“Eu gosto de assar marshmallows. Deveria ter pensado nisso.”

Benedict parecia aproveitar a omelete tanto quanto as refeições do dia anterior.

Depois que o café da manhã terminou, ele se ofereceu para mostrar ao redor um pouco mais.

Ela entrou em êxtase quando viu melhor o que crescia em seu jardim.

— Oh, você tem muitas ervilhas maduras. Se você quiser, nós podemos comer para o jantar, com algumas dessas abobrinhas. E tomates frescos. Uau, eles estão lindos.

Ele sorriu.

— Se você quiser, podemos comer frango também.

— Eu adoraria. Onde você vai pegar o frango?

Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Onde se encontra normalmente galinhas, no galinheiro.

— Você tem um galinheiro?

— Sara, você cozinhou ovos duas manhãs seguidas. De onde acha que eles vêm?

Ela na verdade não tinha pensado muito porque os ovos estavam no cesto abaixo do poço.

— Eu sei de onde vêm os ovos. Só não sabia que você tinha galinhas. Pensei que talvez os tivesse comprado. — Mesmo quando acabou de dizer isso, se lembrou do galo cantando que a despertou e sentiu-se como um idiota total.

Para seu crédito, ele não riu dela.

— Não, eu realmente tenho galinhas, mas na verdade, o galinheiro é afastado da casa de maneira que você provavelmente não o viu ontem. Eu vou te mostrar.

Ele a levou para o galinheiro com o seu cercado no quintal. Perto havia um pequeno barril

— Eu mantenho a alimentação aqui. — Ele tirou a tampa do barril e tirou uma grande colher de madeira cheia de milho partido. Então mostrou-lhe como alimentar as galinhas e recolher os ovos.

— Quantas vezes eles põem ovos? — Ela perguntou.

— Cerca de um por dia. Como você sabe, mantenho os que eu recolhi no poço. Mas nos primeiros quatro dias de cada mês, marco os ovos com um 'X' e deixo-os nos ninhos. Se os ovos marcados não eclodiram até o final do mês, jogo-os fora. Normalmente, há bastante incubação para manter uma população estável, para que haja sempre um suprimento de ovos frescos e frango para comer.

— Eu nunca comi ovos tão frescos.

Ele riu.

— Como você sabe?

Ela sorriu e encolheu os ombros.

— Eu só sei.

— Você sabe cozinhar frango, assim como ovos e peixe?

— Sim sei. Há apenas um pequeno problema.

— Qual?

— Eu nunca preparei uma galinha que estivesse ... hã ... com penas.

Ele riu.

— Novamente, não tenho certeza de como você sabe disso, mas terei prazer em fornecer a você um frango sem penas.

Ele também mostrou a ela seu pomar que era além de seus sonhos mais selvagens. Esperava encontrar maçãs e talvez pêras, mas também havia cerejas, ameixas e damascos – e boa parte estava madura.

— O que você faz com toda essas frutas incríveis?

— Eu como e seco um pouco, mas não tenho tempo para colher e preservar tudo, então compartilho muito com os pássaros. Minha mãe costumava fazer doces, mas realmente não sei como fazer isso.

Sara não sabia como secar frutas, embora fosse adorar aprender. Mas sabia como fazer geléias e doces.

— Eu odeio ver isso desperdiçar. Eu sei fazer compotas. Se você tem muito açúcar, e potes ou jarras, oh, e cera de abelha para selá-los, eu vou fazer alguns para você.

— Eu tenho todas essas coisas.

E assim, Sara pegou legumes e frutas enquanto Benedict matava o frango e o depenava. Então ela estava em seu elemento pelo resto do dia. Começou a cozinhar o frango. Temperou-o com alho, alecrim, sálvia, sal e pimenta e dourou numa panela de ferro grande que ela teria chamado de forno holandês. Depois acrescentou vinho branco, cobriu com a tampa e deixou assar em cima do fogão.

Lavou e preparou a fruta e a louça enquanto o frango assava. Fez abobrinha refogada, ervilhas e cebolas em molho cremoso e tomates frescos fatiados para acompanhar o frango.

Teve o momento mais maravilhoso preparando o almoço para os dois e com um pequeno sentimento de orgulho por ter feito isso apenas com um fogão a lenha. A cereja no topo do bolo foram as palavras de elogio de Benedict, enquanto desfrutavam da refeição juntos.

Depois do almoço, passou o resto da tarde fazendo compota enquanto Benedict trabalhava em seu escritório. Eles tinham frango frio e salada de espinafre para o jantar e ela surpreendeu-o com creme mexido sobre damascos frescos para a sobremesa.

— Sara, eu não acho que tenha tido refeições tão deliciosas em anos. Não, o que estou dizendo? Eu acho que nunca tive essas deliciosas refeições.

Quando foi para a cama naquela noite, ela percebeu que, por mais divertido que fosse cozinhar, era muito mais divertido cozinhar para alguém que apreciava a comida.

~ * ~

No dia seguinte, ela fez crepes no café da manhã, depois passou a manhã fazendo macarrão. O almoço foi macarrão primavera e ameixas para sobremesa. Naquela tarde, ele a levou para passear na praia, na extremidade norte do Lido. Eles passaram por bosques de amora no caminho.

— Oh, Benedict, podemos escolher algumas? Eu amo amoras.

— Claro que nós podemos.

Escolheram e comeram vários punhados.

— Não há nada melhor que amoras suculentas ainda quentes do sol. Elas são um dos meus frutos favoritos absolutos. — Ela deu-lhe um sorriso insolente. — E você sabe, minhas conservas de amora são quase melhores que minha geleia de damasco.

— Bem, então, vamos voltar amanhã com cestas, porque eu tenho que provar isso.

A única coisa que realmente não gostava sobre suas circunstâncias atuais era o calor combinado com as camadas de roupa que ela usava. Depois do primeiro dia, havia parado de usar mais de uma anágua e não tinha remorsos por arregaçar as mangas. Mas enquanto caminhavam na beira da água, era tentador demais. Ela tirou os sapatos, juntou as saias e entrou na água fria.

— O que você está fazendo? — Perguntou Benedict, com uma expressão divertida no rosto.

— Me refrescando. Junte-se a mim.

Ele parecia como se estivesse considerando por um momento. Mas quando parecia prestes a recusar o convite, ela riu e jogou água nele com os pés.

— Vamos. É maravilhoso e legal.

— Eu acho que você é uma menina muito má — disse ele, mesmo quando tirou os sapatos e meias e entrou na água com ela.

Do extremo norte da ilha, ela podia olhar através da lagoa e ver Veneza. Até então, estava tão envolvida com a vida do século XVIII, que quase esquecia onde estava.

— Eu adoraria ver Veneza. Você acha que poderíamos ir?

Suas sobrancelhas se uniram.

— Claro.

— Podemos ir amanhã?

— Eu pensei que você disse que a sua massa fermentada estará pronta para fazer pão amanhã.

— Oh, isso mesmo. Você prometeu me mostrar como usar o forno de pão.

Então, o assunto caiu.

~ * ~

No dia seguinte, ela aprendeu a usar o forno de pão que ficava bem longe da casa. Foi mais fácil do que esperava. Ela preparou a massa e quando estava em sua segunda subida, ele mostrou-lhe como construir um fogo na câmara. Quando a espessa camada de tijolos que cercava o forno estava quente ao toque do lado de fora, estava pronta. Ele mostrou a ela como retirar as brasas.

— Então você põe os pães e o pão coze enquanto o forno esfria.

Quando o pão estava no forno, Benedict disse:

— Estou indo para a aldeia. Eu compro leite, manteiga e queijo de um fazendeiro lá. Também posso pegar carne fresca ou peixe, se você preferir.

— Você pode esperar até que o pão esteja fora do forno, para que eu possa ir com você?

— Não, Sara, não acho que seja uma boa ideia. As pessoas vão perguntar quem você é e, como não sabemos por que você está em perigo, provavelmente não devemos divulgar sua presença aqui.

Isso foi um pouco decepcionante, mas fazia sentido.

— Compreendo. Mas você vai me levar a Veneza em breve?

— Claro.

— Talvez amanhã?

— Vou pensar sobre isso.

Ela deixou o assunto cair, mas na noite seguinte, enquanto caminhavam pelo lado oeste da ilha com vista para a lagoa, perguntou novamente.

— Oh, Benedict, Veneza ao pôr do sol é linda.

Ele assentiu.

— Sim.

Ela não queria perguntar de novo, mas olhou para ele com expectativa, esperando que ele entendesse a dica, mas ele não disse nada.

Por mais que quisesse ir para Veneza, ela não insistiu. Foram cinco dias de absoluta perfeição. Ela aprendeu muito sobre a vida comum nesta época, seus livros já seriam mais ricos por isso. Então, é claro, simplesmente passar tempo a sós com Benedict era incrível. Ficou mais afeiçãoada a ele a cada dia que passava. E em algum momento durante a semana, percebeu que extraía mais alegria do fato de cozinhar para ele do que cozinhar sozinha, e isso queria dizer alguma coisa.

Também percebeu que tinha parado de pensar em seu romance desde o início e era para isso que estava ali afinal. Mas talvez o mais surpreendente tenha sido que parou de pensar em Mark.

Uma pequena voz profunda dentro dela sussurrou: *“talvez isso não seja tão incomum. Talvez você tenha parado de pensar em Mark e em sua escrita porque Benedict não é para ser o herói em seu próximo livro, mas o herói romântico de sua vida.”* Não. Tinha que parar com essa linha de pensamento. Já havia cometido muitos erros antes de se apaixonar pela idéia de amor, e ele não lhe dera sinais de que pensasse nela como algo mais que um hóspede.

Capítulo 7 - Nada a perder

O sábado chegou e depois de um maravilhoso café da manhã de algo que Sara chamou de “French Toast”, com amoras frescas, Benedict se isolou em seu escritório para terminar os planos para o novo navio em que trabalhou a semana inteira. Mas mais uma vez, ele não conseguia se concentrar. Sua mente continuava flutuando para Sara.

Nunca conheceu ninguém como ela e nunca tinha comido tão bem em sua vida. O ódio de sua mãe por todas as coisas venezianas também se estendeu à culinária. Ela cozinhava a comida que a lembrava de sua casa e infância. Seus cardápios eram simples, mas saudáveis, com pouca variação. Carne, batatas e legumes cozidos. Assim, depois que ela voltou para a Escócia e ele foi deixado para cuidar de si mesmo, os únicos alimentos que sabia cozinhar eram aqueles com os quais tinha crescido. Suas refeições consistiam principalmente de peixe frito ou carne e batatas. Com o passar dos anos, passou a amar os vegetais frescos que cresciam tão bem aqui e os cozinhava da melhor maneira possível, mas essa era a extensão de sua variedade.

Parte do que Sara cozinhava era completamente novo para ele, como as batatas, o presunto e os ovos tinham sido. Mas outros pratos teriam sido servidos em qualquer uma das melhores casas ou estabelecimentos em Veneza. Ele se perguntou como ela poderia esquecer sua identidade, mas não essa arte culinária.

Depois de apenas uma semana, sabia que estava começando a se apaixonar por essa linda garota desconhecida. Seus sentimentos crescentes não eram apenas por causa de sua grande habilidade na cozinha, embora isso fosse certamente um presente. Durante a semana, quando lhe mostrou o extremo norte do Lido, ficou encantado com o puro entusiasmo por tudo. Ela sentia tanta alegria em cada nova descoberta, cerejas maduras, ameixas e damascos no pomar. Ervilhas, feijões, tomates, pepinos, acelga, espinafre e melão em seu jardim. E bosques de amora silvestres no centro da ilha. Até mesmo algo tão comum quanto procurar ovos no galinheiro era uma aventura para ela.

Depois de sua provação, pensou que ela poderia ter medo da água, mas estava errado. Sorriu quando se lembrou da tarde em que ela alegremente tirou os sapatos, levantou as saias escandalosamente alto e correu até os joelhos no mar, jogando água nele com os pés.

Talvez ele estivesse cansado. As únicas mulheres que encontrava regularmente eram aquelas que trabalhavam como trabalhadores nos estaleiros,

abatidas com sua existência mundana. Ou as mulheres que às vezes acompanhavam um cliente rico. Eram cortesãs polidas cujas fachadas elegantes e perfeição praticada nunca escorregavam por um instante.

Mas Sara, exuberante, efervescente e linda Sara, era tão deliciosa quanto uma boa e fresca brisa em um dia quente de agosto.

A única coisa que ele não fez com ela foi levá-la a Veneza.

Ela queria ir. Pediu várias vezes e ficou olhando para a lagoa melancolicamente, mas até agora ele só deu desculpas para não levá-la.

Ele não tinha certeza exatamente porque, mas não queria. Pretendia levá-la... só que ainda não. Desde que ela chegou, eles existiram em seu próprio mundo, longe de outras pessoas. Ele limitou suas andanças ao despovoado extremo norte da ilha, evitando a vila de Malamoco. Além do fazendeiro de quem comprou manteiga, leite e queijo, não tinha visto ou falado com outra pessoa desde que retornara do Arsenale na manhã de segunda-feira. Era como se um encantamento tivesse se tecido em torno deles, que só se tornava mais forte a cada dia que passava. E, no entanto, sabia com certeza que o encantamento iria quebrar no momento em que outras pessoas entrassem.

Então, ele a manteve ciosamente por quanto tempo pôde. Mas a hora estava chegando. Não poderiam ficar escondidos para sempre. Ainda assim, havia uma última coisa que queria experimentar com ela antes que a magia terminasse. No sábado à noite, ela estava colocando a cozinha em ordem depois que comeram um jantar de sopa e pão fresco. Ele acendeu uma lanterna e foi para a cozinha. Ela estava varrendo o chão e observou-a por um momento da porta. Ele a adorava. Simplesmente não conseguia explicar, mas no fundo, acreditava que ela era para ele.

Ela olhou para cima e sorriu para ele.

— Estou terminando.

Ele sorriu de volta.

— Bom. Porque eu quero lhe mostrar uma coisa. — Ele estendeu a mão. — Venha comigo.

Ela assentiu ansiosamente, colocou a vassoura na lareira e tirou o avental.

— Onde estamos indo?

— É uma surpresa.

Eles conversaram enquanto caminhavam para o lado oeste da ilha.

Quando as luzes cintilantes de Veneza surgiram, ela parou e suspirou, extasiada.

— Nós nunca estivemos aqui à noite. É lindo. Obrigado, Benedict.

— Bem, estou feliz que você tenha achado bonito, mas isso não é tudo que planejei para você ver.

— Não?

Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Não. — Como as coisas que ela lembrava e as que não eram aparentemente aleatórias, ele perguntou: — Você sabe que dia é amanhã?

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— É o terceiro domingo de julho, a festa do Santíssimo Redentor, *il Redentore*.

— Oh

Ele riu.

— Você não sabe o que é isso.

Mesmo na luz da lanterna, podia ver um rubor aquecer suas bochechas enquanto ela sorria.

— Não, eu não sei.

— Bem, quase duzentos anos atrás, no ano de 1577, uma grande praga tomou conta da cidade. Mais de cinquenta mil pessoas morreram. Você já ouviu falar do artista, Tiziano? Não, não suponho que você se lembraria, mesmo se você tivesse, mas ele estava entre aqueles que morreram. O Doge³ prometeu na época construir uma igreja magnífica se Veneza fosse libertada daquela praga. Então, quando finalmente acabou, ele comissionou a Igreja do Santíssimo Redentor a ser

³ O Doge (do latim dux, "chefe") era o dirigente máximo da República de Veneza.

construída. Olhe através da água, você pode ver o Campanile di San Marco⁴, a torre da catedral?

— Sim.

— Essa é a Giudecca e é onde a igreja foi construída. Primeiro, eles colocaram uma pedra fundamental sobre a qual construíram uma pequena igreja de madeira. Havia também uma ponte temporária, criada a partir de barcas para que o Doge pudesse conduzir uma procissão através da água até o tabernáculo. Desde então, o Doge fez a mesma procissão todos os anos. Depois da missa, há uma grande celebração em toda Veneza. E festivais em Veneza não são para ser desperdiçados.

Ela juntou as mãos.

— Você vai me levar?

Sua excitação desenfreada na perspectiva era cativante. Não poderia ter dito não mesmo se quisesse. Mas ele não queria. Queria mostrar-lhe uma Veneza tão cheia de vida quanto ela.

— Sim, eu vou.

— Oh, Benedict, obrigado. — Ela jogou os braços em volta dele num abraço jubilante. — Eu mal posso esperar. O que eu devo vestir? Acho que não vou conseguir dormir esta noite, mas provavelmente deveria tentar. Talvez devêssemos voltar agora. — Ela deu um passo em direção ao caminho de volta para casa.

Ele colocou a mão para detê-la, rindo de sua alegria infantil.

— Em alguns minutos. Mas há outra coisa que quero que você veja.

Quase como se na sugestão, um fogo de artifício explodiu sobre a lagoa.

— Fogos de artifício? — Ela disse maravilhada.

Ele assentiu.

— Sim. Há sempre uma exibição ou fogos de artifício na noite anterior ao *Redentore*.



~ * ~

Enquanto Sara observava os fogos de artifício explodirem sobre a Veneza do século XVIII, sentiu que deveria se beliscar. Isso não poderia estar acontecendo. Tinha que ser um sonho. Mas se fosse, a semana inteira tinha sido. Talvez a agitação em sua barriga que estava começando a sentir toda vez que Benedict a elogiava ou a levava a experimentar algo novo... ou simplesmente sentava do outro lado da mesa, fazia parte do sonho também.

Mas sabia que não era.

Estava se apaixonando por Benedict, e isso era um desastre esperando para acontecer. Tinha que ir para casa. Havia um homem esperando por ela que a amava. *“E deixa você ir para a cama sozinha enquanto ele fica no cassino para jogar. Imagine como seria Benedict levar você em seus braços e beijá-la sem sentido?”*

Não, tinha que parar com isso. Tinha que canalizar esses pensamentos românticos sobre Benedict em Rafe, o herói de seu trabalho em progresso. E Kyra, de cabelos loiros e olhos azuis, era a mulher que ele amava.

Ela imaginou Rafe e Kyra sentados nas rochas assistindo os fogos de artifício. *“Ele segurou as bochechas de Sara em suas mãos, inclinando a cabeça suavemente enquanto abaixava os lábios para encontrar os dela...”*

~ * ~

Sara achou a viagem para Veneza no dia seguinte nada menos que mágica. Benedict tinha insistido para que ela usasse um vestido de damasco de seda azul-clara, de corpo estreito, estilo que Sara reconheceu como *robe à l'anglaise*⁵.

— Você tem certeza de que é apropriado? — Sara sabia que havia leisuntuárias em boa parte da Europa no século XVIII que impediriam um plebeu de se vestir com tanta elegância. — Você disse que não era um nobre e eu certamente não sou um membro da nobreza. É aceitável que use isso?

— Talvez você seja um membro da nobreza. Você pode ser filha de um conde britânico por tudo que sabemos.



— Estou muito confiante de que não sou.

— Bem, não tem importância de qualquer maneira. A riqueza importa em Veneza quase tanto quanto o título. Aqui, a vestimenta de comerciantes e homens de negócios afluentes não é restringida pelas leis suntuárias.

— Sim, mas eu não sou afluente.

— Para alguém sem lembranças, você está excessivamente certa das coisas. A camisola que você estava usando quando te encontrei era feita de seda. Além disso, você estará comigo.

Ela não ofereceu mais argumentos. Realmente queria usar o lindo vestido. Não tinha um espartilho, mas o vestido se encaixava lindamente sem ele. Ainda assim, uma vez que o vestiu, percebeu que o vestido revelava uma porção bastante grande de seu decote. Procurou entre as coisas da Sra. MacLan por um *fichu*, um pequeno lenço que as mulheres usavam no pescoço, enfiado no corpete de um vestido para torná-lo mais modesto. Mas foi em vão.

“*Apenas use-o, Sara*”, ela disse a si mesma. Desceu as escadas, levantou a cabeça, parecendo tão confiante quanto pôde até que Benedict a viu.

Sua boca se abriu e ela sentiu um rubor quente subir. Sua mão voou para o pescoço, tentando esconder o que parecia ser um acre de pele exposta.

— Sara, você é de tirar o fôlego.

— Obrigado, mas eu sinto... sinto... bem, o decote é um pouco baixo. Eu não consegui encontrar um fichu.

— Minha mãe provavelmente não deixou um. E o decote não é muito baixo pelos padrões venezianos. Mas encontrei isto num baú. — Ele entregou-lhe um belo xale de renda. — É renda Burano⁶. — Deu-lhe um sorriso triste. — Outro presente do meu pai que minha mãe rejeitou.

Sara segurou-o reverentemente em suas mãos.

— É simplesmente lindo.

— Pensei que você poderia querer usá-lo em sua cabeça. Não tenho chapéus ou coberturas de cabeça de qualquer tipo. E isso proporcionará uma pequena cobertura extra.

⁶ Burano situa-se na lagoa de Veneza, e tal como a sua vizinha sete quilómetros mais a sul, Veneza, é na realidade uma localidade constituída por várias ilhas pequenas ligadas por pontes entre si.

O próprio Benedict parecia bastante elegante. Desde que ela chegou, só o viu vestido com calções, botas e uma camisa. Agora ele usava um terno, completo com meias, sapatos com fivelas de prata e um chapéu tricor⁷. Parecia um cavalheiro.

Eles caminharam até o pequeno cais onde Benedict tinha dois barcos ancorados, uma batela e uma gôndola. Surpreendentemente, a gôndola preta de fundo chato parecia muito com as que ainda eram usadas em Veneza. O batela era um veleiro de fundo chato ligeiramente maior que também poderia ser remado.

— Se o vento estiver certo, é muito mais rápido navegar pela lagoa e, se vou ao estaleiro, é o que quase sempre uso. Demora entre vinte e trinta minutos para remar pela lagoa, dependendo das condições, mas a gôndola é mais fácil de manobrar dentro dos canais. Hoje vamos usá-la.

Ele ajudou a acomodá-la no *felze*, a cabana da gôndola, antes de lhe entregar o casaco e o chapéu.

— Você se importaria de segurá-los? É muito mais fácil remar sem um casaco vestido.

Ele tomou o seu lugar, de pé na parte de trás da gôndola, saiu do cais e começou a remexê-los pela lagoa.

Foi incrivelmente romântico. Ela imaginou Rafe e Kyra fazendo a mesma coisa apenas em uma gôndola aberta, como as de Veneza agora. Tentou imaginar a conversa deles. Mas depois de alguns momentos, mentalmente deixou o romance de lado. Queria simplesmente aproveitar este passeio.

~ * ~

Naquela tarde, enquanto percorriam as famosas ruas de Veneza, Benedict sentia como se as visse pela primeira vez. Ele adivinhou, em certo sentido, era como uma primeira vez, porque estava vendo tudo através dos olhos afiados dela. Algo novo, coisas que normalmente não notava, chamavam a sua atenção a cada



7

cem metros. As vitrines das livrarias e lojas de alfaiates, os vendedores de comida, os espetáculos de marionetes e os artistas de rua fascinavam-na e encantavam-na. Mesmo apenas observando as outras pessoas ao seu redor enquanto tomavam café na Praça San Marco era um rico entretenimento para ela.

Quando a hora se fez tarde e os foliões ficaram mais barulhentos, Sara claramente se cansou. Benedict a conduziu para longe da praça de San Marco e, em pouco tempo, estavam de volta ao local onde ele havia atracado a gôndola.

— Estamos indo embora? — Ela perguntou.

— Sim. As coisas só vão ficar mais selvagens à medida que a noite avança. Não é o lugar para uma jovem inocente. Além disso, você já está cansada demais.

— Eu não estou — disse ela, mesmo quando abafou um bocejo.

— Peço desculpa mas não concordo. Mas mesmo que você não esteja cansada, eu estou. Amanhã vou precisar ir ao estaleiro. Por mais que gostasse de ficar com você, não posso ignorar o meu negócio.

— Eu sinto muito, Benedict. Claro, você não pode. Sim, suponho que seja hora de irmos para casa.

Casa.

Ela dissera a palavra.

Durante toda a semana se referira a ela como *sua* residência ou simplesmente *A casa*.

Mas agora tinha-a chamado de *casa*. Talvez também estivesse começando a imaginar passar o resto de sua vida com ele.

Capítulo 8 - Nada a perder

Veneza do século XVIII era tudo o que Sara imaginara e muito mais. Ela simplesmente queria absorver tudo, memorizá-lo em seu cérebro para sempre. Essas memórias, feitas sem um único vídeo ou fotografia, teriam que durar uma vida inteira. Foi para a cama naquela noite com todas as visões, sons e cheiros rodando em sua cabeça. Sorriu para si mesma, lembrando-se da cena de *My Fair Lady* depois que Eliza Doolittle chegou em casa do baile cantando “*I Could Have Danced All Night*”⁸. Só que não estava dançando em um baile, mas era exatamente assim que se sentia.

Mas Benedict estava certo quando observou que estava cansada. Ela estava dormindo antes que pudesse terminar de cantarolar a melodia do filme.

Ouviu o galo cantar antes do amanhecer do dia seguinte. Parte dela queria dormir um pouco mais e ela rolou, cobrindo a cabeça com um travesseiro. Então lembrou que Benedict estava indo para o estaleiro hoje. Não iria vê-lo até esta noite se voltasse a dormir.

Ela saiu da cama, vestiu-se e correu para fora do quarto quando ele estava saindo do dele.

— Sara, é terrivelmente cedo. Você não precisa se levantar. Volte para a cama por um tempo.

— Eu não farei isso. Quero que você tome um bom café da manhã antes de sair.

Ele sorriu.

— Eu não vou mentir, gosto muito do seu café da manhã.

— Bom. Não vai demorar muito. — Ela se apressou a descer os degraus à sua frente e saiu para o quintal, para pegar a manteiga e os ovos. Ele tinha uma chaleira aquecendo a água antes de voltar do pátio.

Na semana anterior, ele mostrara-lhe como torrar pão usando um garfo e ela preparara um pequeno lote de conservas de damasco. Então, serviu-lhe presunto e ovos com torradas e geléia antes de caminhar com ele para o cais, quando o amanhecer estava dourando o céu.

⁸ “Eu poderia ter dançado a noite toda.”

<https://www.youtube.com/watch?v=7Ezy50aY6Bg>

— Os estaleiros, todos da indústria, fecham por cerca de duas horas no meio do dia para que as pessoas possam almoçar. Eu tenho o hábito de comer minha refeição principal do dia, num café na cidade.

— Oh. — Isso desapontou Sara. Tinha começado a amar as refeições com ele.

— Mas — continuou ele, — se estiver tudo bem com você, acho que vou pegar algo pequeno e passar o intervalo do almoço para poder voltar para casa e jantar mais tarde com você.

Ela sorriu para ele.

— Eu adoraria.

— Devo trazer um pouco de carne fresca ou peixe?

— Hoje não. Eu tenho algo já planejado.

— Então eu devo vê-la por cerca de seis esta noite.

— Até lá então.

Ele subiu no batela, empurrando para fora da doca, e acenou para ela.

Ela observou-o até que ele estava bem distante antes de voltar para a casa. Tinha planos para hoje. Muitos.

Ela começaria lavando roupa. Benedict lhe disse que pagava uma dama na aldeia para lavar a roupa. Mas ela decidira, enquanto estivesse aqui, que cuidaria disso. Era o mínimo que podia fazer para retribuir a sua gentileza.

Ao meio-dia, ela tinha tirado e aquecido água repetidamente, lavado todas as roupas sujas e toalhas e as pendurado para secar, retirado os lençóis das camas, lavando e pendurado. Quando parou para fazer o almoço, ela sorriu. No século XXI, tiraria uma folga de escrever, para ir à academia. Não havia absolutamente nenhuma necessidade neste momento. Apenas lavar roupa tinha sido um treino total do corpo.

Depois do almoço, levou um balde para o lado da lagoa da ilha, onde viu mexilhões agarrados às rochas. A maré estava baixa, por isso seria fácil encontrá-los e recolhê-los. Puxou a parte de trás da saia entre as pernas e enfiou-a no avental na frente para manter a saia fora da água enquanto passeava pelas rochas, arrancando os maiores mexilhões até ter um balde cheio.

O jantar desta noite seria mexilhões refogados com alho, cebolinha, azeite de oliva e vinho branco, servido com polenta frita e um guisado de acelga e tomate. Levaria séculos até Benedict voltar para casa, mas os mexilhões precisavam

descansar num balde de água do mar por várias horas para cuspir toda a areia que seguravam.

Depois que voltasse para casa, tiraria uma folga do trabalho e pensaria no enredo de seu romance. Imaginou Kyra percorrendo o portal até o século XVIII. Talvez estivesse vestida com roupas de época a caminho de um baile de máscaras. Ela não saberia o que fazer ou aonde ir e não poderia voltar pelo portal. Encontrando uma bela mulher sozinha, vários homens sobre ela, Rafe di Santi surge do nada, brandindo sua espada afastando os bandidos do caminho.

Sim, isso seria um bom começo.

~ * ~

Quando Benedict chegou ao estaleiro naquela manhã, uma série de questões estavam esperando por sua atenção.

Emilio enfiou a cabeça no seu escritório pouco depois do meio-dia.

— Ah, montanhas de papelada é o preço que se paga por uma semana de lazer.

— Não é exatamente lazer. Eu completei o novo design. — Ele entregou os desenhos ao seu sócio, em que tinha trabalhado toda a semana, quando podia se afastar de sua hóspede por alguns minutos.

Emilio esticou os desenhos numa grande mesa para olhar para eles.

— Estes são excelentes, Benedict. Muito lindos. Absolutamente inspiradores.

Benedict sorriu para a escolha inocente das palavras de Emilio. Ele tinha realmente sido inspirado por uma grande beleza.

— Obrigado.

— Venha, faça uma pausa e jante comigo. Eu posso contar-lhe todas as últimas notícias.

— Na verdade, Emilio, estava esperando sair antes das cinco da tarde, então pensei em fazer uma pausa rápida e ficar trabalhando. Além disso, não há muito que poderia ter acontecido em uma semana.

— Ah, você ficaria surpreso. Você se lembra de Reese Llewellyn?

— Como eu poderia esquecer dele? Um dos Welshman mais detestáveis que já andou na terra.

Emilio riu.

— O único. Quer o maior e melhor de tudo para o punhado de soldos⁹ no bolso.

— Será que encomendou outro navio que ele não quer pagar?

Emilio ficou sério.

— Não. Na verdade, é realmente um conjunto trágico de acontecimentos. Llewellyn tem uma filha que se imaginava uma artista e queria vir a Veneza para estudar. Sem que ele soubesse, ela até contratou um tutor para ensinar-lhe veneziano. Mas, aparentemente, quando pediu a seu pai para trazê-la aqui, ele claramente recusou. Então, a menina, claramente tão teimosa como o seu pai, desafiou-o e reservou uma passagem para cá acompanhada apenas por uma criada.

— Quem teria permitido que duas jovens não acompanhadas reservassem passagem?

— Aparentemente embora só tenha dezenove anos de idade, a filha disfarçou-se como uma viúva. Fortemente velada como ela era, e falando veneziano, ninguém a questionou. Mas assim que soube do ato da menina, ele partiu em seu navio mais rápido. O único, aliás, que nós construímos para ele.

— O que ele pensava que não valia a pena o preço que cobramos?

— O próprio. E ainda que se tenha passado vários dias antes que ele soubesse o que sua filha tinha feito, ele conseguiu ultrapassar o navio em que ela estava pouco antes de chegarem ao porto.

— Então, ele pegou sua filha errante e a levou para casa? Tenho certeza de que a garota não estava feliz, mas no grande esquema das coisas isso dificilmente parece trágico.

— Infelizmente, a sua filha não estava a bordo do navio quando ele chegou lá. De acordo com sua empregada, a garota maluca saltou para evitar a ira do pai.

O coração de Benedict quase parou com essas palavras.

— Saltou ao mar? Ela se afogou?

⁹ O soldo ou sólido [1] (em latim: solidus, lit. "sólido"), uma antiga moeda romana de ouro criada por Constantino em 309, circulou longamente no Império Romano, estendendo-se até ao século X no Império Romano do Oriente.

— Todo mundo acha que sim. A empregada a viu passar por baixo e nunca emergir. Mas no dia seguinte, algumas das roupas que a garota tola usava foram encontradas, mas o corpo dela não.

— Ele acha que ela está viva?

— Sim, ele se apegou a essa esperança. Enviou homens para todas as ilhas para ver se ela poderia ter sido salva da água por alguém e levada para um lugar seguro.

— Entendo. O que foi ... quero dizer, você sabe alguma coisa sobre ela? Como ela é? O nome dela?

— Ela é aparentemente uma coisinha bonita. Cabelos escuros, pele clara, olhos azuis e seu nome é Ceres.

A boca de Benedict ficou seca.

— Bem, isso é... uh... trágico. Farei perguntas em Malamoco quando voltar para casa esta noite.

— Tenho certeza de que Llewellyn vai gostar disso. Ele está, bem, não há outra palavra para isso, perturbado. Ela é sua filha única e ele provavelmente a perdeu para sempre.

Benedict apenas assentiu.

— Agora, se tem certeza de que não vai almoçar comigo, deixarei você com seu trabalho.

— Tenho certeza

— Aproveite seu jantar.

Benedict simplesmente olhou para a porta fechada depois que Emilio saiu. Ele estava certo sobre a quebra do encantamento. Sua bela ninfa do mar não era Sara, a garota do nada. Era Ceres Llewellyn, a filha de um homem odioso. Um homem que Benedict não gostava nem respeitava. O homem estava aparentemente perturbado, procurando freneticamente por sua filha desobediente quando, o tempo todo, ela estivera com ele, isolada no extremo norte do Lido. Ela mentiu para ele o tempo todo?

Não, se recusou a acreditar nisso. Tinha certeza de que Sara não tinha ideia de quem ela realmente era.

Benedict sabia que deveria procurar o homem e dizer que sua filha estava em segurança, aliviar sua mente. Mas algo nele não podia. A única coisa que Sara

pareceu lembrar-se foi de seu medo profundo. Não poderia ir falar com Llewellyn até ter falado com ela.

Tentou se concentrar em seu trabalho pelo resto da tarde, mas com Ceres Llewellyn em sua mente, não realizou nada. Finalmente desistiu e partiu para o outro lado da lagoa.

Capítulo 9 - Nada a perder

Benedict nunca tinha temido algo em sua vida. Estava prestes a perder a linda garota que estava amando. Quando entrou em sua casa, o aroma celestial da cozinha lembrou-lhe tudo o que tinha vindo a amar sobre ela e do que sentiria tanta saudade se ela voltasse para a Inglaterra com seu pai.

Antes que pudesse dar o primeiro passo em direção à cozinha, ela entrou pela porta.

— Benedict, você está em casa. Senti sua falta hoje, mas espere até ver o que eu preparei para o jantar.

Santa mãe de Deus! Voltar para casa para uma esposa poderia ser melhor que isso? Ele poderia desejar mais alguma coisa?

Então ocorreu a ele. Poderia se casar com ela. Por que não? Poderia simplesmente falar com o pai dela assim que ela voltasse para ele. Afinal, Llewellyn não era um nobre. Era um comerciante, um homem de negócios. Benedict era sócio de um negócio extremamente bem sucedido. Não haveria problemas de classe aqui. Esse pensamento o animou. Talvez isso não fosse uma coisa tão ruim afinal. Quando o jantar acabasse, ele lhe contaria tudo.

E mais uma vez, o jantar foi uma obra-prima. Agora que sabia quem ela era, era difícil imaginar como aprendera a cozinhar assim. Certamente como a única criança mimada de Reese Llewellyn, ela nunca teve que preparar uma refeição. Mas, novamente, essa era a garota que contratou um professor nas costas do pai para aprender a falar veneziano. Tudo era possível.

Depois do jantar, ajudou-a a lavar a louça. Ela tentou expulsá-lo da cozinha, mas ele não foi dissuadido. Precisava falar com ela e não queria prolongar a agonia.

Quando a cozinha foi posta em ordem, pegou a mão dela.

— Sara, venha comigo para a sala de estar. Há algo que eu quero falar com você.

— Isso parece muito sério.

— É sério.

Ela franziu a testa, mas foi junto, tomando a cadeira em frente a ele.

— O que há de errado?

— Soube de algumas novidades hoje que você precisa ouvir. Um homem, um comerciante britânico bastante conhecido que é cliente de Santi e MacIlan, tem procurado por toda a cidade por sua filha.

— Não.

Benedict assentiu.

— Sim, Sara. Aparentemente, sua filha de dezenove anos queria vir a Veneza. Quando ele não permitiu, ela veio de qualquer maneira com uma criada. Llewellyn seguiu-a em um navio mais rápido, e quando estava prestes a ultrapassar aquele em que ela navegava, ela pulou no mar.

O rosto de Sara ficou pálido.

— Talvez ela tenha se afogado.

— Talvez, mas eles só encontraram as roupas dela. Não o corpo dela.

Sara assentiu.

— Entendo.

— Eu acho que você é a sua filha desaparecida.

— Sim, ao que parece.

— O nome dela ... o seu nome ... é Ceres Llewellyn.

— E você disse ao pai dela que eu estou aqui?

— Ainda não. Eu sabia que você estava com medo e queria falar com você primeiro.

Ela suspirou profundamente, obviamente aliviada.

— Obrigada, Senhor.

— Mas, Ceres, eu preciso levá-la para ele amanhã.

— Eu não quero que você faça isso.

Francamente, ele não queria fazê-lo também.

— Eu devo. É a coisa certa. Ele está aparentemente perturbado por ter perdido você.

— Não, Benedict, você não pode dizer-lhe que estou aqui e não pode me levar até ele.

O medo em sua voz tinha eviscerado ele.

— Por que não?

— Eu tenho um mau pressentimento sobre isso. Um sentimento muito ruim. Estou certa de que é um erro.

— Sinto muito, Ceres, isso não é bom o suficiente.

Ela assentiu com a cabeça, suspirou e olhou diretamente nos olhos.

— Você não pode me levar para ele, porque eu não sou Ceres.

— Querida, você sabe que é...

— Não, eu não sou. Mas é uma longa história. Por favor, ouça a coisa toda antes de qualquer julgamento.

— Tudo bem. Eu vou escutar.

— Meu nome não é Ceres Llewellyn. É Sara Wells.

— Espere, você era a sua serva? As duas trocaram de lugar? Isso poderia resolver tudo.

— Não, Benedict. O que estou prestes a dizer é difícil de acreditar porque desmente a verdade do que você, na verdade a maioria das pessoas, sempre acreditou em suas vidas inteiras. O tempo flui apenas em uma direção.

— Porque é o normal.

— Geralmente, sim. Mas é possível para alguém do futuro viajar no tempo e vice-versa.

Benedict estava atordado.

— Você não espera seriamente que eu acredite nisso.

— Eu espero, porque é verdade. Mas você disse que ouviria toda a história.

— Sim, eu prometi. — Benedict não tinha certeza se Ceres tinha mentido para ele o tempo todo e estava tentando perpetuar a mentira, ou se estava simplesmente doente, mas iria ouvir.

Ceres enfiou a mão no pescoço do vestido, agarrou o pingente de ouro que usava quando ele a encontrou e puxou-o por cima da cabeça. Ela abriu a tampa para revelar não um medalhão, como ele havia assumido, mas um relógio de bolso.

— Este relógio foi me dado por uma velha senhora chamada Gertrude. A história que ela me contou era absolutamente impossível. Ela disse que se o colocasse no meu pescoço e dissesse uma palavra especial antes de ir dormir à noite, acordaria em algum outro momento. No corpo de outra pessoa. Eu realmente não acreditei. Quero dizer, quem o faria? Mas de alguma forma, quanto mais eu conversava com ela, mais acreditava que funcionaria - ou pelo menos que me arrependeria para sempre de não tentar. Então, aceitei o relógio e fiz o que ela me disse.

A história que Ceres contou era absolutamente absurda. Ela queria que ele acreditasse que era Sara Wells, uma mulher americana de vinte e sete anos do século XXI que havia trocado de alma com Ceres Llewellyn por sessenta dias. Era simplesmente ultrajante. Mas enquanto ela respondia suas perguntas, fornecendo detalhes notáveis, começou a se perguntar se isso poderia ser verdade.

Como ela poderia estar inventando isso? Olhou nos olhos dela enquanto ela explicava as coisas. Ela parecia inocente e acreditava sinceramente no que estava dizendo. E claramente não tinha se despedido de seus sentidos. Assim, havia apenas uma explicação. Ela era exatamente quem dizia que era, uma alma de mais de duzentos anos no futuro, que só poderia ficar mais cinquenta e dois dias. Esse fato quase o destruiu.

Deus querido, eu vou perdê-la. Mais seguramente do que se ela fosse Ceres.

Amava-a. Permitiu-se esperar que ela se casasse consigo e ficasse com ele para sempre. Mas isso não poderia acontecer.

Ele suspirou e se afastou dela.

— Por que você decidiu fazer isso?

— Benedict, se alguém te oferecesse a chance de ver outro tempo, se te dissessem que você só ficaria longe do seu próprio corpo por um minuto e a única coisa que tinha que fazer para que isso acontecesse era dizer uma palavra e ir dormir, você aceitaria?

Ele nem precisava pensar sobre isso. Aceitaria no espaço de uma batida do coração se houvesse uma chance de levá-lo para ela.

— Sim.

— Entende? É como eu disse, temia me arrepender para sempre se não tentasse.

— O que você esperava encontrar?

Seu rosto se iluminou com o entusiasmo que ele amava.

— Isto. — Ela abriu os braços. — Tudo isto. A chance de simplesmente experimentar a vida em outro momento. Eu sou escritora. Escrevo histórias de amor. Algumas deles passam-se no passado. A história me fascina. Eu acho que isso fascina muitas pessoas porque mais e mais livros estão sendo escritos sobre viagens no tempo.

— Eu suponho que sim, se é possível.

— Mas não é possível. O que quero dizer é que a maioria das pessoas acredita que não é possível. Eu pensei que não era possível. Ainda assim, é uma ideia intrigante. Pensei em como seria incrível escrever uma história de viagem no tempo, tendo realmente viajado no tempo.

— E você escolheu Veneza do século XVIII?

— Eu não tive escolha no assunto. Não sabia onde iria acabar, mas isso não importava. Só queria ver como era outro tempo. Eu mal podia acreditar que tinha chegado a Veneza. Estava em Veneza no dia anterior. Ainda é uma das cidades mais bonitas e românticas do mundo.

— Então, você vai usar suas experiências aqui para escrever um livro?

— Sim, eu pretendo. Até tenho uma ideia sobre como encaixar o elemento de viagem no tempo.

Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Bem, isso parece óbvio. O relógio de bolso.

— Não. Eu não posso usar o relógio de bolso. Ninguém acreditaria na coisa toda da troca de almas, e é terrivelmente difícil de explicar. Eu vou ter um portal de tempo.

Ele não conseguiu reprimir um sorriso.

— Isso é mais crível? Você já encontrou um portal de tempo?

— Não.

— Mas você está aqui por causa de um relógio de bolso?

— Sim.

— Mas um portal do tempo é mais crível?

Ela riu.

— Acho que parece bobo, mas sim. Acho que caminhar, corpo e alma, através de um portal do tempo, será mais fácil de aceitar do que almas das pessoas que trocam de lugar.

— Eu não sei porquê. As almas entram e saem dos corpos todos os dias. Fora de um corpo, uma alma existe no nada e pode atravessar o limiar do céu, inferno e purgatório. Por que não poderia atravessar o tempo?

— Então você acredita em mim?

Ele assentiu.

— Acredito.

— Obrigado. Eu... bem... obrigado. Então, agora você vê porque nós não podemos dizer nada ao pai de Ceres.

— Eu acredito que você trocou de alma com Ceres, mas você ainda pode experimentar este tempo e deixar o pai de Ceres saber que ela está viva.

— Mas ela não está. Na verdade não. Ela estava destinada a morrer. Ela fez uma escolha que teria levado à sua morte certa e quando eu for embora, ela vai morrer. Talvez seja melhor não fazer o seu pai passar por esta agonia duas vezes. Ceres está desaparecida. Ela realmente está. Eu não sou Ceres. Além do mais, até mesmo o pensamento de ir ver o pai dela me enche de pavor. Como mencionei, Gertrude me disse que teria algumas memórias dela. Tenho certeza de que ela precisa evitar o seu pai a todo custo.

— Sara, minha vida aqui é isolada e se você ficasse aqui seria bom, mas você não vai ver muito mais de Veneza se fizer isso. Eu também temo que sua presença aqui não vai passar despercebida para sempre, e que você acabará por voltar para o seu pai. Pior ainda se você morrer aqui, eu poderia ser acusado pelo seu assassinato.

— Não, eu já pensei nisso e não vou deixar que isso aconteça. Tenho tudo planejado. Quando chegar a hora, vou nadar de volta para o mar Adriático. Uma vez que estiver bem longe desta ilha, vou dizer a palavra. Se o corpo de Ceres nunca for encontrado, isso será consistente com o que todos já acreditam que aconteceu. Se não... bem, não importa então.

— Eu suponho que você está certa. Pensando bem, talvez seja melhor poupá-lo de mais dor. — Ele franziu a testa. — Há mais nesse negócio de troca alma do que parece à primeira vista. Tendo que decidir como e quando alguém morre não pode ser fácil. Embora pareça que não há nada a perder quando lhe foi oferecida a oportunidade de usar o relógio de bolso, garanto que ninguém agarra totalmente o fato de que estarão tendo um impacto em mais do que apenas a si mesmos.

Ela assentiu sombriamente.

— Eu acho que isso é muito verdadeiro. — Ela ficou em silêncio por um momento. — Eu sei que provavelmente não deveria perguntar isso, mas posso ficar aqui com você e explorar Veneza até que seja a hora de ir embora?

Ele queria dizer “*não*”, e pedir-lhe para poupar-lhe a agonia de vê-la todos os dias, o tempo todo sabendo que ela nunca poderia ser sua. Mas cobiçava o pouco tempo que lhe restava com ela e não viraria as costas para isso.

— Sim. Você é bem vinda aqui.

— Oh, Benedict — exclamou ela saltando aos pés dele e abraçando-o. — Isso é maravilhoso e vai ser muito divertido. Estou tão feliz que você sabe sobre o relógio de bolso. Não haverá nenhum segredo entre nós. Quase será como ter um irmão de novo.

Ela pensava nele como um irmão?

Querido Deus, quão pior isso poderia ser? Então ele percebeu exatamente o que ela tinha dito.

— Um irmão de novo? Aconteceu alguma coisa com ele?

~ * ~

Sara não tinha planejado ter essa conversa, mas uma vez que foi forçada, ficou muito agradecida por ter feito isso. Isso tornou toda a situação mais simples, e ela sabia exatamente onde as coisas estavam antes de fazer algo tolo - como se apaixonar por ele.

Gostava de Benedict. Gostava muito dele. Na verdade, se fosse honesta consigo mesma, já estava se apaixonando por ele e teria que parar com isso a todo custo. Infelizmente, o ser romântico nela queria amar e ser amada tanto que constantemente interpretava mal os sinais dos homens com quem tinha namorado. Ela acreditava que já havia se apaixonado antes - várias vezes. Cada vez que tinha

certeza de que o final feliz e mágico estava à frente, foi só para ter seu coração partido.

Agora se encontrava em outro momento, numa cidade romântica, com um homem extraordinariamente bonito que poderia ter saído das páginas de um de seus livros. Se cometesse o mesmo erro desta vez, e pior, decidisse ficar por causa disso, seria devastador. O fato de que ele não a amava poderia ser o menor dos seus problemas. E aconchegar-se com um litro de sorvete e assistir a filmes bobos até que terminasse de chorar, ou qualquer que fosse o equivalente disso no século XVIII, não iria consertar as coisas.

Além disso, já não se apaixonou por Mark? Mesmo quando esse pensamento lhe ocorreu, não parecia exatamente correto. Não conseguia identificar o porquê.

Ainda assim, isso não importava. Precisava se proteger, mantendo-o firmemente no reino dos “*amigo*”. Realmente acreditava que ele poderia ser como um irmão para ela até que as palavras saíram da sua boca. Não se sentia muito fraternal em relação a ele.

— Sara, você me ouviu?

— Desculpe, o quê?

— Você tinha um irmão?

Ugh. Ainda parecia um soco no estômago toda vez que pensava sobre isso.

— Sim. Ele era oito anos mais novo que eu. Mas ele e meus pais foram mortos em um acidente de carro.

— O que é um acidente de carro?

— Um carro é como uma carruagem que não requer cavalos. Ele usa um motor que queima gás, mas essa tecnologia não será inventada por cerca de cem anos. De qualquer forma, em meados do século XX, eles se tornaram muito populares e muito poderosos. Podem viajar em altas velocidades. Três anos atrás, todos nós estávamos num show de uma banda em sua escola. Ele tocava trombeta. Eu estava na pós-graduação na época e morava num apartamento perto da universidade, então fui sozinha. Eles estavam a caminho de casa e uma garota que estava indo rápido demais e não prestando atenção ao que estava fazendo entrou na pista deles. Aparentemente, papai desviou a cabeça, deu uma cambalhota e caiu num barranco.

— E eles morreram?

— Não instantaneamente. — Lágrimas brotaram nos olhos dela. — Meu pai morreu depois de algumas horas, mas mamãe e Josh foram gravemente feridos. Mamãe morreu depois de três dias. Josh viveu por mais oito dias depois disso.

Ele colocou seus braços em volta dela.

— Oh, Sara, eu sinto muito. Você tem qualquer outra família?

— Não. Sou só eu agora. — Ela descansou a cabeça contra o peito dele e sentiu-se muito bem. Mark nunca fizera isso. Não o conhecia ainda quando o acidente ocorreu e se o assunto surgia, ele corria para mudar para algo menos angustiante. Mas ela sabia que Benedict havia sofrido uma perda semelhante. Ele entendia.

— Eu sei o que é estar sozinho. Deve ter sido difícil para você. Ainda deve ser difícil.

Ela assentiu.

— Com o passar do tempo, ficou um pouco mais fácil. A dor ainda está lá, porém não tão aguda e intensa.

— Sim, é o mesmo para mim. — Ele beijou o topo de sua cabeça. — Eu temo que a dor nunca desapareça completamente, mas ficamos mais fortes com o tempo.

Ninguém a havia confortado assim há muito tempo. Mas, por mais que desejasse, se cedesse e se permitisse amá-lo, teria outro ente querido para lamentar a perda dentro de algumas semanas.

Recuou, enxugou os olhos e respirou fundo.

— Obrigado, Benedict. foi um dia agitado e eu estou cansada. Vou contar mais sobre o século XXI amanhã, mas, por enquanto, acho que vou lhe dar boa noite e procurar a minha cama.

Ele assentiu.

— Boa noite, Sara.

— Boa noite. — Ela praticamente fugiu da sala e subiu as escadas.

Capítulo 10 - *Nada a perder*

Sara estava cansada. Era o tipo de cansaço bom e satisfeito que sinalizava um dia em que muito foi realizado. Além da lavanderia, limpou e varreu os quartos antes de refazer as camas com os lençóis recém lavados.

O resto da roupa era um pouco assustador. Tudo precisava ser passado. Sabia que Benedict tinha outra pessoa para lavar a roupa, mas certamente sua mãe tinha ferros. Sara procurou até encontrá-los, empurrados para o fundo, na prateleira de baixo da despensa. Eram de ferro fundido preto. Ela tinha visto semelhante em lojas de antiguidades e sabia o suficiente de fotos antigas para entender como eram usados. Colocou-os no fogão para aquecer.

Não conseguia encontrar nada que parecesse uma tábua de engomar, mas tinha conseguido colocar toalhas na bancada da cozinha. Usou um ferro até esfriar e depois trocou para o outro. Começou com suas próprias roupas de baixo, imaginando que, se as estragasse, o dano não apareceria. Essa foi uma boa decisão porque, embora fosse agora a orgulhosa dona de uma anágua chamuscada, descobriu que o tecido precisava estar úmido. A tarefa levou horas, mas permitiu que tivesse muito tempo para planejar mais de seu novo livro. Sem ninguém na casa para ouvi-la, experimentou alguns diálogos. Até decidiu o título: *“A Passagem”*.

Quando terminou, era hora de preparar o jantar. Quando o último prato estava seco, estava cansada, mas muito orgulhosa de tudo o que tinha conseguido.

Então Benedict contou-lhe sobre Ceres.

Agora Sara estava deitada na cama, sua mente girando com as conseqüências de ter trocado de alma com alguém.

Na semana passada, toda a experiência foi uma brincadeira. Sara estava se divertindo muito e até comparou tudo a uma fantasia de férias. Mas havia uma grande falha nisso. Quando alguém ia para casa depois de umas férias brilhantes, novos amigos não eram perdidos para sempre, ninguém morria e ninguém ficava para lamentar um ente querido perdido.

Convencera-se de que, se nem ela nem Benedict sabiam quem era, poderia ser apenas ela mesma. Mas não era assim. Residia no corpo de Ceres Llewellyn e a única coisa que sabia sobre a garota era que ela queria evitar o pai.

Então, também, Sara se convencera de que Benedict era simplesmente o material de estudo de seu próximo herói. Mas ele não era. Era um homem do

século XVIII que vivia e respirava e que tinha sido muito gentil com ela. Mas agora ele teria que lidar com as consequências de sua morte iminente.

Talvez não devesse ter lhe pedido para deixá-la ficar. Talvez devesse ter pedido a ele para levá-la a Veneza. Poderia ter descoberto alguma maneira de sobreviver... pelo menos por alguns dias, ou então a quantia total alocada. Mas ela não suportava a ideia disso. O tempo que passava com ele era nada menos que mágico. Não queria desistir disso ainda. Também não queria que o amor se misturasse nessa bagunça toda. Além disso, aceitou o relógio para que pudesse pesquisar este momento e lugar. Então prometeu a si mesma manter o foco e evitar se apaixonar a todo custo.

Eventualmente adormeceu, mas seu descanso foi perturbado por sonhos que não entendia. Ela acordou na manhã seguinte, ainda cansada, mas se levantou e se vestiu rapidamente de qualquer maneira. Queria ver Benedict antes dele partir para o estaleiro.

Ela tinha alimentado o fogo e tinha a chaleira fervendo antes que ele descesse.

— Você acordou cedo.

— Um pouco, mas eu não queria perder você esta manhã.

Ele franziu a testa.

— Você parece cansada. Não tem que acordar antes de eu sair. Sou perfeitamente capaz de fazer chá para mim.

— Eu sei que sim, mas eu gosto de fazer as refeições para você.

— Eu gosto disso também. E gosto de lençóis limpos sobre a cama. Eu não sabia que você tinha lavado a roupa até que eu fui dormir. Obrigado.

— De nada. Você forneceu-me uma casa. É o mínimo que posso fazer.

— Ainda assim, não quero que você se desgaste. Volte para a cama por um tempo agora e descanse mais um pouco.

— Eu não conseguiria dormir se tentasse e eu não quero. Queria te perguntar uma coisa.

— Pergunte à vontade.

— Eu gostaria que você me levasse a Veneza hoje.

— Eu adoraria, mas realmente tenho que trabalhar. Vamos lá no domingo.

— Eu sei que você tem que trabalhar e não estou pedindo para você me acompanhar. Pensei em passear um pouco e ver como as coisas são. Você sabe, só a vida comum.

— Não, Sara. Isso está fora de questão. Você não pode andar em torno de Veneza sozinha. Não é seguro.

— É plena luz do dia. Nada pode acontecer.

— Todos os tipos de coisas podem acontecer. As mulheres jovens não passeiam em Veneza sozinhas. Você pode ser confundida com uma cortesã ou pior, uma prostituta. Você pode ir a Veneza quando eu puder ficar com você. Hoje não.

— Talvez eu pudesse me vestir como um rapaz. Ninguém iria prestar qualquer atenção em mim, então.

Benedict fez uma careta.

— Por favor, Ben. Eu só tenho sessenta dias aqui, oito dos quais já se foram. Há apenas sete domingos pela frente. Isso quase não é tempo suficiente. Os sessenta dias não são suficientes. Eu não posso desperdiçá-los.

— Eu acho que não é uma boa idéia. Mesmo vestida como um rapaz algo poderia acontecer com você.

— Será que você pode, pelo menos, pensar sobre isso?

Ele suspirou.

— Sim, eu vou pensar sobre isso.

Sara decidiu não pressioná-lo mais. Depois que ele pensava sobre isso, ela teria outra chance.

—Obrigada, Ben.

Preparou o café da manhã para ele e embalou um sanduíche e frutas para o almoço. Ela sorriu, pensando que eram necessários biscoitos. Iria tentar assar alguns hoje.

~ * ~

Benedict não conseguiu tirar o pedido de Sara de sua mente durante todo o dia.

Aliás, ele não conseguia tirar nada sobre Sara de sua mente. E todo pensamento, todas as lembranças estavam arraigadas no lugar em seu coração, que ele agora temia, ficaria vazio para sempre.

Forçou-se a lembrar que ela estava simplesmente aqui para aprender. Ela tinha que partir. Talvez devesse deixá-la fazer o que queria. Não tinha autoridade sobre ela.

Mas e se algo lhe acontecesse? Nunca se perdoaria.

E assim, a discussão consigo mesmo continuou incessantemente até o dia de trabalho acabar. Por esse motivo, realizou muito pouco. Ele navegou pela lagoa e ainda não tinha tomado uma decisão no momento em que andou até a casa do cais. Ver a luz que brilhava na cozinha fez seu coração doer de novo. Ela se tornou uma luz em sua vida. Permitiu-se imaginar isso, voltando para casa todos os dias pelo resto de sua vida, para Sara.

Como no dia anterior, Sara preparara uma refeição maravilhosa. Ela não levantou o assunto de ir a Veneza durante o jantar e meio que esperava que ela tivesse mudado de idéia ou esquecido. Mas essa era uma esperança vã.

Depois do jantar, serviu-lhes uma xícara de chá e colocou um prato de algo que ela chamava de *snickerdoodles*¹⁰ na mesa entre eles.

— Ben, você já pensou sobre eu passar mais tempo em Veneza?

Ben. Ela começou a chamá-lo assim e ele gostou.

— Parece que não pensei em nada além disso hoje. Sara, simplesmente não é seguro.

— Mesmo vestida de rapaz?

— Mesmo assim.

Ela virou a cabeça, claramente frustrada.

— Eu acho que você está levando isso muito a sério.

— É com a sua vida que eu estou preocupado. Eu acho que não é possível levar isso mais a sério.

Olhando diretamente para ele novamente, ela disse:

¹⁰ Tipo de biscoito feito basicamente de manteiga, farinha e açúcar; depois que as bolinhas são formadas, os biscoitos são passados em uma mistura de canela e açúcar.

— Eu sou inteligente e engenhosa. Acho que consigo ficar longe de problemas. Mas a verdade é que vou morrer de qualquer maneira. Se entrar numa situação ruim e as coisas se complicarem, sempre posso dizer a palavra de retorno e ir para casa mais cedo.

Esse pensamento rasgou seu coração. Não queria que ela fosse para casa mais cedo. Ele não queria que ela fosse de jeito nenhum.

— Se você fizer isso, nem terá seus sete domingos.

— Esse é um risco que estou disposta a correr.

Mas eu não. Ele olhou nos olhos dela, tão lindos e tão cheios de determinação. Por mais que ele quisesse, não poderia mantê-la trancada aqui. Embora ela estivesse segura, não seria feliz. Ela não estava aqui para ser sua esposa. Estava aqui para aprender e voltar ao seu próprio tempo.

— Está bem.

— Então eu posso ir amanhã?

— Amanhã não. Eu acho que será mais seguro você se vestir como um rapaz e isso vai dar algum trabalho. Minha mãe não gostava de jogar nada fora. Ela empacotou muitas coisas velhas no sótão, acreditando que poderiam ser úteis algum dia. Pode haver sapatos velhos lá. Ela também guardava uma caixa onde colocava roupas usadas para usar em trapos ou remendos e coisas do tipo. Acho que está no sótão. Espero que possamos encontrar algo que sirva. Mas você precisará alterar qualquer coisa que encontrarmos e ajustá-la. E suspeito que precisará fazer alguns reparos também. Se puder montar um traje adequado até amanhã, vou levá-la a Veneza na quinta-feira.

— O sótão? Podemos ir lá agora?

— Se você desejar.

Ele pegou uma lamparina e guiou-a pelas escadas estreitas que levavam ao sótão do segundo andar. Localizou a caixa e juntos passaram por ela. Ele encontrou um par de calças com os joelhos gastos e uma camisa amarrotada e manchada que provavelmente tinha sido sua quando tinha quinze anos ou mais. Ambos eram muito grandes e precisavam de algum trabalho para ficarem apresentáveis. Também localizou um baú contendo vários pares de sapatos antigos que haviam sido seus ao longo dos anos. Sara conseguiu encontrar um par que se encaixasse relativamente bem.

— Você vai precisar de um chapéu também. Eu tenho um no andar de baixo que está um pouco desgastado. Pode ser um pouco grande demais, mas como você

precisa colocar o cabelo nele de qualquer maneira, espero que caiba. Você pode usar suas próprias meias.

Ela sorriu.

— Tudo isso é ótimo. Eu vou trabalhar nisso amanhã.

Incapaz de combinar seu entusiasmo, ele apenas assentiu.

— Ben, sei que você está preocupado, mas tenho certeza de que nada vai dar errado. Eu vou experimentar a vida cotidiana e, no final do dia, voltarei para o Arsenale a tempo de voltar para casa com você.

Casa. Talvez se ela pensasse em casa, decidisse não ir embora. Talvez também fosse uma esperança vã, mas precisava de algo para se agarrar, se quisesse sobreviver nos próximos cinquenta dias.

Capítulo 11 - *Nada a perder*

No dia seguinte, Sara trabalhou por horas em suas roupas de rapaz. Ela colocou uma panela de sopa à tarde, para continuar trabalhando e terminar o projeto.

Depois que foram lavadas, colocou as tiras no cóis da calça, moveu os botões um pouco e ajeitou os joelhos. A camisa era muito grande. Quase a reconstruiu do zero. Cortou os braços nos ombros. Seria mais fácil encurtá-las assim do que nos punhos. Cortou os lados, alguns centímetros do fundo e o cercou, depois costurou as mangas novamente. Ainda era grande demais, mas não estava mais nadando nela.

Quando Ben chegou em casa naquela noite, ela o cumprimentou com a fantasia.

— Eu tenho que admitir que não é ruim. Se alguém olhar de perto, é provável que perceba que você não é um menino. Mas com sorte nem te notarão, muito menos olharão com cuidado.

— Então, você vai me levar?

Ben assentiu.

— Eu ainda acho que é má ideia, mas sim, eu vou.

Infelizmente, acordaram na manhã seguinte com o céu pesado e chuva. Por mais que ela quisesse ir, passar o dia todo na chuva não era atraente, então concordou em esperar até sexta-feira.

A manhã de sexta-feira amanheceu clara e brilhante e Sara estava fora de si com tanto entusiasmo.

Enquanto navegavam pela lagoa, Ben reeditou todos os avisos que lhe dera desde que concordara com a viagem.

— Fique na área perto de San Marco. Do Arsenale, apenas ande ao longo da água. Se você se perder quando estiver na cidade, siga para o oeste até poder ver a torre da catedral ou chegar à água. Da água, você deverá poder ver a torre da catedral e voltar para a praça. Seja cuidadosa. Evite fazer contato visual com as pessoas. Eu vou te dar alguns soldos apenas no caso de você precisar.

— Você já me disse tudo isso, Ben.

— Eu sei. Estou apenas orando para que você ouça e lembre.

— Eu vou ficar bem. Pare de se preocupar. A que horas devo retornar ao Arsenale?

— Não volte para lá. Eu moverei o barco para mais perto de San Marco e encontrarei você na base da torre. Se alguém perguntar, seu nome é Sal. Se insistirem, seus pais estão mortos e você veio de Pádua para morar com uma tia. Se empurrarem mais, ela mora em Burano e faz renda.

— Por que não dizer apenas que ela mora no Lido? Estou pelo menos familiarizada com essa ilha.

— Pode ser, mas você nunca esteve na aldeia. Além disso, porque tão poucas pessoas moram lá, se a pessoa que estiver questionando souber alguma coisa sobre o Lido, destruirão essa história em instantes. Mais pessoas moram em Burano. Será mais difícil refutar sua história. Mas esperamos que você possa evitar qualquer dúvida, se não ...

— Eu sei, se eu não fizer contato visual com ninguém. Ben, eu vou ficar bem.

Então, logo após o nascer do sol, Sara se viu andando sozinha por Veneza. A Praça San Marco estava quieta. Ela se lembrava de ter lido sobre Erbaria, um lugar perto da ponte de Rialto, onde vendedores montavam barracas para vender ervas frescas, frutas e legumes.

Ela viu mais pessoas conforme se aproximava para o Grande Canal. Mas teve que abafar o riso estranho. Quase todas essas pessoas estavam fazendo o que no seu tempo teria chamado a caminhada da vergonha. Todos parecia como se tivessem estado fora durante toda a noite e estivessem apenas se arrastando para casa, ainda vestindo suas melhores roupas de noite.

Cruzou o Grande Canal na Ponte Rialto e continuou até o Erbaria. Passou pelo menos uma hora vagando ao redor da área, imersa nas imagens e nos cheiros, querendo lembrar de cada detalhe. Uma vez que tinha absorvido tudo voltou para a Rialto até que se encontrou no local onde, em seu tempo, conheceu Gertrude. Era absolutamente incompreensível que tivesse estado aqui neste ponto exato menos de duas semanas atrás, duzentos e quarenta e oito anos no futuro.

Ela pensou nos eventos daquela tarde e percebeu que o pequeno beco fechado que decidira que atuaria como seu portal do tempo, era um pouco mais para baixo do outro lado do canal. Tinha que ver se estava lá ainda. Toda a sua história poderia ficar arruinada se não estivesse. Ela atravessou a ponte e começou

a procurar a entrada. Não tinha o benefício da pequena loja de presentes para turistas, com seus estandes cheios de cartões na frente como seu ponto de referência. Mas eventualmente encontrou-o.

“Oh. Meu. Deus. Eu não posso acreditar”. Começou a andar por ele, então hesitou. E se realmente fosse um portal do tempo e acabasse na moderna Veneza de novo? Deu uma risadinha. *“Não seja boba. Não existe um portal de tempo”.* Ela entrou na passagem, mas antes de chegar à abertura para a pequena praça, a luz no fim foi bloqueada por um homem entrando nela.

Continuou com a cabeça baixa evitando o contato visual, como havia prometido a Ben que faria. Mas ele parou na frente dela. Preenchendo o pequeno espaço.

— Bem, bem, o que temos aqui?

Sara não tinha certeza do que dizer, então não disse nada, ainda mantendo a cabeça baixa.

— Você está no meu caminho, garoto.

— Desculpe, senhor. — Ela se virou para voltar pelo caminho pelo qual tinha vindo, mas ele agarrou seu braço, parando-a.

Ele agarrou o queixo dela com a outra mão, sacudindo a sua cabeça para cima.

— Eu gosto de garotos bonitos como você. Venha comigo. Você pode pagar por bloquear meu caminho e, se for muito bom, posso encontrar um ou dois soldos para lhe dar.

O que diabos estava pensando quando aceitou o relógio? Ela fez isso por um romance e agora estava prestes a ser molestada. *“Você poderia ter usado apenas o Google, Sara.”*

— N-n-não, senhor — ela gaguejou. — Eu...

— Sal, rapaz, o que está mantendo você? — Veio uma voz familiar atrás do homem.

O homem soltou Sara.

— Você é realmente um menino? Vá para a sua avó. — Ele passou por Sara e continuou pela passagem.

Sara correu em direção à figura encapuzada que ficava na pequena praça.

— Gertrude?

— Claro. O que você está fazendo aqui? E vestido como um menino não menos?

— Eu tenho tanto para lhe contar. Eu não me afoguei.

A velha inclinou a cabeça e sorriu.

— Evidentemente.

Sara riu.

— Quero dizer, eu fui capaz de nadar até o Lido. Um homem, Benedict MacIan, encontrou-me lá e está me deixando ficar com ele.

— Eu sei tudo sobre Benedict MacIan. Mas isso me traz de volta à minha primeira pergunta. Por que você está aqui sozinha, vestida como um rapaz?

— Eu disse a ele sobre o relógio e sobre como eu quero aprender tudo o que puder sobre o século XVIII e Veneza para o meu próximo livro. Ele só pode vir comigo nos dias em que não está trabalhando e eu não tenho muito tempo. Convenci-o de que esta seria uma maneira de eu poder observar a vida aqui.

Gertrude estalou e balançou a cabeça.

— Não me surpreende que você pense nisso ou que ele não saiba por que essa é uma idéia horrível. Mas você quase teve uma amostra da vida aqui que você não teria gostado. Venha, vamos tomar um café e conversar um pouco.

— Eu só tenho alguns soldos. Não posso pagar café. Achei que a Starbucks era cara.

— Eu vou pagar pelo nosso café. O Caffè Florian não ficará lotado tão cedo de manhã.

— É aí que eu fui com Ben. Talvez um café que não esteja bem na Praça San Marco seja mais econômico.

— Talvez, mas o Florian é o único café que permite mulheres.

— Você está brincando.

— Eu não brinco.

Sara deu um passo ao lado de Gertrude e elas caminharam em direção a San Marco. Ao passarem por um teatro chamado Teatro San Luca, Sara parou e olhou para ele.

— Esse parece o teatro que estava ao virar da esquina do meu hotel no século XXI.

— É esse teatro. É chamado Teatro Goldoni agora. De fato, Carlo Goldani¹¹ está escrevendo *Gl'innamorati*¹², não muito longe daqui, enquanto falamos.

Gertrude apontou várias vistas enquanto caminhavam, mas não começou a conversa até que estavam sentadas no Florian's e foram servidas. Se as pessoas em Florians desaprovassem o que parecia ser um menino de rua no meio delas, não reagiram.

— Você não precisa se preocupar com sua aparência, moça. Quando você está comigo, eles só veem e ouvem o que eu quero que vejam e ouçam. Podemos falar livremente por agora.

— Como você sabia... não importa.

Gertrude riu.

— Aprendendo, você está? Boa. Então, agora de volta à situação em questão. Você está em La Serenissima, a Sereníssima República de Veneza, no século XVIII e há algumas coisas que precisa saber. Esta cidade é a cidade mais escandalosa do mundo no momento. Abunda com todos os tipos de vícios. Corrupção política, jogos de azar, devassidão e decadência moral geral. Não me entenda mal, eu não estou aqui para julgar, mas você deve entender as coisas para permanecer em segurança.

— Bem, eu sabia que cortesãs eram comuns, mas...

— Minha querida, as cortesãs são apenas uma parte de toda a cultura. Francamente, a revolução sexual abundante nessa cidade seria rival à dos anos 1960 na América. Por exemplo, muitas nobres têm o que chamam de servente cavaleiro. Um homem com o mesmo status social que age como marido, pelo menos moderno. Eles as adoram e acompanham para festas ou ópera. E na maioria das vezes também são amantes delas.

— E os maridos estão bem com isso?

¹¹ Carlo Goldoni (Veneza, 25 de fevereiro de 1707 — Paris, 6 de fevereiro de 1793) foi um dramaturgo veneziano. É considerado um dos maiores autores europeus de teatro e um dos escritores italianos mais conhecidos fora da Itália.

¹² Os amantes, peça de comédia de Carlo Goldoni publicado em 1759

— Seus maridos ficam aliviados com isso. Eles têm cortesãs ou talvez sejam um servo arrogante para outra nobre. Você escreveu alguns romances históricos. Sabe que os casamentos nobres estão organizados para formar alianças, aumentar o poder e a riqueza familiar ou qualquer número de razões políticas. O amor não faz parte da equação. Assim, todas as partes procuram afeição e romance fora do casamento. Isso funciona para eles.

— Entendo.

— Quanto às cortesãs, elas são uma classe de mulheres totalmente liberadas. Muitas são mulheres altamente educadas, talentosas, equilibradas e bonitas, que são sexualmente adeptas e menos contidas do que as mulheres nobres. E há tantos tipos diferentes de cortesãs quanto há apetites masculinos. Alguns homens gostam de curvas exuberantes e voluptuosas, outros mulheres mais velhas com habilidades comprovadas. Alguns homens procuram mulheres muito magras com figuras de menino. Assim, existem algumas cortesãs que se vestem como meninos. O homem naquele beco sabia que você não era um garoto e presumiu que era uma cortesã ou, mais provavelmente, dado o estado do seu traje, uma prostituta.

A boca de Sara ficou boquiaberta.

— Mas não foi por isso que me vesti de menino. Tanto Ben quanto eu pensamos que seria mais seguro.

— Eu posso entender isso. Mas Benedict levou uma vida chocantemente protegida para um homem que vive na República Serena. Seus pais não eram venezianos e possuíam valores diferentes. Como viviam separados, ele não foi exposto a alguns dos aspectos comuns e, talvez, mais mundanos da vida aqui.

Sara suspirou.

— Então, eu não posso passar o tempo sozinha aqui. Estou limitada aos sete domingos que me restam.

— O que é que você quer ver aqui, minha querida?

— Apenas uma fatia normal da vida cotidiana de Veneza. Quero capturá-la com a maior precisão possível no meu livro.

Gertrude riu.

— A vida em Veneza é comum. Mas se você quiser experimentar o que realmente é, talvez precise conhecer alguém mais capaz de ajudá-la a fazer isso do que Benedict. Talvez uma cortesã seja apenas a pessoa certa.

— Mesmo? Você conhece alguém que possa me apresentar?

— Minha querida, claro que posso te apresentar. Devemos ir agora?

— Sim, obrigada. Mas não precisamos pagar nossa conta?

— Já está cuidado.

Mais uma vez, Sara seguiu Gertrude pelo labirinto de ruas e becos de Veneza até parar em frente a uma porta.

— Aqui estamos nós. — Ela bateu.

Um criado de libré chegou à porta.

— Bom dia. Posso ajudar?

Gertrude sorriu.

— Sim, obrigada. Por favor, diga à La Signora Peretti que Gertrude está aqui para vê-la.

— Certamente. Permita-me acompanhá-la à sala de visitas.

— Obrigada.

Ele levou Sara e Gertrude para uma sala de visitas bem equipada antes de entregar a mensagem à sua patroa.

Mal tinham tomado seus lugares quando ouviram o barulho de passos rápidos nas escadas e uma mulher incrivelmente bela com pele morena, cabelos escuros e olhos escuros invadiram a sala.

— Gertrude! Meu anjo favorito. Eu não posso acreditar que é você. Já faz muito tempo!

Gertrude se levantou e abriu os braços para abraçar a mulher.

— Zina, minha moça bonita, como vai?

— Estou bem, obrigada. Eu perguntaria o mesmo, mas sei que você é suprema e está perpetuamente bem.

— Sim, eu sou.

O olhar curioso de Zina varreu Sara.

— E quem é essa?

— Esta é a senhorita Sara Wells. Sara, esta é Rosina Peretti, conhecida por seus amigos como Zina.

— Prazer em conhecê-la — disse Sara, estendendo a mão.

Zina parecia divertida, mas aceitou seu aperto de mão.

— Da mesma forma. Ela é americana? — perguntou Zina a Gertrude.

— Sim, é. Mas ela aceitou o relógio de bolso apenas um pouco menos de duas semanas atrás, nesta mesma cidade.

Zina sorriu.

— Mas em que ano?

— Antes de você fazer e isso é tudo que eu vou dizer. É provavelmente um desperdício de tempo precioso para vocês duas discutirem o futuro. Então, vamos aos detalhes importantes. Sara é uma autora de romance. Ela aceitou o relógio para obter um conhecimento profundo de Veneza como é agora. Está ficando com uma amiga no Lido que não é realmente capaz de lhe mostrar muito do lado lendário de Veneza.

— Ah, você a encontrou vagando por Veneza parecendo um petisco delicioso?

— Sim.

Zina se virou para Sara.

— Esse é um dispositivo de enredo fantástico, mas não vai funcionar aqui.

— Eu aprendi isso. Gertrude me resgatou.

— Isso é uma coisa muito boa. — Zina voltou sua atenção para Gertrude. — Então, você a trouxe para conhecer sua cortesã favorita?

Gertrude riu.

— Algo parecido.

— Sara, você quer se passar por cortesã? — Perguntou Zina.

— Não, eu não acho que seria capaz de fazer isso.

— Hum. Então, talvez a melhor maneira de fazer isso seja ter você como empregada doméstica para mim. Você vai ver muita coisa. Eu posso dar

explicações quando necessário e me certificar de que está segura. Ninguém vai incomodá-la se você estiver comigo.

Sara franziu a testa. Não queria deixar Benedict.

Gertrude sorriu.

— Zina, se não estou muito enganada, Sara está aproveitando o tempo que passa com seu novo amigo.

Zina sorriu e arqueou uma sobrancelha.

— Eu não vou perguntar. É melhor assim. Mas talvez gostaria de passar dois ou três dias por semana comigo. Você pode fingir que me ensina inglês. Eu tenho fingido que preciso aprender há anos, mas ninguém tem tido sucesso. — Zina riu alegremente. — Então as pessoas falam inglês livremente na minha frente.

Gertrude balançou a cabeça em censura fingida.

— Honestidade é uma virtude, querida. Aponte para isso.

Zina riu novamente.

— Deixar de lado os meus caminhos perversos? Talvez um dia, Gertrude. O que você diz? Só o tempo irá dizer.

— Não há nada de mau em você, moça. A grande parte da maldade está na intenção. Você tem um bom coração e nunca se esquece disso.

Zina sorriu.

— Obrigado, Gertrude.

— Agora, queridas, vou pedir-lhes que não exerçam sua curiosidade natural com relação ao passado uma da outra no futuro. Se você voltar, Sara, Zina estará em algum lugar no seu tempo. Seria uma tremenda tentação encontrá-la, mas você não deve. E Zina, você pode inadvertidamente dizer algo que revele algum evento futuro para Sara. Isso pode ter consequências graves. Viva no presente.

Ambas as mulheres assentiram.

Sara disse:

— Eu entendo.

— Estou desesperadamente curiosa, mas vou segurar a minha língua — disse Zina.

— Bom. Bem, então é hora de eu ir. — Ela abriu os braços para Sara. — Dê-me um abraço garota.

Ela entrou no abraço da velha e foi imediatamente preenchida com o tipo de calor e confiança que ela experimentou no dia em que conheceu Gertrude.

— Obrigada. Obrigada por tudo, Gertrude.

— De nada minha querida. — Quando ela soltou Sara, virou para Zina, — Você também, moça. Me dê um abraço.

Zina se fundiu nos braços de Gertrude.

— É sempre bom ver você, anjo. Você virá de novo?

— Só o tempo dirá, moça. Só o tempo irá dizer.

Quando Zina saiu do abraço, limpou uma lágrima de sua bochecha.

— Bem, eu não vou dizer adeus de qualquer maneira. Até logo.

— Até mais, meninas. — E com isso ela desapareceu.

Sara olhou para Zina.

— Espere um minuto, você a chamou de anjo?

— Sim.

— Então, ela é um anjo? Um verdadeiro anjo?

Zina deu de ombros.

— Ela diz que é chamada de muitas coisas. Nenhum deles abrange seu verdadeiro ser, mas a palavra *anjo* funciona tão bem quanto qualquer outra.

Capítulo 12 - *Nada a perder*

Benedict esteve no limite o dia todo, então o alívio que sentiu quando a viu esperando por ele na torre era profundo.

Quando o viu, ela praticamente pulou para ele.

— Ben, eu tenho muito a dizer-lhe.

Ele queria envolver seus braços ao redor dela e não a deixar ir, mas não podia.

— Eu não posso esperar para ouvir tudo sobre isso, mas talvez você deva esperar até estarmos a caminho.

Ela assentiu.

— Isso é provavelmente o melhor.

Mas no instante em que entraram na lagoa e fora do alcance da voz, ela se lançou em sua história.

— Santa mãe de Deus. Um homem te abordou? Mesmo disfarçado de menino? Graças a Deus Gertrude estava lá para te salvar.

Ele não deveria ter ficado chocado com a explicação dela. Sabia que Veneza tinha um ventre que não combinava com sua beleza exterior.

— Bem, isso acontece. Você não vai entrar em Veneza sozinha novamente.

— Há mais na história, Ben.

Ela continuou contando sobre a cortesã chamada Zina, a quem Gertrude a apresentou.

— Ela diz que a melhor maneira de eu ter uma compreensão real de Veneza é passar algum tempo com ela.

— Gertrude acha que é uma boa ideia?

— Sim. Zina sugeriu que eu posasse como serva ou professora de inglês alguns dias por semana.

Benedict franziu a testa.

— Passei o dia com ela. Honestamente, ela sabe muito sobre a cultura veneziana, e eu não poderia encontrar uma fonte melhor para a informação que preciso.

Depois de muita discussão, e mais uma vez contra seu melhor julgamento, Benedict concordou que ela poderia passar dois dias por semana com Zina, a cortesã.

Sara agradeceu.

~ * ~

Na noite de domingo, Benedict estava convencido de que havia entrado em um dos círculos do inferno. Ele quase preferiria ter o castigo que os deuses deram a Sísifo, perpetuamente rolando uma pedra para cima apenas para que ela rolasse de volta para baixo. A frustração que sentia por estar tão perto de Sara, achando-a tão desejável em todos os níveis, e sabendo que ela não poderia ser sua, poderia apenas matá-lo. Ainda assim, preferia ter esse tempo com ela do que nada.

Eles não foram a Veneza naquele dia. Como ela teria a oportunidade de passar tanto tempo lá nas próximas semanas, disse que queria ficar no Lido e dar a ele um gostinho de sua cultura.

— Eu quero levá-lo a um piquenique à tarde.

Ele não tinha certeza do que era um piquenique, mas concordou e enquanto trabalhava no sábado, ela preparou tudo.

Ele foi à missa na aldeia. Ela teria gostado de acompanhá-lo, mas ambos sentiram que era melhor manter a sua presença no Lido o mais sigilosa possível.

— Eu terminarei de preparar tudo enquanto você estiver fora — ela prometeu. E fiel à sua palavra, depois que ele voltou, estava pronta para ir. Tinha uma cesta cheia de frango frito, salada de tomate e pepino, pão fresco e crumble de cereja. No topo de tudo, havia uma toalha de mesa e guardanapos. Ele não tinha certeza de onde ela achava que seria a mesa, mas não comentou.

Ela tinha outro cesto contendo pratos, utensílios, copos e três garrafas de vinho.

— Você não acha que é um vinho demais para uma tarde?

— Apenas uma das garrafas tem vinho. Enchi uma garrafa de vinho vazia com água e outra com chá doce.

— Chá doce? Eu pensei que você tomava seu chá preto. Além disso, estará frio em pouco tempo.

— Eu geralmente bebo chá preto e o chá doce já está frio. Como não temos gelo, resfriei-o no poço.

Ele franziu a testa.

— Por que você faria isso?

— Porque eu gosto. É algo que bebemos, especialmente no verão. É uma necessidade absoluta para um piquenique. Nós o chamamos de chá gelado e, se adoçado, é chamado chá doce. Embora estritamente falando, isso não é exatamente um chá doce. Chá doce é carregado com açúcar. Eu gosto do meu chá um pouco doce.

Benedict carregara as cestas e Sara levava um lençol de linho e algumas toalhas enquanto caminhavam juntos até a beira da praia arenosa do lado adriático do Lido. Ela espalhou o lençol na sombra sob as árvores, depois arrumou a toalha de mesa no lençol e preparou a refeição.

Ele não tinha ideia do que esperar do frango frito, mas estava delicioso. O tomate e salada de pepino agradável e refrescante. Até mesmo o doce chá não era ruim. Mas o crumble de cereja desafiou as palavras.

Quando não podia mais dar outra mordida, ele deitou-se com as mãos sob a cabeça.

— Sara, acho que gosto de piqueniques. Não, amo. A refeição foi talvez a melhor que eu já comi.

— Bem, sempre me disseram que *“o caminho para o coração de um homem é através do estômago.”*

— O quê?

Ela riu.

— Você sabe o velho ditado... não, eu acho que você não sabe. A mulher que o disse primeiro ainda não nasceu. Mas isso significa que se você alimentar bem um homem, ele vai se apaixonar.

— Bem, funcionou em mim. — *“Cristo, todo-poderoso, eu disse isso. Apenas continue e talvez ela não note.”* — Conte-me sobre ela.

Ela inclinou a cabeça para um lado como se não tivesse entendido o que ele acabara de dizer.

— Eu quero dizer a mulher que disse isso primeiro.

— Oh. Ela era, ou eu acho que será, uma colunista de jornal e autora daqui a cem anos. Ainda era muito difícil para as mulheres entrarem no campo literário. Ela foi pioneira em muitos aspectos. Apoiou o direito das mulheres de votar e criou o primeiro clube para mulheres escritoras e artistas.

— Você realmente a admira.

Sara sorriu. Estava quente e melancólica. Feliz e triste ao mesmo tempo.

— Eu a admiro. Minha mãe realmente a admirava também. Ela me deu o nome dela.

— Qual era o nome dela?

— Ela foi publicada sob o nome de *Fanny Fern*¹³. Mas mamãe temia que, se me desse o mesmo nome, as crianças tirassem sarro de mim. Eram nomes realmente antiquados quando eu nasci e a palavra “*fanny*” virou gíria para o lado de trás ou mesmo em alguns lugares, para as partes íntimas de uma mulher.

Ele riu e ela sorriu e corou.

— O verdadeiro nome de Fanny Fern era Sara Willis, então meus pais me deram o nome de Sara Fern Wells.

Sara ficou em silêncio e olhou para longe, em direção ao mar. Uma melancolia tranquila caiu sobre ela.

Depois de um momento, Benedict se sentou e pegou a mão dela.

— Eu sinto muito.

Tomando sua mão, ela sorriu.

— Por quê?

— Por lembrá-la de sua perda.

— Está tudo bem. Eu gosto de recordá-los, mesmo que isso me deixe um pouco triste. Minha mãe era uma mulher muito forte e queria que eu fosse assim também. Ela me deu o nome de uma mulher forte que admirava. Eu acho que sempre quis ser escritora por causa das coisas mãe que minha mãe me contou sobre Fanny Fern.

¹³ Samambáia
<https://www.civilwarwomenblog.com/fanny-fern/>

— Você é uma mulher forte. Eu nunca conheci ninguém como você. Se você é um produto do seu tempo, eu acho que gostaria de lá.

Ela suspirou.

— Eu adoraria levá-lo comigo.

E lá estava, a lembrança de que ela iria embora. Ele precisava mudar de assunto.

— Então me diga, Sara, o que mais as pessoas fazem em piqueniques?

Ela sorriu.

— Jogar jogos, ou se estão numa praia como esta, nadar.

— Você quer nadar?

— Eu adoraria, mas não posso muito ir para a água completamente vestida.

— Você poderia tirar algumas camadas.

— Não, isso seria escandaloso. E se alguém me vir? Eu não posso nadar. — Mas o olhar de desejo em seu rosto disse a ele que queria, escandaloso ou não.

— Ninguém vai vê-la. Esta praia é sempre deserta. Vou ficar vigiando. Se vir alguém, você pode correr de volta aqui e vestir-se antes que estejam perto o suficiente para ver.

Ela riu.

— Você ficaria perto o suficiente para ver.

— Bem, se isso te faz sentir melhor, eu já a vi com uma camisola molhada.

— Eu acho que sim. E honestamente, cobre mais do que o meu traje de banho em casa. — Ela olhou para o mar com saudades. — Você irá comigo?

Por tudo que era sagrado, alguém diria não a isso?

— Claro que eu vou.

Seu rosto se dividiu em um sorriso.

— Tudo bem então. Vamos fazer isso.

Ele tirou apenas a camisa e ela o vestido. Então passou a tarde mais deliciosa da sua vida nadando e brincando na água com ela. Sua ninfa do mar, a

menina do nada estava de volta e ele a adorava. Foi uma bênção que a água estivesse agradavelmente fresca. Caso contrário, ver sua roupa molhada agarrar-se a suas belas curvas o teria tornado desagradavelmente duro.

Agora, horas depois, estava sozinho em sua cama pensando nela e amaldiçoando-se por ser um tolo.

~ * ~

Essa tarde, foi a primeira vez que Sara viu Ben sem camisa. Quando ele atravessou a areia em nada além daqueles calções apertados, quase babou. Então ele entrou no mar, mergulhou na água e emergiu novamente, empurrando o cabelo molhado para trás. A água em seus peitorais e abdominais de tábua de lavar brilhava ao sol. Na sua opinião, ele era o epítome da perfeição masculina, e podia encará-lo feliz o dia todo.

Mas quando ele caminhou de volta para a água mais rasa, seus calções escorregaram para baixo em seus quadris, e algo mexeu dentro dela que não era remotamente fraternal. O desejo cru varreu-a, tirando-lhe o fôlego. Imaginou-se nua em seus braços, em sua cama... *‘não, Sara, canalize isso. Kyra é quem consegue pular nos ossos sexy de Rafe.’*

Mas quando se deitou na cama naquela noite e o sono finalmente a reivindicou, não foi com Kyra e Rafe que ela sonhou.

Capítulo 13 - *Nada a perder*

Os sonhos de Sara não fizeram nada para aliviar seus desejos carnavais. Na manhã seguinte, Ben levou-a através da lagoa na gôndola. Embora Sara dissesse que podia andar do Arsenale, Ben vetou isso.

— Vou levá-la para a casa da *Signora* Peretti. Você disse que está no Rio de San Luca e que ela tem uma *porta d'acqua*, uma porta d'água. Eu posso levá-la diretamente lá na gôndola e será muito mais discreto. Se eu for visto navegando pela lagoa três dias por semana com a mesma mulher, haverá conversas. Além disso, como o pai de Ceres é comerciante, ele é bem conhecido entre os proprietários dos estaleiros navais. Alguém poderia juntar as coisas.

Dentro do feltro da gôndola, ela não podia ser vista facilmente.

Mas podia assistir o belo Ben enquanto ele remava. “*Pare com isso, Sara. Coloque Kyra nesta gôndola e deixe-a desmaiar por Rafe.*”

Quando chegaram à casa, Ben ajudou-a a sair e a subir os degraus da porta d'água, continuando a segurar a sua mão por um momento.

— Eu voltarei para você entre as cinco e as seis e meia da tarde.

Como esse contato casual poderia ser tão sedutor? Sua boca ficou seca. Ele disse algo para ela.

— Tem algo errado, Sara? Eu devo vir mais tarde?

“*Oh, certo, a hora em que ele vai me pegar.*”

— Não, isso está bem. Até lá então.

Ele beijou as pontas dos seus dedos antes de recuar e se afastar da parede.

Ela o observou se afastar por um momento antes de bater na porta.

O mesmo criado que as havia recebido no dia anterior atendeu a porta.

— A *signora* está em seu quarto. Pediu que eu lhe levasse lá assim que chegasse.

E assim começou.

A primeira coisa que Zina fez foi esclarecer os equívocos de Sara sobre exatamente o que uma cortesã era. Sara tinha pensado em cortesãs como ... bem,

garotas de programa, prostitutas caras, mas Zina explicou que não era tão simples assim.

— As prostitutas caminham pela rua ou trabalham em um bordel, na maioria das vezes porque não têm escolha. É um último recurso – vender-se ou morrer de fome. As cortesãs escolhem o seu estilo de vida e, para ser honesta, o sexo é apenas uma pequena parte dele.

— O *seu* estilo de vida?

— Sim. Sara, neste tempo, a menos que você nasça na nobreza, a vida é freqüentemente penosa. Existem regras sobre o que você tem permissão para usar, o que tem permissão para possuir e onde pode ir.

— Leis suntuárias?

— Exatamente. Mas essas regras são ignoradas pelas cortesãs. Francamente, há pouca diferença entre uma cortesã e uma nobre, exceto que uma cortesã tem muito mais liberdade. Na verdade, não é incomum que mulheres de riqueza que são viúvas se tornem cortesãs. Existem até algumas nobres viúvas que vêem os benefícios da nossa vida.

— Quais são os benefícios?

Zina riu.

— Uma cortesã habilidosa é dotada por seus nobres benfeitores. E qual é a única responsabilidade dela? Ser uma companheira linda e charmosa.

— E toda a parte do sexo? Isso não te incomoda?

— Por que deveria? Nós somos ambas do século XXI. Eu conhecia muitas mulheres lá – todas em relacionamentos monogâmicos em série, lembre-se – que dormiram com mais homens do que eu. Eu gosto de sexo e sei como agradar um amante e garantir que ele me agrade. Não vejo nada de errado com isso.

Sara teve que concordar com ela.

— Acho que entendo isso. Eu só tive alguns namorados, mas a maioria das minhas amigas na faculdade tiveram um bom número. Elas diziam que “você *tem* que beijar muitos sapos antes de encontrar o Príncipe Encantado”. Ainda assim, talvez seja a escritora de romances em mim, mas prefiro me estabelecer com um homem.

— E eu posso entender isso. Na verdade, eu fiz isso. Foi maravilhoso. Eu amava meu marido com tudo em mim e era igualmente adorada.

— O que aconteceu?

Uma sombra cruzou o rosto de Zina.

— Ele morreu.

— Foi quando Gertrude lhe ofereceu o relógio de bolso?

Zina sacudiu a cabeça.

— Ela me ofereceu o relógio de bolso antes de eu me casar. Eu conheci Alberto aqui. Nós nos apaixonamos e eu fiquei. Tivemos um filho. — Ela fez uma pausa por um momento, com um sorriso triste no rosto. — Um garotinho perfeito que era a imagem de seu pai. — Ela parou novamente, parecendo conter as lágrimas. — Tragicamente, ambos ficaram doentes ao mesmo tempo e eu os perdi quase ao mesmo tempo. Foi algum tipo de infecção respiratória e febre que progredia rapidamente. Isso foi a quinze anos atrás.

Quinze anos.

— Oh meu Deus. Zina, me desculpe.

— Obrigado. Foi uma perda devastadora.

— Depois que aconteceu, você se arrependeu de ficar?

— Não. Nem por um instante. Roberto era o meu coração. Eu nunca poderia tê-lo deixado.

Talvez fosse uma pergunta muito íntima, mas havia cruzado os lábios de Sara antes que pudesse pará-la.

— Sabendo o que você sabe agora, se pudesse ter evitado toda a dor ao não aceitar o relógio, teria feito isso?

— Você quer dizer escolher nunca conhecer esse tipo de amor? Simplesmente para evitar a dor? Não. Pode ser verdade que, se você nunca dissesse olá, também não terá que dizer adeus, mas oh, minha querida garota, aquilo de que você sentiria falta é quase impensável. Roberto era minha alma gêmea. E nunca ter segurado meu precioso pequeno Marco? Não. A dor de sua perda é um preço alto a pagar, mas não me arrependo. Cada momento com eles foi incomparavelmente mais valioso. — Ela limpou uma lágrima de sua bochecha. — Eu os verei novamente. Estou confiante nisso. Se aprendi uma coisa com o relógio de bolso, é que as almas são reais, únicas e existem além do corpo mortal. Isso é um grande conforto.

— Você deixou uma família para trás? Quero dizer pais e irmãos e tal.

Zina sorriu.

— Gertrude nos advertiu para não irmos até lá e agora acho que sei por quê. Poderíamos passar horas falando sobre nossas vidas no século XXI, mas você tem uma quantidade limitada de tempo e muito a aprender.

— Você está certa. O que vem primeiro?

— Primeiro, uma cortesã deve ser bonita. — Ela riu. — E à medida que envelheço, demora mais e mais tempo. Felizmente, o estilo em Veneza é para uma aparência mais natural. Na França e na Inglaterra, usam maquiagem branca, que, se bem me lembro, continha chumbo e outros metais pesados. Eca.

— Está exagerando. Não pode levar horas.

Mas levou. Um cabeleireiro criava um design elaborado todos os dias, que nunca levava menos de uma hora.

Nas duas semanas seguintes, Sara aprendeu todos os detalhes da vida de uma cortesã. E começou a entender o apelo. Zina poderia percorrer toda Veneza, acompanhada apenas por criados, e fazia tudo o que desejasse. Ela tinha os meios para comprar jóias, livros, vestidos luxuosos ou café no Florian's. Na verdade, ia lá quase todas as tardes.

Sara parecia terrivelmente deslocada. Ela estava limpa e comparativamente bem vestida, mas claramente não era uma mulher da sociedade nem outra cortesã. Se alguém fosse rude o suficiente para perguntar, Zina respondia à pergunta com uma risada.

— Ela é minha nova professora de inglês. Nós estamos praticando.

Sara adorava café e, enquanto o chá era um substituto razoável, desfrutava muito do Florian's.

Depois de um desses passeios, vagaram por algumas ruas laterais procurando lojas. Sara parou em frente a uma loja de máscaras, admirando as belas criações.

— Adoráveis, não são? — Comentou Zina. — É uma pena que você não esteja aqui para o Carnivale. Não há nada como isso na terra.

— Não é como o Mardi Gras?

— Sim, mas estendido por seis meses.

— Seis meses?

— Começa no primeiro domingo de outubro, junto com a nova temporada de peças e óperas. Pára para o Advento¹⁴ e o Natal, depois recomeça depois da Epifania¹⁵ e continua até os sinos tocarem à meia-noite na terça-feira gorda. Mesmo assim, os venezianos usam praticamente qualquer desculpa para iniciá-lo novamente. Por exemplo, se um novo Doge for eleito, o Carnivale começa.

— Eu gostaria de ver isso.

As sobrancelhas de Zina se juntaram.

— É algo importante?

— Estava apenas pensando. Não é exatamente como o Carnaval, mas há um baile de máscaras no sábado e tenho certeza de que posso conseguir um convite para você.

— Mesmo?

— Absolutamente. Você vai precisar de uma fantasia, mas devo ter algo no meu guarda-roupa que seja perfeito para você. Venha aqui no sábado, em vez de sexta-feira e podemos prepará-la.

Sara hesitou em concordar. Não que não quisesse ir ao baile de máscaras; ela absolutamente queria participar. Mas não queria ir sem Ben.

— É algo importante, querida?

— Hum. Bem, eu estava pensando... quero dizer, odeio perguntar, mas você acha que seria possível eu levar... hã ... um amigo?

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto de Zina.

— Um *amigo*? O *amigo* com quem Gertrude disse que você estava vivendo? Sara, você está morando com *um homem*?

— Sim, mas apenas platonicamente. — Sara corou profundamente, principalmente porque embora ela e Ben não tivessem feito nada, a tensão sexual que sentia era esmagadora.

Zina riu.

¹⁴ O tempo do Advento é uma preparação para a vinda do Senhor Jesus no Natal, tem uma duração de quatro semanas. Começa com as vésperas do domingo mais próximo ao 30 de novembro e termina antes das vésperas do Natal. Os domingos deste tempo se chamam 1º, 2º, 3º, e 4º do Advento.

¹⁵ Epifania do Senhor — No cristianismo ocidental. A Epifania é relacionada ao momento da manifestação de Jesus Cristo como o enviado de Deus, quando o mesmo se autoconclama filho do Criador.

— Bem, isso é uma vergonha. Mas, sim, seu convite será para você e um acompanhante. Eu teria arranjado um se você não tão convenientemente tivesse um *amigo* que pode servir essa função.

Sara gritou como uma colegial.

— Eu não posso acreditar que estou indo para um baile de máscaras de Veneza.

~ * ~

Benedict mal podia acreditar em seus ouvidos.

— Não, Sara. Desculpe, mas não estamos participando de um baile da sociedade.

— Ben, por favor. É um baile de máscaras em Veneza. Mesmo no meu tempo, Veneza ainda é conhecida por suas máscaras e luxuosos bailes de máscaras. Eu não posso deixar passar uma oportunidade como esta.

— Você não entende, docinho. Algo assim está muito além do meu círculo social.

— O que você quer dizer? Você é um homem de negócios de sucesso.

— Sim, sou, mas mesmo que seja próspero, sou um membro da burguesia. Meu pai veio a Veneza como um pobre carpinteiro escocês. Pessoas como eu não são convidadas para esse tipo de eventos.

— Mas nós seremos convidados. Zina está cuidando disso.

— Sara, eu não acho que... e se alguém lhe reconhecer?

— Mascarada, lembra? Vamos lá, temos que fazer isso. Como podemos deixar isso passar?

Ele olhou em seus olhos azuis e viu o quanto ela queria ir ao baile. Como poderia negar-lhe esse simples pedido? *“Porque não é assim tão simples e pode ser perigoso”*, disse uma voz interior.

— Por favor, Ben.

O desejo nos olhos dela quebrou sua determinação.

— Ok, eu vou levá-la ao baile de máscaras no sábado, mas você deve concordar em sair comigo imediatamente se lhe pedir.

— Combinado.

Capítulo 14 - *Nada a perder*

Benedict não se surpreendeu ao encontrar Sara acordada quando acordou no sábado. Ela estava com o café da manhã quase na mesa quando ele chegou lá embaixo.

— Sara , por favor, me diga que você não está acordada há horas. Você estará exausta quando o baile de máscaras começar, se for assim.

Ela riu. Era um som que não se cansava de ouvir.

— Não, eu não estou acordada há muito tempo. Estou muito animada. Nunca nos meus sonhos mais loucos imaginei que isso seria possível. O que seria um livro na histórica Veneza se não tivesse pelo menos um baile de máscaras?

— O quê de fato? — Mais um lembrete de que ela iria embora não era o que queria esta manhã. Queria saborear sua excitação e se ver envolvido.

— Obrigado novamente por me escutar. Eu sei que você acha que vai se sentir desconfortável, mas tive uma ideia.

Ele sorriu.

— Qual é a sua ideia?

— É um baile de máscaras. Ninguém lá nos conhecerá. Mesmo que haja algumas pessoas que possam conhecê-lo, como você apontou ontem à noite, nunca esperariam ver você lá. Além disso, não vão reconhecê-lo com uma máscara.

— Isso é provavelmente verdade.

— Assim, podemos ser quem quisermos e ninguém saberá a diferença. Você é o filho mais velho de um comerciante extremamente rico que se desiludiu com aqueles que buscam um contrato de casamento com você apenas por causa de sua riqueza. Você está fingindo ser comum. Talvez um funcionário em um escritório.

De bom humor, ele disse.

— Bem. Eu sou um homem rico fingindo ser mediano em vez do homem comum que estou fingindo ser rico.

— Você não é mediano, Ben, mas vou ignorar essa afirmação por um tempo. Eu serei filha de um nobre empobrecido que procura casar-me com um homem de

recursos que pode nos tirar de dívidas. Até agora, ele propôs um velho rico após o outro, e nenhum deles é aceitável para mim. Ele ficou impaciente agora e me deu a escolha de três homens. Eu vou tomar minha decisão hoje à noite. Concordo com relutância, mas antes de me apresentar à primeira de suas escolhas, encontro um jovem funcionário que rouba meu coração. Ele, claro, acredita que encontrou uma garota que não está tentando se casar com ele por seu dinheiro.

— Eu vejo onde isso está indo.

— Bom, então nós vamos chegar lá mais rápido. Você passa a noite evitando a detecção de seus admiradores e eu passo a noite evitando meu pai.

Ele riu.

— Parece um desastre em potencial.

Ela sorriu.

— Oh, poderia ser. Mas é igualmente possível que eles se apaixonem, decidam se casar e fugir juntos.

— Isso estará em seu livro?

— Claro que sim. Mas vai ser divertido, não acha? Mais divertido do que se preocupar com o que as outras pessoas pensam de nós.

— Então eu farei isso. Para você e para o benefício de seus leitores. — E talvez, por um tempo, pudesse fingir que ela seria sua para sempre.

Seu rosto se iluminou no sorriso feliz e brilhante que a fez ainda mais bonita do que já estava.

— É um plano então. Você está pronto para ir?

— Estou.

— Você não vai levar suas roupas para se mascarar?

— Eu não acho que seja necessário. Não vou trabalhar o dia inteiro. Vou voltar aqui no início da tarde, para que possa me lavar e barbear antes de me vestir. Vou encontrá-la na casa de Zina na hora marcada.

~ * ~

No meio da manhã, Benedict percebeu que estava muito mais animado em comparecer ao baile com Sara naquela noite do que gostaria de admitir. Ele estava completamente incapaz de se concentrar, então deixou o estaleiro mais cedo do que planejava. Fez um ligeiro desvio a caminho de casa para comprar uma máscara.

Achou mais fácil estar em casa com o tempo em suas mãos. O silêncio pressionou-o. Vivia nesta casa, sozinho, por anos. Nunca o incomodara antes. Mas nas últimas três semanas, não passou um único momento aqui sozinho. Não tinha certeza de como iria conseguir fazê-lo depois que ela fosse embora.

Finalmente, as horas passaram e era hora de ir. Banhado, barbeado e vestido em seu melhor terno, ele se examinou no espelho. Sorriu quando se lembrou da charada que Sara havia sugerido naquela manhã. Parecia um pouco mais bem vestido do que o jovem funcionário que fingiria ser, mas não tão chamativo quanto muitos homens de sua posição.

— Vai dar tudo certo.

Ele remou a gôndola pela lagoa e passou pelo palácio dos Doges, até chegar ao Rio di San Moisé, que finalmente o levou ao Rio de San Luca e à casa de Zina.

Um empregado de libré admitiu-o, levou-o à sala de recepção, ofereceu-lhe uma taça de vinho e informou-o de que a *signora* e a senhorita Wells iriam descer em breve.

“Breve” pode ter sido um exagero. Tinha que ter passado bem mais de um quarto de hora e elas ainda não se juntaram a ele. Para evitar a ansiedade, ele se posicionou numa janela que dava para o canal e contava as gôndolas que passavam.

Finalmente, a porta se abriu atrás dele. Ele se virou para lá e congelou. Sara tinha acabado de entrar no quarto e estava deslumbrante. Ela usava um vestido lindo de brocado de ouro branco e pálido, cortado baixo o suficiente para revelar a curva superior de seus seios. Ancas postiças ampliavam a largura da saia em ambos os lados. Seus cachos negros tinham sido empilhados em sua cabeça num arranjo intrincado e retocados com pó branco. Ela usava muito pouca maquiagem, talvez um toque de cor em seus lábios e bochechas. Agradou-lhe que não usasse uma das pequenas manchas pretas que as mulheres usavam para esconder uma cicatriz ou defeito ou simplesmente para parecer coquete.

Atrás de Sara, uma mulher igualmente bem vestida que parecia ter entre 30 e 40 anos disse:

— Parece que *seu amigo* aprova — Só podia ser Zina Peretti.

— Certamente que sim. Sara, você está maravilhosa. — Benedict fez uma pequena reverência. — Boa noite, *signora*. Eu sou Benedict MacIlan.

— Sim, Sara me contou um pouco sobre você. Ela é muito grata pela ajuda que você lhe deu.

— Foi um prazer.

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto dela.

— Tenho certeza que sim.

Benedict não sabia bem o que dizer sobre isso.

Zina deu uma risada tilintante com o seu desconforto.

— Bem, meus queridos, acho que vocês deveriam ir ao baile na minha gôndola esta noite. Não deveria remar com essa figura, Sr. MacIlan, e talvez você queira andar ao lado dessa criatura requintada hoje à noite.

— Você não vai conosco? — Perguntou Sara.

— Eu vou ver você lá, mas vou com um dos meus benfeitores. Ele vai chegar aqui a qualquer momento.

— Obrigado por tudo, Zina. Eu me sinto como a Cinderela.

— Bem, aqui está um pouco de conselho de sua fada madrinha substituta. — Ela baixou a voz como se estivesse revelando um segredo de estado. — Não deixe o Príncipe Encantado fora de sua vista. Ele pode ser comido vivo.

Sara riu.

— Eu não estou brincando — disse Zina.

~ * ~

Sara não tinha acreditado no reflexo que olhava para ela do espelho de Zina. Nunca tinha usado nada mais impressionante em sua vida. Mas a maneira deslumbrada como Ben olhou para ela a fez se sentir bonita.

Ele ajudou-a a entrar na gôndola de Zina. Era maior que a de Ben e a cabine era mais luxuosa. Quando ele estava sentado ao lado dela, o gondoleiro partiu em direção ao Grande Canal.

— Sua beleza me impressionou tanto, que eu nem perguntei à *signora* onde este baile estará sendo realizado.

— Você também está muito bem. E acho que eu estava mais focada no fato de que estava indo para um baile de máscaras do que onde ele seria realizado. Suponho que o gondoleiro deva saber.

— Esperemos. Caso contrário, poderíamos flutuar pelos canais de Veneza a noite toda. — Ele sorriu. — Mas agora que eu disse isso, não tenho certeza de que isso seria ruim.

Conversaram sobre coisas sem importância e puseram suas máscaras enquanto flutuavam pelo Grande Canal. Ben ajudou-a a amarrar as fitas de sua máscara de filigrana de ouro e ajustou as três penas de avestruz afixadas a um lado de modo que elas se arqueavam alegremente sobre seus cabelos.

Por sua vez, ela ajudou-o a amarrar sua máscara. Ele havia optado por uma máscara preta relativamente simples, em vez da máscara de nariz comprido, preferida pela maioria dos homens de Veneza. Ela riu quando ele explicou:

— É difícil sussurrar no ouvido de uma mulher bonita com um nariz assim atrapalhando.

Parecia que haviam passado apenas alguns minutos desde que deixaram a casa de Zina quando o gondoleiro manobrou ao lado de um prédio.

Ben olhou pela janela e endureceu.

— O baile é no Palazzo Balbi?

Sara franziu a testa.

— Há algo errado com isso?

— Não. Quero dizer... bem, eu não sei. O Palazzo Balbi é de propriedade de Joseph Smith, o cônsul britânico de Veneza.

— Isso é um problema?

— É só que Reese Llewellyn é um comerciante britânico muito rico. É extremamente provável que ele esteja presente esta noite.

Sara sentiu a cor sumir do rosto dela.

— Nós não devemos ir. Vamos pedir ao gondoleiro para nos levar de volta.

Ben acariciou sua bochecha.

— Sara, nós não temos que entrar. Mas isso é algo que você realmente queria fazer. Eu não quero que você se arrependa de não aproveitar a oportunidade. Você está vestida com elegância veneziana, digna de uma nobre. Seu cabelo está branco e você estará usando uma máscara. Eu suspeito que você poderia ficar cara a cara com Llewellyn e ele não iria reconhecê-la. Mas a decisão é sua.

Sara respirou fundo. Ben estava certo. Esta poderia ser sua única oportunidade de assistir a um baile como esse, e não iria desperdiçá-la. Decidindo-se ela disse:

— Vamos.

Ben assentiu decididamente e ajudou-a a sair da gôndola. Quando entraram no palazzo, ele olhou casualmente ao redor antes de se inclinar ao lado de sua orelha e sussurrar:

— Ele não parece estar aqui. Pelo menos ainda não.

Quando os convidados chegaram, foram conduzidos à fila de recepção para serem apresentados a seu anfitrião e anfitriã, o cônsul Smith e sua esposa, Elizabeth Murray. Era um pouco inquietante e, assim como a sua natureza, Sara começou a se incomodar. Enquanto olhava ao redor nervosamente, percebeu que Zina estava certa, várias mulheres estavam olhando para Benedict e tentando chamar sua atenção.

Ben pegou sua mão direita e colocou a mão esquerda na parte baixa de suas costas. Seu toque casual serviu para acalmar seus nervos estridentes.

— Você está causando uma agitação — ela sussurrou para ele.

— Não estão olhando para mim. É você.

Ela teve que abafar uma risada.

— Tenho certeza que não sou eu. Talvez achem que Casanova está se escondendo sob essa máscara.

Ele balançou sua cabeça.

— Não há uma chance. Ele está preso na prisão do palácio do Doge.

Sara sabia que Casanova era uma figura pública no século XVIII e que ele havia vivido pelo menos parte de sua vida em Veneza, mas não tinha certeza de quando exatamente.

— Por que ele está na prisão?

Ben riu.

— Acredito que ele foi acusado de uma afronta à religião e à decência comum. Mas me diga, linda Sara, como é que você sabe sobre Giacomo Casanova?

— Vamos apenas dizer que sua reputação fez os livros de história... e romances.

— Mesmo? Eu não teria imaginado isso.

Eles finalmente chegaram à frente da fila e foram apresentados como o Sr. Benedict MacIan e a Srta. Sara Wells. Cortesias foram trocadas brevemente antes de serem absorvidos pela multidão no baile.

Encontraram uma brecha perto de uma janela da qual podiam ver os dançarinos. De alguma forma, Sara sempre achou a ideia de danças formais da corte muito românticas. Eram danças cerimoniais precisas que visavam espelhar os procedimentos de namoro apropriados e contidos da época. Vendo-as agora, achava-as sem graça.

Ben disse:

— Desculpe, eu nunca realmente aprendi a dançar.

— Não se preocupe, a menos que iniciem uma dança de linha country-western, também não posso participar. E honestamente, acho que ver tinta secando pode ser mais interessante.

Ele riu.

— Então devemos encontrar outro entretenimento.

E naquele momento a magia começou.

Ele se inclinou para perto do ouvido dela e sussurrou:

— Minha senhora, eu não acredito que tenhamos sido apresentados.

Ela franziu a testa.

— Desculpe?

— Eu disse, que acho que não fomos apresentados. Meu nome é Ben e eu definitivamente não sou o filho mais velho desiludido de um comerciante extremamente rico. Sou apenas um homem comum. Trabalho como um caixeiro humilde para o *Signore Maximus Importante*.

Ela sorriu amplamente. Ele estava jogando o jogo que tinha proposto.

— *Signore Maximus Importante?*

— Sim. E embora ele seja um homem muito importante, eu não sou.

— Bem, então, tenho o prazer de conhecê-lo. — Ela fez uma reverência. — Meu nome é Sara *Senza Soldi*, e, francamente, estou apenas tentando evitar o meu pai, *il Duca Senza Soldi*.

Ele riu ricamente.

— Mesmo? O *Duque de nenhum dinheiro?*

Com toda a seriedade ela respondeu:

— Sim, você já conheceu?

Ben fez uma corajosa tentativa de parar de rir.

— Não, acho que não. Mas, por que, minha senhora, você está tentando evitar o seu pai?

— Porque ele está procurando um compromisso para mim.

— Você está certamente em idade de casar. Por que deseja evitá-lo?

— Ele me deu um ultimato. Devo decidir entre um dos três homens esta noite. Mas eu não posso.

— Você não pode decidir? Talvez eu possa oferecer-lhe alguma ajuda. Descreva para mim a melhor qualidade de cada um de seus pretendentes.

— Não, você me entendeu mal. Eu não quero me casar com nenhum deles.

— Ainda assim, se você tem que o fazer, talvez, juntos, podemos discernir quem é o melhor candidato.

Ela deu um suspiro melodramático.

— Suponho que deve ser feito.

— Claramente. Então, enumere suas melhores qualidades para mim, por favor.

Sara pensou por um momento.

— Humm... Isto é difícil. Por onde começar? Diga-me, *Signore*, como é que você acredita que grande sabedoria é alcançada?

Ben deu de ombros.

— Eu diria que a sabedoria vem com a idade. É um produto da experiência.

— Bem, então, acho que essa é a melhor coisa que pode ser dita para *il Signore Antico*.

— *Sr. Velho?*

— Sim, *Signore Antico*. Sua melhor qualidade é que ele teve muitas oportunidades para ganhar sabedoria. Muitas, muitas, muitas, muitas oportunidades. Seu querido amigo, *Signore Matusalém*, pode atestar isso.

Ben riu novamente.

Ela continuou.

— E então há... há... *Signore Parsimonioso*.

— *Sr. Parsimonioso?*

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim. Ele acumulou uma grande fortuna.

— Há coisas piores do que ser casada com um homem rico.

— Eu suponho que sim...

— Diga-me, Sara, como o *Signore Parsimonioso* conseguiu construir a sua riqueza? Os seus ganhos têm origem em fontes desonestas? — Ele cruzou os braços sobre o peito.

Ela balançou a cabeça.

— Ah, não. Suas riquezas vêm de um método perfeitamente legal, tempo honrado, comprovado.

Ben assentiu sabiamente.

— Eu vejo, por isso ele herdou.

Sara riu abertamente.

— De fato, e nunca gastou um único soldo com ninguém além de si mesmo. Por exemplo, uma noite fomos jantar juntos e ele escolheu uma garrafa de vinho de excelente safra. Ele derramou uma gota de água em seu próprio copo antes de preenchê-lo com vinho.

— Não há nada de errado com isso. Algumas pessoas acreditam que uma gota de água traz alguns dos sabores mais sutis num copo de vinho fino.

— Talvez, mas, em seguida, ele derramou uma gota de vinho em meu copo antes de o encher com água.

Parecia que Ben estava lutando para não rir.

— Hmm... Eu posso ver como isso pode ser um problema. E sobre o terceiro homem?

— Esse seria *il Signore Idiota*.

— Oh, céus. Isso não soa promissor. Eu hesito em perguntar, mas, qual é a sua melhor qualidade?

Ela sorriu.

— Ele é muito engraçado. Faz-me rir.

— Um senso de humor é uma coisa maravilhosa. Talvez ele seja o homem para você.

— Não. Você vê, eu acho que ele não tem realmente a intenção de ser engraçado, mas é difícil não rir das coisas que ele faz.

— Me dê um exemplo.

Ela sorriu. Isso estava ficando divertido. Tudo o que ela tinha que fazer era reciclar piadas de *Daphne*¹⁶.

— Bem, há cerca de três meses alguém lhe disse que a maioria dos acidentes ocorre em casa.

— Então, o que ele fez?

— O que ele poderia fazer? Ele se mudou.

Ben riu.

¹⁶ Personagem do Scoby-Doo.

— Então, houve a vez que eu disse a ele que provavelmente não deveríamos nos casar porque sou um ano mais velha do que ele. Ele disse: “*Isso não é um problema, podemos esperar até o próximo ano.*”

Ben riu novamente.

— Eu vejo o que você quer dizer.

— Há uma coisa boa, embora.

— O que é?

— Se eu precisar de uma pausa dele, basta dar-lhe um pedaço de papel com “*virar a página*” escrito em ambos os lados. Ocupa-o por horas.

Ben gargalhou.

Isso foi divertido. Sara imaginou uma cena semelhante em seu livro. Uma em que Rafe ria e brincava com Kyra. Esse era o tipo de cena que achava mais romântica e gostaria de escrever, mas nunca tinha realmente experimentado. “*Você está experimentando agora*”, disse uma pequena voz dentro dela.

Eles continuaram a jogar o jogo por talvez três quartos de hora, Ben fazendo perguntas e Sara pintando uma imagem absolutamente terrível de seus três pretendentes fictícios. Ben descartou o *Signore Parsimonioso* quase imediatamente.

— Ele ama o seu dinheiro primeiro e melhor, então é a amante que ele mais ama. É altamente improvável que o desperdice no jogo ou o gaste de forma generosa em uma cortesã. Mas ele vai guardá-lo zelosamente de você também. Você vai viver como pobre e isso seria trágico.

Em seguida, Ben considerou o *Signore Idiota*.

— Ele pode ser um tolo, mas poderia haver vantagens nisso. Pois, se você se casar com ele, por necessidade, terá total controle sobre a casa porque colocá-lo no comando de qualquer coisa mais desafiadora que se vestir seria imprudente. Sem mencionar que ter risadas na vida de alguém é uma coisa muito boa.

Sim, uma coisa muito boa mesmo. Sara assentiu.

— Eu vejo seus pontos, mas temo pelos filhos que teríamos. Porque na minha experiência, quando um homem é um tolo, na maior parte das vezes, seu filho é um tolo maior. Não, acho que devo escolher o *Signore Antico*.

— Tem certeza? — Perguntou Ben. — Ser casada com um homem de idade é provável que seja pura miséria.

— Estou certo de que vai ser. Mas vendo o lado bom, não vai ser por muito tempo. Ele já tem um pé na cova e o outro está escorregando.

Ele riu.

— No entanto, seria um crime casar você com um velhote nem que seja por um dia. Talvez devêssemos ver se seu pai iria considerar um quarto pretendente.

— Por favor, diga quem?

Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Eu.

Sim por favor. Quão maravilhoso seria casar com ele? Mas ela não podia. Tinha que voltar, não era? Tentou empurrar o pensamento de se casar com Ben para fora de sua mente. *“Concentre-se no romance, é por isso que você está aqui.”* Esta cena seria um ponto absolutamente perfeito no livro de Rafe para beijar Kyra pela primeira vez.

Como se tivesse lido sua mente, Ben deslizou uma mão atrás de seu pescoço e, acariciando sua bochecha com a outra, beijou-a suavemente, em seguida beliscou seu lábio inferior.

Ela abriu a boca para ele.

Ben soltou um gemido suave, puxou-a para mais perto e aprofundou o beijo.

Ela se derreteu nele. O beijo de Ben era quente e suave, mas exigente. O salão de baile tornou-se um borrão obscuro de som e cor, muito distante para importar. As únicas coisas reais em seu mundo eram seus braços ao redor dela e seus lábios nos dela. Desejava estar nos braços de Ben e beijá-lo. Na verdade, ansiava por um beijo como esse toda a sua vida.

E naquele momento Sara soube que estava se enganando. Esta viagem ao passado, esta troca de almas, nunca foi para escrever um romance. Sua alma tinha viajado através do tempo, porque este era o lugar onde sua alma gêmea estava.

Quando seus lábios se separaram, Ben descansou sua testa contra a dela.

— Sara. Eu tentei. Eu juro que tentei, mas estou falhando miseravelmente.

— Do que você está falando?

— Querida, eu te amo. Eu não suporto perder você. Não tenho o direito de perguntar e vou entender se você disser não...

Ela pegou o rosto dele nas mãos, ficou na ponta dos pés e o silenciou com um beijo antes de dizer:

— Ben, eu te amo. Eu não quero te deixar. Nunca.

— Você vai ficar? — A nota de admiração em sua voz puxou seu coração.

— Eu vou ficar.

— Oh! Graças a deus. Eu te adoro e tenho certeza que se você fosse embora, levaria meu coração para sempre. — Deu-lhe outro beijo rápido. — Então, há algo que devo lhe perguntar. Sara Fern Wells, minha preciosa garota, quer se casar comigo?

Sua mão voou para a boca e lágrimas brotaram em seus olhos.

— Sim, Ben, eu te amo com todo meu coração e vou me casar com você.

Ele se inclinou para beijá-la novamente, mas um movimento através da sala chamou sua atenção. Quando percebeu que era Zina fazendo o seu caminho através da multidão no braço de um homem grande usando uma máscara e peruca em pó, Sara ficou rígida. Não havia parte dele que ela pudesse ver, mas sabia instantaneamente que ele era o pai de Ceres.

— Nós temos que ir. Agora. — Ela assobiou. Passou o braço pelo dele e se dirigiu na direção oposta.

— O que há de errado?

— Zina estava andando na nossa direção com um homem. Baseado no medo estou sentindo, eu acho que é Llewellyn.

Ben não parou para olhar. Manobrou-os no meio da multidão festiva até chegarem à escada que dava para a sala de recepção. Pouco antes de se deslocarem para fora da sala, ele olhou para trás.

—Você está certa. Eu acho que é ele e Zina está tentando chamar sua atenção. Precisamos sair e, se formos de gôndola, eles nos alcançarão no cais.

Quando chegaram ao nível da sala de recepção, em vez de se dirigirem para a porta da água, ele a conduziu por uma porta do outro lado. Correram por um corredor que passava pela parte de trás do prédio.

Uma vez fora, apertou a mão dela e virou para a direita, quase correndo para o final do beco. Ele fez uma pausa, olhou para os dois lados e fez uma pequena corrida para a esquerda antes de entrar em outro beco que terminava em uma pequena ponte sobre um canal. Atravessaram a ponte e viraram à direita.

Ela tinha um aperto de morte na mão dele, pois nos dez minutos seguintes ele abriu caminho pelas ruas estreitas, cruzou mais dois canais até chegar a uma praça em frente a uma igreja.

Ele parou por um momento.

— Eu acho que podemos ter um momento para recuperar o fôlego.

— Onde estamos?

Ele olhou para a igreja.

— Essa é a igreja de Santa Apolônia.

— Onde estamos indo?

Ele sorriu.

— Vamos voltar para a casa de Zina para pegar a gôndola. Apenas abaixo deste beco e à direita fica a igreja de San Silvestro. Há um ancoradouro de *traghetto* lá.

— O que é um *traghetto*?

— É uma espécie de balsa para o Grande Canal. Eles não os têm no futuro?

— Podem ter. Não tenho certeza. Há quatro pontes pelo canal agora, em vez de apenas uma.

— Assim que o cruzarmos, levará apenas alguns minutos para caminhar até a casa de Zina.

— E se o pai de Ceres já estiver lá com ela?

— Eu duvido que estejam. Podem nem ter nos seguido descendo as escadas. Parecia que ela estava apenas tentando chamar sua atenção. Mas mesmo assim, não importa. A gôndola está ancorada perto do beco de sua casa. Eu poderei alcançá-la de lá, sem entrar na casa.

Ele estava certo. Quando chegaram a San Silvestro, não precisaram esperar muito pelo *traghetto* e chegaram à casa de Zina alguns minutos depois.

Sara finalmente deu um suspiro de alívio quando Ben pilotou a gôndola do Rio di San Moisé até a extremidade leste do Grande Canal e se dirigiu para casa do outro lado da lagoa.

Capítulo 15 - *Nada a perder*

Sara concordou em se casar com ele. Enquanto remava pela lagoa, interiorizou o acontecido. Ele não poderia ter apagado o sorriso feliz de seu rosto se sua vida dependesse disso.

Mesmo assim, sua rápida partida do baile foi inquietante. Enquanto caminhava pelas ruas de Veneza, se perguntou se essa corrida seria completamente necessária. Ele ia se casar com ela. Teriam que enfrentar o pai de Ceres em algum momento. Mas o medo de Sara no momento foi intenso. E porque ela não podia explicá-lo, achou mais prudente agir sobre isso e resolver mais tarde a situação com Llewellyn.

Depois de amarrar a gôndola no seu pequeno cais, ajudou Sara a sair do assento. Sorriu. Ela usara o tempo enquanto atravessavam para remover os grampos e sacudir um pouco do pó de seus cabelos. Seus cachos caíam pendurados em torno de seus ombros, e seu vestido estava revestido com mais pó do que seu cabelo agora.

Quando ela chegou ao cais ao seu lado, sozinha sob o luar, ele a beijou novamente. Mais languidamente desta vez. Afinal, uma vida inteira estava à frente deles. Não tinha certeza de quanto tempo ficaram ali, trancados em um abraço.

Quando terminou o beijo, ela pegou a mão dele e se afastou.

— Vamos para casa agora?

Casa.

— Sim, meu amor, vamos para casa.

Caminharam silenciosamente até a casa, a mão dela na dele. Talvez o aperto dele fosse um pouco forte, mas ela segurava-o com igual firmeza. Era quase como se, tendo acabado de perceber que deviam estar juntos, não quisessem arriscar perder um ao outro.

Assim que entraram na casa, Benedict segurou o rosto dela e beijou-a de novo, mais acaloradamente do que antes. Seus braços deslizaram ao redor de seu pescoço e ela retornou seu ardor. Ele praticamente se forçou a terminar o beijo e se afastou um pouco.

— Minha querida garota, eu te amo e quero fazer você minha, mas ainda não somos casados. Eu sei que as coisas são diferentes no seu tempo, mas eu não desonrarei você por nada.

Sara sacudiu a cabeça.

— Não há desonra na expressão do amor e eu amo você. Nós nos casaremos em breve. Eu quero fazer amor com você. — Ela pegou as mãos dele e sorrindo timidamente, recuou em direção às escadas, puxando-o com ela. — Suba as escadas comigo.

Benedict gemeu, não querendo mais nada.

— Você tem certeza?

— Estou absolutamente certa.

— Sim, então, subirei com você.

Ela se virou e ainda segurando uma das mãos dele, levantou as saias com a outra e praticamente subiu correndo as escadas. Quando chegaram ao seu quarto, ele cobriu os lábios dela com os seus, beijando-a profundamente novamente.

Ela respondeu. Desta vez, em vez de envolver o seu pescoço com os braços, começou a trabalhar nos botões do colete, depois na camisa dele. Puxando-o de seus calções, ela colocou as mãos sob o tecido e acariciou seu peito com suas mãos pequenas e macias.

Ele quebrou o beijo tempo suficiente para puxar a camisa sobre a cabeça. Suas mãos continuaram a percorrer seu corpo enquanto ele devolvia o favor, puxando laços e botões para libertá-la do lindo vestido de brocado.

— As mulheres usam muitas roupas — ele murmurou enquanto tentava desamarrar as ancas postiças.

— Eu não poderia concordar mais — disse ela, parando a exploração de seu corpo para se livrar de várias camadas de saias, mesmo quando ele desabotoou os muitos botões em seus calções.

Finalmente, ambos estavam livres de suas vestes. Ela estava diante dele, a luz da lua através da janela lançando um brilho mágico ao redor dela.

— Você é magnífica, Sara, e tira o meu fôlego.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você. — Andou em direção a ele, seu corpo nu se moldando contra o dele. — Mas não estou com vontade de falar. — Ela

ficou na ponta dos pés pressionando os lábios contra os dele. — Faça amor comigo, Ben — sussurrou.

— Eu não posso te negar nada, minha linda garota. — Ele a ergueu em seus braços e cruzou a sala para colocá-la gentilmente na cama antes de se deitar ao seu lado.

Suas pequenas mãos percorriam o seu peito e os ombros. Embora hesitante e leve no início, seu toque inflamou sua paixão. Ela deslizou as mãos pelos seus flancos e através de sua barriga, escovando os cabelos crespos que levavam à sua virilha. Ele gemeu e agarrou as mãos dela.

— Ah, Sara, meu amor, eu não suporto...

Ela sorriu.

— Você disse que não poderia me negar nada.

Ele riu.

— Eu também disse que faria amor com você, mas quero você a tanto tempo, que se me torturar, não vou conseguir cumprir essa promessa.

Ele puxou as mãos dela para os lábios e beijou-as. Então ainda segurando as suas mãos, ergueu-as sobre a cabeça dela e capturou seus lábios em outro beijo, antes de arrastar beijos pela coluna delgada de sua garganta. Com uma dolorosa lentidão, finalmente alcançou seu objetivo, seus seios redondos e cremosos. Colocou um mamilo empinado em sua boca e chupou, delicadamente brincando com a língua. Ele soltou as mãos dela, segurando o outro seio, massageando-o levemente antes de deslizar a mão sobre sua barriga sedosa para os cachos escuros no ápice de suas pernas.

Ela arqueou em seu toque, quase ronronando de prazer.

Ele colocou o dorço de uma mão sobre sua parte mais íntima, massageando com um movimento circular, aumentando gentilmente a pressão.

Suas mãos foram para os ombros dele, agarrando-se a ele e levantando os quadris para aumentar ainda mais a pressão.

Se ela precisasse de mais, ele lhe daria mais, então deslizou o polegar para dentro para circundar o ponto sensível, satisfeito ao vê-la se contorcer contra o seu toque. Com o prazer dela aumentando, deslizou um dedo para dentro. Ele diminuiu um pouco os movimentos por um momento, observando-a.

— Você é tão linda, Sara.

Perdida em prazer, ela simplesmente gemeu e arqueou contra a mão dele. Ele se posicionou sobre ela, continuando a esfregar e provocar com as mãos. Quando ela ofegou, arqueando a cabeça para trás e começando a tremer com sua liberação, deslizou sua dureza para ela com um impulso firme. Sentiu os músculos dela continuarem a contrair, e ela deu um pequeno grito. Embora desejasse a sua própria liberação, ficou muito quieto dentro dela, observando enquanto os tremores de seu clímax varriam através dela.

~ * ~

Sara não era virgem, mas sim Ceres. Ainda assim, ela nunca teve um amante que se focasse tão completamente nela. Quando Benedict entrou nela no auge de sua liberação, gritou, mas não foi de dor. Foi de pura felicidade por se juntar tão completamente a ele. Qualquer desconforto se tornou tão mesclado com as ondas de felicidade que a percorriam, que ela não se importava.

Ela pegou o rosto dele nas mãos e puxou-o para os lábios. Beijou-o com abandono, enfiando os dedos pelos cabelos dele e segurando-o contra ela. Mas ele segurou rigidamente ainda.

— Querido, você pode se mover.

— Eu te machuquei. Eu não quero piorar.

— Mas você não me machucou. Por favor, deixe-me dar o que você almeja.

Ele gemeu, mas começou a se mover muito devagar. Enquanto ele se movia, ela sentiu o calor crescendo em sua barriga mais uma vez. Moveu-se com ele, levantando-se para encontrá-lo, empurrando-o para se mover mais rápido. Uma necessidade motriz percorreu-a mais uma vez, e tremeu quando ondas de êxtase varreram seu corpo mais uma vez. E quando seus músculos se contraíram ao redor do comprimento duro dele, ele gritou e sentiu a sua semente quente dentro dela.

— Querido Deus, Sara... — Sua voz sumiu. Ele ofegou e baixou a testa para a dela.

— Isso foi espetacular — ela terminou a sua frase.

Ele riu e beijou-a.

— Absolutamente espetacular.

Ele retirou-se dela e deitou de lado, puxando-a contra si.

— Mmm. Eu amo *conchinha* — ela disse.

— *Conchinha?*

— Estamos aninhados como colheres numa gaveta. De onde eu venho chamamos isso de *conchinha*.

— *Conchinha*. Sim, acho que gosto muito também.

Essa foi a última coisa que ela lembrou quando adormeceu.

Capítulo 16 - *Nada a perder*

A maior parte do domingo foi passada nos braços um do outro. Sara nunca se sentiu assim antes. Benedict completava-a. A mulher moderna nela ficou momentaneamente chocada com esse sentimento. Ainda assim, era a palavra certa. Não era como se estivesse perdendo ou procurando por algo. Não, tinha sido uma pessoa completa antes. Mas havia algo diferente agora. Eles se tornaram um, duas partes de algo maior do que cada um deles sozinho. Ela certamente nunca sentiu isso em relação a qualquer outro homem – mesmo aqueles poucos que achou que amava.

Este deveria ser o sentimento de encontrar a alma gêmea.

Quando chegou a manhã de segunda-feira, nenhum deles estava pronto para voltar ao mundo real, mas havia trabalho a ser feito e um casamento para combinar.

Depois do café da manhã, Sara disse:

— Eu vou pegar o vestido de baile que Zina me emprestou e estarei pronta para ir.

— Você vai?

— Sim, eu preciso ver Zina.

— Mas, querida, se você vai ficar, não há razão para fingir ser uma serva por mais tempo. Eu posso devolver o vestido para você.

— Não é apenas o vestido, Ben. Nós fugimos daquela festa sem uma palavra para ninguém. Eu devo a ela uma explicação.

Ele assentiu.

— Eu suponho que sim. Devo falar com ela com você? E se Llewellyn estiver lá?

— Um dos servos atenderá a porta. Se Zina estiver ocupada, sairemos. Mas se não, acho que seria melhor para mim vê-la sozinha primeiro. Além disso, você não ia descobrir o que precisamos fazer para sermos legalmente casados?

— Sim, ia. Quanto mais cedo isso for realizado, mais feliz eu serei.

Quando chegaram à casa de Zina, o criado que atendeu a porta confirmou que a *Signora* estava sozinha e esperando por ela.

Ben entregou o vestido de baile e todo o seu equipamento para ela.

— Obrigado. — Sara deu-lhe um beijo rápido. — Você vai voltar no horário habitual?

— Não. Só pretendo ir ao estaleiro brevemente esta manhã. Então vou resolver os detalhes do casamento. Voltarei para você ao meio dia.

Ela sorriu largamente.

— Bom. Até lá então.

Observou-o empurrar a parede e começar a remar pelo canal antes de entrar na casa. Estava certa de que ela nunca se cansaria de observá-lo.

O empregado tirou as roupas dela antes que ela praticamente corresse até os quartos de Zina.

Claro, Zina não tinha se vestido para o dia ainda. Ela usava um roupão enquanto descansava numa espreguiçadeira, tomando chocolate quente.

— Bem, bem, bem. Você tem um pouco de explicação para dar. Tenho certeza de que você me viu antes de ir na direção contrária, de uma maneira condizente com a Cinderela. Eu meio que esperava descobrir que você deixou um chinelo para trás.

O brilho nos olhos de Zina sugeria que ela estava mais curiosa do que ofendida.

— Eu sinto muito, Zina. Foi terrivelmente rude da minha parte, mas posso explicar.

— Então explique. Sente-se. Sirva-se uma xícara de chocolate primeiro, se quiser.

Sara ocupou a cadeira em frente a Zina.

— Não, obrigada. Talvez quando terminar a história.

— Adapte-se, mas não me faça esperar mais.

— Bem, acho que a parte mais excitante é que percebemos o quanto nos amávamos. Eu decidi ficar e ele me pediu em casamento.

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto de Zina.

— Mais duas almas gêmeas em segundo plano reunidas. Eu me perguntei se isso poderia acontecer. Quando vi o jeito que ele olhou para você, soube que caíra irremediavelmente. Mas você foi pega pensando que era uma pesquisa para o seu livro.

Sara riu.

— Você está certa. Eu não pensei em mais nada. Assim que cheguei aqui, fiquei com medo de ser pega no clima romântico e tomar uma decisão ruim. Tinha um namorado no século XXI e realmente achei que o amava. Mas o que eu sinto por Ben não é nem remotamente igual aos meus sentimentos por Mark. Ontem à noite finalmente admiti isso para mim mesma.

— Excelente. Mas por que você não correu para o salão de baile para dar essa notícia maravilhosa para mim quando aconteceu?

— Por causa do homem com quem você estava. Diga-me, ele é um dos seus benfeitores?

— Quando está em Veneza, sim. Ele é um comerciante e viaja bastante. Mas por que isso teria parado você?

Sara respirou fundo, soltando lentamente.

— Hum... quando Gertrude lhe deu o relógio, ela falou sobre a possibilidade de que algumas das memórias da outra pessoa vazassem?

— Sim. Eu tenho experimentado isso de tempos em tempos.

— Bem, eu também. Desde o instante em que cheguei, senti o medo dela. Eu não sabia quem ela era e não tinha certeza do que ela temia, mas tinha a sensação de que deveria me esconder.

— O que você quer dizer com você não sabia quem ela era? Pensei que ela era uma amiga de Benedict.

— Não. Ele me encontrou. Veja, quando minha alma entrou nesse corpo, eu estava no mar, minhas roupas pesadas ficaram molhadas e me puxaram para baixo.

Um olhar de horror cruzou o rosto de Zina.

— Consegui tirá-las e nadar até o Lido, mas estava exausta e desmaiada. Benedict me encontrou na manhã seguinte.

— Oh, meu Deus. Você é Ceres Llewellyn.

Sara assentiu.

— Acho que sim. Cerca de uma semana depois de me encontrar, Ben ouviu falar da filha de Llewellyn ter caído ao mar.

— Por que você não contou ao pobre homem? Ele ficou doente de preocupação.

— Ben queria, mas falei com ele sobre isso. Senti um profundo sentimento de medo, de precisar me afastar de algo ou de alguém e tenho quase certeza de que é o pai de Ceres. Mas também acreditava plenamente que voltaria ao meu tempo no final dos sessenta dias. Parecia cruel deixá-lo pensar que sua filha tinha sido encontrada, apenas para tê-la morta em dois meses. Já que Ceres teria morrido como resultado de cair ou pular ao mar, parecia melhor deixar todos que a conheciam pensarem que ela tinha perecido no mar.

Zina balançou a cabeça devagar.

— Compreendo. Eu acho que nas mesmas circunstâncias poderia ter feito a mesma coisa. Mas agora você não vai embora.

— Eu sei, mas não consigo superar a sensação de mau presságio. Sabe por que Ceres pode ter medo do pai dela?

— Deixe-me contar um pouco sobre Reese Llewellyn. Ele tem sido um benfeitor meu há vários anos. É inteligente, bonito e extremamente rico. Ele me trata como uma princesa, mas é muito exigente e espera ser obedecido. Quando ele está na cidade, não vejo mais ninguém.

Sara franziu a testa.

— Não me entenda mal. Ele não é abusivo, apenas autoritário.

— Então, por que Ceres está com medo?

— Ao longo dos anos, Reese compartilhou muito pouco sobre sua vida privada. Eu só conheço algumas informações sobre sua esposa. Acredito que ele a amava profundamente. Suspeito que ela teve um dote significativo que o ajudou a construir seu negócio para o que é hoje. E ela morreu dando à luz a filha deles. Eu sei um pouco mais sobre Ceres. Ele adorava e falava muito sobre ela. Ela tinha o melhor de tudo, incluindo um bando de tutores. Até onde sei, ela recebeu uma educação que a maioria dos homens invejaria. Talvez seja por isso que ela ansiava por participar do Grand Tour.

— As mulheres fazem isso?

— Um pouco. Reese se recusou a permitir, mas ela era implacável. Eu não acho que isso ajude mas, até então, deu-lhe tudo o que ela desejava. “*Não*” era um conceito estrangeiro. Mas ela reduziu seu pedido. Ela não se importava em visitar Paris, Florença ou qualquer outra das principais paradas do Grand Tour. Tudo o que realmente queria era vir aqui para Veneza.

— Por quê?

— Aparentemente, era uma artista talentosa e este teria sido um dos melhores lugares do mundo para ela estudar. Ele não permitiria isso. Parte de mim acha que ter sua filha aqui separaria os seus dois mundos e ele não queria isso.

— Então ela fugiu para Veneza com uma empregada. — Benedict estava certo.

— Sim, ela se apresentou como uma viúva, vestia-se toda de preto, cobria-se com véus pesados e simplesmente reservou passagem em um navio. Ninguém a questionou. Trouxe uma empregada e uma grande quantia de dinheiro com ela. Quando ele voltou para casa e a encontrou desaparecida, ficou furioso. Ele embarcou em seu navio mais rápido e, embora ainda não tivesse sua carga completa, partiu para Veneza imediatamente. Ele estava vários dias atrás dela, mas ainda assim seu navio conseguiu alcançar o dela na costa. De acordo com sua empregada, ela acreditava que se o navio de seu pai os ultrapassasse antes de chegar a Veneza, ele a colocaria num navio para casa imediatamente e nem sequer veria Veneza à distância, muito menos estudaria aqui.

Sara franziu a testa.

— Eu sabia sobre o outro navio. Quando finalmente me libertei de suas roupas e pude recuperar o fôlego, vi que estava descendo. Foi quando senti pela primeira vez a sensação de medo. Mais tarde, soubemos que era o navio do pai dela. Mas, Zina, ela pulou no mar completamente despreparada para as consequências. Seu pai realmente teria feito isso?

— Não tenho certeza, mas acredito que provavelmente teria. Ele não gosta de ser desafiado e permitir que ela tenha um momento em Veneza significaria que seu desafio valeu a pena. Ceres era voluntariosa e teimosa como seu pai. Ela não gostaria de chegar tão perto e ser frustrada. Mas pelo que vale, Reese está com o coração partido.

— Eu sinto muito. Mas como não sou Ceres, talvez a melhor coisa seja apenas manter o segredo.

— E ficar aqui em Veneza? Você estaria brincando com fogo, garota. Eventualmente, a palavra voltaria para ele sobre a linda garota inglesa de cabelos escuros que se casou com o estaleiro escocês. Ele ficaria apoplético de raiva se descobrisse que você esteve aqui o tempo todo, viva e casada sem a permissão dele. Você não quer isso. Acredite em mim, Reese Llewellyn não é um homem para desafiar.

— Então, devemos contar a ele?

— Eu não sei qual é o melhor curso de ação. É possível que, se você fosse até ele e lhe contasse sobre tudo – quero dizer, que sofre de amnésia, não sobre o relógio de bolso – ele permitiria que se casasse com Ben. Mas você não tem garantia disso. Se tem certeza de que quer se casar com Ben, pode ser melhor para vocês dois deixar Veneza completamente. Como ambos sabemos, Ceres está perdida para ele para sempre agora e você está certa, pode ser melhor deixar tudo assim. Mas como eu disse, você não pode ficar aqui se fizer isso. Pode ser desastroso.

— Você não pode estar falando sério.

— Mortalmente sério. Ele poderia pôr você em um navio para a Inglaterra tão rápido que fará sua cabeça girar. Então você estaria sob seu polegar para sempre. As chances de conseguir voltar aqui seriam quase nulas. Ceres conseguiu uma vez porque ele não esperava. Você pode apostar que ele não vai deixar acontecer de novo. Ele seria até mesmo capaz de matar Ben.

Um calafrio passou por Sara. Sabia que Zina estava certa. Llewellyn era uma séria ameaça. Talvez não para a própria Sara, mas para Ben e suspeitava que, possivelmente, até para Zina.

Sara piscou para conter as lágrimas.

— Eu vou falar com Ben sobre isso. Ele teria que deixar tudo. Eu não gostaria disso. Talvez seja melhor voltar ao meu tempo.

Zina sacudiu a cabeça.

— Não, Sara. Não faça nada precipitado. Se não estou muito enganada, Ben não pensaria duas vezes em deixar tudo para estar com você. Vocês dois seriam infelizes pelo resto de suas vidas se estivessem separados pelo tempo. E não importa o que, como Gertrude diz, o universo se desdobrará como deveria.

~ * ~

A manhã de Ben foi frustrante. Descobriu que havia duas maneiras de se casar legalmente. Um padre poderia postar proclamas por três domingos consecutivos, ou poderiam obter uma licença de casamento. Parecia bastante simples, mas o diabo estava nos detalhes.

Eles poderiam se casar imediatamente com uma licença de casamento. No entanto, Sara Wells tinha vinte e sete anos, mas Ceres Llewellyn mal tinha dezenove anos e parecia assim. Se uma menina tivesse menos de 21 anos, para que obtivesse uma licença de casamento, teria que ter o consentimento dos pais ou responsável. Eles poderiam dizer que seus pais estavam mortos, mas ela ainda teria algum tipo de guardião. E ninguém acreditaria que ela tinha mais de vinte e um anos. Além disso, se mentissem e o casamento fosse mais tarde contestado, poderia ser invalidado.

Casar depois de postar proclamas era mais fácil em alguns aspectos. Uma noiva menor de idade não precisava ter o consentimento de um pai ou responsável. Mas, se um pai ou guardião se adiantasse para fazer objeções enquanto os proclamas eram divulgados, não poderia haver casamento.

O problema com a publicação dos proclamas era que seus planos de se casar não permaneceriam clandestinos. O que, na verdade, era o motivo para os anunciar. Mas considerando que Benedict estava se casando com uma garota sobre quem ninguém sabia nada, sem dúvida aumentaria a curiosidade sobre quem ela era. Se a conversa chegasse aos ouvidos de Llewellyn, isso poderia ser desastroso. É claro que poderia conversar com o padre. Poderia ser capaz de convencer o homem a não ir estritamente pelo livro e casá-los de qualquer maneira. Isso também era arriscado, mas Benedict decidiu que era a melhor opção.

Isso foi até chegar ao estaleiro. Mal chegara ao escritório quando seu sócio entrou com uma folha de papel na mão e fechou a porta. Emilio era mais do que apenas seu sócio, era um amigo querido. Na verdade, era como um pai para Benedict desde que seus pais haviam partido para a Escócia. A expressão solene em seu rosto lhe disse que algo estava seriamente errado.

— Sente-se, Emilio. Qual é o problema?

— Meu jovem amigo, estou preocupado.

— Sobre o quê?

— Sobre você.

— Eu? Estou bem. As coisas estão ótimas na verdade.

— Já reparei. Outros também. É por isso que estou preocupado.

— Eu não entendo.

— Um mês atrás, você decidiu não ir ao estaleiro por uma semana. Você nunca fez isso.

— Eu sei, mas terminei os desenhos que discutimos durante esse tempo.

— Sim, você fez. E eles são brilhantes como sempre, mas esse não é o ponto. Você esteve fora do estaleiro por uma semana. Então, quando retornou, você parecia diferente. Mais feliz. Você não parava para almoçar no meio do dia, mas corria para casa à noite. Por quê?, eu me perguntei. Minha esposa sugeriu que você poderia finalmente ter encontrado uma garota legal. “*Não, Concetta*”, eu disse. “*Benedict me diria se tivesse*”. Ela disse, “*dê tempo a ele*”. Então, eu fiz. Agora, três semanas se passaram e não apenas você está agindo como um homem apaixonado, como estou começando a ouvir sussurros. Você foi visto com uma jovem em sua gôndola. Então, eu me perguntei: “*por que ele manteria isso em segredo?*”

— Emilio, eu...

— Então, esta manhã, a resposta me atingiu. Reese Llewellyn postou avisos oferecendo uma recompensa substancial para qualquer um que possa lhe dar informações sobre sua filha perdida. — Emilio leu o panfleto em sua mão. “*Em 9 de julho, minha querida filha, Ceres, caiu ao mar enquanto o navio em que viajava se aproximava de Veneza. Peças de vestuário pertencentes a ela foram encontradas, mas não o seu corpo. Ela tem uma pequena constituição, cabelos negros e olhos azuis. Seu pai dedicado ainda reza para encontrá-la viva e está oferecendo dez ducados para qualquer um com informações confiáveis sobre seu paradeiro e quinhentos ducados para qualquer um que a devolva viva e bem a ele.*”

Emilio levantou os olhos do folheto.

— Ocorreu-me que você ficou em casa na semana que começa em 10 de julho. Também me ocorreu que, se aquela garota sobreviveu, o pedaço de terra mais próximo seria o Lido.

O silêncio pairou entre eles por um momento.

— Benedict, você achou essa garota? Você está apaixonado por ela?

Benedict engoliu em seco. Não podia mentir para Emilio.

— Sim. Mas há um pouco mais nisso. Quando a encontrei, ela não se lembrava quem era. Ela pensou que seu nome era Sara. Eu me ofereci para ver o

que poderia descobrir, mas ela me implorou para não. Ela disse que estava com medo. Acreditava que algo terrível aconteceria se eu fizesse perguntas.

— Mas quando você voltou ao escritório na semana seguinte, a notícia da filha de Llewellyn estava em toda parte. Você tinha que saber que a Sara que encontrou era na verdade Ceres Llewellyn.

— Eu sei. E fui para casa naquela noite e disse-lhe que seu pai estava procurando por ela. Então ela me contou uma história que eu mal podia acreditar. Mas Emilio eu acredito nisso. — Ele começou a contar ao seu sócio sobre Sara Wells e o relógio de bolso.

Quando terminou, Emilio perguntou:

— Você acredita nessa história?

— Sim. Quando a conhecer, você entenderá o porquê. Ela é diferente de qualquer garota que eu já conheci. E nós não contamos ao pai dela porque ela acredita que seria mais gentil. Ela não é Ceres e se voltar ao seu próprio tempo, o corpo de Ceres vai morrer aqui de qualquer maneira.

— Se ela voltar para o seu próprio tempo?

— Estamos apaixonados, Emilio. Ela quer ficar aqui comigo. Eu a pedi em casamento.

— Isso é quase impossível de acreditar. Mas você é um homem bom, um homem inteligente que não é facilmente enganado. Eu só posso confiar que sua fé nela está bem colocada. Mas, dito isso, você não pode mais manter esse segredo. Se eu juntei tudo, outros podem. Quinhentos ducados é uma imensa quantia de dinheiro. Inferno, aliás, dez ducados também. Seria melhor você ir a Llewellyn e explicar o que aconteceu. Não quero dizer sobre o relógio, mas explicar sobre ela ter perdido a memória e que você acabou de juntar as peças. Diga a ele que você quer se casar com ela.

— Eu considere isso. Mas não sei o que faria se ele rejeitasse a proposta. Emilio, ela é minha alma gêmea. Não posso arriscar perdê-la. Pensei que poderia haver menos chance disso se me casasse com ela primeiro.

— Ah, pedir perdão em vez de permissão?

Benedict assentiu.

— Eu não posso acreditar que seria necessário. Ele é um homem razoável. Não poderia encontrar um marido melhor para ela. Você é sócio num negócio de construção naval extremamente bem sucedido e um bom rapaz sem vícios para

contar. Além disso, ele terá descontos em todos os navios que nos remeter para o resto de sua vida.

— Parece que tenho muito pouca escolha de qualquer maneira. Ela tem apenas dezenove anos, então não consigo obter uma licença sem a permissão dele. Nós não precisamos de permissão para nos casarmos com um padre, mas os proclamas terão que ser postados. Quando as notícias dessa recompensa se espalharem, é demais esperar que ele não ouça algo. Se me der licença, eu devo ir falar com Sara sobre isso imediatamente.

Quando Benedict ia sair, Emilio pôs a mão em seu ombro.

— Como eu disse, você é um bom rapaz. Seu pai seria um tolo em recusar sua oferta de casamento. Mas você tem outra opção de casamento.

— Qual?

— O capitão de uma embarcação pode casar legalmente um casal no mar. Se você acha que a única maneira de tê-la como sua esposa é fugir, vou ajudá-lo de qualquer maneira possível.

— Obrigado, Emilio.

Benedict a recolheu de Zina. Não parecia bom que sua Sara normalmente alegre parecesse tensa e chateada.

— Você conseguiu uma licença? — Ela perguntou, seu tom tenso.

— Não. Mas vamos falar sobre isso em casa.

Quando chegaram à privacidade de sua cozinha, ficou imediatamente claro que nenhum deles tinha boas notícias.

Sara andou de um lado para o outro, torcendo as mãos.

— Ben, o que vamos fazer? Zina diz que devemos fugir. Ela não acredita que Llewellyn vá receber isso bem. Mas você construiu um negócio maravilhoso aqui. Eu não posso te pedir para sair.

Ele se levantou, envolvendo os braços ao redor dela para impedi-la de andar.

— Nada é mais importante para mim do que você. No entanto, Emilio acredita que Llewellyn é razoável e verá as vantagens que este casamento terá para ele.

— As coisas que Zina disse sobre seu temperamento são certamente consistentes com o medo que sinto de Ceres.

— Nós podemos fugir então. Entrarei em Veneza amanhã e discutirei os negócios com Emilio. Ele pode estar disposto a comprar a minha parte. Isso nos daria fundos para começar de novo em outro lugar. Também posso descobrir que opções temos para deixar Veneza.

Sara assentiu, descansando a cabeça contra o peito dele.

— É só que eu me preocupo por estar dando muito peso aos medos de Ceres. Zina disse algo que me preocupa. Ela disse que Llewellyn adorava Ceres e deu a ela tudo o que desejava. Ela disse que não foi surpresa que Ceres se rebelou na primeira vez que ele disse não para ela.

— Por que isso te preocupa?

— Apenas que o que fizemos em relação a Llewellyn foi baseado no que acredito que Ceres sente, mas isso não significa que ela esteja certa. Eu me preocupo se estou colocando muita fé numa adolescente super-indulgente. E se ela estiver errada? E se o pai dela se alegrar em encontrá-la e, como o Sr. Santi diz, aceitar uma proposta de casamento sua?

— Então, colocando os sentimentos de Ceres de lado, Zina também está preocupada com ele.

— Mas o Sr. Santi não. Ele conhece Llewellyn como um homem de negócios. Zina o conhece como alguém que paga por sua companhia. Há uma grande possibilidade de estar impulsionando sua opinião.

Benedict beijou o topo de sua cabeça. Queria Sara como sua esposa mais do que queria sua próxima respiração. A única maneira de garantir que isso aconteceria seria fugir com ela e nunca olhar para trás. Mas ela parecia tão em conflito que não sabia qual era o melhor caminho.

— Sara, o que seu instinto te diz?

— Que a honestidade é sempre melhor.

Ele assentiu.

— Então eu vou ver Llewellyn amanhã.

— Não sozinho. Eu também vou.

Ele balançou sua cabeça.

— Não tenho certeza se é uma boa ideia.

— Ele não vai acreditar que eu perdi todas as minhas memórias, se não vir e falar comigo.

Benedict tentou dissuadi-la ao longo da noite, mas acabou concordando que a melhor chance deles para a abordagem honesta era ir juntos.

Capítulo 17 - *Nada a perder*

Na manhã seguinte, ele e Sara atravessaram a lagoa até o Arsenale. Ele ajudou-a a descer da gôndola e levou-a aos escritórios de Santi e Maclan. Assim como ele sabia que ela iria, Sara encantou Emilio.

Com as brincadeiras à parte, Benedict contou ao seu parceiro o plano de conversar com Llewellyn.

Emilio pareceu aliviado.

— Fico feliz em ouvir isso. Eu não quero perder você como sócio e essa é realmente a única maneira de evitar isso.

— Como devo fazê-lo então? — Perguntou Benedict.

Emilio considerou por um momento.

— Acho que devemos ir para a casa dele em Veneza.

Benedict arqueou uma sobrancelha.

— Nós?

Seu velho amigo sorriu.

— Sim, Benedict. Conheço Reese Llewellyn há mais tempo do que você. Eu irei com você para garantir seu caráter.

Benedict ficou tocado. Isso poderia não correr muito bem e Emilio tinha que saber disso. Mas ficaria com eles de qualquer maneira.

— Obrigado. Eu te devo muito.

— Benedict, sempre pensei em você como o filho que nunca tive. Você não me deve nada. É o que um pai faria.

Benedict não sabia o que dizer.

— Obrigado.

Emilio sorriu.

— Apenas me faça padrinho do seu primeiro filho.

Esperaram até um pouco mais tarde da manhã antes de procurar Llewellyn em sua casa. Ele não morava longe de San Marco, mas não era num canal. Eles amarraram a gôndola perto do palácio do Doge e andaram o resto do caminho.

Um criado atendeu a porta.

Emilio se dirigiu a ele.

— Bom Dia. Eu sou Emilio Santi e gostaria de falar com o Sr. Llewellyn.

O criado olhou além dele para Benedict e Sara. Seus olhos se arregalaram.

— Sim, *Signore*. Por favor entre.

Ele levou-os para a sala de recepção e se desculpou.

— Eu vou dizer ao *Signore* Llewellyn que estão aqui.

Benedict começou a se preocupar que isso tivesse sido um erro. Tão valente como Sara tinha sido sobre isso e tão certa quanto ela era que era o curso certo, agora parecia aterrorizada. Ele segurou a mão dela.

— Eu te amo, Sara.

Ela agarrou a mão dele e virou os olhos assustados para ele.

— Eu também te amo, Ben. Com todo meu coração.

Antes de Ben dizer a ela que tinha certeza de que tudo ficaria bem, Reese Llewellyn entrou na sala.

— Meu Deus. Ceres, eu não posso acreditar. Eu tinha perdido toda a esperança. — Ele a puxou para um abraço, quebrando a conexão de Benedict com ela.

— Santi, eu não sei como você fez isso, mas obrigada. Ceres, pequena, onde você esteve?

— Ela está comigo, Sr. Llewellyn — disse Benedict.

— Por que você demorou tanto para devolvê-la a mim?

Sara se livrou do aperto de Llewellyn.

— Porque, quando ele me encontrou, não tinha lembranças da minha vida antes de cair ao mar. Não pude dizer a ele quem eu era porque não me lembrava. E ainda não lembro.

— O que você quer dizer? Ceres, claro que você lembra quem você é.

— Sinto muito, senhor, mas não. Pensei que meu nome era Sara. Foi o que eu disse a Benedict. Ele não sabia que eu era sua filha.

— Você esteve com Benedict Maclan esse tempo todo?

— Sim. Ele tem sido muito gentil comigo.

— Então você tem meus agradecimentos, Maclan. Eu pensei que minha filha estava perdida para mim. Entendo agora por que demorou tanto. Eu vou providenciar que você receba o dinheiro da recompensa.

Benedict se arrepiou.

— Senhor, eu não quero o dinheiro da recompensa.

— Claro que quer. Você me fez um ótimo serviço e devo isso a você.

— Senhor, eu me apaixonei por Sara... isto é Ceres. A única coisa que procuro de você é a mão dela em casamento.

— A mão dela em casamento?

Sara assentiu com a cabeça.

— E eu quero casar com ele... pai.

Llewellyn pegou a mão dela na sua, dando um tapinha nas costas dela.

— Minha querida, você está confusa.

— Não, não estou. Eu o amo.

Benedict adiantou-se.

— Sim senhor. E eu a amo com todo meu coração. Como sabe, sou sócio da Santi and Maclan. Não lhe faltaria nada.

— Llewellyn, nos conhecemos há muitos anos — disse Emilio.

— Sim é verdade. Os melhores navios da minha frota foram construídos por Santi e Maclan.

Emilio sorriu amplamente.

— E imagine que vamos construir mais para você. Você nunca mais pagará o que outros comerciantes pagam pelos nossos navios. Será da família. E posso

assegurar-lhe que não há um jovem melhor em Veneza que Benedict MacIan. Ele será um excelente marido para Ceres.

— Eu não posso agradecer a vocês dois o suficiente por cuidar dela e devolvê-la para mim.

Benedict ficou ciente do fato de que Llewellyn não respondeu a nenhum dos três sobre sua proposta.

— Senhor, posso ter a mão de Ceres em casamento?

Llewellyn pegou uma campainha e tocou.

— MacIan, minha filha passou por um mau momento. Não tenho certeza de que decisões dessa magnitude devam ser tomadas neste momento.

Um criado entrou no quarto.

— Chamou, *Signore*?

— Sim, Eduardo. Esta é minha filha Ceres. — Ele beijou as costas da mão dela. — Por favor, veja que ela se sinta confortável em um dos quartos.

Sara afastou a mão dele.

— Não. Eu não vou ficar aqui. Eu vou casar com Benedict. — Ela atravessou a sala e colocou os braços em volta de Benedict.

Benedict pôs um braço ao redor dela.

— Senhor, por favor, não respondeu à minha proposta. Podemos ter sua bênção para nos casarmos? — Ele intencionalmente não pediu permissão novamente.

Os olhos de Llewellyn se estreitaram e ele apertou a mandíbula. Benedict vislumbrou o temperamento que Zina havia advertido a Sara.

— Senhores, eu preferiria discutir isso em particular. Eu não quero perturbar minha filha.

— Eu já estou chateada e não vou sair — declarou Sara.

— Ceres, minha querida...

— Não. Benedict cuidou de mim nas últimas semanas. Eu lhe devo minha vida e eu o amo. Até você reconhece que está em dívida com ele.

— Eu sou grato que ele te ajudou quando precisou dele. E entendo que você acredite que está apaixonada por ele. Terei prazer em pagar a recompensa que ofereci pelo seu retorno seguro. E se tivesse sido quase qualquer outra pessoa, provavelmente teria dado a minha permissão. Mas não se engane, nunca permitirei que minha filha se case com um escocês selvagem. Nunca. Não importa o quanto isso me beneficiaria. Você vai voltar para a Inglaterra o quanto antes. — Ele deu um passo em direção a eles.

Emilio se colocou entre eles.

— Você está sendo tolo, Llewellyn. Você nunca encontrará um marido melhor para Ceres.

— Um sapo seria um marido melhor que um escocês — ele rugiu. Então, dirigindo-se ao seu empregado, disse: — Eduardo, mande chamar a polícia.

— Não se incomode — disse Emilio. — Estamos indo embora. Benedict, Sara, depois de vocês.

Llewellyn investiu contra Emilio, jogando-o no chão antes de atacar Benedict.

Benedict soltou Sara, pisando na frente dela para impedir Llewellyn de chegara ela.

— Vá agora, Sara. Corra.

Naquele momento, com a atenção de Benedict voltada para Sara, Llewellyn pegou um pesado vaso de vidro de uma mesa e balançou-o na cabeça de Benedict. Ele caiu de joelhos, apagando quando Llewellyn o atingiu de novo, com força total.

~ * ~

Sara ficou horrorizada quando o pai de Ceres atacou o Sr. Santi. Então Ben empurrou-a para longe e disse-lhe para fugir. Ela fez. Não podia fazer nada para evitar o que estava acontecendo e se o Sr. Llewellyn pusesse as mãos sobre ela, poderia forçá-la a embarcar num navio e levá-la para a Inglaterra na próxima maré. Tinha que se certificar de que isso não acontecesse. Um criado tentou agarrá-la quando chegou à porta da frente. Ela quebrou o aperto e praticamente voou para fora da casa, correndo para a praça, desviando-se das pessoas na rua. Se conseguisse chegar à praça, talvez pudesse se fundir no fluxo perpétuo de pessoas lá.

Então, pouco antes de chegar à praça, sem tomar uma decisão consciente, cortou para uma estreita rua lateral e entrou na primeira loja que encontrou. Era uma loja de rendas que havia visitado uma vez antes com Zina. Fingiu examinar alguns xales de renda enquanto fazia um esforço para não parecer tão esbaforida como estava. A dama que dirigia a loja deu-lhe um olhar intrigado.

Sara se abanou com a mão.

— É um dia extremamente quente.

A matrona assentiu.

— É de fato. Há algo que eu possa ajudá-lo?

Pensando sobre isso, poderia usar um véu ou xale para se esconder um pouco. Mas não tinha dinheiro e estava certa de que Benedict não tinha uma conta aqui.

— Bem... eu...

Uma luz de reconhecimento apareceu no rosto da mulher e ela sorriu amplamente.

— Ah, sim, eu lembro de você agora. Trabalha para a *signora* Peretti. Eu tenho o pedido dela lá atrás. Não demoro um minuto.

Santo Deus, o que faria agora? Não estava aqui para pegar os artigos de renda de Zina. Talvez devesse sair antes que a mulher retornasse. Então ocorreu-lhe que não tinha para onde ir. Não podia pilotar a gôndola. Não tinha dinheiro para pagar um gondoleiro e mesmo se o fizesse, a casa de Benedict seria o primeiro lugar onde Llewellyn poderia procurá-la. Não conhecia ninguém no estaleiro a quem pudesse procurar ajuda e tinha certeza de que Llewellyn verificaria lá também. O único outro lugar que poderia ir seria o último lugar que ele pensaria em olhar – a casa de sua cortesã. “*O universo certamente se desdobra como deveria, Gertrude.*”

A mulher saiu do quarto dos fundos com um embrulho de papel.

— Olhe, está aqui. Há mais alguma coisa que você precisa?

— Obrigado. — Sara pegou o pacote e olhou para os xales novamente. Pegou um xale bege-rosa claro feito de um fino gramado de algodão e enfeitado com uma renda larga. — Na verdade, gostaria de adicionar isto ao pedido. — Havia vários belos leques de renda exibidos em outra mesa. Um ventilador seria quase tão bom quanto uma máscara para esconder seu rosto. Ela pegou um. — E isto também, por favor.

A mulher sorriu.

— Vou enrolar o xale, mas espero que o leque seja uma bênção num dia como esse.

Sara sorriu.

— Sim. Muito obrigado.

— São para você ou a *signora* Peretti?

— São para a *signora*. Pode colocá-los em sua conta? — Sara sabia que Zina não se importaria e Ben pagaria de volta assim que estivessem fora dessa bagunça.

— Sim, certamente.

— Obrigada. — Sara fez uma leve reverência.

— De nada, minha querida.

Sara saiu da loja, continuou pela estrada até o primeiro beco e entrou. Fez o seu caminho até a próxima pequena rua. Não tinha certeza exatamente de onde estava, mas se pudesse encontrar o caminho para o Grande Canal, à vista da Ponte Rialto ou até mesmo da igreja de San Silvestri, poderia encontrar a casa de Zina. Desembrulhou o xale e cobriu a cabeça e parte do rosto com ele. Então, com o pacote de Zina em uma mão e o leque na outra, percorreu as ruas e becos em direção a noroeste.

Depois de algumas viradas erradas e becos sem saída, chegou ao Grande Canal, ao sul da Ponte Rialto, não muito longe do pequeno beco que imaginara ser o portal do tempo um mês atrás. Soltou um suspiro de alívio, virou para a esquerda e caminhou até chegar ao lugar do outro lado do canal, em San Silvestri, onde ela e Ben haviam chegado no sábado à noite. Daqui sabia exatamente aonde ir.

Quando chegou na casa de Zina, bateu na porta da entrada da rua. O mordomo de Zina, Mauricio, pareceu surpreso ao vê-la ali.

— Seu amigo não a trouxe de gôndola?

Sara indicou o pacote em sua mão.

— Eu tive um pouco de compras para fazer primeiro.

O homem sorriu.

— Ah sim, eu vejo. A *signora* está na sala de estar. Siga-me.

Sara hesitou por um momento.

— Ela está sozinha?

Ele franziu a testa.

— Sim. Eu a consultaria primeiro se não estivesse.

Sara deu uma risada nervosa.

— Claro que você faria. Isso foi tolo da minha parte.

Ele a levou pela casa até a sala de estar.

— *Signora* Peretti, a *signorina* Wells está aqui para vê-la.

Os olhos de Zina se arregalaram por um momento, mas ela escondeu sua surpresa rapidamente.

— Sara, querida, venha e sente-se.

O mordomo perguntou:

— Devo trazer chá, *signora*?

Ela assentiu:

— Sim, obrigado, Mauricio.

Ele fechou a porta atrás dele enquanto saía.

— O que há de errado? O que você está fazendo aqui?

— Oh, Zina... — Ela começou a chorar.

Zina correu para ela, reunindo Sara em seus braços.

— Sara, querida, me diga o que está errado. Tenho certeza de que podemos consertar isso.

Sara engoliu em seco e limpou as lágrimas no rosto, tentando recuperar algum controle.

— Nós dissemos a ele.

— Quem? Llewellyn?

— Sim. Ben e eu conversamos durante muito tempo ontem. Acontece que, enquanto eu estava aqui com você, Ben descobriu que Llewellyn estava oferecendo

uma recompensa significativa por informações sobre mim. O *Signore* Santi juntou todas as peças e ficou preocupado que os outros também o fizessem. Ele acreditava que Llewellyn iria entender sobre a amnésia e, finalmente, ver as vantagens de um casamento para mim com Ben.

— E ele não fez isso?

— Oh, ele acreditou em nós sobre a amnésia, mas se recusou a permitir o casamento. Disse que não iria me casar com um “*escocês selvagem*”, não importa como isso o beneficiasse. Disse que provavelmente teria dado permissão a qualquer outra pessoa.

— Sara, sinto muito. Eu não percebi que Reese tinha esse preconceito ou teria contado a você. O que aconteceu depois que ele recusou você?

— Nós tentamos sair. O *Signore* Santi se colocou entre Llewellyn e nós para nos dar uma chance de fugir. Mas Llewellyn o jogou no chão e foi para Ben. Ben me disse para correr e eu fugi.

— Bem, ainda bem que o fez. Se você bancasse a tola e tentasse salvar Ben, as chances seriam grandes de que você já estaria num navio para a Inglaterra.

— Mas o que fazemos agora? — Um pensamento horrível ocorreu a ela. — Ele não iria matar Ben, iria?

— Não em sua casa, por sua própria mão. Ele pode fazer um monte de coisas, mas não assassinato. Se ele quer Ben morto, vai ter certeza que não esteja conectado a ele. Não, suspeito que ele acabou de prendê-lo.

— Com que acusações? Ele não fez nada de errado.

— Sara, ele manteve você em sua casa por quase um mês. Suspeito que Reese faria as mesmas acusações que as de Casanova, uma afronta à decência comum.

— Mas nós não... isso não é até depois do baile...

Zina sorriu.

— Então, na verdade você fez. Mas isso não importaria de qualquer maneira. Ele não precisa de Ben condenado. Só precisa dele preso o tempo suficiente para te encontrar e tirar de Veneza. Mas não se preocupe. Ele não vai encontrar você.

— E Ben e o *Signore* Santi?

— Vou mandar um servo para descobrir tudo o que puder sobre eles. Depois de soubermos o que se passou, podemos montar um plano.

A menção de enviar um servo despertou outro medo. Se um deles falasse com Llewellyn, isso poderia colocar Zina em perigo simplesmente por tentar ajudar.

— Zina, talvez seja melhor se eu simplesmente sair. Se seus servos souberem quem eu sou, um deles pode ir para Llewellyn. Isso pode colocar você em perigo.

Zina sacudiu a cabeça.

— Meus servos são leais a mim

— Mas e quanto ao dinheiro da recompensa?

Zina riu.

— Reese já paga aos meus servos para me espionar. Eu pago mais para não. Nunca fiz nada do que ele desaprovava, mas esse não é o ponto. Meu negócio é meu.

— Mas quinhentos ducados é uma soma enorme.

— Sara, pare de se preocupar. Se um dos meus servos fosse tentado por aquele dinheiro, os setecentos e cinquenta ducados que eu lhes pagaria para ficarem quietos os tentariam mais. Além disso, sabem que se quebrarem minha confiança, nunca mais trabalharão numa boa casa veneziana.

Sara assentiu, mas franziu a testa. Não podia deixar de se preocupar. Se tudo estivesse perdido e Ben fosse morto, ainda poderia dizer a palavra e voltar ao seu próprio tempo. Mas se fizesse isso, Zina seria a única a lidar com a bagunça.

Zina inclinou a cabeça para um lado.

— Você não acredita em mim?

Antes que Sara pudesse responder, Mauricio voltou com o chá.

Zina sorriu.

— Deixe-me provar para você, Sara. — Ela voltou sua atenção para o mordomo. — Mauricio, você sabe quem é esta senhora?

— *Signorita Sara Wells, signora.*

— Não, eu quero dizer você sabe quem ela *realmente* é?

— Bem, houve um pouco de especulação, *signora*. Parece que ela pode ser Miss Ceres Llewellyn. Ela apareceu pela primeira vez logo depois que a Srta. Llewellyn se perdeu e tem uma razoável semelhança com o *Signore* Llewellyn.

Sara ofegou.

Zina riu.

— Bem visto, Mauricio. Eu não juntei esses dois pedaços de informação imediatamente. Você está ciente da recompensa oferecida pelo seu retorno?

Ele assentiu uma vez.

— A maioria das pessoas da casa está, *signora*.

— Bom. Agora, Mauricio, você deve reconhecer que Sara é muito nova aqui. Ela não entende o jeito das coisas. Existe alguma chance do *Signore* Llewellyn descobrir que ela é minha convidada aqui?

— Só se a *signora* disser a ele.

— Você se importaria de explicar por que isso é verdade para ela?

— Não mesmo, *signora*. Miss Wells, é simples. Nós, a *signora* Peretti e todos que trabalham em sua casa, somos venezianos. O Sr. Llewellyn não é. Enquanto ele vem à cidade uma vez a cada poucos meses, devemos viver aqui para o resto de nossas vidas. Ele pode oferecer uma quantia enorme de dinheiro por uma única informação, mas uma vez que a tenha, não há mais renda a ser obtida. Por outro lado, a *Signora* é um empregador muito benevolente. Ela paga seu povo generosamente e é leal a eles. Posso oferecer um exemplo, *Signora*?

Zina acenou com a cabeça consentindo.

— *Signorita* Wells, o mordomo que trabalhava para a *Signora* antes de mim sofreu um terrível acidente. Ele caiu de uma grande altura e seus ferimentos o deixaram incapaz de andar, incapaz de trabalhar. Ela ainda lhe paga uma pensão para poder cuidar de sua família. Então, *signorita* Wells, sabemos que podemos contar com ela. Nenhuma quantia do dinheiro de Llewellyn vale a pena perder sua confiança.

Sara assentiu.

— Obrigado por me dizer, Mauricio.

— Foi o meu prazer. — Ele lhe deu uma pequena reverência.

— Então, Mauricio — disse Zina — preciso que alguém investigue algo para mim. — Ela explicou rapidamente sobre o *Signore* Santi e Benedict.

— Certamente, *signora*. Posso sugerir que Miss Wells se retire para o quarto verde? O *signore* Llewellyn tende a procurá-la quando não está tendo o melhor dos dias.

— Você está absolutamente certo. Eu vou mostrá-lo a ela.

Capítulo 18 - *Nada a perder*

Quando Benedict acordou, estava certo de que havia morrido e ido para o inferno. Sua cabeça latejava e estava deitado de bruços num chão de madeira. O calor da sala era quase insuportável. Ele rolou para o lado e se sentou para olhar em volta. A luz estava fraca, mas podia ver que estava em algum tipo de cela de teto baixo, talvez doze pés¹⁷ quadrados.

— Você se juntou aos vivos — disse uma voz atrás dele.

Benedict se virou ao som, fazendo a cabeça dele nadar.

— Devagar, cara. O ambiente dessas acomodações estelares não será melhorado pelo conteúdo do seu estômago. — O homem era talvez mais velho que Benedict por um ano ou dois. Usava apenas calções e tinha uma longa barba.

— Onde estamos?

— Nos Leads¹⁸. Uma das celas sob o teto da frente do palácio ducal. Eu sou Giacomo Casanova. Quem é Você?

Este era o libertino infame, Casanova?

— Meu nome é Benedict MacIlan.

— Prazer em conhecê-lo, Benedict MacIlan. Mas ainda me pergunto quem você é.

— Eu não entendo. Eu te disse, sou Benedict MacIlan.

— Esse é apenas o seu nome. Quem é *Você*? Eles só colocam prisioneiros das classes superiores nos Leads. Estou bastante familiarizado com a aristocracia veneziana e os membros mais abastados da classe mercantil. Seu nome é familiar, mas não posso te identificar e tenho certeza de que nunca nos conhecemos. O que só pode significar que, se você tem dinheiro, não o gasta nos passatempos habituais.

— Sou sócio de uma empresa de construção naval, Santi e MacIlan.

¹⁷ Pé (ou pés no plural; símbolo: ft ou ') é uma unidade de medida de comprimento. Um pé corresponde a 12 polegadas, e três pés são uma jarda. Doze pés corresponde à 144 polegadas. Uma polegada é igual a 2,54 centímetros ou 25,4 milímetros.

¹⁸ Piombi (The Leads em inglês) é uma antiga prisão no Palácio dos Doges em Veneza.

— Ah, sim. *Aquele* Maclan. Então me diga, Maclan, o que você fez para acabar aqui?

— Nada.

— Sim, isso é bastante comum aqui em cima. Todos nós não fizemos nada. Então, talvez possa me dizer o que *eles* acham que você fez.

— Honestamente, não tenho certeza.

— Diga-me o que aconteceu imediatamente antes de você ter esse galo na cabeça e talvez possamos descobrir isso juntos. — O tom de Casanova estava repleto de sarcasmo.

— Eu estava na casa do *Signore* Llewellyn.

— Aquele tem um temperamento desagradável segundo ouvi. Você o enganou, ou seja, você e ele discordam sobre a qualidade de sua habilidade?

— Não. Não foi nada disso. — Se ia contar a história a Casanova, tinha que se ater ao que disseram a Llewellyn. — Eu moro no Lido. Cerca de um mês atrás, encontrei uma garota na praia.

— Apenas sentada junto ao mar? Você costuma encontrar garotas nas areias do Lido? Se assim for, devo considerar fazer uma casa lá.

Ben sacudiu a cabeça, um pouco frustrado.

— Ela não estava apenas sentada lá. Quase se afogou. Ela pensou que seu nome era Sara, mas não conseguia se lembrar de mais nada, nem mesmo como tinha acabado na água. Eu cuidei dela. Nós nos apaixonamos.

— Claro que sim. Mas como Llewellyn figura nisso?

— Descobri que a filha dele tinha caído ao mar assim que seu navio se aproximou de Veneza. Roupas pertencentes a ela foram encontradas, mas não o seu corpo. Ele acreditava que ela estava viva. Com base em todas as evidências, acreditei que minha Sara era realmente Ceres Llewellyn. Levei-a para ele, acompanhado pelo meu sócio, Emilio Santi. Pedi a mão dela em casamento.

— Soa como um fósforo aceso no céu. Ou talvez o escritório de um banqueiro. O que poderia ser melhor para um comerciante do que casar sua filha com um renomado construtor naval?

— É o que Emilio e eu pensamos, mas Llewellyn recusou.

— Por quê? Inferno, eu casaria minha filha com você, exceto que não tenho uma... que eu conheça pelo menos.

— Ele disse que nunca iria deixá-la casar com um escocês *selvagem*.

— Bem, ele tem um ponto aí.

Benedict olhou para ele.

Casanova sorriu e encolheu os ombros.

— Foi apenas uma brincadeira. Você não parece *tão* selvagem para mim, embora seja inegavelmente um escocês. Mas nós discordamos. O que aconteceu depois que ele recusou você?

— Nós tentamos sair. Llewellyn atacou Santi. Eu disse a Sara para correr, mas naquele instante, Llewellyn me atingiu na cabeça com alguma coisa. Então acordei aqui.

— E a linda Sara ou Ceres ou qualquer que seja o nome dela?

— Eu não sei o que aconteceu com ela.

— Bem, no momento, esperamos que ela tenha fugido ou que suas chances de vê-la novamente serão desanimadoras. Agora você diz que a manteve por um mês. Ela está carregando seu filho?

— Não. Não foi assim. Nós não ...

— Você não fez? Por que diabos não? Como você poderia saber se a ama? — Casanova acenou com a mão. — Isso realmente não importa. O fato é que ninguém em Veneza, certamente não o pai dela, acreditará que você não se beneficiou de seus encantos. Portanto, suspeito que, uma vez que ficou incapacitado, ele o prendeu e o acusou por uma afronta à decência comum. Um dos crimes, é triste dizer, que me trouxe aqui.

Benedict colocou a cabeça latejante nas mãos.

— Como vou sair disto?

— Você ainda não foi julgado e claramente não é um indigente. O suborno funciona muito bem.

— Eu suspeito que Llewellyn é significativamente melhor nesse jogo que eu.

—Sem dúvida. Mas nunca se sabe que milagre pode acontecer.

~ * ~

Naquela noite, Sara tinha motivos para esperar. O criado de Zina ficara sabendo que Ben havia sido preso e acusado de uma afronta à decência comum, alegando que ele havia despojado Ceres Llewellyn.

Emilio Santi não foi preso. Além do fato de não ter feito nada errado, era um membro respeitado da sociedade veneziana. Na verdade, ele quase convencera o chefe de polícia a prender Llewellyn por agredi-lo. Mas no final, o chefe provavelmente se levantou para ganhar mais de Llewellyn do que de Santi, então não fez a prisão.

Ben estava preso nos Leads enquanto aguardava julgamento. O *Signore* Santi estava trabalhando através de canais legais para efetivar a libertação de Ben.

Ela foi dormir naquela noite na esperança de se reunir com Ben no dia seguinte.

Llewellyn tinha requisitado Zina naquela noite e Sara ficou calmamente abrigada no quarto verde até ele sair na manhã seguinte. Depois que ele se foi, Zina deu-lhe informações e as esperanças de Sara despencaram.

— Reese passou a maior parte da noite reclamando sobre os acontecimentos do dia. No entanto, também se gabou de espalhar dinheiro suficiente para garantir uma condenação rápida.

— Não. Como ele pode dizer que ama sua filha e faz isso com o homem que ela ama?

— Eu perguntei a mesma coisa. Mas ele está convencido de que ela é muito jovem para saber algo sobre o amor e quando estiver longe de Veneza, vai superar isso.

— Você acha que isso irá funcionar? Ele vai conseguir que Ben seja condenado?

Zina sorriu.

— Não, eu não penso assim. Você vê, eu tenho contatos. Reese também deixou cair um pedacinho de informação que será incrivelmente útil. Aparentemente, eles colocaram Ben numa cela com Giacomo Casanova.

— Como isso é útil?

— Casanova e eu temos um benfeitor mútuo, conde Bragadin. Além de um advogado, não são permitidos visitantes aos prisioneiros nos Leads, mas tenho razões para acreditar que Bragadin tem uma maneira de se comunicar com Casanova. Vou fazer uma visita ao conde esta manhã. Ele saberá se há algo que pode ser feito e, no mínimo, nos permitirá enviar mensagens para Ben. O próprio Casanova pode ter alguma ideia sobre a melhor maneira de proceder.

Zina cumpriu sua palavra e o conde Bragadin prometeu descobrir o que podia.

Mais tarde naquele dia, o *Signore* Santi foi chamado por Zina a seu pedido. Quando ele chegou, ficou extremamente aliviado ao encontrar Sara lá.

Sara pulou direto para o assunto em questão.

— Que notícias tem, *Signore*?

— Infelizmente, não é tão bom quanto eu esperava.

— O que aconteceu?

— Nada. Ainda não. Eu discuti a situação com nosso advogado. Ele me diz que Llewellyn tem contatos no judiciário. Ele teme que se Benedict for levado a julgamento, seja condenado. Então nosso advogado está trabalhando para tentar que as acusações caiam.

Sara cobriu a boca com a mão, tentando não chorar.

Zina pôs um braço ao redor dela.

— Não se desespere ainda, Sara. Parece que o caminho a seguir é óbvio. Vamos deixar o advogado fazer o que ele faz melhor, mas vamos planejar uma contingência. Se ele não conseguir que as acusações caiam, nós simplesmente precisamos tirar Ben da prisão antes que ele vá a julgamento.

— Como isso é possível?

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto de Zina.

— Minha querida, Llewellyn pode ter amigos em lugares altos, mas às vezes amigos em lugares baixos são igualmente valiosos, se não mais. Os guardas da prisão ducal recebem um salário incrivelmente baixo. Há sempre uma oportunidade para melhorar suas vidas, pela qual eles não são apenas gratos, mas frequentemente parecem sofrer cegueira temporária. Eu vou ver o que pode ser feito amanhã.

As notícias de Zina na tarde seguinte impulsionaram bastante o espírito de Sara.

— A informação do Conde Bragadin é excelente. Ele teve que melhorar a vida de várias pessoas para poder entrar em contato com Casanova, mas o que descobriu é realmente uma boa notícia.

— Ben está bem?

— Parece que sim. Ele tem um pouco de dor de cabeça, como você pode imaginar, mas está bem. Por sorte, parece que Casanova já está trabalhando numa maneira de escapar e seus planos estão em fase de conclusão. Ele fez uma pausa no trabalho por medo de que Ben fosse um espião, mas Bragadin o garantiu. O problema é que, quando o trabalho estiver concluído, sua rota de fuga o levará para fora das celas, mas não para fora do castelo. Precisamos de ajuda interna para isso. Lubrifiquei algumas boas palmas para garantir que o caminho seja claro.

— Quando podemos fazer isso? Esta noite?

Zina sacudiu a cabeça.

— Não. Vai demorar um pouco de planejamento. Primeiro, precisamos verificar com *Signore Santi* para ver como as coisas estão chegando na frente legal. O conde acredita que, se possível, seria muito melhor que as acusações caíssem e Benedict fosse libertado do que ele fugir da prisão.

— Mas e se eles não forem descartadas, ou as coisas se arrastarem para sempre?

— Não vamos deixar isso acontecer. Vamos colocar as coisas no lugar para a fuga ocorrer na próxima semana, independentemente disso. — Zina deu um sorriso rápido. — Casanova fica cansado na prisão. Ele tem mais quatro anos para cumprir sua sentença, mas decidiu que um ano é bastante longo. Todos os envolvidos acreditam que a melhor oportunidade para a fuga ser bem sucedida é tentar em um feriado. A festa da Assunção é daqui a cinco dias e no dia seguinte é a festa de St. Rocco. Dois feriados consecutivos serão ainda melhores. Eles vão fugir das celas na noite da Assunção e estarão livres do palácio no início da manhã do dia de St. Rocco.

— Então o quê?

— Nós teremos que falar com *Signore Santi* sobre isso, pois precisaremos da ajuda dele. Enviei uma mensagem solicitando que venha aqui amanhã.

~ * ~

Sara mal conseguiu dormir naquela noite. Se Ben fosse pego fugindo da prisão, poderia ficar na prisão por muito tempo. Rezou para que as manobras legais funcionassem. Mas o sono a iludiu, pois ela não conseguia parar de imaginar um cenário trágico após o outro.

Na mensagem que Zina enviara a *Signore Santi*, sugeria que ele fizesse sua visita bem cedo, pois isso garantiria que ele e Llewellyn não se encontrariam. Era improvável que Reese a visitasse antes do meio-dia.

Quando as gentilezas foram trocadas e tomaram assentos na sala de estar, Emilio compartilhou suas novidades.

— Meu advogado diz que ainda está esperançoso de que conseguirá que as acusações sejam retiradas.

— Há um “*mas*” pairando no final da frase — disse Zina.

Ele assentiu.

— Mas esperança é uma coisa e confiança é outra. Infelizmente, ele não está confiante. Disse que estava certo de que isso não acontecerá hoje, nem no fim de semana. A decisão será tomada na segunda-feira, no mínimo.

O coração de Sara caiu.

Zina disse:

— Então teremos que planejar o pior. Terça é a festa da Assunção. Vamos colocar os preparativos necessários para facilitar sua fuga.

Signore Santi assentiu.

— Concordo. O que mais é necessário?

Zina respondeu:

— Tenho tudo arrumado até o momento em que eles saírem pela porta. Depois disso, precisaremos tirá-los da cidade. Casanova acredita que uma gôndola

será suficiente. E provavelmente é para ele. Mas Ben e Sara vão precisar de mais. Suspeito que o melhor curso de ação seja reservar uma passagem para eles num navio que não tenha conexão com Llewellyn, que partirá assim que estiverem a bordo, na manhã de quarta-feira.

— Pode ser um desafio, mas vou providenciar que seja feito.

As sobrancelhas de Zina se juntaram.

— *Signore*, eu não quero colocar muita tensão em você, mas se acha que há a mais remota chance de que as acusações contra Ben sejam abandonadas e ele seja libertado, é necessário ter acordos similares em vigor para segunda-feira.

— Se ele for libertado na segunda-feira, não podemos esperar até quarta-feira para sair? — Perguntou Sara.

— Na quarta-feira, pode demorar um pouco para que a fuga seja descoberta e, em seguida, para que as notícias cheguem a Reese. É provável que tenhamos algumas horas de almofada. Mas se Ben for solto na segunda-feira, Reese saberá assim que acontecer – se não antes – e ficará furioso. Se nos atrasarmos, isso lhe dará tempo para agir. Não tenho dúvidas de que ele estará furioso. Temos que tirar vocês dois de seu alcance imediatamente.

Sara mal podia acreditar no que estava ouvindo. Já era ruim o suficiente que Benedict tivesse perdido sua liberdade e perdesse sua casa e seus negócios por causa dela. Agora corria o risco de perder a vida. Ela colocou a cabeça entre as mãos.

Signore Santi deu um tapinha no ombro dela.

— Não se preocupe. Vamos libertá-lo e deixar vocês dois bem longe de Reese Llewellyn.

— Mas onde podemos ir? Quando pensamos em não contar a ele sobre nós, e sair de Veneza, Ben mencionou o retorno à Escócia.

— Você não pode fazer isso agora — disse Zina. — É muito perto da base de poder de Reese e ele esperaria que Ben fosse para lá.

Signore Santi assentiu.

— E não podem ir a nenhum grande porto europeu, pelo menos não por muito tempo. Quando ele não conseguir encontrá-la em Veneza ou na Escócia, vai olhar mais longe, Nápoles, Gênova, Marselha, Barcelona, Lisboa, nenhum deles seria seguro. Você pode considerar portos menores, como Dubrovnik, Cadiz ou Saint-Nazaire.

Zina sacudiu a cabeça.

— Talvez a curto prazo, mas não acredito que qualquer porto europeu seja seguro por muito tempo. Reese é um homem que guarda ressentimentos. Ele acreditará que Benedict roubou sua preciosa filha e nunca parará de procurar vingança.

— Então, o que você sugere? — Ele perguntou.

— As colônias — ela disse simplesmente.

Signore Santi sacudiu a cabeça.

— Não. Isso é território britânico. Ele pode não começar a procurar lá, mas com certeza acabará por fazê-lo. E quando fizer isso, será capaz de encontrá-los com facilidade. Além disso, terá seu próprio sistema legal ao seu lado.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Zina, e pela primeira vez naquela manhã Sara sorriu também.

Signore Santi franziu a testa.

— O que diverte vocês duas?

— *Signore* — disse Sara — eu sei que você está familiarizado com a forma como cheguei aqui.

— Sim.

Ela olhou para Zina, silenciosamente pedindo sua permissão para revelar que ela também era uma viajante do tempo. Zina assentiu.

— Bem, Zina e eu não nos encontramos e tornamos amigas. Gertrude nos apresentou porque Zina também usou o relógio há alguns anos e ficou aqui.

Santi pareceu chocado.

— Há mais pessoas como você?

Zina deu de ombros.

— Evidentemente. No entanto, voltando à sua pergunta, as colônias nem sempre estarão sob controle britânico. Se Ben e Sara mudarem seu sobrenome, acho que as chances são pequenas de que Llewellyn seja capaz de localizá-los. E em questão de anos, os britânicos estarão fora e ele não terá recursos legais, então não importará.

Ele sorriu.

— Então, suspeito que essa seja a melhor escolha a longo prazo. Agora, há outra coisa a discutir. Sara, vocês dois precisarão de fundos para estabelecer uma nova vida e eu me encontro em posição de poder comprar a minha parte da sociedade. Farei os arranjos necessários. Também terei alguém embalando o que puderem da casa de Benedict – roupas e itens pessoais e assim por diante. Vou providenciar que seja tudo guardado no seu navio.

Zina franziu a testa.

— Você não está preocupado que ele possa ter a casa de Benedict vigiada?

Ele balançou sua cabeça.

— Eu tenho espiões meus. Seus homens vasculharam a ilha, mas, sem nada, não voltaram. Deveria ser fácil o suficiente conseguir o que eles precisarão. Agora, tenho um pouco de trabalho pela frente, então vou me despedir. Eu não acredito que estou sendo vigiado, mas apenas no caso, provavelmente não deveria vir aqui novamente. Vou mandar alguém no domingo que vai informá-la sobre todos os detalhes dos arranjos que fizer.

~ * ~

Na tarde de domingo, Santi mandou um mensageiro para dizer quais planos haviam sido feitos. Se Benedict fosse libertado na segunda-feira, seria levado imediatamente para embarcar num navio com destino a Valência, na Espanha. Santi também teria alguém pronto para levar Sara ao navio.

Mas se não fosse libertado, a fuga se seguiria. Então, na manhã de quarta-feira, partiriam num navio com destino a Portugal. *Signore* Santi faria arranjos para Sara embarcar naquele navio bem antes do tempo na terça-feira. O capitão daquele navio a manteria oculta até que navegassem.

Finalmente, haveria uma gôndola à espera do *Signore* Maclan e de Casanova na manhã de quarta-feira. Primeiro levaria Benedict ao porto do navio com destino a Lisboa. Então o *Signore* Casanova seria levado para o continente, onde uma carruagem havia sido arranjada para ele. Independentemente de Sara e Ben irem para a Espanha ou Portugal, eles seriam capazes de organizar a passagem para as colônias.

Toda a situação preocupou Sara. O plano girava em torno de tantas pessoas que parecia impossível que permanecesse em segredo. Ela só podia ser vigilante e esperar. Não se permitiria ser colocada num navio para a Inglaterra.

Capítulo 19 - *Nada a perder*

Ben não sabia bem o que fazer com Giacomo Casanova. Ele ouvira rumores sobre o infame libertino. Assumiu que o homem fosse mais velho e – bem, não havia outra palavra para isso – mais suave. Em sua experiência, os homens da classe de Casanova não tinham grandes habilidades, faziam pouco para sujar as mãos e mostravam desdém para quem realmente trabalhava para ganhar a vida.

No entanto, Casanova surpreendeu-o de várias maneiras. Era verdade que o homem era irreverente quase ao ponto da blasfêmia, e assim poderia talvez ser acusado de ser uma *“afronta à religião”*. Pela sua maneira de falar, ele também dava toda a impressão de ser indiferente ao sofrimento dos outros, ou mesmo o seu, mas isso não foi confirmado por suas ações.

Na primeira noite de Benedict nos Leads, Casanova compartilhou seu jantar.

— É quase certo que eles não lhe trarão nada esta noite, e talvez não amanhã. Eu tenho um generoso benfeitor, o conde Bragadin, que me garantiu uma quantia de sessenta soldos por dia. Tenho mais que o suficiente. Você precisa arranjar alguém para lhe trazer uma cama e talvez uma cadeira. Posso pedir ao conde que cuide disso, se você quiser.

— Trazer móveis?

— Sim. Vou te dar um cobertor para colocar e outro para usar como travesseiro, mas se você estiver aqui por mais de alguns dias, vai querer uma cama no mínimo.

Benedict não queria pensar na possibilidade de estar lá mais de uma noite, ou talvez duas. Ele não cometeu um crime.

Nos dias que se seguiram, Benedict achou que seu companheiro de cela era bem culto e interessante para conversar, muitas vezes exibindo um humor perversamente engraçado e seco. Isso tornava as horas do calor infernal toleráveis.

A única coisa que realmente o confundiu pareceu acontecer todas as noites. Depois que os guardas saíam à noite, um som de raspagem podia ser ouvido no alto. Quando Benedict ouviu pela primeira vez, Casanova fingiu que não podia ouvir nada. Quando Benedict insistiu que algo estava arranhando o teto, Casanova reconheceu ouvir o barulho, mas creditou aos ratos.

— Há ratos do tamanho de coelhos aqui.

— Pelo todo-poderoso, se esse som está sendo feito por ratos, eles precisam ser do tamanho de pôneis — rebateu Benedict.

— Eles são apenas ratos altos. Acredite em mim, quem saberia melhor do que eu? Se atravessarem as paredes, faremos selas para eles e sairemos daqui.

Então, depois de cerca de quatro horas, o barulho parou abruptamente, não recomeçando até a noite seguinte.

Na sexta-feira, Benedict descobriu com seu advogado que Llewellyn não conseguiu encontrar sua filha desde o incidente.

— Ela está segura? — Perguntou Benedict.

O advogado olhou para Casanova antes de responder.

— Eu certamente espero que sim, senhor, mas não tenho como saber. Como disse, o pai dela ainda não a encontrou.

— Maclan, no caso de você não entender o que ele quer dizer — disse Casanova, — se ele sabe alguma coisa sobre o paradeiro de Miss Llewellyn, não poderia indicar isso na minha frente. Eu posso ser um espião. Mas vou te fazer um favor. Vou virar as costas. Se ele sabe que ela está segura e bem, ele levantará um dedo. Se não sabe o paradeiro dela, mas ela supostamente está bem, vai levantar dois dedos. Se realmente não sabe nada ou é covarde demais para lhe dizer, balança a cabeça. Dessa forma, você pode obter uma resposta significativa e parar de se preocupar. Embora eu tema que seja uma esperança vã.

Casanova virou as costas e, para grande alívio de Benedict, o advogado mostrou um dedo antes de dizer:

— Sinto muito, senhor, como disse que não tenho como saber. No entanto, queria que você soubesse que estou tentando retirar todas as acusações. É provável que eles façam uma determinação na segunda-feira.

Benedict suspirou. Tinha dormido no chão por três noites até agora, mas não tinha feito arranjos para uma cama porque acreditava que iria embora. Agora, diante de pelo menos mais três noites nesse inferno que era a prisão do Doge, Benedict cedeu e pediu ao advogado que providenciasse uma cama para ele.

— Não esqueça os lençóis — disse Casanova. — Peça roupas extras. Você vai querer dois, talvez três conjuntos.

Estava na ponta da língua de Benedict dizer ao seu companheiro de cela que certamente não precisaria de lençóis extras, porque seria libertado em breve, mas se conteve. Não tinha ideia se seria libertado em breve ou não. E mesmo se fosse,

Casanova ainda tinha quase quatro anos para cumprir sua sentença. Seria indelicado esfregar isso, e ele parecia muito interessado em conseguir aquelas roupas de cama. Se Benedict fosse libertado, as deixaria para trás. Era o mínimo que podia fazer.

Na segunda-feira, quando seu advogado o visitou novamente, as esperanças de Benedict morreram.

— Sinto muito, *Signore* Maclan, não consegui convencer o magistrado a desistir das acusações. Você será julgado na quinta-feira, depois dos dias sagrados. Trouxe-lhe uma muda de roupa para que pareça apresentável no tribunal.

— Você parece extremamente sombrio. Você não está confiante em suas habilidades para provar que sou inocente?

— Não senhor, lamento dizer, mas não estou.

— Mas eu não fiz nada de errado.

— Você despojou a filha de Reese Llewellyn. E de acordo com ele, a manteve trancada em sua ilha. Uma vez que ela foi capaz, fugiu de você e ninguém foi capaz de encontrá-la.

— Cada palavra disso é falsa. Nós nos amamos. Eu pretendo casar com ela.

— Você não pode provar isso. E a jovem não está disponível para testemunhar.

— Mas sem ela, ele não pode provar sua história também.

— Isso é verdade, mas ele é bem capaz de subornar aqueles que precisa para que sua acusação prevaleça. Sinto muito, senhor, mas o melhor que podemos esperar na quinta-feira é uma sentença indulgente.

Uma cama e lençóis foram trazidos para a cela naquela noite. Ele deitou e olhou para o teto.

— Anime-se, cara. Talvez seus amigos tenham sido igualmente bem-sucedidos em subornar os necessários para garantir sua libertação.

De alguma forma, Benedict duvidou disso.

Permaneceu sombrio durante a noite. Casanova tentou puxá-lo para uma conversa, mas Benedict só podia pensar em Sara e em como a decepcionara. No entanto, eventualmente, o silêncio foi quase mais opressivo do que o calor.

O silêncio?

Ele olhou para Casanova.

— Você ouviu isso?

Casanova balançou a cabeça.

— Eu não ouço nada.

— É isso mesmo que eu quero dizer. Os arranhões não começaram..

— E não vão.

— Os ratos foram capturados? — Perguntou sarcasticamente.

Casanova riu.

— Agora que penso nisso, não acredito que os arranhões tenham sido causado por ratos.

— Você finalmente vai me dizer o que era?

— De fato, vou. Vários meses atrás, fui capaz de moldar uma ponta afiada de um parafuso que encontrei. Era meu plano cavar as tábuas do assoalho embaixo da minha cama, cair na galeria abaixo e escapar. Mas meu plano foi frustrado quando encontraram o buraco. Depois disso, eles me transferiram para essa cela e, como sabem, eles inspecionam cada superfície, todos os dias.

— Isso tornaria difícil cavar as tábuas do assoalho novamente.

— Isso aconteceu. No entanto, como o destino é benevolente, eu estou familiarizado com o prisioneiro cuja cela está atrás daquela parede. — Ele apontou. — Seu nome é Padre Balbi e aproveitei uma oportunidade para contrabandear meu pico para ele. Ele foi capaz de fazer um em seu teto, rastejar e cavar no nosso. O teto é quase papel fino agora. Amanhã à noite, quando a cidade estiver celebrando a festa da Assunção, ele sairá uma última vez, abrirá um buraco no teto e todos nós três escaparemos.

— Escapar? Você está falando sério? E se formos pegos antes de estarmos completamente fora?

— Se isso acontecer, nossas sentenças seriam dobradas ou triplicadas. Mas isso não vai acontecer. Llewellyn pode ser capaz de subornar juízes, mas o conde subornou todos os outros que estarão neste prédio amanhã à noite. Eles vão fechar os olhos para tudo até a manhã seguinte.

Benedict ficou chocado.

— Isso pode realmente funcionar?

— Ou nós poderíamos nos matar. Iguais chances, eu diria.

— Por que você não me contou sobre isso desde o começo?

— Principalmente porque não sabia nada sobre você e havia pelo menos a possibilidade de que as acusações fossem descartadas. Você poderia ter sido tentado a contar a alguém, se significasse a sua libertação.

— Eu não teria feito isso.

— Sim, é isso que minhas fontes me dizem.

— Suas fontes?

— Quanto menos você souber, melhor.

— Justo. Há alguma coisa que precisamos fazer para nos preparar?

— Não tenho certeza do que encontraremos ao sair. Seria útil ter uma corda forte. Por sorte, você tem um bom suprimento de roupa de cama extra. Podemos moldar a corda a partir deles.

Benedict riu.

— Você tinha um plano.

Casanova encolheu os ombros.

— Um bom plano nunca se perde. Pode falhar, mas ainda é útil ter.

— Bem, então vamos lá.

— Você trabalha em rasgar os lençóis em tiras. Não muito estreitas ou serão muito fracas. Eu vou amarrar os nós. Um nó mal amarrado poderia nos arruinar.

Benedict arqueou uma sobrancelha.

— Você sabe, eu trabalhei em torno de navios toda a minha vida. Sei uma coisa ou duas sobre amarrar nós.

— Embora isso possa ser verdade, em alguns empreendimentos, especificamente aqueles que colocam meu pescoço em risco, sinto a necessidade de completar tarefas críticas por mim mesmo.

Enquanto trabalhavam para criar a corda, um pensamento ocorreu a Benedict.

— O que farei quando escaparmos? Eu não sei para onde ir. Preciso encontrar Sara e sair de Veneza, mas não tenho ideia de onde ela está.

— Ela estará esperando por você.

— Onde, e quanto ao assunto, como você sabe disso?

— Eu não estou completamente certo de onde ela está agora, mas em algum momento amanhã, ela será levada a bordo de um navio que navegará para Portugal no instante em que você estiver solto na manhã de quarta-feira. E eu sei porque tenho linhas de comunicação não disponíveis para todos.

— Você sabia de tudo isso antes, quando meu advogado esteve aqui?

Casanova encolheu os ombros e assentiu.

— E você possivelmente inventou a charada de um ou dois dedos?

— Oh, vamos lá, foi divertido. Isso deixou o homem nervoso.

Benedict teve que rir.

Juntos, ele e Casanova trabalhavam até que tivessem nove metros de corda forte. Ela foi enrolada e escondida sob o colchão de Casanova na manhã seguinte. Seu coração estava mais leve do que em alguns dias. Sara estava segura e poderiam escapar juntos.

~ * ~

Na noite seguinte, a importância total do que estavam prestes a fazer pesava sobre Benedict. Isso poderia dar muito errado e ser desastroso. Pensou em Sara, a mulher notável que amava com todo o seu ser e que havia sido trazida para ele através do tempo. O que ela disse que a velha contou? *“O universo se desdobra como deveria”*. Sim, ele e Sara tinham se encontrado contra todas as probabilidades. Ele passaria por essa noite e a seguraria em seus braços novamente. Esse era o pensamento que tinha que segurar firmemente.

No horário habitual, depois que os guardas se foram, a raspagem no teto recomeçou.

— Hora de fazer as malas, meu amigo. — Casanova colocou uma capa forrada de seda em sua cama e começou a colocar suas roupas nela.

Benedict franziu a testa.

— Pacote? Não tenho nada para levar além da corda.

— Mas você tem. Você precisa levar aquele belo terno que seu advogado lhe trouxe.

— Por quê?

Casanova balançou a cabeça como se estivesse lidando com uma criança muito lenta.

— Porque, MacIlan, você parece um homem que usa as mesmas roupas há dias. Quase como se estivesse na prisão. Se for visto depois que sairmos, por alguém que não foi pago para desviar o olhar, não queremos dar a eles uma razão para gritar pela polícia. Se estivermos vestidos como cavalheiros, poderemos parar e tomar café na praça e ninguém nos olharia duas vezes.

O que ele disse fazia sentido, e assim como Casanova criou um pacote de pertences e rasgou um dos lençóis restantes para amarrar ao pacote como uma alça, Benedict dobrou seu terno e colocou-o numa fronha de travesseiro, criando também uma alça com um pedaço de lençol rasgado.

Em pouco tempo, o teto quebrou e abriu um buraco. Um homem pequeno e pedante enfiou a cabeça por ele.

— Precisamos nos pôr a caminho cavalheiros.

Eles subiram pelo buraco, encontrando-se num sótão baixo imediatamente abaixo do pico do telhado inclinado. A única coisa que os separava do mundo exterior eram as placas de chumbo. Juntos, Benedict e Casanova trabalharam para levantar o painel. Entre eles, conseguiram soltar uma ponta e dobrá-la até que houvesse espaço suficiente para se espremer.

Casanova enfiou a cabeça para fora e Benedict o ouviu xingar.

— O que está errado?

— A lua é brilhante e, como é um dia de festa, a praça de San Marco estará repleta de pessoas. É demais esperar que não sejamos vistos iluminados pelo maldito orbe.

O padre Balbi entrou em pânico.

— Temos de ir. Vai ser meia-noite em breve.

— Será meia-noite em duas horas — disse Casanova secamente.

O padre estava ficando nervoso.

— Mas não podemos simplesmente ficar aqui. Não há como cobrir os danos às celas agora. Temos que aproveitar nossas chances.

Benedict olhou para Casanova.

— Quão alta está a lua? Quanto tempo até que isso aconteça?

— Temos cerca de quatro horas.

Bento colocou a mão no ombro do padre Balbi.

— Padre, ninguém voltará para verificar as celas até depois do nascer do sol. Teremos seis horas de escuridão desde quando a lua se põe até o sol nascer. É muito melhor esperar aqui até termos a esperança de não sermos vistos.

Foram talvez as quatro horas mais estressantes de sua vida, que não melhoraram com os infindáveis gemidos de Balbi sobre seu fracasso iminente.

Finalmente, foram engolidos pela escuridão. Eles se aventuraram no telhado, avançando até chegarem à lombada. O padre olhou para a borda.

— Devemos apenas pular no canal e ir embora.

— Você perdeu a cabeça, meu velho? — Perguntou Casanova. — Estamos muito altos. Isso significaria quase morte certa.

Benedict olhou para a borda.

— Eu acho que eu poderia descer para a mansarda¹⁹. Nós poderíamos tentar entrar nela.

Casanova assentiu.

— Vale a tentativa.

Benedict subiu pela beirada do telhado pensando que poderia se pendurar na beira e seus pés alcançariam o alpendre. Mas eles não fizeram. Por tudo que era bom e sagrado. Estava pendurado pelos dedos da beira do telhado do palácio do Doge. A única coisa que podia fazer era se deixar ir e torcer para que pudesse se segurar no telhado de mansarda. Proferiu uma oração rápida e caiu.



19

Mansarda, em arquitetura, é a janela disposta sobre o telhado de um edifício para iluminar e ventilar seu desvão e, por extensão, o próprio desvão, que pode ser usado como mais um cômodo de uma casa.

Seus pés bateram no alpendre e escorregaram para o lado. Ele estava caindo e se agarrou freneticamente, seus dedos pegando a grade sobre a janela. A grade, não destinada a suportar o peso de um homem balançando sobre ela, começou a se soltar. Benedict conseguiu se recompor antes que ela cedesse completamente e caísse no canal.

Dado que estava seguro, ele percebeu que a grade cedendo era realmente uma bênção. Eles não poderiam ter entrado na janela de outra forma.

— Isso foi bastante impressionante — disse Casanova. — Mas o Padre Balbi aqui acha que não tem sua capacidade atlética.

Benedict bufou. Ele suspeitava que não era nem perto do que o padre Balbi estava dizendo.

— Eu acho que posso quebrar a janela e entrar. Então você pode me jogar a ponta da corda. Eu vou amarrá-la lá dentro e você pode segurá-la nessa ponta. Coloque seus pés na lombada como uma cinta.

— Não há como apoiar o peso total do bom padre.

— Você não precisa. É bastante fácil se você não precisar se preocupar em perder seu saldo. A corda está lá apenas para agarrar quando ele atingir a mansarda. Nenhum de vocês cairá.

Casanova balançou a cabeça e disse:

— Eu acredito em você, milhares não — mesmo quando ele estava largando a corda para Benedict.

Sentado no telhado da janela e usando seus calcanhares, Benedict chutou o vidro, batendo o máximo que pôde antes de se abaixar do telhado, para o parapeito e entrar na sala abaixo. Envolvendo a corda em torno de sua mão, limpou o resto do vidro da moldura. Então envolveu a corda em torno de seu corpo e se apoiou contra a parede. Ele chamou:

— Pronto quando você estiver.

Ele sentiu a corda esticar e então sorriu ao ouvir Casanova discutindo com Balbi. Finalmente, ouviu o padre dar um pequeno grito, depois o barulho de seus pés batendo na janela assim que sentiu a corda sendo puxada. Como nem o padre nem Casanova foram voando do telhado para o canal, percebeu que eles tiveram sucesso. Solto a corda, inclinou-se para fora da janela e ajudou Balbi a descer. Então ele se inclinou novamente, olhando para Casanova.

— Parece que vou ter que pular como você fez.

— Sim, mas amarre a corda ao redor da sua cintura antes de subir a borda. Eu eliminarei a folga antes de você a largar e ancore este fim. Se você perder o equilíbrio, a corda vai te pegar e nós seremos capazes de puxar você.

— Tanto quanto eu odeio fazer isso, é o único caminho.

Benedict não estava completamente certo de que poderia pegar o peso de um homem caindo, até mesmo se preparando, mas não precisou se preocupar. Casanova caiu no telhado e manteve o equilíbrio.

Quando todos estavam em segurança, Casanova quebrou a fechadura da porta.

— Fique aqui. Eu vou ver se consigo descobrir onde estamos.

Depois de alguns minutos, ele voltou, parecendo extremamente satisfeito.

— Esta é uma área de armazenamento no nível mais alto do palácio, bem longe das celas da prisão. Agora simplesmente precisamos mudar nossas roupas e descer. Devemos ser capazes de simplesmente sair.

Parecia bastante fácil, mas tentar encontrar o caminho através dos corredores do palácio e descer até o nível principal no escuro era mais desafiador do que esperavam. Quando finalmente se encontraram numa saída e puxaram a porta, ela estava trancada.

— Estamos condenados. Estamos condenados — exclamou o padre Balbi, puxando a porta trancada.

Momentos depois, uma chave virou a fechadura e um guarda abriu a porta. Ele sorriu largamente para eles.

— Vocês estavam trancados?— Ele recuou segurando a porta para eles. — Bem, você podem seguir caminho agora.

— Obrigado, senhor — disse Casanova enquanto passava confiante pela porta e se virou para caminhar em direção ao canal.

— Sim, obrigado — disse Benedict após Casanova.

O padre resmungou algo ininteligível e praticamente passou pelo guarda.

— Para onde agora? — Perguntou Benedict.

— Eu acredito que uma gôndola nos espera.

E com certeza, sim. Eles subiram na gôndola e foram levados longe de San Marco. Em pouco tempo, o gondoleiro dirigiu-se para um barquinho na lagoa.

Para grande alívio de Benedict, Emilio Santi esperou no barco.

— Aqui é onde você nos deixa, MacIan — disse Casanova. — Devo dizer que o Lorde e eu tivemos um relacionamento bastante complicado recentemente, mas essa aventura nunca teria sido bem sucedida sem a sua ajuda. Então, enquanto eu sei que os últimos dias foram penosos para você, eu os considero uma bênção. — Ele ofereceu a Benedict sua mão.

Benedict a apertou, sacudindo com firmeza.

— Eu suponho que ele ainda não terminou com nenhum de nós.

— Eu suponho que não, mas temo que continue a desapontá-lo.

Benedict riu.

— Talvez, mas eu entendo que ele é o tipo de perdoar.

— Esperemos. Adeus, Benedict. Boa Sorte, vá com Deus.

— Adeus, Giacomo. Eu odeio perguntar isso, mas acho que devo. Se você se encontrar em posição de contar a história desta fuga inacreditável, você se importaria de me omitir disso? Não quero que Reese Llewellyn nos encontre ou tenha algo para me prender.

— Ah, será uma história emocionante, mas ainda mais quando sou o único herói.

Benedict riu enquanto observava a gôndola desaparecer na escuridão nebulosa do início da manhã.

— Agora temos que tirar você daqui — disse Emilio, apontando para os homens que manejavam os remos.

Capítulo 20 - *Nada a perder*

Sara começou a chorar quando ouviu a notícia na segunda-feira de que as acusações contra Ben não seriam descartadas. Estava apavorada com a perspectiva de ele tentar escapar da prisão. Tanto poderia dar errado.

— Ou, tudo pode acontecer como um relógio e você e Ben estarão indo para Portugal na quarta-feira com uma história brilhante para poder contar aos seus netos — disse Zina. — Fique esperançosa, Sara. Entregar-se ao desespero não servirá a ninguém.

Zina estava certa e, uma vez que conseguiu se recompor, Sara prometeu permanecer forte e positiva até que estivesse nos braços de Ben novamente.

Eles receberam uma mensagem no final do dia que Santi chegaria antes do amanhecer na terça-feira e se tudo estivesse claro, levaria Sara para o navio. Ele não queria deixar muito tempo e correr o risco de encontrar obstáculos. Afinal, era um dia de festa e as ruas estavam cheias à tarde. Mas também não queria arriscar encontrar Llewellyn. Então, Zina criou um sistema para alertar Santi da presença de Llewellyn. Era simples, se as janelas da sala ocupadas por Sara estivessem apenas meio abertas, ele estava lá. Se estivessem totalmente abertas, ele não estava.

Por sorte, Llewellyn não tinha visitado Zina naquela noite.

Várias horas antes do amanhecer, Zina bateu na porta e entrou.

— O que você está fazendo aqui tão cedo? — perguntou Sara.

— Eu poderia perguntar a mesma coisa a você, mas sei a resposta e estou pronta pelo mesmo motivo. Pensei em sentar com você e passar as últimas horas juntas. Você é a única outra viajante do tempo que eu já conheci e gostei de ter você aqui. Vou sentir sua falta.

— Oh, Zina, vou sentir sua falta também. Mas você não precisa ficar aqui. Você poderia ir conosco.

Zina sorriu.

— Eu acho que poderia, mas estou ficando velha. Só tenho alguns anos para fazer a fortuna que posso como cortesã.

— Você sabe que a maioria da Serena República de Veneza está em declínio.

— Sim, mas como eu, ainda tem alguns bons anos.

— Ainda assim, você sempre terá uma casa conosco, se precisar.

— E como vou encontrá-la?

Sara sorriu.

— Nós nos estabeleceremos perto de uma cidade portuária, provavelmente em Baltimore ou na Filadélfia. Eu lhe enviarei uma carta quando chegarmos lá.

Zina franziu a testa.

— Apenas certifique-se de que nada possa identificar você. Até aí, provavelmente é perigoso usar Maclan como sobrenome. Tornaria fácil para Llewellyn rastreá-lo.

— Tenho certeza de que você está certa, e Wells pode não ser seguro também. Vou sugerir que usemos meu pseudônimo.

— Seu pseudônimo? Você disse que era escritora, mas presumi que fosse publicada em seu próprio nome. Qual é o seu pseudônimo?

— *Arieta DeCosta*.

— Não pode ser. Você é *Arieta DeCosta*? Eu amei seus livros.

Sara riu.

— Bem, temo que não haja mais nenhum.

— Mas você deveria escrever mais.

— Não tenho certeza se meu estilo de romance será bem recebido nos próximos cem anos.

— Então, escreva-os assim mesmo. Tranque-os num baú e passe-os para seus filhos. Então, no final do século XX, um de seus descendentes pode publicá-los.

Sara riu.

— Vou pensar sobre isso. Suspeito que possa estar um pouco ocupada nos próximos anos.

Zina riu também.

— Acredito que sim. Espero que você tenha muitas crianças enchendo sua casa.

— Eu também. Mas Zina, estou falando sério. Venha nos encontrar. Deixe Veneza antes que caia para Napoleão.

— Isso ainda está longe. Além disso, há uma guerra chegando na América também. Talvez, daqui a vinte e cinco anos, depois do fim da Guerra da Independência, eu pense nisso. Veneza ainda será Veneza até depois disso. — Zina encolheu os ombros. — Mas, se eu ficar entediada com Veneza antes disso, posso ir mais cedo.

Ela e Zina conversaram por várias horas, melhorando o que tinha começado como uma noite dolorosamente longa.

O signore Santi chegou mais de uma hora antes do nascer do sol.

— Eu vou com você — disse Zina. — Não estou pronta para dizer adeus.

Signore Santi sacudiu a cabeça.

— Eu sei que você gostaria, mas representa um risco muito grande.

Lágrimas encheram os olhos de Zina.

— Então, minha querida menina, me dê um abraço de despedida.

— Eu não estou dizendo adeus, então vou te dar um abraço de “até nos encontrarmos novamente.”

Quando se despediram, Sara subiu na gôndola com o *Signore* Santi e o gondoleiro remou para a quietude da madrugada.

O gondoleiro levou-os para o Arsenale, onde um barco estava amarrado e dois marinheiros esperavam. Santi ajudou-a a entrar no barco, retirou um pequeno baú da gôndola e subiu logo após. Ainda estava escuro quando chegaram ao navio mercante ancorado na lagoa e o barco foi içado.

Signore Santi ajudou-a a subir ao convés e, com o pequeno baú debaixo do braço, apresentou-a ao capitão, falando em inglês.

— Sara, minha querida, você acabou de embarcar no Silky Selkie e o capitão deste belo navio é Edward MacLeod.

O capitão fez um pequeno arco.

— Bom dia, senhorita Wells. É um prazer conhecê-la. — Ele era um homem grande, com cabelos grossos e cor de areia e uma barba espessa de ouro avermelhado, ambos com um pouco de prata, e falava com um espesso sotaque escocês. — Ah, claro, a Selkie é um bom navio, mas Santi não podia dizer mais nada porque foi construído por Santi e MacIain alguns anos atrás. Bem vinda a bordo.

— Obrigado, senhor. É um prazer conhecê-lo também. — Ela ofereceu-lhe a mão, e ele a pegou, beijando as costas.

— Agora, moça, Santi me contou sobre as circunstâncias em que nos encontramos. Então, por sua própria segurança, eu vou mostrar a sua cabine e vou pedir para ficar lá até que estejamos navegando amanhã.

— Certamente — Sara não estava ansiosa para passar as próximas vinte e quatro horas num camarote apertado, mas entendeu a necessidade disso.

Emilio Santi disse:

— Se você esperar apenas um momento, capitão. Sara, minha querida, esse baú é para o Benedict da nossa sociedade.

O capitão tomou-o dele.

— Eu vou levá-lo pela passagem para você.

Com as mãos livres, *Signore* Santi pegou as duas mãos de Sara e mudou para Veneziano.

— Eu acredito que você e Benedict são almas gêmeas, reunidas e pretendidas a ficar juntas. Vou sentir muita falta dele, mas ele merece essa felicidade. E agora que conheci você, também sentirei a sua falta. Eu vou ficar no navio hoje à noite, para garantir que Benedict esteja a bordo e em segurança amanhã. Mas, como você estará escondida, talvez não veja você de novo. Vá com Deus. — Ele a beijou nas duas bochechas.

— Obrigado por tudo que você fez por nós. Eu sinto muito por ter que sair assim.

— Não pense mais sobre isso. Estou ansioso pela vida à sua frente.

O capitão mostrou-lhe a cabine que ela e Ben dividiriam e, como prometido, ela não sairia daí desde então.

A cabine era maior do que ela esperava que fosse. O capitão havia explicado que era a cabine do primeiro-imediato, mas ele estaria com o contramestre na parte da viagem. Dois baús de seus pertences estavam contra uma parede e uma

cama foi construída na parede oposta. Uma pequena mesa e duas cadeiras estavam no espaço entre elas. Uma janelinha ao lado da cama deixava entrar ar fresco e leve.

Agora quase vinte e quatro horas haviam se passado. Se a fuga tivesse sido bem sucedida, Ben deveria estar aqui a qualquer momento. Ela se ajoelhou na cama, olhando pela vigia, esperando ver alguma coisa. Mas estava escuro e não tinha certeza de qual lado do navio eles se aproximariam. Então a porta se abriu atrás dela. Naquele instante, ela rezou com tudo nela que fosse Benedict e não o *Signore Santi* ou o Capitão.

~ * ~

Sara se virou no instante em que ele abriu a porta.

— Oh, minha linda garota. Eu nunca estive tão feliz em ver alguém na minha vida.

Ela se jogou em seus braços e começou a chorar.

— Ben. Ben. Eu sinto muito, isso foi tudo culpa minha.

Ele segurou-a perto.

— Não, Sara, não chore. Isso não foi culpa de ninguém. Decidimos juntos o melhor curso de ação e ainda acho que foi o caminho certo. Nós demos a Llewellyn uma chance.

— Eu estava com tanto medo que algo desse errado.

Imediatamente, sua mente passou pela ladainha de coisas que quase tinham dado errado durante a fuga. Mas nada disso importava agora.

— Eu só posso acreditar que o universo está se desenrolando como deveria.

— Eu suponho que sim, mas espero que se desenrole com muito menos drama no futuro.

Ele riu.

— Enquanto o meu futuro estiver com você, não me importo.

Ela recuou para que ele pudesse entrar na cabine e fechar a porta, depois olhou para ele e franziu a testa.

— O que você está vestindo?

Ele olhou para baixo.

— Meu melhor terno.

— Você escapou da prisão em seu melhor terno?

Ele riu novamente.

— Não, eu escapei da prisão com as roupas que usava quando você me viu pela última vez. Mas nós mudamos para roupas melhores antes de sairmos do palácio, então qualquer transeunte não perceberia que éramos prisioneiros.

— Bem, vamos despir você. Você parece exausto.

— Eu não estou muito exausto para saborear alguns momentos com a mulher que eu amo.

Ela sorriu.

— Não durmo mais do que alguns minutos de cada vez desde a semana passada. Mas, de repente, o sono é a última coisa em minha mente.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou-o quando ela começou a despojá-lo de suas roupas.

Ele estava muito feliz em retribuir o favor.

Ela ficou frustrada com os botões de seus calções.

— Você sabe, há muito a ser dito por usar menos roupas. Kilts, por exemplo. Muito sexy e muito mais fácil de remover.

Ele riu.

— Diz a menina vestindo camadas de anáguas.

— Por convenção, não por escolha.

Logo estavam nus. Ela enfiou os braços ao redor do pescoço dele e o beijou, sugando seu lábio inferior. Ele passou as mãos levemente para cima e para baixo pelas suas costas até que ela estremeceu de prazer. Então apoiou as mãos sob o traseiro dela e a ergueu contra o comprimento firme dele.

Ainda trancado em seus braços, deu um passo em direção à cama e a abaixou sobre ela.

— Oh, Sara, eu te quero tanto.

— Então me leve.

— Mas eu quero te amar, te adorar.

— Ben, eu também quero você. Ansiava pelo seu toque. Faça amor comigo agora. Haverá tempo de sobra para ternura suave depois.

A pedido dela, ele entrou nela em um golpe firme. Fez amor com ela sem restrição e ela respondeu em espécie.

Ele gemeu.

— Sara, eu não posso segurar...

— Então não segure.

Quando ele encontrou sua liberação, ela alcançou entre eles, tocando-se, atingindo seu próprio clímax momentos depois.

Ficaram ali ofegantes quando desceram do êxtase.

Ele levantou o peso dela e, deitado de lado, puxou-a contra ele.

— Agora, minha preciosa garota, eu adoraria dormir com você em meus braços por algumas horas.

Ela se aconchegou contra ele e fechou os olhos.

— Eu não tenho nada contra isso.

Ele plantou um beijo atrás da orelha dela.

— Além disso, precisamos descansar hoje à noite.

— Esta noite? — Ela perguntou sonolenta.

— Sim, eu não quero dormir no meio da nossa noite de núpcias.

— Nossa noite de núpcias?

Ele sorriu.

— Sim, uma vez que estamos no mar, o capitão pode nos casar.

Ela sorriu.

— E ele está disposto a fazer isso?

— Tenho certeza que sim. Vamos pedir a ele para ouvir nossos votos esta noite.

Ela bocejou.

— Bom — Ela estava dormindo quase que instantaneamente.

Mas, por mais cansado que estivesse, Benedict não queria dormir ainda. Queria saborear a liberdade e olhar para a mulher que amava tão carinhosamente. Iria para o inferno e voltaria para ela novamente, se fosse necessário.

Ouviu o capitão dando ordens quando a âncora foi levantada, as velas içadas e começaram a se mover. Ele sabia que esta era sua última chance de ver Veneza, então cuidadosamente se soltou da forma adormecida de Sara, vestiu suas roupas e subiu no convés.

Estavam navegando para fora da lagoa. Olhou de volta para Veneza e, para sua surpresa, não sentiu nada. Podia ver o Arsenale, onde ficava seu estaleiro e onde passara a maior parte de seus dias nos últimos quinze anos. Estava orgulhoso dos negócios que ajudaria a construir e sentiria falta de Emilio, mas a sensação de perda que esperava sentir estava ausente.

Enquanto passavam pelo Lido, ele novamente achou que sentiria uma sensação de perda. Adorava o seu lugar. Esta tinha sido sua casa. Mas seu coração não doía como achava que poderia. Viu o trecho da praia onde Sara o levava para um piquenique e eles haviam nadado. Um sorriso se espalhou pelo seu rosto. Se ela estivesse naquela ilha, nada o impediria de pular no mar e nadar até ela. Foi quando percebeu que Veneza e seus arredores não eram sua casa. Sua casa era onde Sara estava e ela dormia na cabine do primeiro imediato. Ele se afastou do corrimão e desceu as escadas sem olhar para trás.

Despiu-se novamente e voltou para a cama ao lado dela.

Ele estava em casa.

~ * ~

Dormiram por várias horas. Acordaram quando bateram na porta perto do meio-dia, trazendo pão, queijo, linguiça e uma garrafa de vinho.

Eles comeram, cochilaram um pouco mais e depois se lavaram e vestiram-se. Benedict sugeriu que subissem para o convés para tomar algum ar. Ficaram no convés de popa, olhando para trás. O navio tinha navegado para o Adriático e Veneza estava muito atrás deles, não mais visível.

Depois de alguns minutos, Sara olhou para ele.

— Você vai sentir muita falta?

Ele sorriu.

— Honestamente, não. Percebi hoje que, em algum momento nas últimas cinco semanas e meia, você se tornou a única coisa que importava para mim. Eu te amo e enquanto estivermos juntos, o meu lar é onde nós estivermos.

Um sorriso se espalhou pelo rosto dela e Benedict se sentiu obrigado a beijá-la. Mas antes que estivesse satisfeito, o capitão MacLeod se aproximou e limpou a garganta.

— Bem, eu diria que vocês dois parecem ter tido um descanso muito necessário.

Um rubor quente se espalhou pelas bochechas de Sara.

Benedict sorriu.

— Sim, nós tivemos, capitão.

— Bom. E meu cabrioleiro levou-vos algo para comer?

— Sim, obrigada, senhor — respondeu Sara.

— Bom. Muito bom. Agora, se os ventos estão a nosso favor, devemos chegar a Lisboa em duas ou três semanas. Temos alguma carga para entregar lá. Então, suspeito que poderia comprar mercadorias suficientes para fazer uma viagem às colônias que vale a pena.

— Sério? — Perguntou Benedict. — Isso seria brilhante.

— Sim. Eu acho que é o melhor plano. Santi me contou sobre Llewellyn. Eu nunca procurei fazer negócios com ele por causa de sua reputação de ter um temperamento vil. Mas quando soube que ele não iria casar essa moça simplesmente porque você é um escocês, bem, isso está além do limite. Eu nunca farei negócios com ele. No entanto, tendo dito isso, há muitos navios mercantes que costumam navegar dentro e fora de Lisboa, cujos capitães o fazem.

— Eu sabia que poderíamos nos deparar com isso em qualquer grande porto. Decidi que teríamos que esperar até o navio certo aparecer.

— Ainda assim, não há um homem neste navio que possa pronunciar uma palavra sobre você. Mas mesmo se você conhecesse um capitão que nunca revelaria onde você esteve para Llewellyn, não há garantia de que seus homens sejam igualmente circunspectos se a recompensa for suficientemente grande. Então há a chance de que um capitão ou tripulação de um navio mercante no porto de Lisboa possa reconhecê-lo e passar a palavra para ele. Não, o risco é muito grande. Então, vamos garantir que você não seja visto em Lisboa e vá direto para o novo mundo depois disso.

Benedict ofereceu a mão ao homem.

— Obrigado, capitão. Estou em dívida com você.

— Não, rapaz, apenas não se esqueça de me dar um bom negócio em um novo navio, se o Selkie ficar obsoleto.

Benedict sorriu.

— É um acordo. Agora devo pedir um último favor.

— Você quer se casar com a pequena moça agarrada ao seu braço?

Benedict riu.

— Sim, senhor. Se não for um problema.

— Nenhum problema em tudo. Que tal nos reunirmos na proa pouco antes do pôr do sol, então você pode se juntar a mim para um jantar de casamento antes de se aposentar.

Ele olhou para Sara, que assentiu e o presenteou com um sorriso brilhante.

— Isso vai ser perfeito, senhor.

E foi assim que, várias horas depois, ficaram na proa do navio, em frente ao capitão e seus oficiais, e trocaram seus votos matrimoniais quando o sol poente iluminou o horizonte ocidental com tons de rosa e laranja.

— Benedict MacIlan, terás esta mulher para ser tua esposa, a amarás e honrarás, a manterás e guardarás, na saúde e na doença, como um marido deve fazer com uma esposa, abandonando todos os outros por causa dela, mantendo somente a ela, contanto que ambos vivam?

— Sim.

— E Sara Wells, terás este homem para teu marido, obedecê-lo-eis e servirás, amarás, honrarás e conservá-loás doente ou saudável; e abandonarás todos os outros por causa dele, mantendo somente a ele, desde que ambos vivam?

— Sim.

O capitão enfiou a mão no bolso do colete e tirou um par de anéis de ouro.

— *Signore* Santi deu-me isto. Ele disse que suspeitava que você precisaria deles. Se eu fosse um padre, poderia ter alguma oração pronta para abençoar esses anéis, mas certamente daria uma risada ao bom Deus se tentasse. Ainda assim, acho que há um pouco de amor neles. *Signore* Santi sabia que vocês amavam um ao outro e os queriam como um símbolo desse amor. Então ele também amou a ambos e queria que você os tivesse. Foi a maneira dele de enviar amor a vocês. Quando vocês olharem para eles, lembrem-se disso. Mas lembrem-se também que um anel é um círculo, sem começo nem fim. E essa é a verdadeira natureza do amor. Continua sem começo nem fim. Amar uns aos outros como você foi amado. Ame seus filhos se o Senhor os abençoar. Ame seus vizinhos. E aqui está o mais difícil, ame os seus inimigos. Eu não posso dizer que dominei esse, mas é o que somos chamados a fazer. E com isso, Benedict, pegue este anel e coloque-o no dedo anelar da mão esquerda de Sara e repita depois de mim.

Benedict fez como ele pediu, repetindo as palavras:

— Sara Wells, com este anel, eu te desposo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. — Ele colocou o anel em seu dedo.

Então Sara pegou o anel de ouro maior e repetiu as palavras:

— Benedict MacIan, com este anel, eu te desposo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O velho capitão sorriu para eles.

— Benedict e Sara, agora você são marido e mulher. Beije sua noiva, rapaz.

Segurando a sua cabeça com uma mão, Benedict se inclinou e beijou sua adorável esposa enquanto o sol se punha abaixo do horizonte.

~ * ~

Sara não podia imaginar um casamento mais romântico e ela havia casado alguns casais em seus livros. Mas este era o seu casamento com o homem que

amava. Inúmeros milagres ocorreram para trazê-los a este momento. Quando ele lhe deu o primeiro beijo como marido e mulher, quando o sol se pôs e as estrelas começaram a brilhar, a magia estava completa.

O jantar com o capitão e seus oficiais foi delicioso e muito para sua alegria, não se arrastou. Pouco depois de terminarem a sobremesa, o capitão ofereceu mais um brinde e deu-lhes boa noite.

Em pouco tempo, ela estava sozinha de novo com seu amado.

— Agora, meu querido marido, você pode levar todo o tempo que precisar para me adorar.

Ele deu uma risada baixa antes de fazer exatamente isso. Ele a levou mais e mais alto, nunca deixando-a ir. Pairar no limite era o céu, mas eventualmente ela não aguentou mais.

— Benedict, por favor...

— Qualquer coisa que você deseja, minha amada. — Ele entrou nela com golpes longos e firmes, finalmente permitindo que ela caísse sobre a borda da felicidade.

Enquanto ela deitava em seus braços saboreando o crepúsculo, ele beijou sua têmpora e sussurrou:

— Eu te amo.

Ela virou a cabeça para ele e deu um beijo suave em seus lábios.

— Eu também te amo. — Ela suspirou e se acomodou em seu abraço.

Logo sua respiração ficou lenta e firme quando ele adormeceu, mas o sono não foi tão rápido para ela. Ela ouviu o som das ondas batendo no casco e respirou fundo, saboreando o ar do oceano. Sorriu para si mesma. Quando voou para Veneza, este não era o cruzeiro que ela esperava. Mas uma velha sábia com um relógio de bolso tinha planos diferentes para ela. *“Obrigado Gertrude.”* Então adormeceu, embalada pelo movimento suave do navio.

Epílogo - Nada a perder

Fazenda DeCosta, Monte Holly, NJ

Agosto de 1788

O galo cantou, acordando Sara do sono enquanto o sol estava nascendo. Ela ficou quieta ao lado de Ben por um momento, lembrando-se do sonho que estava tendo. Foi um sonho estranho. Estava no século XXI, em seu apartamento fora de Baltimore.

Ao longo dos anos, teve muitos sonhos sobre seu próprio tempo. Nos primeiros anos, quando moravam na Filadélfia, onde Ben trabalhava como construtor de navios, eram pesadelos. De alguma forma, pronunciara a palavra de retorno e foi levada de volta à sua antiga vida, em seu antigo corpo. Procurou desesperadamente por Ben, mas não conseguiu encontrá-lo. Ele estava perdido para ela. Acordava desses sonhos, aterrorizada e em pânico, apenas para se encontrar segura dentro do círculo de seus braços.

Depois de alguns anos, eles desapareceram, mas voltaram com vigor doze anos depois, quando a vida sob o domínio britânico se tornou mais insustentável. Embora tivessem mudado seu sobrenome para DeCosta quando chegaram nas colônias, Sara vivia com medo de que Llewellyn pudesse de alguma forma encontrá-los. Finalmente, decidiram sair da Filadélfia. Benedict assumiu um sócio e colocou a administração de seu estaleiro em suas mãos capazes. Eles compraram uma fazenda a cinquenta quilômetros de distância, em Nova Jersey, perto da aldeia de Mount Holly. Em Nova Jersey, ainda estavam sob domínio britânico, mas as coisas não estavam tão tensas no país quanto em Filadélfia.

Eles não estavam terrivelmente longe do rio Delaware e de lá ele poderia navegar para a Filadélfia rapidamente, mas só fazia isso um dia por semana ou até menos com o passar do tempo. Agora, Benedict tinha quarenta e quatro anos e, em vez de passar os dias construindo navios, criou um negócio próspero, fazendo belos móveis.

Depois disso, os sonhos mudaram. Não eram mais pesadelos. Ela se encontrava na casa em que crescera. Seus pais e irmão ainda estavam vivos. Eles não mudaram, mas ela mudou. Estava no corpo de Ceres Llewellyn e isso não parecia importar. Eles sabiam quem ela era. Às vezes, Ben estava com ela nesses

sonhos. E com o passar do tempo, seus filhos também estariam lá, para o deleite de seus avós e tios. Estes tinham sido sonhos muito bons, mas ela não teve um em anos. Talvez fosse porque agora era avó.

Ela e Ben tiveram seis filhos. A mais velha, Lily, tinha vinte e oito anos e era casada com Daniel, um fazendeiro cuja terra fazia fronteira com a deles. Ela e Daniel tiveram três filhos de um ano a seis.

Josué tinha vinte e seis anos. Ele tinha o nome do seu irmão e quando cresceu, ela ficou surpresa com o quão parecido com o seu tio ele se tornou. Josué também era casado com sua amada Beth e tinham uma menina de três anos e uma criança a caminho. Ele trabalhava nos negócios da família com Ben.

Seu terceiro filho, Emil, tinha vinte e quatro anos agora. Ele tinha ido para a universidade e se tornado um advogado. Estava trabalhando para um advogado em Burlington, a menos de dezesseis quilômetros de distância. Ele ainda não estava casado, mas estava namorando a filha do advogado.

Rosina, sua quarta filha, tinha vinte e dois anos e acabara de se casar com o filho do ferreiro da cidade em junho.

Seus dois filhos mais novos, gêmeos chamados Ian e James, tinham dezoito anos e tinham dado a Sara mais cabelos grisalhos do que todo o resto deles. Ambos os meninos estavam trabalhando como aprendizes para Ben e Joshua agora.

Ben interrompeu suas reflexões.

— Qual é o problema?

Ela sorriu, apoiou-se no cotovelo e deu-lhe um beijo.

— Nada. Por quê?

— Você normalmente se levanta. Parecia que algo estava em sua mente.

— Eu estava pensando num sonho que tive.

— Sobre o quê?

— Minha vida antiga.

— Passou tempo desde que você teve um desses.

— Eu sei. E este não foi como nenhum dos outros.

— O que foi diferente?

— Foi no futuro. O que quero dizer é... bem, parece que foi depois da minha viagem a Veneza, como se eu não tivesse aceitado o relógio de bolso. Mas você também estava lá.

— Bem, graças a Deus, porque eu não posso imaginar viver sem você. — Ele a beijou.

— Eu também não posso. E, a não ser pela graça de Deus, poderia ter te perdido naqueles primeiros dias.

Benedict sorriu.

— A graça de Deus e a audácia de Giacomo Casanova.

— As coisas que você me contou sobre ele são tão contrárias ao tipo de homem que eu sempre achei que ele era. Eu sei que já disse isso antes, mas gostaria de tê-lo conhecido.

— E eu sei que já disse isso antes, mas fico feliz que você não tenha. O bastardo encantador poderia ter roubado você de mim.

— Não é uma chance. — Ela o beijou.

— Ah, agora esse não é o tipo de beijo que vai me convencer disso.

— Oh, não é? Então, que tal este aqui? — Ela colocou uma mão em sua bochecha e deu-lhe um beijo ardente.

— Isso foi muito melhor.

Ela sorriu.

— Sobre o que estamos falando?

— Eu acho que foi sobre como eu vou fazer amor com minha esposa enquanto o sol nasce.

— Essa é uma boa ideia.

Uma nota do autor

Espero que tenham gostado desta viagem ao passado com o relógio de bolso.

Eu queria compartilhar algumas dicas sobre os detalhes históricos desta história, especialmente quando Giacomo Casanova está em causa.

Quando estava tentando descobrir como tirar Benedict da prisão, li um livro chamado *A História do Meu Escape: das Prisões da República de Veneza*, também conhecido como *—The Leads—*, escrito por Casanova em 1788, e traduzido por Andrew Lawston. Começa com a prisão de Casanova e detalha sua prisão e fuga, do ponto de vista dele. O livro era extremamente detalhado e ocasionalmente muito engraçado. Mas a coisa mais surpreendente para mim foi quão completamente agradável Casanova era. Se você está interessado em aprender mais sobre ele, eu recomendo a leitura da história da sua fuga.

Quando li o livro, percebi que a fuga de Casanova era tão incrivelmente improvável que não poderia acontecer duas vezes. Então, o caminho a seguir parecia óbvio – Benedict precisava fugir com ele. Aqui é onde peguei um pouco de licença literária.

Casanova foi preso pela República de Veneza e acusado de uma afronta à religião e decência comum. Ele foi considerado culpado, condenado a cinco anos de prisão em *The Leads*. E tão inacreditável quanto a fuga que descrevi soou, realmente aconteceu e mudei muito poucos detalhes. O principal ponto de partida do evento real é quando realmente ocorreu. Este trecho do livro acontece entre julho e agosto de 1758. Casanova foi preso em 26 de julho de 1755, e a fuga foi em 31 de outubro de 1756. Ele saiu do Palácio Ducal no início da manhã no Dia de Todos os Santos, em novembro dia 01. Então, ajustei as datas um pouco.

Agora de volta ao livro. Se você recusou o relógio de bolso primeiro e já leu o que acontece com Sara se ela permanecer no seu tempo, então conhece as duas histórias agora.

Se você aceitou o relógio de bolso primeiro, vai querer descobrir o que teria acontecido se Sara tivesse recusado (*E se eu me apaixonar?*). Se desejar, você pode simplesmente continuar lendo a partir daqui. A história começa imediatamente depois que Gertrude oferece o relógio de bolso para Sara no final do capítulo 1. Mas se quiser começar a próxima história lendo o primeiro capítulo novamente, o que eu recomendo, volte para o capítulo um. Então, quando Sara receber o relógio de bolso, simplesmente decida recusar e continue lendo a partir daqui.

Capítulo 2 - *E se eu me apaixonar?*

Sara respirou fundo. Ela não tinha nada a perder e estava prestes a aceitar o relógio de bolso quando uma pequena voz dentro dela disse:

— *E se você se apaixonar?* — Ela teria uma decisão dolorosa para tomar. Ela e Mark se amavam. Estavam namorando há quase dois anos. Sara até suspeitava que Mark pretendia propor-lhe casamento neste cruzeiro. Por mais que quisesse experimentar o relógio de bolso, não queria deixá-lo.

Gertrude assentiu sabiamente.

— Ah, você está preocupada com se apaixonar.

— Como você sabe o que estou pensando?

Gertrude encolheu os ombros.

— É um presente. No entanto, se você está verdadeiramente apaixonada agora, não vai se apaixonar por mais ninguém.

— Isso pode ser verdade para a maioria das pessoas, mas um dos riscos ocupacionais de ser uma autora de romance é querer o *“felizes para sempre”* querer amar e ser amado. Eu posso imaginar ficar tão envolvida na aventura que me apaixonaria pela ideia de estar apaixonada e interpretar mal tudo. Eu tive meu coração quebrado muitas vezes.

— E desta vez é diferente? Você encontrou sua alma gêmea?

— Eu acho que sim. Ele não é como os outros. É tão atencioso, e me sinto bonita e querida quando estou com ele. Ele não tem medo de me dizer que me ama e tenho certeza de que ele ama.

— Ele é muito charmoso, não é?

Sara sorriu.

— Charmoso? Sim, eu acho que ele é. Ele é meu príncipe encantado.

Gertrude inclinou a cabeça para o lado.

— Entendo. Bem, o amor verdadeiro nem sempre é facilmente encontrado, e é realmente uma alegria quando os aliados se conectam.

— Absolutamente. Eu sou muito sortuda. Então, você entende porque eu não posso pegar o relógio?

— Claro que sim, querida. Como eu disse, de um jeito ou de outro, o universo se desdobra como deveria. — Ela colocou o relógio de volta no bolso e se levantou.

— Bem, então, é hora de eu ir.

Sara também se levantou, oferecendo a mão a velha.

— Foi fantástico conhecer você.

Gertrude pegou a mão de Sara.

— Da mesma forma, minha querida.

— E obrigado pela oferta do relógio de bolso. Teria sido fascinante, mas acho que estou fazendo a escolha certa.

Gertrude sorriu.

— Eu desejo que você e ele sejam felizes.

Por alguma razão, Sara sentiu-se obrigada a abraçar a mulher e, quando o fez, sentiu-se mais uma vez afetada pelo calor e pelo contentamento.

— Obrigado, Gertrude.

— De nada, querida. Eu vou, agora.

Gertrude virou-se para caminhar até a ponte de Rialto. Ela parou por um momento, olhou para o canal e acenou. Sara olhou na mesma direção, mas não conseguiu dizer para quem ela havia acenado. Quando se voltou para Gertrude, a velha misteriosa desapareceu na multidão.

Os sinos de San Marco começaram a tocar. Já eram duas e meia e precisava voltar para Mark. Depois de pagar a conta, atravessou a ponte e encontrou o pequeno beco escuro que levava ao hotel. Este beco parecia intocado pelo tempo. Havia um pequeno santuário para São José num nicho a meio caminho da passagem.

Ela sorriu para si mesma. Toda a conversa sobre viagem no tempo fez sua imaginação correr solta. E se o antigo beco fosse realmente um portal do tempo que a levaria a algum ponto da história veneziana?

— Ei, isso poderia funcionar. Este poderia ser o meu canal para viajar no tempo — ela disse em voz alta para o beco vazio.

Sua mente estava girando quando entrou no sol quente na pequena praça do outro lado. Ela sorriu. Iria escrever um romance de viagem no tempo e muito em breve um de seus personagens se encontraria numa época muito diferente do outro lado deste beco. *“Obrigado, Gertrude, por me dar a ideia.”*

Ela praticamente pulou para o hotel.

O porteiro a cumprimentou.

— Boa tarde, *Signorina* Wells. Você aproveitou sua manhã? — Seu rico sotaque italiano transformou a saudação educada em algo íntimo, quase ilícito.

Sara sorriu, certa de que um homem com um sotaque italiano poderia ler a lista telefônica e fazê-la parecer sexy.

— Sim, muito obrigado. Nós vamos sair em breve. Você pode providenciar um táxi aquático para nós?

— O Sr. Holland já cuidou disso.

— Ótimo. Obrigado.

Quando chegou ao seu quarto, Mark estava saindo do chuveiro. Seu cabelo estava molhado e despenteado e ele tinha uma toalha enrolada em torno de seus quadris.

Ele se virou para ela e mostrou seu sorriso de megawatt.

— Você está linda. Bem na hora. Só me dê um minuto para me vestir e podemos ir ao terminal de cruzeiros.

— Você está se sentindo melhor?

— Tenho certeza que estou. Descanso e hidratação podem fazer maravilhas.

— Isso é bom de ouvir.

Ele parecia tão incrivelmente sexy e sua dor de cabeça se foi. Ela olhou para o relógio. Tinham quinze minutos. Deu um passo em direção a ele, passando as mãos pelo seu peito firme. Apertou os dedos atrás do pescoço dele e puxou a sua cabeça para que pudesse beijá-lo.

Ele deu um gemido baixo e gutural e devolveu o beijo.

Ela empurrou seu corpo contra o dele, fazendo-o dar um passo para a cama. Continuou empurrando-o para trás até a parte de trás de seus joelhos tocarem a cama. Então empurrou-o para que ele caísse de costas na cama, levando-a com ele.

Beijou-o e, deslizando as mãos por baixo da blusa de seda sem mangas, soltou o sutiã, libertando os seios. Seus polegares esfregando contra seus mamilos acenderam uma chama em seu núcleo. Ele rolou na cama, prendendo-a debaixo dele.

Ela suspirou de prazer.

Então ele simplesmente parou. Sentou, soltando-a.

— Sinto muito por pôr fim a essa sedução deliciosa, mas vamos ter que fazer isso mais tarde. Nós temos que ir.

— Ugh. Nós temos tempo. Eu arrumei tudo esta manhã. — Ela balançou as sobancelhas para ele. — Podemos nos divertir rapidamente e pegar a bagagem mais tarde.

Ele a beijou rapidamente, depois afastou-se dela.

— Eu não quero me apressar. Eu quero ter você no limite tantas vezes que você me implorará por liberação.

— Mark...

Ele piscou para ela.

— Conte isso como o número um. Almejamos dez.

— Dez? Você perdeu a cabeça. Isso pode me matar. — Ela rolou de barriga para baixo e se espreguiçou.

Ele riu, dando-lhe um tapa brincalhão na bunda.

— Levante-se e prepare-se para ir, ou faremos quinze.

— Certo. — Ela se ajoelhou, prendeu o sutiã e enfiou a blusa na saia floral. Passando os dedos pelos cabelos, sentou na beira da cama para poder ver Mark se vestir. Ele vestiu boxers, calça caqui e uma camisa de linho branco que parecia deixar os olhos mais azuis e a pele bronzeada. Ele poderia ter acabado de sair de um anúncio no GQ.

Quando a camisa dele estava enfiada, ele olhou ao redor da sala.

— Droga, onde eu coloquei meus sapatos?

Ela também olhou ao redor.

— Provavelmente deslizaram para debaixo da cama. Eu vou olhar. — Ela se ajoelhou no chão e levantou a colcha. — Sim, aqui estão eles. — Passou-os para ele, mas quando começou a se levantar, notou algo no chão ao lado da cama. — O que é isso?

Pegou-o.

— Eca, nojento. É o invólucro de preservativo de alguém.

Mark franziu a testa.

— Uau, eu estou surpreso que o serviço de limpeza perdeu isso. Repugnante. Pelo menos, não é um preservativo usado, mas ainda assim, é absolutamente desnecessário. Vou me certificar de que a administração saiba disso. — Ele estendeu a mão. — Vou jogá-lo fora, então temos que pegar a estrada... ou o canal, devo dizer.

— É uma pena que você não tenha visto muito de Veneza. É realmente lindo.

— Nós vamos voltar. — Ele deu-lhe um beijo rápido. — Talvez para nossa lua de mel. Você tirou muitas fotos?

Lua de mel? Se ele podia mencionar uma lua de mel tão casualmente, deveria estar planejando propor em breve. Ela decidiu que era melhor agir normalmente.

— Sim, tenho algumas realmente boas. Eu vou te mostrar mais tarde. — Ela pegou uma das malas. — Você está pronto para ir?

— Absolutamente. Mas eu levo isso. Basta pegar sua bolsa e sua bagagem de mão.

— Benjamin e Daphne irão conosco?

— Não. Eu não os vi hoje. Daphne enviou uma mensagem dizendo que estavam saindo há uma hora. Eles querem que nos encontremos para jantar. É só você e eu por agora.

Momentos depois, estavam no andar de baixo e um porteiro os levava para o beco até o Grande Canal.

— Oh, espere um minuto. Eu quero tirar uma foto disso — disse Sara.

— Do beco? — Perguntou Mark e o porteiro em uníssono.

Sara riu.

— Sim, o beco. Eu tenho uma ideia para um livro.

Mark sorriu.

—Essa é a minha garota.

~ * ~

Às cinco da noite, estavam confortavelmente instalados em sua cabine, uma grande suíte com uma sacada privativa que dava para a parte de trás do navio. Mark abriu a garrafa de champanhe que os aguardava e Sara bebeu um copo enquanto mordiscava um dos lindos canapés que o mordomo havia entregue.

— Ficar em uma suíte certamente tem suas vantagens.

Mark sorriu.

— Sim, é verdade, mas Benjamin está muito chateado que eles arruinaram a reserva e nós não conseguimos a cobertura.

— A cobertura? Um navio de cruzeiro tem uma cobertura?

— Este tem. É uma suíte enorme – um apartamento na verdade – com vários quartos, uma sala de estar, sala de jantar, um terraço privativo com sua própria piscina e spa, e um mordomo e empregada em tempo integral. Eles entregam absolutamente qualquer coisa que você quiser de qualquer restaurante a qualquer momento. Existe ainda um elevador privado e saída. A única vez que você tem que sair ou se misturar com os outros passageiros é para ir ao cassino ou a um dos shows. Mas mesmo ficando nesta suíte ainda é possível evitar a maioria dos outros passageiros. Todos os hóspedes da suíte têm acesso ao *concierge lounge*²⁰e, é claro, o serviço de quarto está disponível.

— Todas essas coisas parecem boas, mas qual é o objetivo de fazer um cruzeiro se não nos misturarmos de vez em quando? É divertido conhecer outras pessoas. Benjamin poderia ter contratado um iate particular se queria ficar sozinho.

Mark arqueou uma sobrancelha.

²⁰ Uma sala vip dentro do hotel que oferece conforto, privacidade, serviço de alimentos e bebidas e um atendimento premium.

— Contratado um iate? Cristo Sara, você esqueceu quem ele é?

— Não, mas você terá que perdoar meu lapso momentâneo no mundo comum.

Benjamin Samuel Talbot era o filho e herdeiro de Samuel Talbot, proprietário da Talbot & Company, uma empresa que vinha construindo navios desde o final do século XVIII. Nos últimos oitenta anos, concentraram-se apenas na construção de iates e, nos últimos trinta anos, especializaram-se em iates de luxo personalizados. A qualidade de seus navios era mundialmente reconhecida e seus clientes estavam entre as pessoas mais ricas do mundo. Os Talbots em si eram bilionários. Ao lado deles, os Hollands pareciam indigentes.

Ela balançou a cabeça.

— Francamente, me surpreendeu que ele estivesse disposto a considerar um cruzeiro comercial. Mesmo na cobertura.

— Daphne queria tentar. Ela pensou que seria divertido para uma mudança.
— Mark revirou os olhos. — Ela disse que seria como acampar.

— Você só pode estar brincando. Ela comparou uma suíte de luxo em um navio de cruzeiro ao camping?

Mark assentiu.

— Onde você consegue esses amigos e como alguém pode ser tão distante da realidade? — Era uma pergunta retórica. Sabia exatamente onde ele os conhecera. Mark e Benjamin foram para a mesma escola preparatória e foram amigos durante anos. Daphne frequentara a escola irmã na mesma cidade. Ela se reconectou com eles há alguns meses quando comprou um Porsche de Mark. Seu distanciamento da realidade provavelmente se devia ao fato de que todos eram filhos de fundos fiduciários. De todos eles, Mark era o único que realmente tinha um emprego, e ganhava uma quantidade significativa de dinheiro fazendo o que fazia de melhor: ser charmoso e convencer as pessoas de que precisavam comprar um carro de status. *“Ainda é um Lamborghini mesmo que outra pessoa o possua primeiro.”*

Benjamin nem fingia interesse na Talbot & Company. Ele entendia as finanças e, enquanto as coisas estavam andando como deveriam, não se importava com mais nada. Tentando ser educada, Sara lhe perguntara uma vez sobre os projetos dos navios. Ele a afastou.

— Eu não me importo com o design dos navios. Empregamos especialistas em todos os campos e pagamos bem para manter o prestígio da Talbot & Company. Por que deveria perder meu tempo nisso?

Mark sorriu indulgentemente para ela.

— Eles são uma raça diferente, Sara. Não gostam de você e eu.

— Não gostam de mim, você quer dizer. Eu não cresci rica.

— Mas você é agora.

— Estou confortável, não rica. Tenho uma boa vida como escritora, talvez um pouco melhor do que alguns, mas isso é tudo.

— Estou falando sobre o acordo do acidente da sua família. Você tem milhões à sua disposição.

Sara não gostava de ser lembrada disso. Os *milhões* a que Mark se referia era o dinheiro que havia recebido para liquidar o processo de morte por negligência fora do tribunal. Ela não queria o processo arquivado. Ambos os pais tinham seguro de vida através dos seus empregos, bem como uma pequena quantia em dinheiro. Esse dinheiro foi suficiente para cobrir todas as despesas, terminar o programa de mestrado, pagar os empréstimos estudantis e permitir que tivesse tempo para escrever e publicar. Agora, vivia de seus royalties.

Mas quando o acidente aconteceu, dada a natureza dele, o advogado que era o executor da herança de seus pais insistiu nisso.

— Essa foi uma tragédia que nunca deveria ter acontecido. Pense em sua dor e sofrimento.

Ela franziu a testa. Era exatamente por isso que não queria o processo. Isso a fez pensar em sua dor e sofrimento e só queria deixar tudo isso para trás. Então, quando os pais da garota que causou o acidente se ofereceram para fazer um acordo, aceitou apenas para se afastar da dor. Não queria pensar em como a sua família sofreu ou ter que reviver isso. Então esse dinheiro permanecia intocado. Para o horror de sua advogada, depositou o dinheiro e não pensou mais nele.

— Você sabe que eu não pretendo usar isso para mim — ela disse a Mark.

Algum dia teria que lidar com isso. Encontraria uma maneira de usá-lo para aumentar a conscientização sobre usar celulares durante a condução ou para ajudar outras vítimas. Mas, por enquanto, era apenas a lembrança dos mais horríveis onze dias de sua vida e de sua indescritível perda.

— Eu sinto muito, querida. Não queria chatear você.

— Você não fez. Eu sou apenas... bem, não sou como vocês três. Contanto que possa trabalhar e pagar as contas do meu jeito, não preciso de mais.

Francamente, ficaria feliz em morar num carro se isso significasse que poderia ter meus pais e meu irmão de volta.

— Eu sei que você faria. Sinto muito. Daphne estava apenas provocando Benjamin com o comentário do acampamento. Você sabe como ele pode ser. Aliás, o fato dele ter concordado em fazer um cruzeiro comercial apenas para agradá-la é um sinal de amor e dedicação verdadeiros. Ele está amadurecendo.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele.

— Amadurecendo?

Ele riu.

— Sim, amadurecendo. Ele está com raiva, mas ainda está aqui. Não foi embora quando seu dinheiro não conseguiu consertar a falta.

— Isso é verdade. — Um sorriso aflorou nos lábios de Sara. Benjamin lidava com os problemas jogando dinheiro neles e, com seus bolsos cheios de dinheiro, estava acostumado a conseguir o que queria. Francamente, teria sido divertido ver como seu método testado e verdadeiro fracassou, mas tudo ocorreu antes que ela e Mark chegassem ao navio. — O que aconteceu de qualquer maneira?

— Não tenho certeza. Benjamin tinha certeza de que sua assistente reservara a cobertura para todos nós, mas o computador indicou que duas das suítes maiores haviam sido reservadas. Se o erro fosse dela, teria a cabeça dela.

— Pobre garota.

— Não seria bonito. Ele tentou de tudo em seu arsenal para conseguir a cobertura, inclusive oferecendo pagar ao casal que reservou a suíte principal três vezes o custo do cruzeiro, se concordassem em mudar. Ele até ofereceu um enorme suborno ao funcionário dos serviços ao hóspede para que isso acontecesse. O homem não se mexeu. Parece que o casal na cobertura também é VIP e, além disso, é a lua de mel deles. No entanto, o casal de aposentados que tinha reservado a Suíte do Almirante - a melhor cabine ao lado da cobertura - estava lá checando e ouvindo tudo isso. Ficaram felizes em pegar o dinheiro e trocar as suítes. Então Benjamin se acalmou, embora não ficasse feliz.

— Uau. Quem são os recém-casados?

Mark riu.

— Isso é um mistério. Ocasões como casamentos entre os ricos e famosos do mundo geralmente são eventos de mídia. Mas não houve um recentemente -

pelo menos não um sobre o qual já ouvimos falar. Não temos ideia de quem eles sejam.

— Ah, bem, estou muito feliz com esta suíte e não tenho nenhum problema em me misturar.

Mark pôs um dedo nos lábios dela.

— É provavelmente melhor você não dizer isso para Benjamin.

Sara ficou horrorizada.

— Você quer dizer que eu não posso ter minha própria opinião?

— Você pode tê-la, linda, só não compartilhe com ele, pelo menos não até que seu temperamento esfrie.

Então, várias horas depois, quando encontraram Benjamin e Daphne, Sara ficou com um sorriso e manteve a boca fechada. Era especialmente cansativo quando Benjamin passava uma boa hora reclamando da *“incompetência geral exibida pela tripulação e pela linha de cruzeiros”*. Sua impressão do cruzeiro fora estelar até então e desejava dizer isso.

Daphne juntou-se a Benjamin.

— É irritante, querido. Você já descobriu quem são os recém-casados? Talvez eles precisem aprender a não interferir com Benjamin Talbot.

Sara mordeu o lábio. *Mesmo?* Seu senso de direito não tinha limites.

— Claro, ninguém da linha de cruzeiro me diria, mas acho que sei quem é. Vi Elizabeth Quinn passeando no convés com o novo marido mais cedo.

Mark franziu a testa.

— Quem é Elizabeth Quinn?

— Elizabeth Matheson Quinn. — Nas expressões em branco nos rostos de Mark e Daphne, ele revirou os olhos. — A neta de Alastair Matheson.

— O advogado, Alastair Matheson? Fundador da Matheson & Matheson? — Perguntou Mark. — Estou surpreso por não sabermos sobre o casamento. Deveria ter sido um grande assunto.

— Você teria pensado, mas não foi. Eu fiz algumas chamadas. Ela se casou com ninguém. Sofreu um acidente de carro em fevereiro, uma lesão na cabeça,

perdeu a memória e se apaixonou por um pediatra de Nova Jersey. Duvido que os Mathesons estejam excessivamente felizes com isso.

Daphne bufou.

— Eu aposto que ele está apenas atrás do dinheiro dela. Que interesseiro. — Os olhos de Daphne se dirigiram para Sara, como se insinuassem que ela também poderia cair nessa categoria.

Sara não iria dignificá-la com uma reação. Mas pela primeira vez durante todo o dia, lamentou que Benjamin não tivesse conseguido o que queria. Esta poderia ter sido uma noite maravilhosa se Benjamin e Daphne estivessem jantando sozinhos na cobertura.

— Então, como você vai fazê-los pagar? — Perguntou Daphne.

Esta foi a última gota. Sara não conseguia mais segurar a língua.

— Oh, vamos lá. Eles são recém-casados. Deixe-os em paz.

Benjamin franziu o cenho para ela.

— Eu não me importo com quem eles são, e normalmente me certificaria de que soubessem que mexeram com a pessoa errada.

— Normalmente? — Perguntou Daphne. — Você não pretende se vingar.

— Às vezes é preciso escolher suas batalhas. Escolher uma briga com os Mathesons poderia voltar e morder a Talbot & Company na bunda. Eles são nossos advogados corporativos há anos. Não vale a pena.

Sara reprimiu um sorriso. Parecia que o poderoso Benjamin Talbot poderia não ser o maior valentão nesse playground.

Capítulo 3 - *E se eu me apaixonar?*

Depois do jantar, foram ao cassino. Sara não gostava de jogar sozinha e logo ficou entediada vendo Mark e Benjamin jogar como se estivessem gastando dinheiro em monopólis. Tentou mais de uma vez conseguir que Mark voltasse para sua suíte com ela.

— Você sabe que eu realmente não sei muito sobre jogos de azar — ela baixou a voz para um sussurro — mas eu sei tudo sobre algumas outras coisas que nós dois gostamos.

Ele beijou sua têmpora.

— Sim, você sabe, mas faça-me a vontade por um tempo. Você não precisa saber como jogar. Tudo o que tem que fazer é ficar linda e me trazer sorte.

Então, com relutância, ficou e assistiu, absolutamente entediada até às lágrimas. Finalmente, depois de várias horas, tentou novamente.

— Estou muito cansada, Mark. Acordei cedo e é quase uma da manhã.

— Oh, querida, eu deveria ter lembrado disso. — Ele a beijou. — Você vai para a cama.

Daphne deu um tapinha no braço dela.

— Abençoado o seu coração. Você parece exausta.

Sara ignorou o comentário insincero.

— Não demore muito, Mark. — Ela se inclinou, beijou-o e sussurrou em seu ouvido: — Me acorde.

Ele deu a ela seu sorriso vencedor.

— Aposte nisso, querida. Eu vou me juntar a você em breve. O cassino fecha às três horas.

Duas horas não era a ideia dela de breve, mas decidiu se abster de comentar. Enquanto se afastava, ouviu Daphne dizer:

— Bem, você realmente não pode esperar que alguém como ela entenda a emoção dos jogos de apostas altas.

Sara sentiu alguma satisfação ao ouvir o riso irônico de Benjamin.

— Este não é um jogo de apostas altas.

~ * ~

Sara acordou na manhã seguinte enrolada ao lado de Mark. Evidentemente, ele não a acordou quando voltou do cassino. Rolando de costas, ela acariciou sua bochecha.

— Bom dia, lindo.

Mark gemeu.

— É muito cedo.

Sara franziu a testa.

— Você vai dormir até tarde no nosso primeiro dia no mar?

Ele abriu um olho, inclinou-se para frente e beijou-a.

— Não tenho intenção de dormir o dia todo. Só um pouquinho mais da manhã.

— Você está falando sério?

— Não completamente. Peça um café da manhã para nós e juro que vou levantar quando chegar. Eu tenho uma surpresa para você de qualquer maneira.

— Uma surpresa?

— Sim, mas você não a recebe até que eu tenha mais vinte minutos para fechar o olho.

Ela deu-lhe um olhar severo.

— Vinte minutos.

Ele sorriu para ela.

— Boa menina.

Ela riu.

— Eu não sou tão boa assim. Durma por vinte e um minutos e você verá.

Ele riu e fechou os olhos.

Ela pediu café da manhã antes de tomar um banho rápido. Estava vestida com um vestido amarelo pálido no momento em que o mordomo chegou com a comida.

Depois que o mordomo saiu, cutucou Mark.

— Você teve seus vinte minutos, cabeça sonolenta. Para cima, — ela exigiu, brincando.

Ele gemeu, mas saiu da cama e chegou à mesa em toda a sua glória nua.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele.

— Hmm, pensando bem, talvez devêssemos voltar para a cama.

— Agora que eu estou de pé e um prato de bacon e ovos aguardando? Não há uma chance, linda. — Ele olhou para o relógio na mesa. Além disso, você tem um compromisso em vinte minutos.

— Não, não tenho.

Ele deu-lhe um sorriso malicioso.

— Sim, você tem. Essa é a surpresa. Eu me senti muito mal por passar o nosso tempo em Veneza, então depois que acordei ontem, liguei para o navio e reservei um dia de spa para você.

— Você não precisava fazer isso.

— Eu pensei que você gostasse de tratamentos de spa.

— Eu gosto, mas...

— Sem desculpas. Tudo foi organizado, um brilho salgado, facial e massagem.

— O que você vai fazer nas próximas horas?

— Eu acho que vou ter um treino, então pegue alguns raios. Procure-me na piscina quando terminar. Se ainda não estiver lá, pegue um par de espreguiçadeiras para nós.

— OK. Mas provavelmente levará três horas para todos esses tratamentos.

— Oh, certo. Eu tenho certeza que terminarei com o meu trabalho até então.
— Ele olhou para o relógio. — Sem mencionar o fato de que será hora do almoço. Você sabe que é uma regra não escrita que é preciso comer a cada três horas em um cruzeiro. Que tal nos encontrarmos em Houston mais ou menos à uma. Isso lhe dará bastante tempo.

— Você quer almoçar na churrascaria? O buffet seria bom.

— Pode ser, mas almoçar na Houston's é uma das vantagens de ficar em uma suíte. Nós não temos que enfrentar as massas no buffet e eu quero que tudo seja perfeito para você. — Ele a beijou. — Isso é uma promessa para depois. Agora é melhor você ir, senão vai se atrasar.

Sara sorriu para ele.

— Eu vou te ver mais tarde então.

Ela fez seu caminho para o spa sentindo-se amada e mimada. Quando chegou, o atendente saudou-a.

— Bom dia, madame. Gostaria de marcar uma consulta para um tratamento de spa?

— Acho que já tenho vários compromissos agendados. Meu nome é Sara Wells.

O atendente verificou seu computador.

— Ah, sim, aqui está você, senhorita Wells. Um brilho salgado, facial e massagem. Nós vamos começar com o seu brilho salgado. Janet estará pronta para você em alguns minutos. Já navegou conosco antes?

— Não, este é meu primeiro cruzeiro.

— Então vou lhe mostrar a suíte térmica enquanto espera.

— Suíte térmica?

— Sim, o Sr. Holland providenciou acesso para si durante todo o cruzeiro. Temos uma variedade de salas de vapor e saunas diferentes, camas de pedra aquecidas, uma enorme banheira de hidromassagem e áreas tranquilas onde pode simplesmente relaxar.

— Isso parece ótimo, mas não trouxe um maiô.

— Tem tempo para ir buscá-lo. Eu vou lhe mostrar tudo quando voltar.

Sara correu de volta para o camarote. A suíte térmica parecia celestial. Mark não mudou o sinal de “*não perturbe*” para “*arrumar a cabine*”. Ou ele esqueceu de mudar ou ainda estava se preparando para ir à academia. Ela entrou.

Mark estava de costas para a porta e ele ainda não tinha se vestido ainda.

— Mmm, você não consegue o suficiente de mim, não é?

Ela riu quando fechou a porta atrás dela.

— Não, bobo, eu só preciso do meu maiô.

Um súbito burburinho revelou o que não tinha visto no início - Daphne de joelhos, com as bolas de Mark no fundo da boca.

Sara ficou boquiaberta por um momento.

— Oh, meu Deus. Oh, meu Deus. Oh, meu Deus. — Ela se virou e se atrapalhou com a porta.

— Sara não é...

Não ouviu como Mark terminou a frase porque estava fora da porta e correndo pelo corredor.

Passou de se sentir amada e mimada a traída em questão de momentos e mal conseguia manter a calma. Quando chegou aos elevadores, uma porta estava se fechando e correu para ela.

— Que andar, querida? — Perguntou uma senhora idosa.

Sara, que ainda não tinha pensado no seu destino, olhou fixamente por um momento.

— Jovem senhora, passa-se alguma coisa?

— Oh, não. Eu estou uh... uh... cinco. Eu estou indo para o cinco.

A senhora pareceu preocupada, mas apertou o botão.

Quando as portas se abriram no andar cinco, Sara saiu e virou-se para olhar o grande mapa do navio. Para qualquer um que passasse por perto, pareceria estar examinando, mas tudo o que podia fazer era pensar na cena que acabara de ver. “*Não chore. Faça o que fizer, não chore*”. Ela respirou fundo, soprando lentamente, tentando se acalmar.

— Posso ajudá-la, senhorita? — Perguntou um funcionário de cruzeiro uniformizado.

Mais uma vez, Sara estava sem palavras.

— Eu... eu... eu...

— Está tudo bem? Você precisa de algo?

Então, sem pensar, as palavras saíram

— Preciso de outra cabine — disse num sopro.

— Tem algo errado com a sua cabine?

Sim. *“Uma ou duas pessoas erradas com ela”.*

— Sim.

— Sinto muito por ouvir isso. Vou mostrar-lhe os serviços de hóspedes e espero que consigam resolver o problema.

Embora o *“eu sinceramente duvido”* estivesse na ponta da sua língua, ela simplesmente disse:

— Obrigado.

Serviço de hóspedes. Sim, era disso que ela precisava. Talvez houvesse um quarto desocupado que pudesse usar. Certamente não poderia ficar na suíte com Mark por mais tempo.

Quando chegaram ao serviço de hóspedes, tinha um aperto frágil em suas emoções. Esta era a resposta. Não se importava com o quanto isso poderia custar, iria para outro quarto. Estariam no mar mais um dia antes de chegarem ao porto. No primeiro porto, desembarcaria e tomaria providências para voar de volta para casa.

— Como posso ajudá-la? — Perguntou a sorridente agente do serviço de hóspedes quando Sara chegou à mesa.

— Eu preciso de outra cabine.

— Desculpe, não há nenhuma disponível.

— Eu preciso de outro camarote. Não me importo que seja pequeno ou onde está. Nada disso importa, mas preciso de outro quarto.

— Eu sinto muito, senhorita. Esta é a nossa alta temporada. Todas as cabines do navio estão ocupadas. Mas se houver algum problema com sua cabine, tenho certeza de que podemos resolver isso.

Sara sacudiu a cabeça.

— Tenho certeza que você não pode.

Ela se virou e foi embora, ouvindo a agente dizer:

— Mas, senhorita, se você apenas me disser... — quando foi embora. O que ia fazer? Como poderia passar os próximos dias? Não conseguiu segurar as lágrimas por mais tempo, então voltou para os elevadores. Precisava ficar sozinha e tinha certeza de ter visto um sinal para uma capela em algum lugar.

Quando as portas do elevador se abriram, investiu de cabeça em alguém saindo. Mãos fortes agarraram seus braços e a empurraram para fora do elevador. Ela olhou para o rosto da última pessoa que queria ver - Benjamin Talbot.

Ele franziu a testa.

— Qual é o problema?

— Nada. Apenas deixe-me ir. — Ela tentou afastar-se dele, mas ele apenas apertou ainda mais.

— Claramente, nada está errado. — O sarcasmo pingou pesadamente de suas palavras. — Você sempre corre em lágrimas.

— Bem. Eu preciso de outro camarote e não há nenhum.

— E é por isso que você está chorando? Por que você precisa de outra cabine?

— Eu só preciso.

— Ontem você não parecia incomodada por isso. E agora está aqui, praticamente berrando

— Ontem não me incomodei com isso e eu não estou... berrando. — Sua voz quebrou, e soou perigosamente perto de um soluço.

— Então, qual é o problema agora?

— Agora está lotado.

— Bem, eu acho que as suítes são constrangedoramente pequenas, mas ontem você disse que era mais que suficiente.

— Ontem eu não entrei para encontrar Mark com as bolas no fundo...

— Cale a boca. — Ele a cortou, olhando ao redor. — Não diga outra palavra. Isso não é publicidade que qualquer um de nós precisa. Vamos levar isso para algum lugar privado.

Ele a guiou até o próximo elevador que se abriu. Os curiosos ocupantes olhavam para eles.

Benjamin puxou-a contra o peito, deu-lhe um tapinha nas costas e disse.

— Ela acabou de receber uma mensagem. Seu gato morreu.

O absurdo da desculpa quase a fez rir. Não tinha um gato. Era alérgica a gatos e nem gostava muito deles. Conseguiu controlar-se o tempo suficiente para alcançar sua suíte. Então, ao ver as coisas de Daphne espalhadas, Sara começou a chorar.

Benjamin não disse nada. A suíte do almirante tinha um bar abastecido. Ele derramou vodka e suco de laranja em dois copos e empurrou um na mão dela.

— Tome uma bebida.

Ela o fez.

— Agora, pare de chorar, beba isso e me diga o que aconteceu.

— Mark arranhou para eu ter vários tratamentos de spa esta manhã. Eu não sabia sobre a coisa toda da suíte térmica e não trouxe uma roupa de banho. Então, voltei para o camarote para pegar um e ele estava... ele estava...

— Não estava sozinho. Acredito que as palavras que você usou foram “*bolas profundas*” em... “*alguém*”.

Sara assentiu, certa de que começaria a soluçar de novo se falasse.

Benjamin franziu a testa.

— Nós não estamos neste navio um dia inteiro. Ele realmente não teve tempo de atrair ninguém para sua cama ainda. A menos que... — Seus olhos se estreitaram e ele apertou a mandíbula. — Ele estava com Daphne?

Sara assentiu novamente.

Ele ficou furioso, cada músculo ficando tenso.

— Eu vou matá-lo.

Sara fungou, limpando as lágrimas em suas bochechas.

— Eu pensei que ele me amava. Pensei que nós íamos nos casar.

— Cale a boca, Sara. Mark é um cachorro e sempre foi. Sinto muito que você foi muito idiota até agora para perceber isso, mas estava prestes a acontecer.

— Então por que você está tão bravo?

— Tanto quanto eu estou preocupado, ele pode transar com qualquer puta voluntária no planeta. Mas eu não compartilho meus brinquedos. — Ele derramou outra medida considerável de vodka em seu copo. Renunciando ao suco de laranja, bebeu de um só gole antes de se dirigir à porta.

Sara foi atrás dele, agarrando um braço.

— Onde você vai?

Ele empurrou o braço para longe, encarando-a com os punhos cerrados. E, para seu horror, ele respondeu:

— Vou fazê-lo pagar. Vou fazer os dois pagarem. E se você fizer outra tentativa de me impedir, vai se arrepender.

Ele andou a passos largos em direção à porta, mas tropeçou antes de alcançá-la. Parou e olhou para si mesmo, em seguida, virou-se lentamente. De sobranceiras franzidas, ele apenas olhou para ela.

Capítulo 4 - E se eu me apaixonar?

Segunda-feira, 10 de julho de 1758

O Lido, Veneza, Itália

Benedict Maclan caminhava pela margem no crepúsculo da noite, como tantas vezes fazia. Esta tranquilidade pacífica foi um alívio à agitação do Arsenale, o centro de construção naval de Veneza, do outro lado da lagoa. Ele parou e olhou para a água. Espontaneamente, seus pensamentos se voltaram para seus pais. Este tinha sido o lugar onde esteve na última vez que os viu, enquanto seu navio se dirigia para o mar há mais de treze anos. Seu pai acenou, observando do convés de popa até que Benedict não pudesse mais vê-lo. Sua mãe nunca olhou para trás.

— Jovem, o que te entristece? — Perguntou uma velha cuja abordagem tinha sido tão silenciosa, que parecia se materializar do nada.

Benedict ficou surpreso, não apenas por causa de sua aparição repentina, mas também porque ela não havia se dirigido a ele em veneziano, mas sim em escocês - a língua que seus pais falavam em casa.

— Eu sinto muito. O que disse?

Ela sorriu calorosamente para ele.

— Você está de pé aqui, olhando para o mar, parecendo como se tivesse o peso do mundo em seus ombros.

— Não, eu não tenho. Estava apenas pensando em meus pais. Eu os perdi anos atrás. Não sei porque eles estão na minha cabeça hoje à noite.

— Talvez tenha sido a história daquela jovem que se afogou. Mortes como essa geralmente trazem à mente outras perdas trágicas.

— Sim, talvez. — Benedict franziu a testa. O capitão da embarcação contou-lhe sobre a garota tola que saltou ao mar, mas devia ter ficado quieta. O Sr. Llewellyn era um comerciante extremamente rico e influente. Perder sua filha foi difícil o suficiente. Ele não queria que a fofoca se espalhasse.

— Ele tem aparências para manter — disse o capitão a Benedict, ironicamente. — Mas se me perguntar, ele está mais chateado com a forma como isso pode afetar seus negócios do que pela morte de sua única filha.

Benedict deu à velha um olhar perscrutador.

— Como é que a senhora sabe sobre ela?

— É uma longa história. Talvez se me convidar para tomar uma xícara de chá quente eu contarei a você.

Benedict riu. Com certeza que não havia nenhum dano nisso.

— Claro. Você gostaria de se juntar a mim para uma xícara de chá?

Ela riu alegremente.

— Obrigado, rapaz. Que bom que me convidou. — Ela estendeu a mão para ele. — Meu nome é Gertrude.

Tomando sua mão, ele disse:

— Eu sou Benedict MacIan. Prazer em conhecê-la, Gertrude.

— Da mesma forma.

Ele apontou na direção de onde tinha vindo:

— Minha casa é ali.

Caminharam juntos por alguns instantes antes de Benedict perguntar:

— Suponho que estivesse no navio?

— Que navio seria esse?

— Aquele em quem a moça estava.

— Oh, não, eu não estava.

— Então, talvez estivesse no navio de Llewellyn?

— Eu não estava em nenhum navio, rapaz.

— Mas a senhora está muito longe de casa.

— O que faz você dizer isso?

Ele sorriu.

— Você não é escocesa? Fala escocês.

— Eu falo muitas línguas, meu jovem — disse ela em perfeito veneziano.

— Sim, eu vejo — ele respondeu em veneziano. — Então, não é da Escócia?

Ela riu, voltando para o escocês.

— Não, rapaz. Eu sou uma cidadã do universo.

— Então por que me abordou em escocês?

— É minha língua favorita e você disse que estava lembrando de seus pais. Eles eram escoceses, não eram?

— Sim, eram. Mas eu não falei sobre meus pais até depois de você ter falado comigo.

A velha deu de ombros.

— Não, suponho que você não fez. É difícil perder ambos os pais no mesmo ano e numa idade tão precoce.

Benedict não perdeu o fato de que ela não explicou como sabia que ele falava escocês. Mas sua nova observação levantou outra questão.

— Como você sabe que os dois faleceram no mesmo ano. Ou quando eu era jovem?

Ela riu.

— Oh, rapaz, isso não foi um grande esforço. Você ainda é muito jovem, no grande esquema das coisas.

Ele sorriu para ela.

— Eu suponho que sim, mas como você sabe que eles morreram poucos meses separados um do outro?

— Ah, isso. Fico feliz que você tenha perguntado. É um dom.

— Um dom?

— Sim, um dom.

Quando ela não explicou mais, Benedict decidiu deixá-lo por isso.

Eles caminharam em silêncio por um minuto enquanto o céu escurecia.

— Gertrude, está ficando tarde. Onde está hospedada? Em algum lugar aqui no Lido? Temo que estamos nos afastando de Malamoco, a aldeia.

Ela balançou a cabeça.

— Não, eu não vou ficar em Malamoco.

Ele riu.

— Você é uma mulher de muitas palavras.

Ela sorriu.

— Você vai saber tudo o que precisa saber em breve. Além disso, tenho algumas perguntas para você.

Ela era uma velha estranha, mas por algum motivo, sentiu uma grande sensação de calor dela. Como se fosse uma velha amiga.

— Tudo certo. O que você gostaria de saber?

— Como é que um jovem escocês se encontra morando em Veneza, no Lido?

Ele riu.

— Você sabe sobre meus pais, mas não sabe disso?

Gertrude riu.

— Faça-me a vontade.

— Muito bem. Meu pai era um carpinteiro que consertava navios em Port Glasgow. Dezoito anos atrás, um comerciante veneziano notou seu talento e ofereceu-lhe a oportunidade de construir navios aqui. Acho que inicialmente papai planejou aprender o que pôde, depois voltar para a Escócia para encontrar sua fortuna construindo navios lá.

— Inicialmente? As coisas mudaram?

— Sim. Ele se apaixonou por Veneza. Além disso, percebeu que, mesmo se usasse o conhecimento que ganhou aqui, ele não teria artesãos com a mesma habilidade lá. Ele sempre disse que, além de serem algumas das embarcações mais sólidas do mar, os navios venezianos são obras de arte por si mesmas.

— Então, ele decidiu ficar aqui para sempre.

— Eu suponho que sim. Embora ele nunca tenha admitido isso para minha mãe.

— E por que isso?

— Ela odiava tudo aqui. Tudo, desde a comida até a língua e até mesmo o clima era estranho para ela e se recusou a abraçá-lo.

— Entendo. É muito diferente da Escócia.

Benedict assentiu.

— Foi por isso que papai construiu nossa casa aqui, no Lido. Pensou que, se vivessem longe da cidade, mais perto do mar, ela estaria mais à vontade.

— Ela estava?

Benedict sacudiu a cabeça.

— Mas ele continuou esperando. Ele disse que ela não gostava mais de Port Glasgow quando foram lá pela primeira vez.

— Essa não era a sua casa?

— *Foi* minha casa, pelo menos é a única na Escócia que lembro. Mas meus pais haviam crescido na ilha de Skye. Papai sabia que se tivessem ficado lá, estariam destinados a viver como arrendatários empobrecidos, assim como seus pais tinham sido. Ele imaginou uma vida melhor para nós.

— Então ele mudou sua pequena família para Port Glasgow.

— Sim. Glasgow era um importante centro comercial. Onde havia comércio, havia um porto e onde havia navios, havia trabalho para um carpinteiro.

— Isso é verdade, com certeza. E o que você achou quando ele decidiu se mudar para cá? Você se arrependeu de deixar a Escócia para trás?

Benedict sorriu.

— Não. Minha mãe pode ter considerado uma sentença de prisão, mas para mim, com apenas dez anos de idade, vi como uma aventura como nunca teria na Escócia.

— E foi? Uma aventura?

— Sim. Uma que terminou um pouco cedo demais.

— Porque você perdeu seus pais?

Benedict suspirou.

— Sim. Eu tive que me tornar um adulto responsável da noite para o dia. — Eles haviam chegado à sua casa. — Aqui estamos.

Gertrude sorriu, absorvendo tudo.

— É muito lindo.

Eles entraram.

— Se você não se importa de esperar por mim na sala de estar, vou preparar uma xícara de chá para nós.

— Eu não me importo de esperar, mas ficaria igualmente feliz em me juntar a você na cozinha.

— Bem, então siga-me.

Na cozinha, ele alimentou o fogo e se ocupou em fazer chá antes de se sentar com ela na mesa da cozinha.

— Agora, parece que eu contei a você toda a minha história e você ia me contar como soube sobre a filha de Llewellyn.

— Sim, eu disse. Seu nome era Ceres. Como a história diz, ela queria ir a Veneza. Ela se imaginava uma artista e queria estudar aqui. Seu pai se recusou a permitir isso. Sendo uma moça um pouco obstinada, ela fugiu. Disfarçou-se de viúva e reservou passagem num navio em Londres, com destino a Veneza. Quando seu pai descobriu o que ela havia feito, embarcou em um de seus navios. O mais rápido que possuía, e a seguiu. Ele quase a alcançou quando se aproximaram dessa mesma ilha. Temendo que seu pai a levasse de volta para casa, ela decidiu pular do navio, acreditando que poderia nadar a curta distância. No entanto, quando suas roupas pesadas ficaram molhadas e pesadas, ela foi puxada para baixo e se afogou.

Benedict sorriu indulgentemente.

— Gertrude, as poucas pessoas que sabem que ela morreu, sabem muito da história. Mas o que eu perguntei na praia foi como *você* soube da história. Llewellyn não queria que ninguém soubesse.

— Benedict, sei pelo mesmo motivo que sei o que aconteceu com seus pais.

— Eu já disse a você, eles morreram.

— Sim, você disse, mas não me disse que sua mãe havia implorado por tanto tempo para voltar para a Escócia, mesmo que fosse apenas para uma visita. Que seu pai finalmente desistiu. Eles chegaram durante os levantes jacobitas. Uma vez de volta às terras do clã, seu pai ficou preso em tudo e foi morto em Culloden.

— Não, eu não contei essas coisas, mas nada disso é um segredo. Meu pai tinha muitos amigos aqui. A história de sua morte é bem conhecida.

— É verdade, mas a história da morte de sua mãe não é.

Ele encolheu os ombros.

— Não há nada para saber. Ela ficou doente e morreu.

Gertrude arqueou uma sobrancelha para ele.

— Ela se culpou pela morte dele e ficou tão aflita que afundou numa melancolia da qual nunca se recuperou. Acreditando que não poderia continuar sem ele, eventualmente ela se deitou e parou de comer.

Benedict cerrou o queixo.

— Bem. Ela morreu de coração partido. Algumas pessoas sabem disso.

Gertrude captou seu olhar.

— Rapaz, ela não morreu de coração partido. Ela morreu porque preferiu desistir. Escolheu a morte sobre a vida sem o marido. — Ela segurou a mão dele, com um aperto surpreendentemente firme. — O que ninguém sabe é o quanto isso machucou você, rapaz. Porque ao escolher não viver sem o marido, ela também escolheu abandoná-lo.

As palavras eram como uma faca em seu intestino. Ele nunca contou isso a ninguém. Pela maioria dos padrões, era um homem adulto, ou quase, quando tudo isso acontecera. Não precisava de uma mãe. Mas Gertrude estava certa. O fato de sua mãe ter desistido da vida e, ao fazê-lo, desistido dele, o feriu profundamente.

Afastou os olhos de Gertrude, mas não tirou a mão dela. Havia um calor e conforto fluindo dela que não podia evitar.

— Eu sinto muito, Benedict.

Levou um momento para encontrar sua voz.

— Eu deveria ter ido com eles. Mas tinha dezesseis anos quando eles foram embora e era aprendiz no negócio de meu pai. A Escócia era uma lembrança distante para mim. Esta era a minha casa. Eu queria ficar e continuar meu treinamento.

— Benedict, olhe para mim.

Ele fez. Amor e calor irradiavam de seus olhos, assim como da mão dela.

— Você fez a melhor escolha.

— Como você sabe? Talvez meu pai não tivesse morrido se eu estivesse lá. Talvez pudesse ter ajudado minha mãe a manter a vida se estivesse com ela.

— Não. Seu pai e sua mãe ainda teriam morrido... e você também teria morrido.

— Você não sabe disso. — Sua voz estava cheia de angústia. — Como você poderia saber disso?

— Eu disse a você que é um dom. Eu sei o que preciso saber quando preciso saber. Meu querido rapaz, eu sou um espírito imortal. Muitas vezes posso ver o que “deveria” e “o que poderia ter sido” que pesa sobre os corações humanos. Às vezes eu posso ajudar a colocar os mortais no caminho certo, o que pode impedir algumas mágoas. Às vezes não consigo ver os detalhes, mas sempre consigo ver o final desses caminhos.

Ben estava sem palavras. *“Um espírito imortal?”*

Como se tivesse ouvido os seus pensamentos, ela respondeu:

— Sim, rapaz. Eu existo desde o início dos tempos, desde os primeiros momentos da criação.

— Você é um... um... um *anjo*?

— Sim. Ao longo da história nos foram dados diferentes nomes por povos diferentes, mas *anjo* é provavelmente aquele que você entenderá melhor.

Quando ela disse isso, sabia, sem dúvida, que estava dizendo a verdade absoluta.

— Por quê?

— Por que anjo é o nome que você vai entender?

Ele riu.

— Não, por que você está aqui?

— Estou aqui para lhe oferecer uma oportunidade que apenas um pequeno número de mortais recebe.

— Uma oportunidade?

— Sim, mas há algumas outras coisas que você precisa entender primeiro. — Ela enfiou a mão no bolso, tirou um relógio de bolso e uma longa corrente e colocou-o na mesa entre eles. — Algumas das coisas que estou prestes a dizer podem ser difíceis de acreditar.

— Mais difícil do que acreditar que você é *um anjo*?

Ela deu uma risadinha.

— Possivelmente. O fato é que você já acreditava que os anjos existem e eu lhe disse coisas conhecidas apenas no fundo do seu coração. Portanto, não foi um grande desafio aceitar que sou um anjo. O que estou prestes a dizer a você vai muito contra o que você acredita ser verdade. Você precisa manter uma mente aberta. Promete fazê-lo?

— Sim, eu prometo.

— Bom. Pois bem, a primeira coisa que você deve entender é a natureza do tempo.

— Desculpe? A natureza do tempo?

— Sim. A natureza do tempo não é exatamente como você acredita que seja.

— O que você quer dizer com isso?

— A maioria das pessoas acredita que ontem é seguido por hoje, que é seguido por amanhã.

— Sim.

— Mas isso não é absoluto. O tempo pode voltar em si mesmo e as pessoas podem atravessar de um tempo para outro. Ou mais precisamente, as almas podem.

Benedict não conseguiu se impedir de dizer:

— Isso não é possível.

Gertrude arqueou uma sobrancelha para ele.

— Certo. Mente aberta. Desculpe.

— É possível porque este relógio de bolso é um condutor de uma para outra. Quando alguém aceita o relógio, tem a oportunidade de trocar de alma com outra pessoa.

— Como?

— É simples, na verdade. A pessoa que aceita o relógio diz uma palavra antes de ir para a cama. Esta palavra será usada para retornar ao seu próprio tempo. Então o viajante do tempo coloca o relógio de bolso em volta do pescoço ou no bolso e eles vão dormir. Eles vão despertar no corpo de outra pessoa, mas com sua própria alma e consciência, e eles terão até sessenta dias para experimentar essa vida.

Ela abriu o relógio.

— O relógio de bolso tem apenas uma mão. Avança um segundo a cada dia enquanto uma alma está no passado. Essa pessoa pode retornar ao seu próprio corpo a qualquer momento durante os sessenta dias, dizendo a palavra.

— O que acontece com a outra alma?

— É uma troca.

— E essa pessoa tem sessenta dias em outra vida?

— Não. É uma troca, mas não uma troca igual. Especificamente, o tempo não é igual em ambos os lugares. Para cada dia que o viajante do tempo experimenta na vida que ele assume, apenas um segundo passa no que deixou.

Benedict franziu a testa.

— Então, depois que mudam de volta, a outra pessoa acorda sessenta dias depois, sem nenhuma lembrança do que aconteceu?

Gertrude sacudiu a cabeça tristemente.

— Não, rapaz. Para que a troca ocorra, a outra pessoa normalmente terá feito algo que acabará resultando em sua morte iminente. O viajante do tempo fará algo para mudar isso, pelo menos temporariamente. No entanto, a vida dessa pessoa acabou. Quando o viajante do tempo voltar ao seu próprio tempo, o corpo da outra pessoa morrerá e sua alma seguirá em frente.

— Mas e se o viajante do tempo não quiser retornar? Existe uma maneira de ficar?

— Sim. Todo mundo que usa o relógio tem que fazer três escolhas. Primeiro, quando se oferece o relógio, a pessoa deve tomar a decisão consciente de aceitá-lo. Então, uma vez que aceitem, devem escolher usá-lo. Isto é, dizer uma palavra e vigiar a pessoa quando ela for dormir. Posso garantir, muitas pessoas não aceitam o relógio e muitas outras mudam de ideia depois de o fazerem.

— Qual é a terceira escolha?

— Voltar para casa. Dentro do tempo concedido, o viajante do tempo deve conscientemente escolher dizer a palavra que o retornará à sua própria vida. Se não dizem a palavra, essencialmente escolheram ficar na outra vida.

— Se o viajante do tempo decidir ficar, ambas as almas viverão?

Gertrude assentiu.

— É uma maneira de falar. É verdade que, enquanto a alma do viajante do tempo estiver viva, seu próprio corpo também estará. Mas lembre-se, o tempo não é igual. Para cada ano que o viajante do tempo está ausente, apenas trezentos e sessenta e cinco segundos passam em seu próprio tempo. Isso é pouco mais de seis minutos. Então, se o viajante do tempo viver por mais oitenta anos no corpo da outra pessoa, apenas oito horas terão passado. Uma noite normal de sono. E não vão despertar durante esse tempo. Quando a pessoa que aceitou o relógio de bolso chegar ao fim de sua vida, e o corpo em que está morre, seu próprio corpo também morrerá e ambas as almas seguirão em frente.

— Entendo. Então, se a pessoa que usa o relógio decidir ficar, seu corpo em seu próprio tempo estará morto pela manhã... em seu próprio tempo.

— Sim.

— Isso é um pouco horrível.

— A morte é uma eventualidade para todos os mortais. É o que é.

— Eu suponho que sim.

— Então você entende o básico de como funciona o relógio de bolso?

Benedict assentiu.

— Sim. Acho que entendi.

— Então aqui está sua oportunidade. — Ela segurou o relógio de bolso para ele. — Gostaria de experimentar?

— E viajar no tempo?

— Sim.

A mente de Benedict girou, considerando as possibilidades.

— Sessenta dias em outro momento e eu voltarei aqui em um minuto.

— Se você optar por voltar, sim.

— Onde eu vou?

Gertrude inclinou a cabeça para o lado.

— Você deve escolher aceitar o relógio antes que lhe conte mais.

— Mas, mesmo que aceite, não preciso usá-lo?

— Está correto. A escolha é completamente sua.

— Então, sim, eu vou aceitar.

Ela sorriu e colocou o relógio na mão dele.

— Agora, onde eu vou?

— Eu quase nunca respondo a essa pergunta quando a pessoa com o relógio está voltando no tempo.

— Por quê?

— Porque a tentação de se preparar, de tentar aprender o máximo possível sobre o tempo e o lugar para o qual estão viajando é muito grande. Mas você vai avançar no tempo e, por essa razão, vou compartilhar um pouco com você. Você despertará no ano de Nosso Senhor, dois mil e seis.

Benedict olhou para ela espantado.

— Você não está falando sério.

— Muito sério. Você estará no corpo de um homem, um americano chamado Benjamin Talbot.

— Um colono?

— Não, no futuro, a América não faz mais parte do Império Britânico, mas não lhe direi nada mais do que isso.

— O que devo fazer para impedir que esse americano morra?

Gertrude sorriu.

— Nada. Literalmente. Você vai chegar logo depois que ele descobrir que a mulher que ele... humm, como vou colocar isso? As coisas são um pouco diferentes no futuro. Geralmente, não é desaprovado que homens e mulheres coabitem... ou

se conheçam no sentido bíblico fora do casamento. Ele terá acabado de descobrir que Daphne, a mulher com quem ele é íntimo, tem dormido com outro homem.

Benedict franziu a testa, sombrio.

— Ele a amava?

— Não exatamente. Não tenho certeza se Benjamin Talbot ama qualquer coisa além do dinheiro e controle. Como ele é extremamente rico, tem uma boa quantidade de ambos. Não, é como um cachorro guardando uma manjedoura. Ele não ama a mulher, mas não quer que ninguém mais a tenha. Especialmente Mark Holland, um homem que considerava um de seus poucos amigos.

Benedict assentiu.

— Isso é um golpe baixo, com certeza.

— Sim, mas Benjamin Talbot tem um temperamento perigoso e estará numa fúria assassina. Se ele continuar com a intenção de derrotar seu rival e transformá-lo numa polpa, algo vai dar errado, o que resultará em sua morte.

— Entendo. Então, se eu entrar em seu corpo, vou simplesmente aceitar que fui traído? — Isso não agradou Benedict.

— Eu não olharia dessa maneira. Afinal, você não foi traído. Além disso, há outra pessoa a considerar.

— Quem?

— A única pessoa nessa bagunça que está com o coração partido. A adorável moça que achava que Mark Holland ia pedir-lhe que se casasse com ele, Sara Wells. Acontece que foi ela quem descobriu a sua perfídia. Ela pegou Mark e Daphne, em flagrante.

— Pobre moça.

— Exatamente.

— Mas Gertrude, eles falam inglês da América, não é? Meu inglês é razoavelmente bom mas muito enferrujado. Minha primeira língua foi escocesa e falei veneziano quase exclusivamente desde que meus pais morreram. Como vou me comunicar? E, por falar nisso, como vou explicar o que aconteceu? As pessoas no futuro estão acostumadas com a troca de almas?

— No que diz respeito à linguagem, isso não será um problema. Quando você trocar de alma, residirá no corpo de Benjamin com seu cérebro e memórias. Terá algumas de suas memórias desde o começo. A linguagem está tão arraigada

que você entende e fala sua língua. O inglês americano. Outras memórias podem surgir de tempos em tempos também. E, melhor, a troca de almas não é mais comum no futuro do que é agora. Muito poucas pessoas experimentaram isso.

— Então, como vou explicar o que aconteceu?

— Às vezes, os viajantes do tempo alegam ter amnésia. Outras vezes, se não permanecerem por muito tempo, podem passar sem explicação. Uma vez que você esteja nessa situação, será mais capaz de decidir o melhor curso.

Benedict assentiu.

— Então, eu vou para a América?

Gertrude sorriu.

— Você realmente vai se encontrar no Adriático.

— No mar?

— Sim, você estará de férias a bordo de um navio moderno e grandioso, e estará sozinho em uma cabine com Sara. Você pode dizer exatamente o que aconteceu. Ela vai acreditar em você.

— O que faz você estar tão certa?

— Porque ofereci-lhe o relógio de bolso uma vez e ela recusou. Mostre para ela. Você o encontrará em algum lugar em sua pessoa. Ela é uma moça gentil com um bom coração. Depois que perceber o que aconteceu, ela o ajudará a entender tudo o que está acontecendo e, talvez, a melhor maneira de lidar com a perda de memória de Benjamin. Você só precisa escolher não lutar contra o Sr. Holland e tudo vai se encaixar como deveria.

— Isso é tudo que eu preciso saber?

— Você verá coisas maravilhosas e surpreendentes que serão difíceis de acreditar. Tente levá-los em transe e aproveite a experiência. É tudo que estou preparada para te dar. Agora, como disse, a escolha de usar o relógio é sua.

— Obrigado, Gertrude. Ainda assim, não posso deixar de me perguntar por que optou por me dar o relógio de bolso em primeiro lugar.

— Minhas razões são muitas e não devem ser compartilhadas. Agora que você aceitou o relógio, só precisa decidir se deve usá-lo ou não e aproveitá-lo ao máximo.

— Eu farei o meu melhor. Mais uma vez, obrigado.

Ela inclinou a cabeça.

— Agora, a última coisa que você precisará é selecionar sua palavra de retorno. Uma que não deve dizer acidentalmente.

Ele sorriu.

— Eu já tenho. Como você disse que vou falar inglês, vou usar *“orologio”*.

Gertrude riu.

— A palavra veneziana para *“assistir”*. Boa escolha. — Ela se levantou. — Eu vou deixar você agora.

— Onde você está hospedada? Eu vou encontrá-la amanhã para devolver o relógio de bolso.

— Isso não será necessário. O relógio de bolso vai me encontrar quando terminar.

— Eu vou ver você de novo?

Ela riu alegremente.

— Só o tempo dirá, rapaz. Só o tempo irá dizer.

Capítulo 5 - *E se eu me apaixonar?*

Segunda-feira, 10 de julho de 2006

Um navio de cruzeiro no Adriático

Benedict sentiu como se mal tivesse fechado os olhos quando acordou com um sobressalto. Estava de pé na porta de um quarto que nunca tinha visto antes. Claramente, o relógio de bolso funcionou. O choque de se encontrar em pé quando há poucos minutos estava deitado em sua cama fez com que tropeçasse um pouco.

Depois que Gertrude saíra, sentiu a sua casa muito vazia. Sem sua presença calorosa, começou a questionar tudo o que ela lhe disse. Como poderia ter acreditado que a velha estranha era *um anjo*? Ainda assim, sabia que iria se arrepender se não tentasse usar pelo menos o relógio de bolso, então fez exatamente como Gertrude havia instruído.

Agora aqui estava ele. Sentiu o menor movimento e sabia que estava, de fato, em algum tipo de navio. O gosto do álcool permaneceu em sua boca. Seu braço foi estendido para a maçaneta da porta, mas ele parou e olhou para si mesmo. Aconteceu apenas como Gertrude disse que seria. Estava no corpo de outro homem vestido da maneira mais estranha. Usava calças com pernas muito curtas, uma camisa listrada azul e branca com mangas curtas e sapatos de couro sem meias.

— Benjamin, por favor pare. Você não deve fazer isso — disse uma voz feminina atrás dele.

Ele virou-se lentamente para encará-la. Ela era linda. Cabelo longo, encaracolado e castanho-claro pendia de suas costas, solto. Usava um vestido amarelo pálido, cuja bainha parava bem acima dos joelhos. O topo era preso por finas correias, revelando um pouco de pele bronzeada. No entanto, seus olhos estavam inchados e vermelhos, como se estivesse chorando.

— Sara? — Sua voz soou extremamente estranha.

Ela deu um passo para trás, uma expressão de medo no rosto.

— Benjamin, o que há de errado?

— Eu... — Como ia dizer isso a ela? — Eu não sou Benjamin. — Ao olhar de horror em seu rosto, acrescentou rapidamente: — Gertrude me enviou aqui.

— Gertrude? Benjamin, o que você está tentando fazer?

— Você é Sara, não é? Gertrude me disse que você estaria aqui quando eu acordasse e disse que você entenderia sobre o relógio de bolso e troca de almas. — Procurou pelos bolsos em seus calções, encontrou o relógio de bolso em um e estendeu-o para ela.

Seu rosto ficou pálido e ela deu mais alguns passos para trás.

— Eu sou Sara e Gertrude explicou o relógio para mim, mas não aceitei. Eu não quero... quer dizer... não queria isso então. — Ela balançou a cabeça pesadamente. — Embora, se tivesse aceitado, talvez não estivesse nessa confusão agora. Talvez deva reconsiderar.

— Sara, eu não posso te oferecer o relógio de bolso. Suspeito que apenas Gertrude possa. Mas, desde que estou aqui agora, talvez possa ajudar você a resolver as coisas.

As sobrancelhas de Sara se ergueram.

— Você definitivamente não é Benjamin Talbot. Ele nunca se ofereceria para ajudar alguém a fazer qualquer coisa se não houvesse algo para ele.

— Gertrude me contou um pouco sobre ele. Soa como um asno rugindo.

— Ele pode ser. — Ela suspirou. — Então você aceitou o relógio de bolso. Você é do futuro?

— Troquei de alma com Benjamin Talbot, mas não sou do futuro. Fui dormir no ano de 1758 em minha casa no Lido. Uma das ilhas venezianas.

— Você é italiano?

— Não, sou veneziano. Bem, acho que tecnicamente sou escocês. Nasci na Escócia, mas moro em Veneza desde os dez anos de idade.

— Veneziano? Ah, certo, Veneza era uma cidade-estado antes que a Itália se tornasse unida. Mas, espere, se você trocou de alma com Benjamin, isso significa que ele estava prestes a morrer?

— Pelo que entendi, sim.

— Como? Como você vai parar isso?

— Evidentemente, acabei de o fazer. Gertrude só me contou um pouco, mas ela disse que Mark, o homem com quem você... se preocupa muito profundamente, foi... infiel com a... de Benjamin... uh...

— Prostituta? Vagabunda? Puta?

Ficou claro que Sara se machucara muito com isso, assim como Gertrude dissera. Benedict sorriu tristemente.

— Sim, suponho que qualquer um desses termos serviria. Mas, pelo que entendi, Benjamin pretendia enfrentar Mark e não teria terminado bem. Se eu não o enganar em uma briga, a crise será evitada.

— Graças a Deus! — Um olhar de horror cruzou seu rosto. — Mas não, não é. Benjamin vai morrer quando você voltar.

— Sara, você sabe o que ele pretendia fazer?

Ela assentiu.

— Ele disse que ia fazer os dois pagarem.

— Se Mark tiver forçado ou coagido... qual é o nome dela?

— Daphne.

— Certo. Se Mark tiver forçado ou coagido Daphne de alguma forma, eu entenderia completamente o desejo de Benjamin de buscar vingança. Se ele estiver profundamente apaixonado por Daphne, e Mark a tivesse afastado, ainda podia entender a raiva de Benjamin. Mas se o que Gertrude me contou sobre ele é verdade, Benjamin não dava a mínima para Daphne.

Sara assentiu novamente.

— Isso é verdade. Eu acho que ele olhava para ela mais como uma posse. Ele essencialmente disse que não se importava que Mark estivesse me traindo, mas que não compartilha seus brinquedos.

— Não muito cavalheiro.

— De modo nenhum.

— Então, meu ponto é, Benjamin desejava vingança puramente para acalmar seu próprio ego. Gertrude disse que ele estava com uma fúria assassina.

— Estava. Foi assustador. Quando tentei impedi-lo, ele me ameaçou.

Benedict franziu o cenho.

— Nesse tipo de fúria, não há como dizer o que ele poderia ter feito. Tudo o que sabemos com certeza é que isso teria resultado em sua morte, mas não sabemos quem mais poderia ter sido seriamente ferido ou morto na luta.

Sara ofegou.

— Eu... eu... não pensei nisso.

Benedict assentiu.

— Parece que ao trocar de almas, a única pessoa que será ferida por seu temperamento furioso é o próprio Benjamin Talbot.

— Eu suponho que você está certo. Mas se eu não tivesse dito a ele sobre o que encontrei, nada disso teria acontecido.

— Não se engane. Relacionamentos ilícitos raramente permanecem ocultos para sempre. Além disso, você não é responsável por suas ações. Ele estabeleceu este curso, ninguém mais. Escolheu buscar vingança e, finalmente, pagará o preço. — Benedict percebeu que sua cabeça estava rodando. — Você se importa se eu me sentar? Eu me sinto um pouco... tonto.

— Claro, por favor, sente-se. — Ela apontou para uma cadeira confortável. — Esta é a sua cabine, afinal de contas. — Ela se sentou numa cadeira em frente a ele.

Benedict sentou-se e esfregou a testa.

— Para cúmulo de tudo, ele estava bebendo?

— Sim. Eu o vi tomar duas vodcas nos últimos minutos. Não sei se ele tomou mais alguma coisa.

— Vodka? Ugh. Uma abominação. E entrar numa briga de bêbados foi outra escolha terrível.

— Ainda assim, sinto muito que tudo isso tenha acontecido.

Benedict olhou para ela, capturando seu olhar.

— Eu também sinto muito que tenha acontecido, mas só porque isso te machucou. Não se engane, Sara, nada disso é sua culpa.

— Eu acho que você está certo. — Ela suspirou pesadamente. — Mas o que fazemos agora? Suspeito que Mark e Daphne estejam vasculhando o navio para nos encontrar.

— Há quanto tempo você... uh ... os descobriu?

— Talvez a quinze ou vinte minutos. Eu não fiquei por lá. Corri para o elevador e estava descendo antes que eles pudessem se vestir.

— *Elevador?*

— Vou explicar mais tarde. De qualquer forma, fui direto para os serviços ao cliente para ver se poderia conseguir outra cabine, mas não há uma disponível. Isso não demorou muito. Colidi com Benjamin logo depois disso. Ele me trouxe aqui. Demorou alguns minutos para eu me acalmar e contar a ele o que aconteceu. Então você chegou quase imediatamente. Francamente, estou surpresa que Daphne não veio direto aqui.

— Talvez ela tenha. Se você encontrou Benjamin em algum outro lugar, talvez ela tenha vindo e saiu quando não o encontrou.

— Sim, ela faria isso. Presumiria que eu fosse direto contar a Benjamin porque isso seria o que ela teria feito se a situação fosse invertida.

— Então, talvez tenhamos alguns minutos para planejar antes que eles venham para cá novamente.

— Planejar? Meu plano é sair deste navio quando chegarmos ao porto amanhã e voar para casa.

Benedict não podia acreditar em seus ouvidos.

— *Voar?*

Ela sorriu.

— Sim, voar. Eu vou explicar mais tarde. Só preciso de um lugar para ficar esta noite.

— Você vai ficar em sua própria cabine, sem Mark. Eu vou providenciar isso.

Sara deu uma risada irônica.

— Eu não posso acreditar que fui tão idiota.

— Sara, você não é idiota. Você é perfeitamente adorável. Claramente, Mark é o idiota se escolheu outra em vez de você.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

Benedict se moveu para se ajoelhar na frente dela, tomando as suas mãos nas dele.

— Eu sei que isso foi terrível para você. Você tem todo o direito de ficar chateada. No entanto, vou pedir que você seja forte por um tempo e mantenha as lágrimas à distância.

Ela fungou, e se qualquer coisa, ficou mais perto de lágrimas.

Ele acariciou sua bochecha com uma mão.

— Por favor, me escute. Quando eles nos encontrarem aqui, você precisa estar esculpida em granito. Não deixe que vejam o quanto você está ferida. Você só vai se sentir pior depois se o fizer. Eu ficarei ao seu lado.

Ela deu uma risada indiferente.

— Não faça isso. Eles saberão que algo está errado com Benjamin. Bundão idiota, lembra?

Benedict sorriu para ela.

— Eu quase esqueci. Então vou fingir ser um idiota. Vá junto comigo, mas saiba que estou com você, não importa o que eu diga.

— Obrigado... uh ... qual é o seu nome verdadeiro?

— É Benedict. Benedict MacIlan.

Ela o presenteou com um sorriso genuinamente caloroso.

— Obrigado, Benedict. Eu ficaria absolutamente sozinha se você não tivesse aceitado o relógio de bolso. Pior, se em sua raiva Benjamin tivesse machucado outra pessoa, ficaria arrasada.

— Você é bem-vinda, Sara. Agora precisamos nos preparar. Se Benjamin não tivesse saído pronto para matar, o que ele poderia estar fazendo?

— Dormindo. E bebendo.

— Então é isso que eu vou fazer. — Ele se levantou e olhou ao redor. — Há um lavatório aqui em algum lugar? Você pode querer colocar um pano frio em seus olhos por um momento.

— Eu pareço tão ruim assim?

— Não. — Ele a puxou para seus pés. — Você está linda. — Algo o obrigou a beijar sua bochecha. — Mas você está chorando e não queremos que isso seja tão óbvio.

~ * ~

Quando Benedict Maclan se ajoelhou na frente dela e segurou suas mãos, ela sentiu sua força fluir dentro dela. Poderia fazer isso. Poderia enfrentar Mark e Daphne e viver com isso. Quando seus lábios roçaram sua bochecha, foi inundada em calor. Sim, ela poderia fazer isso.

— Tudo certo. Eu vou ao banheiro e arrumo meu rosto.

— O *banheiro*?

Ela riu.

— Adicione à lista de coisas que explicarei depois.

Ela entrou no banheiro e teve um vislumbre de si mesma no espelho. “*Benedict Maclan, você é um mentiroso*”. Ela parecia como... bem, como se tivesse acabado de encontrar o namorado com outra mulher e tivesse chorado o coração. Lavou o rosto com um pano frio. Isso ajudou um pouco, mas ainda parecia terrível.

A maquiagem de Daphne estava espalhada pelas prateleiras do banheiro. Tempos desesperadores requeriam medidas desesperadoras. Usou algumas gotas de corretivo sob os olhos, passou um pouco de cor nas bochechas e pó cobrindo tudo.

Examinou seu reflexo.

— Isso terá que servir. Pelo menos não pareço tão patética.

Quando saiu do banheiro, Benedict estava olhando para as portas da varanda.

— Este navio deve ser monstruosamente enorme. Parece que estamos a mais de cem metros acima da água. — Ele se virou para ela. — E por que há móveis lá fora?

— O navio é muito grande, mas não está nem perto do maior que existe. E a mobília está lá porque a porta se abre. — Sara passou por ele, abriu a porta e saiu

para a sacada. — Esta é uma das suítes mais caras do navio e a vista daqui é impressionante.

Ele a seguiu, parecendo mais interessado na construção da embarcação do que na vista.

— É de aço.

Seu tom espantado fez Sara sorrir. Poderia ser divertido passar um tempo com essa alma do século XVIII.

— Sim. Você sabe muito sobre navios? Quero dizer, há navios no seu tempo?

— De fato, eu faço. A construção naval é o meu negócio.

Ela ficou boquiaberta para ele.

— Você está brincando.

— Não. Por que eu brincaria sobre isso?

— Benjamin Talbot é o herdeiro de Samuel Talbot, proprietário da Talbot & Company. Eles constroem navios personalizados. Na verdade, iates.

— Isso é... bem, eu diria que é difícil de acreditar, mas acabei de trocar de alma com alguém e, ao fazê-lo, viajei mais de duzentos anos no futuro. Então, não sei por que estou surpreso.

O som da abertura da porta da cabine interrompeu a conversa. Benedict colocou sua boca em uma linha sombria.

— Aqui vamos nós. Lembre-se, granito.

Ela assentiu.

— Granito. — Mas não tinha certeza de que seria capaz de se controlar.

Daphne correu para a cabine, com um sorriso falso no rosto.

— Aí está você, Ben. Eu procurei em todos os lugares por você. Vamos encontrar Mark e ver se podemos convencê-lo a tomar Bloody Marys conosco em vez de ir para a academia. — Seu olhar pousou em Sara e seu rosto escureceu. — O que você está fazendo aqui? Ben, por que ela está aqui? Não é de admirar que não tenha encontrado você.

Sara não podia acreditar em seus ouvidos. Não só Daphne iria fingir que não estava com Mark, mas estava tentando colocar Benjamin na defensiva. Sara

supunha que a expressão de “*cachorro machucado*” no rosto de Daphne era para ganhar simpatia, mas pareceu-lhe infantil e melodramática.

O rosto de Benedict foi definido em uma linha sombria.

— Daphne, pare.

— Mas, Ben...

— Não diga outra palavra. Eu deveria estar perguntando onde *você* esteve, mas eu sei.

— Eu não sei do que *você* está falando.

— Devo soletrar para *você* ? Eu não compartilho. Se é Mark que *você* deseja, então que seja. Ele pode ficar aqui com *você* . Eu vou arrumar minhas coisas.

Sara se forçou a não reagir a isso. Benjamin Talbot teria expulsado Daphne em vez de optar por sair.

Mas Daphne estava muito envolvida em suas próprias mentiras para perceber. Mais uma vez, ela fingiu inocência de olhos arregalados.

— Eu não desejo Mark. Por que *você* diria isso? Sara, que mentiras *você* disse sobre mim?

Sara sacudiu a cabeça.

— Desista, Daphne. *Você* é uma atriz terrível.

— O que eu fiz para *você* , Sara? *Você* está com ciúmes porque Mark preferiu ficar no cassino conosco ontem à noite em vez de ir para a cama com *você* ? Ele organizou uma manhã maravilhosa no spa para *você* e, em vez disso, *você* corre direto para Benjamin e alimenta mentiras sobre mim?

— Ela não correu direto para mim. Depois de encontrar *você* e Mark, ela tentou arrumar outro camarote para si mesma.

— Ela preparou *você* . Ela está mentindo. Provavelmente decidiu que os bolsos de Mark não são profundos o suficiente e está atirando em *você* .

Sara inclinou a cabeça para um lado.

— E *você* não esteve com Mark esta manhã?

— Não, eu não o vi.— Daphne estalou. — Eu já lhe disse isso.

— E *você* não estava sozinha com ele ontem?

— Claro que não. Eu fui fazer compras sozinha em Veneza ontem de manhã enquanto Benjamin estava no Cassino Royale.

— Então, como você soube que Mark reservou compromissos no spa para mim? Ele disse que fez isso ontem do hotel.

— Eu... ele ... quero dizer, eu não estive com Mark esta manhã, mas encontrei com ele quando estava procurando por Benjamin. Ele me disse então.

Benedict arqueou uma sobrancelha.

— Então, em que devemos acreditar? Você não o viu, ou correu para ele agora?

Daphne gaguejou ininteligivelmente por um momento.

Benedict franziu o cenho.

— Alexander Pope disse: *“Aquele que conta uma mentira não é sensato em quão grande tarefa empreende; porque deve ser forçado a inventar mais vinte para mantê-la.”*

— O que isso significa e quem diabos se importa com o que um papa velho e mofado diz?

Sara realmente riu.

— Ele não é papa. É um poeta do século XVIII. E isso significa que quando você conta uma mentira, geralmente tem que contar mais mentiras para fazer as pessoas acreditarem na primeira.

— Eu não perguntei a você. E você precisa... — Daphne foi interrompida por uma batida na porta. Ela atravessou a sala e abriu-a.

— Daphne, eu não consigo...

— Mark. Bem, graças a Deus. Você não vai acreditar no lixo que Sara está vomitando.

Mark examinou a sala rapidamente, seus olhos pousando em Sara.

— Sara, o que você está fazendo aqui com o Ben? Você deveria estar no spa.

Sara ficou parada ali, olhando para o homem que achava que a amava, enquanto fingia que nada havia acontecido e que ela estava fazendo algo errado.

— Mark, você não pode... você não pode...

Benedict se colocou entre eles.

— As mentiras vão parar agora. Sugerir que Sara fez algo errado é ridículo, para não mencionar covarde. Pelo amor de Deus, pelo menos seja um homem e aceite o que você fez em vez de tentar colocar a culpa em uma inocente.

— Ben, amigo, somos amigos para sempre. Eu nunca faria movimentos com sua garota. Você sabe disso. Sempre foi manos primeiro e gajas depois com a gente.

Um olhar perplexo cruzou o rosto de Benedict, mas ele mascarou-o rapidamente.

— Mark, amigo, ninguém disse que você estava fazendo movimentos com a minha garota.

— Bem... uh ... Daphne disse que Sara estava dizendo mentiras.

— Na verdade, ela disse que Sara estava “*vomitando lixo*”. Mas acho estranho que você tenha pulado direto para essa conclusão. Então vamos deixar tudo muito claro aqui. Eu acredito que Sara entrou na cabine que vocês dois compartilham e encontrou você e Daphne envolvidos em um ato carnal.

— Você está mentindo cadela — rosnou Daphne. — Nós não estávamos fazendo nada carnal.

Sara bufou.

— Daphne, você sabe o que carnal significa?

— Algo bizarro e torcido de seus livros sexuais loucos. — Ela assobiou.

Sara riu.

— Primeiro, eu não escrevo livros sobre sexo. Escrevo romance paranormal e histórico, não romance erótico. E segundo, carnal não significa bizarro. Significa apenas de natureza sexual. Um beijo quente pode ser carnal. — Sara levantou uma sobrancelha. — Então, claramente, um boquete se qualifica.

Daphne olhou para Sara. Pelo menos, Mark teve a decência de parecer envergonhado.

Benedict parecia lívido. Não a fúria desenfreada que Benjamin teria exibido, mas ainda com raiva suficiente para ser convincente.

— Algum de vocês ainda deseja negar isso? — Diante do silêncio, ele continuou. — Certo. Bem, Mark, você é bem-vindo para continuar seu namoro com Daphne. Nosso relacionamento acabou. No entanto, até você deve perceber que

Sara não deve ser submetida à sua indiscrição novamente. Eu sugiro que você vá arrumar suas coisas e desocupar sua cabine. Eu pretendo fazer o mesmo. Se você fica nesta cabine ou não, depende de Daphne.

Mark pareceu atordoadado. Sara suspeitou que era mais do choque de Benjamin estando disposto a desistir do conjunto maior do que qualquer outra coisa.

Então Daphne começou a chorar e atirou-se contra Benedict.

— Querido, sinto muito. Ele me fez fazer isso. Estou atrasada nos pagamentos do meu carro. Ele disse que perdoaria um pagamento se eu o chupasse.

Benedict parecia enojado, recuando fisicamente dela.

Mark ficou incrédulo.

— O quê?

Sara ficou francamente chocada com a rapidez com que Daphne estava disposta a jogar Mark sob o ônibus.

Benedict pegou Daphne pelos ombros, empurrando-a gentilmente. Sara suspeitava que Benjamin não teria mostrado qualquer consideração a Daphne.

— Se isso é verdade, Daphne, por que você simplesmente não me contou?

— Ele... ele é seu melhor amigo. Eu estava com medo de te machucar. — Mais uma vez, Daphne se enganou.

Benedict assentiu.

— Ah, entendo. Você pensou que me machucaria menos por você se envolver em atos impróprios com meu melhor amigo do que descobrir que ele era um canalha. — Ele inclinou a cabeça, dando-lhe um olhar incomumente compassivo. — Daphne, certamente até você pode ver como isso é totalmente ridículo.

— Eu... eu ...

— Nem tente explicar. Sara estava certa. Você é uma atriz terrível.

Daphne fez mais uma tentativa.

— Ben, eu ...

Ele ergueu a mão.

— Não ouse dizer isso. Não é verdade e estou no final da minha paciência. Agora, vocês dois vão sair. Eu estarei fora daqui a uma hora. Mark, sugiro que você use o tempo para arrumar suas coisas. Se você não o fizer, eu posso ficar tentado a jogá-las ao mar — Os olhos de Benedict se estreitaram ao acrescentar — e você com eles. — Isso era muito mais consistente com a personalidade de Benjamin.

Sabidamente optando por não dizer mais nada, Daphne saiu em disparada.

Mark olhou como se fosse apelar mais uma vez para Ben, mas quando abriu a boca, ele se virou para falar com Sara.

— Querida, não é o que você pensa. Foi Daph...

Benedict levantou a mão novamente para impedir o que Mark estava prestes a dizer.

— Eu pedi para você ir embora. Se disser outra palavra, vai se arrepender. — A ameaça em seu tom era tão clara e fria, que por um momento Sara achou que a alma de Benjamin havia retornado.

Mark saiu sem outra palavra.

Sara olhou para a porta quando esta se fechou atrás dele.

— Sara, eu sinto muito que ele tenha te machucado.

Ela se emocionou com o som do tom incomumente gentil de Benjamin.

— Obrigado. E obrigada por me defender.

— De nada. No entanto, receio ter cometido um grande erro. Eu disse que desocuparia esta cabine, sem outro lugar para ficar.

Sara sorriu.

— Você é mais que bem-vindo a compartilhar minha cabine hoje à noite. Deixarei o navio amanhã de qualquer maneira.

Benedict franziu a testa.

— Obrigado. Eu aprecio sua hospitalidade. No entanto, lamento saber que você vai embora.

— Eu queria fazer um cruzeiro como esse por anos. Mas temo que meu sonho se torne um pesadelo.

— Compreendo. Preciso confiar em você para tomar as providências necessárias para nós.

— Você não tem que sair, só porque eu vou.

— Eu não posso deixar você viajar desacompanhada.

Sara riu.

— Claro que você pode. Benedict, os tempos mudaram bastante. Eu sou mais do que capaz de viajar sozinha.

Ele sorriu para ela.

— Suponho que tenho muito a aprender. Mas, pensando bem, não tenho o conhecimento necessário para viajar sozinho neste século. Você é a única pessoa aqui que conhece a minha situação. Preciso da sua ajuda.

— Oh, Benedict, me desculpe. Eu esqueci disso. Claro que vou ajudar.

— Obrigado. Você é muito gentil. Agora devo pedir um último favor. Você se importaria muito de me ajudar a fazer as malas? Todas as roupas são tão estranhas, e eu não tenho certeza se posso descobrir o que é de Benjamin e o que não é.

Feliz por ter algo para fazer, Sara respondeu:

— Claro, que eu não me importo. Vou ver se consigo encontrar a bagagem dele. — Ela entrou no quarto e olhou embaixo da cama. É onde ela guardava sua mala na cabine, mas não havia nada lá. Abriu a porta para o que assumiu ser um guarda-roupa padrão. Acabou sendo um grande closet e a mala de Benjamin estava numa prateleira ali.

— Aqui está a sua... uh, isto é, a *sua* mala. — Ela colocou-a na cama e abriu-a antes de voltar para o armário e remover todos os cabides com as roupas de Benjamin. Ela colocou-os na cama ao lado da mala. — Aqui, tire estas coisas dos cabides e faça as malas. Eu vou procurar nas gavetas e no banheiro.

Encontrou duas gavetas contendo meias, boxers e camisetas, que também empilhou na cama. No banheiro, encontrou um kit de barbear de couro e colocou todos os artigos de higiene pessoal que pareciam ser dele.

Quando voltou, Benedict tinha quase empacotado todas as roupas.

Ele olhou para cima.

— É tudo?

— Eu só tenho que pegar seus sapatos.

Benedict olhou para baixo.

— Eu estou usando sapatos.

Ela riu.

— Mas ele tem vários outros pares. — Ela voltou para o armário e encontrou um par de sapatos, tênis e sandálias de caminhada. Depois de colocá-los no saco, fez uma corrida mental por tudo em seu quarto. Franziu a testa quando percebeu que havia colocado sua carteira e passaporte no cofre e tinha certeza de que Benjamin também teria feito isso.

— Você tem alguma coisa em seus bolsos?

Benedict sentiu-os, depois tirou o relógio de bolso de um e o cartão de cruzeiro de plástico que servia como chave de identificação e moeda a bordo do navio, saindo de outro.

— Apenas estes.

Sara franziu a testa.

— Droga.

— O que há de errado?

— Todas as cabines deste navio têm cofres nos quais os hóspedes armazenam objetos de valor. Eu suspeito que a carteira e o passaporte de Benjamin estão trancados nos dele. Você precisará deles, mas não sabemos a combinação.

— *Combinação?*

— Sim. Eu vou te mostrar. — Ela encontrou o armário contendo o cofre. — Quando você coloca algo no cofre, digita um número de quatro dígitos usando esses botões. — Ela apontou para o teclado. — Então as fechaduras ficam seguras e para desbloqueá-lo, você tem que colocar os mesmos quatro dígitos novamente. Mas claramente, você não se lembra do número que ele usou.

Benedict inclinou a cabeça.

— Em que ano ele nasceu?

— Ele tem a mesma idade que Mark, então, 1976, eu acho.

— Tente isso.

— Mesmo?

Benedict encolheu os ombros.

— Não faz mal tentar.

Ela fez e, para sua surpresa, funcionou. Ela retirou a carteira e o passaporte de Benjamin.

— Como você sabia disso?

— Não tenho certeza. Mas no momento em que você disse um número de quatro dígitos, pensei no ano em que nasci.

— E quando foi isso?

Ele sorriu.

— 1730.

— Surpreendente. Eu ainda não consigo acreditar que o relógio de bolso funcionou. Eu deveria colocar isso como o código para confundir Daphne, mas não vou. — Ela fechou o cofre novamente usando 1976. — Nós podemos ir agora. Suspeito que Mark não começou a empacotar suas coisas ainda, mas será mais rápido se eu fizer isso de qualquer maneira.

Ao saírem da cabine, Ben disse:

— Falando de Mar, o que o *“manos antes das gajas”* significa?

— Irmãos antes das prostitutas. É um jeito grosseiro para um cara dizer que ele valoriza seus amigos do sexo masculino sobre as namoradas.

Ele franziu a testa, parecendo muito com o velho Benjamin.

— Ele te chamou de prostituta? Acho que vou matá-lo.

Capítulo 6 - *E se eu me apaixonar?*

As primeiras horas de Benedict, como Benjamin Talbot, foram extraordinárias. Esperava ver e experimentar coisas notáveis, assim como Gertrude dissera que faria. Mas nunca poderia imaginar o que realmente estava na loja. Não tinha entendido o que Gertrude queria dizer quando disse que ele estaria “*de férias*” a bordo de um navio. Era muito comum jovens ricos fazerem viagens de dois a três anos visitando as principais cidades da Europa depois de concluírem sua educação formal. Chamavam-nas de “*The Grand Tour*” e Veneza era um destino popular.

No entanto, o destino era o objetivo, não o tempo gasto viajando. Benedict não conseguia imaginar passar algum tempo significativo em quartos apertados no mar. Mas não demorou muito para entender o apelo de fazer um “*cruzeiro*” como essas pessoas do século XXI chamavam. O navio em que se encontrava era inacreditável. Enorme não começava a descrevê-lo. Era do tamanho de uma cidade pequena. Tinha vários restaurantes e bares, centenas de cabines que abrigavam milhares de pessoas – havia até piscinas de água para nadar e áreas de recreação onde as crianças brincavam.

A cabine de Benjamin Talbot era alta acima do nível da água e extremamente grande. Tinha uma sala de estar, quarto, banheiro e uma varanda ao ar livre. Ele conhecia pescadores no Lido cujas casas não eram tão espaçosas.

Concordou em ficar com Sara, acreditando que sua cabine era semelhante. Podia dormir no sofá da sala de estar, dando a Sara o quarto. No entanto, quando entrou em sua cabine, ficou desanimado ao ver que era apenas um quarto. Havia uma sala de estar, mas nada a separava da cama.

— Sara, me desculpe. Eu não sabia que não haveria áreas de dormir separadas. Não posso ficar com você aqui. Não quero prejudicar sua reputação. Eu vou encontrar outro lugar.

— Não há outro lugar. Lembre-se, é o que eu estava tentando arranjar quando me deparei com Benjamin.

— Eu vou encontrar um lugar. Posso dormir no convés se precisar.

Sara sorriu.

— Embora haja espreguiçadeiras no convés, dormir a noite toda em uma delas seria... desaprovado. Embora, sinceramente, eu mesma o tenha considerado.

— Bem, vou encontrar alguma coisa.

— Absurdo. Teremos o atendente da cabine dividindo a cama. — Ela puxou as cobertas da ponta da cama. — Vê? Na verdade, são duas pequenas camas juntas.

— Mas a sua reputação...

— Você não precisa se preocupar com isso. Muita coisa mudou. Homens e mulheres, bem, os costumes sociais relaxaram bastante. Afinal, eu estava nesta cabine com Mark e nós não somos casados. — Ela franziu o cenho. — Quero dizer, pensei que ele poderia me propor casamento, mas isso é água debaixo da ponte.

— Sinto muito que ele tenha te machucado, Sara.

Ela balançou a cabeça.

— Eu vou superar isso. Realmente, vou ficar bem. E quero que você fique aqui comigo.

— Você tem certeza?

— Absoluta. Só estaremos aqui uma noite, de qualquer maneira.

— Então obrigado. Sou grato.

— Além disso, isso nos dá algum tempo juntos para trazer você para a velocidade da vida no século XXI.

Então, depois de resolver as coisas com o serviço de hóspedes, sobre quem estava hospedado onde, passaram horas conversando. Ele se viu muito atraído por Sara. Gertrude dissera: *“Ela é uma moça gentil e de bom coração”*, e ela certamente era isso. Mas também era inteligente, engraçada e muito amável.

Em um ponto da tarde, Sara explicou a viagem aérea para ele. Em seu olhar de incredulidade, ela acrescentou:

— Não se preocupe com nada. É realmente muito seguro. Eu cuidarei de todos os nossos arranjos quando chegarmos a Corfu amanhã.

— É realmente possível viajar da Grécia para a América num dia?

— É possível, mas pode nos levar dois porque estamos fazendo isso no último minuto. Vamos voar primeiro para uma das principais cidades da Europa. Talvez Atenas ou Veneza. Mas há uma boa chance de não conseguirmos pegar um

voo para casa amanhã. Se isso acontecer, passamos a noite num hotel do aeroporto e aproveitamos o primeiro voo possível no dia seguinte.

— As coisas vão muito rápido neste século.

Sara assentiu.

— Sim, vão. Muito rápido às vezes.

— Tudo isso me deixa um pouco preocupado com uma coisa.

— O quê?

— Bem, agradeço tudo o que você está me ensinando, mas há muito o que aprender. Não é possível tornar-se Benjamin Talbot durante a noite. Como vou explicar o que aconteceu com a memória de Benjamin? Eu pensei que talvez se tivéssemos algum tempo juntos antes de voltar para a América, poderia aprender o suficiente sobre ele para sobreviver. Mas isso não vai acontecer em um dia ou dois.

Ela franziu a testa.

— Eu não tinha pensado nisso. Você quer ficar então? Os sessenta dias completos?

— Sim. Eu quero ver e experimentar tudo o que puder. Por isso aceitei o relógio de bolso.

— Então, acho que teremos que passar por algum tipo de acidente, depois do qual você pode alegar ter amnésia. Mas não tenho certeza de como fazer isso. Deixe-me pensar sobre isso por um tempo.

~ * ~

Mark Holland estava sentado no sofá da espaçosa sala de estar da suíte do almirante, com a cabeça numa das mãos e um copo de uísque na outra enquanto Daphne corria pela sala, soltando obscenidades.

— Isso é merda total, Mark. Uma maldita merda total. Você sabe o que ele fez? Não? — Ela não lhe deu a chance de responder. — O filho da puta tirou seu cartão de crédito da conta do quarto.

— Eu sei, Daphne. Eu coloquei meu cartão nele. Você vai ficar bem.

— Essa não é a questão.

— Então, qual é o ponto?

— Ele é meu namorado. Ele não trouxe aquela cadela simpática e sabe-tudo.

— Mesmo? Ele é *seu* namorado? Você vai para lá comigo?

— Bem, ele é meu namorado. Pelo menos tanto quanto todos os outros estão preocupados. Agora todos os planos que você e eu fizemos serão disparados para o inferno.

— E você só tem a si mesma para culpar.

— O que isso deveria significar?

Mark sacudiu a cabeça.

— É ruim quando você começa a acreditar em suas próprias mentiras. Você sabe muito bem que orquestrou todo esse negócio.

— Você foi o único que quis vir em um cruzeiro.

— Não, Sara queria e eu precisava mantê-la feliz. Foi você quem insistiu em que você e Benjamin viessem também.

— Isso foi para nós, Mark. Você e eu. Foi uma chance de passar mais algum tempo juntos, bem debaixo de seus narizes.

— Era um risco insano para tomar. Nós tínhamos um sistema em casa que funcionava. Segundas e quintas-feiras. Eu sempre trabalho tarde nessas noites e estava cansado demais para ver Sara. Ela nunca questionou isso. E nas raras ocasiões em que Benjamin queria vê-la durante a semana, você dava qualquer desculpa que funcionasse na época ou me dava licença. Poderíamos ter continuado por eras assim. Pretender fugir enquanto estávamos todos de férias juntos era um plano estúpido.

— Não foi um plano estúpido. Eu sabia que Benjamin passaria horas no cassino. Seu único trabalho era se livrar de Sara por um tempo aqui e ali, mas você não conseguiu fazer isso direito. Agora temos que controlar o dano ou tudo será arruinado.

— Tudo está arruinado já, Daphne.

— Não, não está. Nós podemos consertar isso. Eu só preciso de ficar com Benjamin sozinha. Posso convencê-lo de que Sara estava mentindo. — Ela olhou e apontou para ele. — Você me apoia nisso. Assim que ele se acalmar, vai te ouvir.

Você é seu melhor amigo. Então eu vou entrar e lembrá-lo do quanto o amo. Eu vou deixá-lo fazer todas as coisas que ele gosta e ele vai superar isso.

— Deus, Daphne, eu não preciso ouvir isso.

Ela pegou a bebida de sua mão, abaixou-a e depois montou em seu colo, empurrando sua pélvis contra a dele.

— Não seja assim, baby. Você sabe que isso é para nós. Tudo o que faço com ele é para nós. Assim como você está com Sara pelo mesmo motivo. É um longo golpe.

— Não vale a pena. Eu sou confortavelmente rico.

— Sim, você tem milhões, mas ele tem bilhões. Eu só preciso convencê-lo a casar comigo, e daqui a alguns anos, vou tomar uma pequena parte de um desses muitos bilhões num acordo de divórcio. Cinquenta milhões não são nada para ele. Enquanto isso, você se casa com a Srta. Priss e a esvazia de sua fortuna antes de se divorciar dela.

— Sara não tem nada perto do que você ou eu já temos. Eu nunca entendi muito bem por que você está determinada a pegá-lo.

— Porque está lá, implorando para ser levado. Além disso, você já estava namorando com ela quando todos nós nos reconectamos. Foi uma oportunidade boa demais para deixar passar. Eu usaria Benjamin por alguns anos e você faria o mesmo com ela. Benjamin nunca suspeitou de nada e tampouco Sara. Você sabe que esse era o plano. Nós dois faríamos milhões do jeito antigo. Divorciando-nos de cônjuges ricos, e estaríamos prontos para a vida toda. Nunca mais teríamos que trabalhar novamente.

— Nós não teríamos que trabalhar de qualquer maneira, mas eu gosto de estar envolvido na Holland Imports. Eu gosto do que faço.

— Você não tem visão, Mark. Por que se contentar com menos que tudo? — Ela pegou o rosto dele entre as mãos enquanto esfregava a pélvis contra ele. Beijou-o, o gosto de bourbon forte em sua língua. Normalmente ele estaria muito duro agora, mas hoje isso não fez nada para ele. Daphne sempre foi divertida e proibida.

Quando voltou para suas vidas, queria Mark, não Benjamin. Então ela surgiu com esse esquema que exigia que fingisse ser de Benjamin. Isso não colou bem com Mark no começo, até que ele percebeu que já havia ganho algo que Benjamin queria. Se alguma coisa, Mark fez amor transando com ela ainda mais. Agora se perguntava se só estava interessado nela porque era de Benjamin. Benjamin

sempre foi capaz de ter qualquer uma e qualquer coisa que quisesse. Mesmo quando eram adolescentes, Benjamin era tudo sobre a conquista. Ele fixava suas vistas em meninas simplesmente para provar que poderia ganhar sua atenção, mesmo que isso significasse atraí-las para longe de um amigo.

Mark também não tinha dificuldade em atrair a atenção das meninas, e sempre havia muitas pessoas por perto que, se não conseguissem atrair Ben ou deixassem de ser o sabor do mês, ficariam mais do que felizes em namorar com ele. Como resultado, só namorava meninas que Benjamin havia passado. O benefício colateral era que nunca se preocupou com ele roubando uma de suas namoradas. Benjamin já as tivera, ou as recusara. O fato de Mark nunca ter tentado competir com Ben era provavelmente o motivo pelo qual continuavam amigos.

Sara tinha sido a exceção a essa regra. Mark a conheceu primeiro e Benjamin estava namorando outra pessoa na época. Ainda assim, Mark sabia que ela não era realmente do tipo de Benjamin. Benjamin ia para loiras altas e esguias com grandes seios e olhos azuis. Sara era pequena, tinha apenas um metro e sessenta e cinco e tinha curvas suaves. Simplificando, menos peitos e mais quadris do que Benjamin gostava. Sem mencionar o fato de que era morena e de olhos castanhos. Ela também não tinha a sofisticação de suas loiras elegantes. Seus cachos indisciplinados se derramavam sobre seus ombros, dando-lhe uma aparência adoravelmente desganhada na maior parte do tempo. Mas o que garantiu que Benjamin não lhe daria uma segunda olhada era sua natureza doce e romântica. Ele não tinha tempo para isso.

No entanto, sempre jogando de cupincha e tomando as sobras o incomodou depois de um tempo. Essa foi outra razão pela qual se esgueirar com Daphne era um prazer tão culpado. Pela primeira vez, havia duas mulheres, ambas mais interessadas em Mark do que em Benjamin. Então, quando Daphne apareceu e plantou a semente em sua cabeça sobre enganar Benjamin, gostou da idéia de não apenas roubar a garota dele, mas também de ter uma boa parte de seu dinheiro.

Agora estava aqui essencialmente tendo tomado a namorada de Benjamin dele, algo que nunca imaginou ser possível. Mas não tinha conseguido tanto prazer quanto esperava. Além disso, parecia que Benjamin havia tirado Sara dele e Mark estava começando a achar que ele poderia ter conseguido o melhor negócio.

Deus, caramba. Queria Sara de volta. E isso significava ajudar Daphne a ganhar Benjamin de volta. Empurrou Daphne para longe, quebrando o beijo.

— Você está certa, *Ducky*. Precisamos fazer o que for preciso para Benjamin te levar de volta.

— Não me chame de *Ducky* — ela sussurrou.

Mark sabia que ela não gostava do antigo apelido que adquirira na escola. Ela sempre sustentou que tinha sido uma brincadeira com “*Daffy Duck - Daphne Ducky*”, mas, como a maioria dos apelidos da escola, tinha uma origem muito mais cruel. Ela tinha um nariz ligeiramente proeminente para começar. Quando o quebrou em seu primeiro ano jogando hóquei em campo, só piorou as coisas. As outras garotas começaram a chamá-la de “*Ducky – patinho*”. Naquele verão, ela fez uma cirurgia para repará-lo e voltou para a escola no outono com um nariz perfeito e significativamente reduzido. Mas o nome ficou preso.

— Ah vamos lá, *Ducky*, é fofo.

— Não é fofo.

— Claro que sim. — Ele se inclinou para frente, puxou sua virilha com força contra a sua, e se aninhou atrás de sua orelha até que ela ronronou. Então ele sussurrou: — Nada fode como *Daphne Ducks*.

— Pare com isso. — Ela empurrou contra seu peito, empurrando seu colo. — Quero dizer...

Ele riu e colocou as mãos para cima.

— Ok, ok, eu estava apenas tentando aliviar um pouco o humor, mas vou parar. Agora, como você sugere que façamos isso?

~ * ~

Sara sentou-se na varanda da sua cabine, observando Benedict, que ficou olhando para o mar aberto. Neste momento, com o rosto definido numa expressão severa, era difícil acreditar que ele não fosse o rico e detestável, Benjamin Talbot. Mas não era. Ele se revelou um construtor naval do século XVIII, compassivo e atencioso.

Como Sara havia previsto, Mark não tinha ido imediatamente para recolher suas coisas. Benjamin ajudou-a a empacotá-las. Quando Mark chegou, depois de ter consumido várias bebidas, ficou claro que ele pretendia voltar às boas graças de Sara.

Isso não estava acontecendo.

Se estivesse sozinha, teria sido muito mais difícil afastá-lo. Como era, Benedict não o deixou cruzar o limiar. Empurrou a mala de Mark para ele de uma maneira muito parecida com Benjamin, e fechou a porta.

Depois disso, ela e Benedict foram ao serviço de hóspedes – ele experimentou seu primeiro passeio de elevador pelo caminho – e fizeram as mudanças necessárias para garantir que Mark não tivesse mais acesso a sua cabine e Daphne não tivesse mais acesso ao cartão de crédito de Benjamin.

Não querendo encontrar nem Mark nem Daphne, Sara pediu serviço de quarto para o almoço. Então passou o resto do dia dando a Benedict um curso intensivo sobre a vida no século XXI. Foi capaz de tirar fotos e vídeos em seu laptop para mostrar-lhe tudo, desde aviões e automóveis até o funcionamento do encanamento moderno.

Depois que ele lhe perguntou como explicariam sua perda de memória, ela olhou o máximo que pôde sobre Benjamin Talbot, sua família e a Talbot & Company. Talvez houvesse um jeito dele fingir o suficiente. Seriam apenas por sessenta dias.

— Você sabe, Benedict, pela aparência das coisas, talvez não tenha nada para explicar. Benjamin não parece próximo de sua família.

— Assim parece. Não parece que ele esteja envolvido nos negócios da família de forma alguma. — Havia algo quase melancólico no modo como Benedict dissera isso.

Sara assentiu.

— Essa sempre foi a minha impressão, pelo menos. Eu acho que ele não se importava em aprender alguma coisa sobre o negócio. Certa vez, ele me disse que a empresa empregava especialistas para tudo e não via motivo para desperdiçar seu tempo com isso.

— Desperdiçar seu tempo? Como isso poderia ser uma perda de tempo? Eu gostaria de saber tudo o que pudesse sobre qualquer negócio que herdasse. Mesmo que outras pessoas façam a maior parte do dia-a-dia, entender como as coisas devem ser feitas é importante. É o que eu tive que fazer.

— Você herdou o seu negócio de construção naval?

— Sim. Na verdade, era muito jovem na época. Meus pais morreram quando eu tinha dezoito anos.

— Mesmo? Os meus também. Bem, eu era um pouco mais velha. Vinte e quatro anos, mas ainda é algo que nunca esperei.

— Eu também não. Mas depois que eles se foram, tive que gastar cada minuto acordado aprendendo tudo o que podia sobre o negócio ou arriscar perder minha participação nisso.

— Eu acho que Benjamin acreditava que a Talbot & Company está bem estabelecida o suficiente para que ele não precise se preocupar. — Ela franziu a testa. — É um ponto discutível agora. Quando você usar a palavra para ir para casa, Benjamin vai morrer.

— Ainda assim, adoraria ter a oportunidade de aprender sobre a construção de navios modernos. Pode haver algumas habilidades que eu poderia levar de volta.

A conversa passou para outras coisas, finalmente voltando ao plano de Sara de sair do cruzeiro. Foi isso que motivou o atual silêncio pensativo de Benedict.

Finalmente, ele se virou para ela.

— Você me deu muito para absorver e pensar hoje. Eu realmente aprecio sua ajuda. E entendo porque seu primeiro instinto é deixar esta situação. Honestamente, eu entendo. A coisa é, você me disse mais cedo que queria fazer um cruzeiro como este há anos. Você chamou isto de *“um sonho tornado realidade”*.

— Acho que eu disse: *“Um sonho tornado realidade que se transformou em um pesadelo”*.

— Certo. O que significa que antes de se tornar um pesadelo, foi um sonho tornado realidade. E se você for para casa amanhã, estará para sempre em ruínas. Eu suspeito que você evitará a ideia de ir a um cruzeiro novamente.

— Eu tenho certeza que vou.

— Mas por que dar a eles esse poder então? Por que deixá-los estragar algo que parece maravilhoso?

Sara franziu a testa, desviando o olhar.

— Eu acho que não posso encará-los quando me sinto uma idiota. Mark me traiu. Eu pensei que ele me amava e ele estava se esgueirando por aí com ela.

— Por que você acha que eles fizeram isso?

— Eu não faço ideia. Francamente, sempre achei que ela estava tentando se tornar a Sra. Benjamin Talbot.

— Por quê?

— Porque ele é rico.

— Mas você disse que ela os conhece desde que fizeram... eu acredito que você chamou “*escola preparatória*”, juntos. Você disse que apenas pessoas ricas enviavam seus filhos para lá.

— Sim.

— Então isso significaria que tanto Daphne quanto Mark devem vir de famílias ricas.

— Eles vêm. Quer dizer, eu não sei nada específico sobre Daphne, mas ela teria que ser de um tipo similar de família para ter ido àquela escola. E a família de Mark tem milhões.

— Então ela não precisaria se casar por dinheiro.

Sara riu.

— Há dinheiro e depois há *dinheiro*. Os Talbots são bilionários. Eles fazem os gostos de Mark parecerem quase indigentes. Tenho certeza de que Daphne vê Benjamin como um alvo muito melhor.

— Exatamente. E agora ela o perdeu, isto é, para sempre. Além disso, até onde todos podem dizer, você... me pegou... — Ele sorriu. — Você não tem motivos para se sentir idiota. Ela brincou com fogo e ficou gravemente queimada, se você me perguntar.

As sobrancelhas de Sara se uniram.

— Eu suponho que sim.

— Olha, Sara, eu sei que Mark te machucou, mas você não tem nada de que se envergonhar e qualquer jogo que eles estivessem jogando saiu pela culatra.

— Você acha que eu deveria ficar no cruzheiro?

— Sim, acho. Mas, para ser sincero, tenho outro motivo, um motivo pessoal.

— Qual?

— Eu quero ficar aqui neste tempo, os sessenta dias completos. Quero aprender tudo o que puder para me ajudar a construir navios melhores quando for para casa. Parece que, como Ben, tenho uma enorme quantidade de informações disponíveis para mim na ponta dos meus dedos.

— Exceto que ele não está interessado no negócio. Será estranho se ele voltar depois de alguns dias querendo aprender tudo o que puder.

— Sim, vai. Mas se ele não voltar depois de alguns dias e quando voltar, com uma nova atitude, talvez como resultado de passar um tempo com você, pode não ser tão estranho.

— Talvez...

— Então, também, se eu for Benjamin Talbot por sessenta dias, preciso de muito mais ajuda. As duas semanas daqui me darão a oportunidade de aprender mais sobre Ben, assim como este século e tudo o que há nele. Nós teremos tempo para fazer planos. Se isso for necessário, poderemos descobrir uma maneira de eu sofrer um acidente que resulte em perda de memória. Mas se voltarmos amanhã, não poderemos fazer nada disso.

— Eu vejo o seu ponto.

— Há outro benefício, e este é para você. Você quer escrever uma história sobre viagem no tempo para Veneza. Eu posso lhe dar detalhes requintados sobre a vida em Veneza no século XVIII. Posso ajudar com o seu livro.

Sara não tinha pensado nisso. *Santo Deus*. Ela teria uma fonte de informação na ponta dos dedos que nenhum autor jamais tivera. Para este tipo de pesquisa, poderia suportar qualquer coisa. Até Mark e Daphne.

— Você está certo. Nós dois temos uma oportunidade inestimável que se estende diante de nós. Eu não vou jogá-la fora.

O rosto de Benedict se dividiu num largo sorriso caloroso.

— Precisamente. E esta é minha promessa para você. Não permitirei que Mark ou Daphne se aproximem de você, a menos que você deseje outra coisa.

Sara considerou isso por um momento, antes de concordar.

— Sim. Acho que posso ficar no cruzeiro com você e até mesmo aproveitar se não precisar interagir com eles.

— Então, minha senhora — ele fez uma mesura galante, — vamos começar jantando juntos? Em um dos restaurantes públicos?

Ela respirou fundo e diminuiu a velocidade.

— Sim. Por mais difícil que seja para mim, acho que é a melhor coisa. Pelo menos nós não reservamos assentos no jantar neste cruzeiro. Não seremos obrigados a comer todas as refeições com eles.

— Excelente. Posso sugerir também que me permita parecer apaixonado por você?

Ela riu.

— Apaixonado? É difícil imaginar Benjamin apaixonado por alguém, mas, sim, acho que isso explicará nosso relacionamento contínuo quando chegarmos em casa. E a menos que decidamos que algum tipo de perda de memória é necessária, você pode precisar de mim até voltar ao seu próprio tempo.

Ele sorriu, um brilho diabólico iluminando seus olhos.

— Bem, isso também, mas eu acho que será mais do que um pequeno aborrecimento para Mark e Daphne.

Sara riu.

— Você está certo. Considerando as profundezas para as quais Daphne estava disposta a afundar para convencê-lo de que eu estava mentindo, ele definitivamente ficará sob sua pele.

— Então nós temos um acordo?

— Nós temos um acordo. — Ela levantou-se resolutamente e abriu a porta de correr para a cabine. — Vamos desfazer as malas e nos vestir para o jantar.

Esta era uma das noites semiformais no cruzeiro. Sara colocou o terno de Benjamin e tudo que o acompanhava para Benedict antes de entrar no banheiro para fazer sua maquiagem e vestir o pequeno vestido preto que trouxe. Colocou um colar de cristal antigo que pertencera a sua avó. Quando afixou o conjunto de brincos de cristal que comprou anos atrás para usar com o colar, ela sorriu. Adorava-os, mas provavelmente não os usaria esta noite se estivesse com Mark. Ele sempre reclamou quando ela os usava. Achava que ela deveria usar diamantes. Franziu a testa enquanto se olhava no espelho. Engraçado, embora ele reclamasse, e por mais rico que fosse, nunca a presenteara com uma única peça de joalheria, diamante ou outra coisa.

Ela saiu do banheiro e mal pôde conter o suspiro chocado ao ver Benedict. Nunca pensou em Benjamin como atraente. Oh, ele tinha todos os ingredientes certos para ser bonito. Era alto e magro com ombros largos. Tinha uma mandíbula forte, cabelos escuros e brilhantes e olhos azuis como um céu claro de verão. Mas aqueles olhos nunca tinham tido qualquer calor, e a expressão em seu rosto bonito geralmente possuía uma superioridade arrogante que Sara achava decepcionante.

Benedict, precisamente no mesmo corpo, era infinitamente mais atraente. Seu comportamento descontraído e amigável removeu a borda dura de Benjamin.

Benedict era claramente um homem completamente diferente, com uma natureza gentil e compassiva.

Sara sorriu para si mesma. Achou que poderia gostar de passar mais tempo com ele.

Quando voltaram do jantar naquela noite, Sara estava absolutamente certa de que iria gostar de passar tempo com Benedict. Ele era genuinamente encantador. Agora percebia que o tipo de charme de Mark era todo um grande gesto e galhardia esmagadora, destinada a desequilibrá-la e a varrê-la do chão. Ela disse a Gertrude que Mark não era como os outros homens que namorou; que ele estava atento e não tinha medo de dizer que a amava. Agora percebeu que era tudo um ato e tinha caído nisso.

Por outro lado, o charme tranquilo de Benedict parecia fluir naturalmente. Passou o braço sobre o dele enquanto andavam. Ele segurava portas e cadeiras. Estava atento, parecendo interessado nas coisas que ela dizia. Mas talvez o mais notável foi como se sentiu em sua companhia. Sentia-se atraente e desejável, mas não por causa das palavras que dizia. Ele nunca a chamou de “linda” ou “maravilhosa”, que era padrão para Mark. Com Benedict, era uma coleção de sutilezas. Claro, quando estava vestida para o jantar, ele disse que ela estava “perfeitamente adorável”. Mas não foram as palavras que a fizeram se sentir bonita. Ele usava uma expressão de admiração quando olhou para ela e havia um toque de reverência em seu tom de voz que a deixou sem fôlego.

E depois, claro, havia o fato de que ela havia salvado de ficar sozinha nestas férias. É verdade que provavelmente não seria o cruzeiro que ela sonhou, mas esse adorável homem do século XVIII estava realmente fazendo o cruzeiro dos seus sonhos.

Benedict era absolutamente diferente de qualquer homem que ela já conheceu. *“E por uma boa razão, Sara. Ele viveu a mais de dois séculos atrás. Você não deve se apaixonar por ele. Ele certamente vai deixar você.”*

Capítulo 7 - *E se eu me apaixonar?*

Durante o resto do cruzeiro, evitaram Mark e Daphne o máximo possível. Curiosamente, isso foi fácil de fazer. Mark e Daphne não iam aos bares públicos ou à sala de jantar principal. Sara sabia que não. Não se misturando com outros passageiros, exceto talvez outros passageiros das suítes, era o normal para Mark e claramente tinha sido esse o objetivo de Benjamin. Suspeitava que ele e Daphne haviam bebido no saguão do concierge e comido nos restaurantes especializados. Ela também tinha certeza de que esperavam que Benjamin estivesse nesses lugares ou, no mínimo, no cassino.

Então, ela e Benedict tiveram que se comportar como pessoas comuns, se misturar com os outros passageiros e evitar o cassino, a fim de evitar Mark e Daphne. Não foram a muitos dos shows, preferindo passar as noites conversando. Mas participaram de muitas das excursões do navio. Outra escolha que Benjamin não teria feito. Sara sabia que ele pretendia contratar condutores privados para levar os quatro para onde quisessem. Divertia-a descobrir o quão eficaz era realmente esconder-se à vista.

Na verdade, foi divertido, assim como ensinar a Benedict sobre o século XXI. Sara adorava apresentá-lo à comida moderna. No segundo dia do cruzeiro, sentados à beira da piscina, duas senhoras idosas passaram com sorvetes nas mãos. Sara o cutucou e inclinou a cabeça na direção delas.

— Que bonitinho. Não importa quantos anos elas tenham, nada faz alguém parecer tão criança quanto um sorvete.

— Um o quê?

— Um sorvete de casquinha. Como aquelas senhoras estão comendo. Espere, você nunca provou sorvete, não é?

— Não, eu não, mas eu gosto do som de *sorvete* e *creme*.

— Oh, devemos remediar isso imediatamente. Vamos para o buffet. Haverá uma máquina de sorvete lá. O sorvete italiano é absolutamente o melhor.

Ela o levou para dentro e pegou os dois pequenos sorvetes de baunilha. Quando Benedict provou, parecia ter vislumbrado o céu.

— Por tudo que é bom e sagrado, isto é notável.

Depois que ele terminou o cone de baunilha, ela pegou um cone de chocolate.

— Eu gosto muito de chocolate, mas nunca imaginei consumi-lo assim. É maravilhoso.

Depois disso, eles se entregavam ao sorvete todas as tardes.

E depois, claro, havia entretenimento moderno. Sua reação à música moderna foi inicialmente hesitante. Mas como havia música de fundo em todos os lugares do navio, ele se aclimatou. Uma tarde, ela o pegou cantarolando “*Brown-Eyed Girl*”,²¹ e quando o apontou, ele admitiu que sua opinião estava mudando.

— Cresce em nós, não é?

Sara riu.

— Sim.

— Mas eu quero especialmente lembrar dessa música.

— *Garota de olhos castanhos*? Por quê?

Ele tocou a bochecha dela com as costas da mão.

— Eu deveria ter pensado que isso seria óbvio. É porque me faz lembrar de você, minha *garota de olhos castanhos*.

Talvez este fosse Benedict fingindo ser um Benjamin Talbot apaixonado, mas não havia público. A autora de romances nela desmaiou. Sara estava quase desmaiada.

Isso deveria ter sido um sinal de alerta. Talvez se tivesse prestado atenção, teria se refreado em seu amor de romance e lembrado a si mesma que isso não poderia ser o “*felizes para sempre*”. Por tudo que era sagrado, ela sabia desde os primeiros momentos que ele ia sair no final dos seus sessenta dias e que não deveria se permitir apaixonar-se.

Mas não deu atenção aos avisos.

Passar tempo com ele era – não havia outra palavra para isso – delicioso. As pequenas coisas que ele fazia, aparentemente sem qualquer pensamento prévio, a tocaram.

²¹ Van Morrison – Destas primeiras sessões de gravação saiu uma das suas músicas mais conhecidas, “Brown Eyed Girl”. Em 1968, é editado Astral Weeks, considerado por muitos o seu melhor trabalho, muito aclamado pela crítica, mas não tendo muita aceitação por parte do público.
<https://www.youtube.com/watch?v=kqXSBe-qMGo>

Na maioria das tardes, ela levava cerca de uma hora para trabalhar em seu próximo romance. Mesmo que fosse apenas para capturar alguns detalhes sobre a vida veneziana do século XVIII, ele compartilhou o que ela queria ter certeza de incluir no livro. No primeiro dia, ela pediu desculpas profusamente.

— Eu sinto muito. Eu sei que é chato e provavelmente rude me enterrar no meu laptop. Mark sempre odiava se eu passasse algum tempo escrevendo quando estávamos juntos, mas não vou capturá-lo da maneira que quero, se esperar muito tempo.

No segundo dia, quando ela começou a se desculpar novamente, ele colocou um dedo nos lábios dela.

— Pare. Estou simplesmente espantado que você possa fazer o que faz. Você pega um fio minúsculo de uma ideia e a transforma numa história completa. Seus dedos voam sobre essas teclas e as palavras saem da sua imaginação para a tela. Isso me deixa admirado. Eu gostaria de ler um.

Cristo todo poderoso. Nenhum cara que ela namorou disse nada perto disso.

— Você está falando sério?

— Claro que estou falando sério. Pode me dar algumas idéias sobre detalhes da vida veneziana que seriam úteis. Você tem um dos seus livros com você?

— Eu tenho todos os meus livros comigo no meu Kindle. — Ela puxou para cima um dos seus romances históricos e mostrou-lhe como o e-reader funcionava.

Ele ficou espantado.

— Você pode levar uma biblioteca inteira aonde quer que vá. E é menor e pesa menos que um único livro .

Ela assentiu.

— Sim, eu gosto disso. Algumas pessoas ainda gostam de livros de papel, então meus livros estão disponíveis nos dois sentidos, mas eu amo livros eletrônicos. Você tem certeza que quer ler um? Romance não é uma xícara de chá para todos.

— Sim, quero ler um. Eu quero entender o que você escreve, mesmo que não seja a *minha* xícara de chá. Mas espero que eu goste, porque você o criou, e acho você fascinante.

E lá foi sua romântica interior desmaiar novamente.

Ele também soube imediatamente que ela gostava de café gelado à tarde. Enquanto ela escrevia, ele desaparecia e voltava com um café gelado da cafeteria especial do navio. Mais frequentemente do que não, ele também pegava algo delicioso para ela mordiscar também.

Mark teria sido mais propenso a dizer:

— Ei, linda, você se importaria de me trazer um café quando for buscar o seu?

Sair em excursões terrestres com ele foi uma explosão. Ele conhecia uma grande quantidade de história grega, então geralmente tinha algo interessante para contar a ela sobre os lugares que visitavam. Mas ainda mais divertidas foram as excursões ativas que eles fizeram. Ela foi uma excelente nadadora e adorava *snorkeling*²². Claro, *snorkeling* era novo para ele. Inicialmente, ele ficou chocado com trajes de banho modernos, mas assim que se recuperou disso, pegou rapidamente e realmente pareceu gostar também.

Enquanto tiravam o equipamento no veleiro depois da primeira aventura de mergulho, Sara tagarelou sobre as coisas que tinham visto.

— E tartarugas marinhas. Não acredito que vimos tartarugas marinhas. Eu sempre as amei, mas nunca vi uma em estado selvagem. Isso foi incrível.

Percebeu que ele estava olhando fixamente para ela enquanto falava. De repente, autoconsciente, tirou uma mecha de cabelo molhado do rosto dela.

— Eu acho que é bastante óbvio porque o mergulho com *snorkel* nunca é uma ótima atividade de primeira vez, mas, por falar nisso, não há outros esportes aquáticos.

— Por que você diria isso?

— Bem, meu cabelo está uma bagunça, toda a minha maquiagem foi lavada e, claro, ter uma máscara no rosto não é particularmente atraente.

Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Engraçado, eu não notei nada disso. O que eu vejo é uma garota que tem muito prazer em tudo que faz. Para mim, nada é mais atraente do que alegria e



²² O Snorkeling ou apneia é uma prática esportiva de mergulho em águas rasas com o objetivo de recreação, relaxamento e lazer. O mergulhador usa apenas uma máscara, nadadeiras e um tubo de aproximadamente 40 centímetros para respirar sob a água.

você se alegra com tantas coisas... Pequenas coisas que a maioria das pessoas nem percebe podem trazer um sorriso feliz ao seu rosto. Eu amo isso.

Ninguém nunca havia dito nada tão maravilhoso para ela.

Então, uma noite, perto do final do cruzeiro, ele chutou o topo do “*medidor maravilhoso*” em vários entalhes. Estavam vestidos para o jantar e a caminho da sala de jantar principal, mas quando chegaram ao elevador, ele apertou o botão do sexto andar.

— Não queremos o quinto andar? — Perguntou ela.

— Não esta noite.

Ela franziu a testa.

— Você sabe que Mark e Daphne são muito mais propensos a estar nos restaurantes especializados. E gosto muito da comida nas salas de jantar principais.

— Eu sei que sim, mas acho que você pode gostar disso e tenho certeza de que eles não estarão lá.

Ele a levou por uma porta perto da entrada de um dos salões. Logo ali estava um sinal para o The Chef's Secret.

Ela sorriu.

— O que é isso?

— Este é um restaurante especializado muito exclusivo. As reservas só estão disponíveis para dez convidados por noite. O chefe de cozinha planeja e prepara uma refeição de seis pratos, com vinho para cada refeição. Aparentemente, ele mesmo apresenta cada prato, descrevendo o que é e as técnicas culinárias. Você mencionou o quanto gosta de cozinhar e achei que poderia gostar disso.

Sara mal podia acreditar. Tinha ouvido falar sobre esses jantares e estava interessada em conseguir reservas. Eram um pouco caras, mas não ultrajantes. Ainda assim, se ela e Mark estivessem juntos, a única maneira de estarem aqui esta noite teria sido se ela tivesse feito os preparativos. Mark nunca teria pensado nisso. Estava absolutamente emocionada por Benedict tê-lo feito.

— Uau, que surpresa maravilhosa. Eu sempre quis fazer algo assim. — Então, sem pensar nisso, beijou sua bochecha. — Obrigada.

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto dele.

— De nada. Fico feliz que você goste.

Andaram pelo corredor até uma sala de estar onde os outros quatro casais esperavam, tomando champanhe. Um garçom os cumprimentou:

— Bem-vindo, senhor Talbot, senhorita Wells. Por favor, desfrutem de uma taça de champanhe. — Ele serviu uma taça para cada um, antes de apresentá-los aos outros clientes. Então se desculpou, dizendo: — Eu voltarei em breve para levá-los para jantar.

Aquela noite foi tudo o que Sara imaginou que seria. Espetacular. Comida e vinho e um companheiro que foi tanto encantador quanto atencioso. Depois do jantar, caminharam pelo convés superior sob as estrelas e conversaram.

Eles conversaram muito sobre o primeiro dia de Benedict. Sara mantivera um comentário sobre a vida no século XXI. E Benedict respondeu com uma descrição tão completa da vida do século XVIII em Veneza quanto possível. Nos primeiros dias, tinham sido extremamente cautelosos em áreas públicas sobre dizer qualquer coisa sobre viagens no tempo que pudesse ser ouvida. Mas logo relaxaram um pouco. Perceberam que, se fossem cuidadosos, havia coisas sobre as quais poderiam falar que a pessoa média, se ouvindo apenas algumas conversas, não pensaria nelas duas vezes.

Foi uma bela noite e depois do incrível jantar e talvez um pouco de vinho demais, enquanto andavam, colocou a mão na dele. Ele cruzou os dedos ao redor dos dela e deu-lhe um pequeno aperto. Naquele momento, percebeu tarde demais que havia perdido o coração para ele.

Ele foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Sara, há algo que eu nunca perguntei a você e que gostaria de saber.

— Pergunte à vontade.

— É bastante pessoal, então você não precisa responder se não quiser.

Sara riu.

— Eu garanto a você que, se eu não quiser, não respondo.

— Bem, então, Gertrude me disse que ela lhe ofereceu o relógio de bolso uma vez e você não o aceitou. — Ele perguntou isso enquanto passavam por outro jovem casal de mãos dadas.

A jovem se virou.

— Espere. O que você acabou de dizer?

Sara teve um momento de pânico. Pensando freneticamente sobre o que ele havia dito. Ela estava um pouco confusa pelo vinho, mas não conseguia ver nada de errado com isso. Nada foi dito sobre a viagem no tempo.

— Perdoe-me? — Perguntou Benedict.

— Você disse algo sobre Gertrude e um relógio de bolso — disse a jovem. O homem com ela permaneceu em silêncio, mas parecia cauteloso.

Sara sacudiu a cabeça.

— Oh, não foi nada. É apenas uma herança antiga que minha tia Gertrude queria me dar.

A mulher olhou para ela com muita seriedade.

— Eu sei tudo sobre Gertrude e o relógio de bolso.

O jovem tocou o cotovelo dela.

— Elsie, talvez você tenha ouvido mal. Deixe ir.

A mulher não foi dissuadida.

— Gertrude ofereceu a você um relógio de bolso? Algum de vocês usou isso?

Benedict deu um aceno quase imperceptível.

A mão da mulher voou até a boca.

Os olhos de seu companheiro se arregalaram e ele olhou ao redor.

— Este não é o lugar para isso. Meu nome é Gabe Soldani, e esta é minha esposa Elizabeth. Você se juntaria a nós em nossa suíte?

Benedict lançou a Sara um olhar interrogativo. Se essas pessoas soubessem do relógio, talvez pudessem ajudar a descobrir como lidar com as coisas quando chegasse a hora de ir para casa. Ela assentiu.

Benedict respondeu:

— Sim.

— Então venham conosco. — Gabe levou-os para um elevador privado que ele acessou com o seu cartão-chave.

O elevador os levou para a Penthouse. Sara sorriu. Este era o casal recém-casado que conseguira manter a melhor suíte no navio, apesar dos esforços de

Benjamin em contrário. Então, com um choque, lembrou-se do que Benjamin dissera quando descobriu que a noiva era neta de Alastair Matheson.

“Ela sofreu um acidente de carro em fevereiro, sofreu uma lesão na cabeça, perdeu a memória e se apaixonou por um pediatra de Nova Jersey”. Então Gabe deveria ser o pediatra.

Assim como Mark dissera, a suíte era mais parecida com um apartamento e não com um pequeno. Uma vez lá dentro, Gabe se virou para eles.

— Como eu disse, eu sou Gabe e esta é minha esposa Elizabeth.

— Meus amigos me chamam de Elsie — disse sua esposa.

— É ótimo conhecer vocês dois. Eu sou Sara Wells e este é Benjamin Talbot.

— Por favor, sintam-se confortáveis — disse Gabe.

Sara e Benedict estavam sentados em poltronas enquanto Gabe e Elsie se sentaram juntos no sofá.

Quando eles se instalaram, Elsie olhou diretamente para Benedict.

— Eu ouvi você perguntar a Sara sobre quando Gertrude lhe ofereceu o relógio de bolso. Então você sabe disso. Algum de vocês o usou?

— Elsie, querida, você parece seu pai.

Ela sorriu um pouco timidamente para eles.

— Eu sinto muito. Não queria ser tão franca. Mas encontrar alguém que conheça o relógio de bolso é um pouco chocante.

— Tenho certeza que sim — disse Benedict. — Estou um pouco chocado. Mas, para responder à sua pergunta, sim, usei o relógio.

— Você foi para trás ou para a frente? — Ela perguntou.

— Para a frente. Eu deixei Veneza no ano de 1758.

— Você decidiu ficar?

Ben sacudiu a cabeça.

— Eu só estou aqui uma semana e meia. Desde o início do cruzeiro.

Elsie se virou para Sara.

— E foi oferecido a você o relógio também?

— Sim. Mas eu não aceitei. Claramente você o fez.

— Não exatamente, mas isso é outra história.

Gabe franziu a testa.

— Por que você acha que foi Elsie quem usou o relógio e não eu?

Sara sorriu.

— No dia em que embarcamos, Benjamin Talbot – quero dizer, o verdadeiro Benjamin Talbot, não Benedict aqui – estava furioso, porque achava que ele reservara essa suíte, mas de alguma forma a reserva havia sido confusa. Ele acabou na suíte do almirante. Pela maneira como reclamou, você teria pensado que ele tinha recebido um armário de vassouras. Ele falou sobre isso por horas e fez algumas ligações para descobrir quem você era. Suspeito que se você não fosse neta de Alastair Matheson, ele teria causado problemas, mas pensou melhor em cruzar o poder de Matheson & Matheson. De qualquer forma, Benjamin mencionou que Elizabeth sofreu amnésia devido a um acidente de carro em fevereiro. Mas isso é realmente quando você trocou de alma, não é?

Elsie assentiu.

— E você entrou no corpo de Benjamin depois que o cruzeiro começou?

— Sim — respondeu Benedict.

— Você sabe o que Benjamin fez que resultaria em sua morte? — Perguntou Gabe.

Benedict capturou o olhar de Sara, a mensagem não dita clara: *“quanto disso você quer que eles saibam?”*

Sara suspirou.

— Você pode também conhecer toda a história. — Ela se lançou na história de Mark e Daphne.

Quando chegou ao ponto em que contou a Benjamin o que havia acontecido, Gabe assentiu.

— Eu aposto que posso adivinhar. Benjamin entrou em outra – como você o chama?

— Ataque de raiva de garoto rico mimado — disse Sara.

— Sim. Boa descrição. Então Benjamin entrou no momento de um ataque de raiva de menino rico e mimado e foi atrás de Mark.

Sara assentiu.

— Sabemos que isso teria resultado na morte de Benjamin, mas não sabemos o que mais poderia ter acontecido. Quem mais poderia ter sido ferido ou morto?

— Como você explicou a perda de memória de Benjamin?

— Nós não explicamos — respondeu Sara.

Benedict acrescentou:

— As únicas outras pessoas a bordo do navio que conheciam Benjamin antes são Mark e Daphne. Como você pode imaginar, foi o desejo de Sara evitá-los. Portanto, ainda não tivemos que dar desculpas.

— Mas vamos precisar em breve. Benedict quer ficar por um tempo. — *“É por isso que você não deveria ter se apaixonado por ele, sua idiota”*. — Veja, a família de Benjamin é dona de uma empresa que constrói iates personalizados e Benedict é um construtor naval na Veneza do século XVIII. Ele quer aprender técnicas modernas enquanto estiver aqui. Passei a última semana e meia ensinando-lhe tudo o que posso sobre o século XXI, mas para aprender sobre navios ele precisa ter acesso à Talbot & Company.

Gabe assentiu.

— Compreendo. Será difícil fingir que nada aconteceu em torno das pessoas que o conhecem melhor.

Benedict assentiu.

— Exatamente.

— Talvez possamos ajudá-lo a descobrir alguma coisa.

— Pensamos que talvez pudéssemos provocar um acidente para que ele pudesse fingir um ferimento na cabeça — disse Sara.

— A amnésia é uma boa explicação — concordou Elsie. — Embora seja mais difícil de manter do que você imagina, porque você realmente tem memórias, não apenas as de Benjamin. E então as pessoas ficam nervosas sobre a memória semântica. — Ela sorriu para o marido.

— O que é isso? — Perguntou Sara.

— Dr. Soldani, você quer explicar? — Brincou Elsie.

— Certo. Mas você sabe disso tão bem quanto eu. — Ele se dirigiu a Sara e Benedict. — Basicamente, todo mundo tem três tipos de memória: autobiográfica, episódica e semântica. Memórias autobiográficas são aquelas relacionadas a quem você é, seu nome, data de nascimento, membros da família e assim por diante. Memórias episódicas são eventos específicos em sua vida, como seu primeiro encontro ou uma discussão que você teve com sua irmã ou qualquer evento, grande ou pequeno. Pessoas com amnésia perdem essas memórias em graus variados. Mas as memórias semânticas são mais básicas. Como andar, falar ou ler. Como usar um telefone ou dirigir um carro. O que é um helicóptero ou uma rodovia. A maioria das pessoas que sofre de amnésia não perde muita memória semântica.

Elsie sorriu.

— Mas você não consegue se lembrar de coisas que nunca conheceu.

Gabe pegou a mão dela.

— Elsie veio aqui a partir do século XIII. Os médicos que a tratavam ficaram intrigados com o que eles pensavam ser sua perda de memória semântica incomum e bastante profunda.

— Como você pode imaginar, eu sabia muito pouco sobre qualquer coisa. Elizabeth aparentemente foi extremamente brilhante, um gênio na verdade, mas eu nem conseguia ler.

— Você é extremamente brilhante, também, Elsie. — Gabe sorriu para sua esposa. Ficou claro para Sara que ele a amava muito. — Você nunca teve a oportunidade de aprender até agora.

Benedict franziu a testa.

— Eu não tive problemas para ler.

— Você podia ler em seu próprio tempo? — Perguntou Gabe.

— Sim, mas eu não falava inglês com muita frequência e raramente tinha que ler.

— De onde você veio? — Perguntou Elsie.

— Eu vivi a maior parte da minha vida em Veneza, mas meus pais eram escoceses. Podia falar fluentemente e ler os dois idiomas. E ao longo dos anos

aprendi a falar inglês porque muitos dos mercadores com quem lidei eram ingleses. Mas, como disse, não usava isso com frequência.

— Eu era uma camponesa das Terras Altas da Escócia e saí no ano de 1279. Não falava inglês nem lia nenhum idioma. Minha língua nativa era gaélica e eu entendia um pouco de latim porque era a língua da Igreja.

Gabe acariciou sua barba.

— Benedict, desconfio que, porque você já sabia ler, sua capacidade de ler inglês é uma extensão da memória de linguagem de Benjamin. No seu caso, se pudéssemos criar um ferimento na cabeça, pareceria que você tinha pouca ou nenhuma perda de memória semântica por causa de todo o tempo que passou com Sara aprendendo sobre esta época.

Sara sacudiu a cabeça.

— Mas eu me preocupo em realmente machucá-lo.

Gabe sorriu.

— Acho que podemos minimizar o risco. Você poderia estender suas férias um pouco?

— Provavelmente — Sara disse hesitante. — Mas por quê?

— Estamos indo para a Escócia por oito dias antes de ir para casa. Nós nunca estamos realmente sozinhos neste cruzeiro, mas se você vier conosco para a Escócia, estaremos. Podemos criar uma ferida superficial que pareça ruim, mas na verdade não é o resultado de um golpe na cabeça. Vamos dizer a todos que você fez uma caminhada de outono ou algo assim. Eu sou médico. Podemos torná-lo crível.

Sara se virou para Benedict.

— O que você acha?

— Eu acho que é um bom plano. Eu já aprendi muito sobre Benjamin com você e com informações disponíveis publicamente. Com sua ajuda contínua, não tenho que fingir que tenho uma profunda amnésia, o que tornará isso mais crível. — Ele inclinou a cabeça para um lado. — E eu gostaria de visitar a Escócia. É onde eu nasci e meus pais morreram lá.

— Alguém achará estranho que Benjamin tire uma semana extra de férias? — Perguntou Elsie.

— Eu duvido — respondeu Sara. — Parece que ele tem um escritório na sede da Talbot & Company em Baltimore e tem um assistente pessoal lá, mas, até onde

sei, ele não faz muito e raramente vai para lá. Suspeito que tudo o que vai demorar é um e-mail para o seu assistente dizendo que estará fora mais uma semana.

— Então está resolvido. Você vai se juntar a nós em nossa viagem à Escócia — disse Elsie.

Sara assentiu.

— Eu verei se posso mudar nossos planos de voo quando chegarmos a Mykonos.

Elsie sorriu.

— Não se preocupe com isso. Alguns bons amigos nossos nos deram o uso de seu jato particular. Você pode se juntar a nós. — Ela se virou para Benedict. — Tenho certeza que seu tempo teve muitos avanços depois do século XIII, mas honestamente há tantas coisas aqui que eu amo e voar é uma delas.

Benedict assentiu.

— Devo dizer que a ideia é um pouco assustadora, mas estou ansioso por isso.

— Benedict, se você pudesse escolher uma coisa para levar de volta para o seu próprio tempo, o que seria? — Perguntou Elsie.

— Não tenho certeza. Como você disse, há tantas coisas incríveis. Você poderia escolher apenas uma?

Elsie assentiu vigorosamente.

— Absolutamente.

Ben sorriu ao seu entusiasmo.

— Bem, acho que eu tenho que dizer ...

— Banheiros? — Ela sugeriu.

Ele riu.

— Eu ia dizer sorvete. Mas os banheiros têm seu apelo.

— Isso é o menino em você — disse Sara.

Gabe sacudiu a cabeça.

— Eu estou meio que com o Benedict. Seria difícil ficar sem sorvete.

— Bem, eu nunca tive que fazer isso, mas acho que provavelmente sentiria falta do encanamento moderno também — disse Sara.

— É por isso que você não aceitou o relógio? — Perguntou Elsie.

— Como você sabe que eu não aceitei o relógio?

— É o que eu ouvi Benedict dizendo a você. Ele disse que Gertrude lhe ofereceu o relógio de bolso uma vez e você não aceitou.

— Bem, isso é verdade. Mas, francamente, naquele momento, não estava pensando em banheiros.

— Você sabe, nunca perguntei mas, quando ela o ofereceu a você? — Perguntou Benedict.

— Pouco antes de eu entrar no navio.

— Em Veneza? — Perguntou Gabe, incrédulo. — Elsie e eu a vimos perto da Ponte Rialto quando estávamos a caminho do terminal de cruzeiros.

— Foi onde a conheci. Estava almoçando num café muito perto da ponte. Quando ela saiu, achei que a vi acenar para alguém.

— Fomos nós — disse Elsie. — Nós estávamos passando num táxi aquático.

Sara sacudiu a cabeça.

— Uau. Que coincidência.

Elsie riu.

— Oh, Sara, você tem muito a aprender sobre Gertrude. As coisas não acontecem por coincidência com ela. Ela disse algo uma vez que me faz pensar que apenas as pessoas que precisam vê-la podem vê-la. Suspeito que, se a vimos, foi para facilitar essa reunião.

— Você disse que ela estava deixando você quando acenou para nós? — Perguntou Gabe.

— Sim.

— E você tinha acabado de recusar a oferta do relógio de bolso?

— Sim. Parte de mim deseja agora que tivesse aceitado. Descobrir sobre Mark e Daphne foi terrível e Mark foi a única razão pela qual eu recusei em primeiro lugar.

— Ele estava aqui? — Perguntou Benedict.

— Infelizmente, sim. Estava prestes a pegar o relógio. Você sabe como sou interessada na história. Teria sido uma oportunidade incrível. Mas estava preocupada em me apaixonar.

— Com alguém no passado? — Perguntou Elsie.

— Exatamente. — Sara sorriu. — Eu disse a ela que era um risco ocupacional de ser uma autora de romances. Podia me imaginar sendo pega na aventura, me apaixonar por alguém e depois ter que decidir se ficaria com ele ou voltaria para Mark. — Ela franziu a testa e olhou para baixo. — Como poderia ter sido mais idiota? Pensei que ele era o único. Pensei que ele ia me propor casamento. Eu acho que foram apenas meus óculos de autora de romance rosado que me fizeram pensar que ele era minha alma gêmea. — E provavelmente a mesma coisa estava acontecendo agora.

— Você disse isso para Gertrude? — Perguntou Gabe. — Eu quero dizer a parte sobre estar preocupada que você se apaixonaria.

— Sim, disse. Ela disse que se estivesse realmente apaixonada, não me apaixonaria por outra pessoa. Eu disse a ela que tinha lido mal as coisas antes. — Quando as palavras saíram de sua boca, Sara se sentiu como uma idiota. — Acho que o fiz de novo com o Mark. — E agora também com Benedict.

— Não seja tão dura consigo mesma — disse Elsie. — O universo se desdobra como deveria.

Sara sorriu.

— Isso foi exatamente o que Gertrude disse.

Capítulo 8 - *E se eu me apaixonar?*

Quando Benedict retornou à cabine com Sara naquela noite, ela ficou mais moderada do que de costume. Os últimos onze dias foram maravilhosos, facilmente os melhores de sua vida. Sim, o século XXI estava cheio de maravilhas e aprender sobre elas tinha sido fascinante.

Mas havia mais do que isso.

Desde o primeiro momento em que colocou os olhos em Sara, pensou que ela era talvez a mulher mais linda que já tinha visto. Sentia uma necessidade imensa de cuidar dela, protegê-la, fazê-la feliz e sim, mesmo vingá-la. Isso não mudou durante os muitos dias gastos inteiramente em sua companhia.

Descobriu que ela era brilhante e engraçada. Ela também era gentil e compassiva. Tinha uma veia romântica, mas adorava isso nela. Viu isso quando conversaram sobre o século XVIII e ela começou a pensar em livros. De alguma forma, ela tinha a capacidade de fazer uma bela história sobre o que era realmente uma vida terrivelmente difícil quando comparada aos padrões modernos.

Conseguiram ficar longe do tópico de Mark e Daphne. Mas esta noite, ela correu de cabeça para baixo quando falaram sobre Gertrude oferecendo-lhe o relógio. Agora ela parecia triste e envergonhada... e queria consertar isso.

— Benedict, foi uma noite incrível. Obrigado novamente. Agora eu acho que vou me deitar. — Seus olhos não encontraram os dele. Ela se virou para o banheiro.

— Espere. Eu preciso dizer-lhe uma coisa.

Ela voltou-se para ele, uma expressão de curiosidade no rosto.

Ele andou até ela, tomando as mãos dela.

— Sara, eu... bem... o que você fez por mim, o que você ainda faz por mim. Você sabe indo para a Escócia e tudo mais. É maravilhoso.

Ela deu-lhe um pequeno sorriso.

— Oh. Não precisa agradecer. — Ela começou a ir ao banheiro novamente, mas ele continuou a segurar as suas mãos.

— Tem mais. Eu não sei como dizer isso, e provavelmente vai sair errado. Mas aqui vai. Fico feliz que você tenha recusado o relógio de bolso. E por mais terrível que isso pareça, fico feliz que Mark seja um idiota irresponsável e não tenha reconhecido a joia que ele tinha.

Seus olhos ficaram grandes, como se chocados com suas palavras.

— Fico feliz porque essa combinação de eventos me deu a chance de vir aqui.

Ela encolheu os ombros.

— Parece que Gertrude encontra maneiras de fazer as coisas acontecerem. Eu suspeito que você teria tido a chance de qualquer maneira.

— Talvez, mas talvez não teria te conhecido.

— Tenho certeza de que ela teria certeza de que havia alguém para ajudá-lo.

— Sara, você não está me ouvindo, ou estou embaralhando isso completamente. Eu não gostaria de ter mais ninguém me ajudando. Sei que deveria me arrepender em seu nome, que Mark fez o que ele fez, e me sinto um idiota por dizer isso, mas eu não sinto muito.

— Eu não entendo.

— Eu me importo com você.

— Eu também me importo com você.

— Sara, o que estou tentando dizer é que estou apaixonado por você.

— Você... você está ... o quê?

O olhar em seu rosto era adorável e doce... e ousava pensar nisso, esperançoso. Ele riu e a pegou em seus braços.

— Eu disse que estou apaixonado por você. Na verdade, acho que amo você.

Ela virou a cabeça para olhar para ele.

— Você acha?

— Sim acho. Eu amo cada minuto que estamos juntos. Admiro sua força e seu intelecto e sua natureza gentil. Amo o entusiasmo desenfreado que você mostra quando algo lhe agrada. Muito simplesmente, acho que você é excelente. Eu nunca me senti assim antes, mas ter você em meus braços assim parece certo. Eu

me sinto completo e quero você em meus braços para sempre. — Ele beijou o topo de sua cabeça, temendo o que ele tinha a dizer em seguida. — Suponho que isso é repentino e vou tentar entender se você não se sentir da mesma maneira, mas não podia esperar mais. Tinha que te contar.

— Você me ama?

— Sim, querida, eu sei. Com o passar dos dias, percebi mais e mais, meu desejo de descobrir como me tornar Benjamin Talbot tem menos a ver com o conhecimento que eu poderia receber do que com meu desejo de ficar aqui, como ele, com você.

— Você tem certeza? Quer dizer, você tem certeza de que me ama?

— Tenho certeza. Acho que é uma boa ideia passar mais tempo juntos. Tecnicamente, eu tenho quarenta e nove dias para decidir ficar ou não, mas se eu tivesse que tomar a decisão agora, imploraria que você me desse uma razão para ficar.

Ela descansou a cabeça contra o peito dele.

— Eu não queria imaginar isso. Pensei que estava sendo o meu eu romântico tolo habitual, caindo para alguém que não se sentia remotamente como eu. Eu continuei tentando me convencer disso. Não tenho um bom histórico com homens. — Ela olhou para ele, uma expressão ligeiramente envergonhada em seu rosto. — Eu temia estar apaixonada pela ideia de você. Mas hoje à noite percebi que não era nada disso. Tenho certeza que também amo você. Mais cedo, quando decidimos estender as férias por mais uma semana, foi tudo o que pude fazer para não pular e gritar como uma menininha. Eu simplesmente amo estar com você. Também não quero que você volte.

— Você não quer?

— Não. Uma pequena voz dentro de mim me avisou várias vezes para não me apaixonar, porque você estava destinado a ir embora. Mas, evidentemente, eu não escuto muito bem.

Ele sorriu largamente.

— Então está decidido. Nós nos amamos e vamos fazer o que temos que fazer para que funcione.

Uma risadinha nervosa borbulhou.

— Mesmo?

— Mesmo.

Seu sorriso era quase tão amplo quanto o dele.

— Então, sim, está decidido.

Ele segurou o rosto dela em suas mãos e fez o que desejava fazer durante dias. Beijou-a profunda e apaixonadamente. Derramou cada sentimento terno que tinha por ela naquele beijo e ela respondeu com abandono.

Queria-a como nunca desejara uma mulher. Ansiava por levá-la para a cama e fazer amor com ela. Finalmente, com o que parecia um esforço hercúleo, terminou o beijo. Ele descansou a cabeça na dela.

— Sara, me desculpe. Eu vou encontrar outro lugar para ficar.

Ela parecia ferida.

— Por quê?

— Eu não tenho vergonha de você, não por nada, mas te desejo tanto. Quero que você seja minha, mas vou casar com você primeiro.

— Benedict, eu também te desejo. As coisas são diferentes agora. Eu quero que você faça amor comigo tanto quanto você me quer. Mais do que isso, preciso que você faça amor comigo.

— Oh, meu Deus, Sara. — *Ele poderia?* Ansiava por fazer exatamente isso. — Você está certa disso?

— Absolutamente certa.

Beijou-a novamente e ela devolveu o beijo avidamente. Ela tirou a sua gravata e desabotoou a camisa sem nunca quebrar o beijo.

Ele chegou por trás dela e deslizou pelo zíper do vestido preto elegante que ela usava. Empurrou-o de seus ombros e para baixo sobre seus quadris até que caiu em uma poça a seus pés. Ela usava delicadas roupas de baixo de renda preta que eram indescritivelmente sexys.

Enquanto isso, ela abriu o seu cinto e desabotoou e abriu as suas calças. Quando elas caíram em seus tornozelos, ele quebrou o beijo, tirou os sapatos e se desfez de tudo, menos de sua cueca. Então puxou-a de volta em seus braços, beijando-a nos lábios antes de descer a coluna de sua garganta até seus seios. Ele os tirou de sua delicada capa de renda, beijando e sugando até que ela gemeu de prazer.

— Venha para a cama comigo, querida. Deixe-me te amar.

— Eu não quero mais nada. Eu te adoro, Benedict, e mais e mais esqueço que você não é deste século. Mas você não é e preciso explicar uma coisa para você antes de continuarmos.

— Não pode esperar?

— Não. Levará apenas alguns segundos. — Ela se afastou dele, entrou no banheiro e voltou imediatamente. Tinha um par de pequenos pacotes quadrados na mão. — Isto é chamado de preservativo. — Ela se aproximou dele e acariciou sua dureza através do tecido de sua cueca. — É uma bainha fina para cobrimos você. Isso me impede de engravidar e fornece outras proteções.

Ele sorriu.

— Eu realmente sei o que é um preservativo. Havia preservativos no século XVIII. Pelo que entendi, não funcionam muito bem.

— Oh, isso mesmo, eu esqueci. Mas se bem me lembro, eles eram feitos de intestino de animais ou linho e suspeito que não funcionavam muito bem, para não mencionar o fato de que provavelmente não eram agradáveis de usar. Mas agora temos novos materiais e tecnologia. Eles são extremamente finos e são eficazes. — Ela abriu um dos pacotes e entregou-lhe o preservativo.

As bordas estavam enroladas, mas o final era muito delicado. Ele estava incrédulo.

— Como isso funciona?

— Você coloca no final e rola para baixo.

Ele riu.

— Eu percebi isso muito, mas é muito fino. Parece que vai quebrar.

Ela sorriu e, pegando-o dele, desenrolou-o, em seguida, levou-o aos lábios e soprou nele. Ele se expandiu para muitas vezes seu tamanho regular, sem deixar o ar escapar.

— Bem, eu vou ser amaldiçoado...

— Como eu disse, nova tecnologia. Em algum momento, podemos decidir juntos se eles são necessários, mas acho que é a melhor coisa por enquanto.

— Claro.

Ela entregou-lhe o outro pacote e deu-lhe um sorriso insolente.

— Agora, onde estávamos?

Ele a pegou em seus braços, fazendo-a rir.

— Nós estávamos indo para a cama.

Ele a deitou gentilmente na cama e se ajoelhou ao lado dela. Suas mãos percorreram livremente seu corpo antes de segurar seus seios e passar os polegares suavemente sobre os picos.

— Diga-me, minha linda menina de olhos castanhos, como eu removo essa engenhoca de renda?

Sara riu e estendeu a mão atrás dela, soltando a roupa antes de removê-la e jogá-la no chão.

— Perfeito — ele murmurou enquanto continuava a acariciar seus seios. Ele plantou beijos em cada um deles, e sugou levemente, endurecendo os seus mamilos. Então arrastou beijos para baixo em seu abdômen, parando brevemente em seu umbigo antes de se mover para baixo. Deslizou as mãos sob a borda da calcinha de renda dela.

— Você precisa de ajuda com isso? — Ela perguntou timidamente.

— Não, isso é tecnologia antiga. Eu acho que posso fazer isso — ele disse com um sorriso antes de deslizar a delicada renda sobre seus quadris e para baixo de suas pernas. Levou um momento para contemplar sua beleza antes de abaixar a cabeça e começar o caminho de beijos novamente.

Ela também explorou seu corpo com as mãos, seu leve toque o inflamando. Quando ela arrastou suas mãos até seus quadris e sobre suas nádegas antes de trazê-las ao redor para acariciar seu comprimento rígido, ele gemeu.

— Ah, Sara, meu amor, eu não suporto.

Ela sorriu.

— Eu gosto de ter esse efeito em você.

— Então é justo que eu faça o mesmo por você. — Ele a tocou entre as pernas, acariciando seu cerne sensível, provocando um gemido.

Ela levantou os quadris em direção a ele.

— Humm... Eu acho que não posso suportar isso também.

— Esse, minha preciosa garota, é o plano. — Continuou a acariciá-la enquanto ela se contorcia debaixo dele. Ele brincou e acariciou, trazendo-a cada vez mais alto e diminuindo o ritmo.

— Oh, Benedict, por favor, eu quero você tão desesperadamente. Por favor...

— Eu não posso te negar nada. — Ele se ajoelhou entre as pernas dela. — Mas posso precisar de ajuda com isso. — Ele abriu o pacote e levantou o preservativo.

— Com prazer — disse ela, tomando sua dureza em sua mão e habilmente embainhando-o.

Ele voltou sua atenção para ela até que ela estava se arqueando contra si novamente, então moveu suas mãos sob ela, levantando-a e juntando-se a ela num golpe firme. Ela se levantou para encontrá-lo, aparentemente perdida no ato primitivo, que irrevogavelmente conectou suas almas. Ele viu quando ela foi dominada pelas ondas estremecedoras de seu clímax. Observá-la voar em seus braços quase roubou seu último pedaço de controle. Nada poderia ser mais bonito.

Ficou imóvel por um momento enquanto ela ofegava, se recuperando das sensações intensas. Então, enquanto se juntava a ela, acariciou-a e massageou-a. Mas desta vez, porque sabia que ela estaria sensível, apenas a tocava indiretamente.

— Mmm. Eu gosto disso.

— Eu pensei que você poderia gostar.

Ele a trouxe mais e mais alto uma vez mais, desta vez movendo-se dentro dela enquanto a tocava. Ele queria vê-la voar novamente, mas as sensações que se formavam dentro dele eram quase demais para controlar. Então os músculos em seu núcleo se contraíram repetidamente ao redor dele quando ela se despedaçou novamente em êxtase e também encontrou sua liberação.

Afastou o peso dela enquanto recuperava o fôlego. Então gentilmente retirou-se dela e deitou ao seu lado na cama, ainda ofegante.

— Eu nunca... nunca foi ... oh, Benedict, isso foi incrível.

— Eu tenho que concordar. Você é perfeita em todos os sentidos.

Ela sorriu, corando ligeiramente.

— Eu... eu estou feliz por te agradar. Você é maravilhoso.

Capítulo 9 - *E se eu me apaixonar?*

Sara mal podia acreditar em como sua vida mudara tão drasticamente em questão de dias. Esta experiência foi além de seus sonhos mais selvagens. Ela achava que era uma romântica, por isso culpou seus relacionamentos fracassados, acreditando ter interpretado erroneamente os sinais. E isso provavelmente era preciso porque não tinha ideia do que era o amor verdadeiro realmente. Benedict era uma presença forte, constante e amorosa. Mesmo quando não estava com ele, sentia-se conectada a ele de uma maneira que não conseguia descrever. Adorava-o e teve que se beliscar quando pensou em passar o resto de sua vida com ele.

O cruzeiro se tornara tão perfeito que quase se esquecera de Mark e Daphne. Mas percebeu que provavelmente era demais esperar que pudessem evitar os dois durante toda a viagem. Dois dias antes do final do cruzeiro, Mark emboscou Sara no bufê de café da manhã.

— Cristo, Sara, onde você esteve? Quando não a vimos em nenhum dos restaurantes especializados e você não apareceu para nenhuma das viagens que a secretária de Benjamin organizou, presumi que estava se escondendo na cabine recebendo serviço de quarto.

— Uau. Você realmente acha que sua pequena brincadeira com Daphne teria me encolhido na minha cabine? Você pensa muito bem de si mesmo, não é?

— Não é isso que eu quis dizer, linda. Eu estava preocupado com você.

— Bem, você não precisa se preocupar. Benjamin e eu estamos nos divertindo muito.

— Benjamin? Você esteve com Benjamin esse tempo todo? Eu apenas assumi que ele tinha voado para casa de Corfu.

— Bem, ele não fez. Eu pretendia, mas ele me convenceu a ficar. — *Zing.* Sara acertou um golpe direto. A expressão no rosto de Mark era uma combinação inestimável de choque e ciúme.

No entanto, ele recuperou a compostura rapidamente.

— Ele falou para você ficar? Você espera que eu acredite nisso? Eu sou seu melhor amigo, lembre-se. Conheço-o melhor do que ninguém e Benjamin Talbot nunca faria isso.

— Acredite — veio a voz de Benjamin atrás dela. — Eu falei para ela ficar e claramente você não me conhece tão bem quanto pensa. Se eu vejo valor em alguma coisa, tenho certeza de que não a perderei. Agora, saia. Sara não precisa de gente como você arfando atrás dela. — Ele pegou Sara pelo braço e começou a levá-la embora, mas parou. Virou para Mark. — E a propósito, você perdeu o direito de me chamar de amigo.

— Ben, espere. Você não vai jogar fora anos de amizade por causa de Daphne, vai? Ei, cara, foi uma pequena indiscrição. É isso aí. Apenas uma vez. Não sei o que estava pensando, mas não fazia ideia de que ela significava tanto para você. Ela está de coração partido por isso. Você deveria falar com ela.

Benedict apenas olhou para ele.

Sara ficou sem fala. *Um pouco de indiscrição? Apenas uma vez?* O pensamento da embalagem do preservativo que encontrou no chão do quarto de hotel passaram pela mente dela. Apostaria tudo que não tinha sido apenas uma vez.

Talvez o silêncio deles tenha feito Mark acreditar que havia acertado um acorde.

— Realmente, Benjamin. Ela está completamente destruída. Todos nós estamos. Você precisa dar a ela uma chance.

— Nenhuma, Mark. Eu não. Se ela está de coração partido, não é por causa de algum amor por mim. E se você e eu fôssemos bons amigos, você não teria feito o que fez. — Benedict se virou e foi embora com Sara, ignorando o pedido de Mark pela razão.

Quando estavam fora do alcance da voz, ele perguntou:

— Você está bem, Sara?

Ela sorriu para ele.

— Surpreendentemente, sim. Obrigado por me apoiar.

Ele sorriu.

— O prazer é todo meu.

~ * ~

O próximo confronto foi com Daphne.

Naquela tarde, Sara e Benedict estavam no camarote quando alguém bateu na porta. Benedict olhou pelo olho mágico e franziu a testa.

— É Daphne — ele sussurrou.

Sara deu de ombros.

— Eu acho que Mark disse a ela que você não tinha voado para casa — ela sussurrou de volta.

Daphne bateu de novo e Benedict abriu a porta.

— Benjamin, querido, eu sinto muito. — Ela conseguiu forçar algumas lágrimas reais quando colocou os braços ao redor dele. — Eu te amo. Como você pode fazer isto comigo?

Benedict a colocou firmemente longe dele.

— Eu disse. Eu não compartilho. Volte para Mark agora.

Daphne olhou para Sara.

— Você não compartilha? Bem, talvez você devesse dizer isso a Sara. Ela é quem orquestrou tudo isso. Ela fez tudo para te levar para longe de mim e tem andado com Mark nas suas costas durante toda a semana. Eu pensei que você tinha saído e ela estava tentando pegá-lo de volta. Não sabia que ela estava em dois momentos.

Benedict realmente riu.

— Dá um tempo, Daphne. Eu tenho estado com Sara a cada minuto desde a primeira manhã. Eu sei perfeitamente bem que ela não ficou sozinha com Mark por um único instante. Sem mencionar que, depois de tudo o que você fez, eu teria dificuldade em acreditar em qualquer coisa que você dissesse, mesmo que não soubesse absolutamente que era mentira.

— Benjamin, vamos lá. Você sabe que ela não pode ser o que você precisa. Ela é completamente *baunilha*. Ela não satisfará seus apetites. Você precisa de uma parceira disposta para isso e pode fazer o que quiser comigo. Não há limites rígidos. Imagine como isso será bom.

Sara mal podia acreditar no que estava ouvindo. Ela adivinhou que não deveria surpreendê-la que Benjamin tivesse um gosto torcido, mas de alguma forma isso aconteceu. Também achava que Benedict não tinha ideia do que Daphne estava falando.

Felizmente, parecia que a referência de *baunilha* e seu novo amor por sorvete o ajudaram a fingir.

— Eu gosto de baunilha. Na verdade, amo baunilha. Eu acho muito satisfatório. Daphne, você não é bem vinda aqui. Eu segui em frente e você também deveria.

Daphne olhou para ele por um momento antes de sair.

— Você vai se arrepender disso. Vocês dois vão.

Benedict fechou a porta atrás dela e sorriu para Sara.

— De alguma forma, duvido disso.

Sara riu.

— Ela não estava falando sobre sorvete, você sabe.

— Eu pensei que não. Ficou claro quando ela se ofereceu para mim de qualquer maneira que eu desejasse. Eu acho que há homens em cada século com um gosto por... digamos, o incomum.

— Você não foi tentado? — Sara brincou.

— Nem um pouco. Porque ela não pode ser você, e você é o único sabor em que estou interessado.

Ele atravessou a sala até o sofá onde ela estava sentada, abaixou-se e capturou os lábios dela com os seus, beijando-a completamente.

— Sim, acho que nunca me canso dessas delícias.

Então, sem aviso, Pegou-a nos braços e levou-a para a cama. Beijou-a sem sentido, o tempo todo removendo suas roupas e as dele. Quando ambos estavam completamente nus, ajoelhou ao lado dela. Deslizou as mãos pelo seu corpo, quase reverentemente.

— Eu já disse isso antes, mas não há outra palavra para isso, você é fantástica — ele sussurrou, aquela nota de admiração que ela achava tão atraente em sua voz.

Sara estava ciente de que era assim que se sentia amada e valorizada. Talvez o sentimento fosse mais forte porque amava-o intensamente.

Esse foi o último pensamento convincente que teve porque ele fez amor lento e doce com ela até que desmoronou em seus braços.

Mark sentou-se no bar do cassino, olhando melancolicamente para seu martini de vodca. Estava chateado. Estava chateado com Daphne por conversar sobre isso. Se ela tivesse se saído bem o suficiente sozinha, ainda teria Sara em seu braço e um pouco de Daphne suja ao lado. Estava chateado com Sara por voltar para a cabine naquela primeira manhã – embora achasse que estava fadado a ter acontecido em algum momento. Mas ficou ainda mais irritado com Daphne, porque isso não teria acontecido se ela não tivesse convencido Benjamin a trazê-la ao cruzeiro. E estava mais chateado com Benjamin. Benjamin nunca se importou com ninguém além de si mesmo. Ele não amava Daphne. Para ele, ela era apenas mais uma prostituta loira disposta a satisfazer seu gosto por um tempo, então seria facilmente substituída quando estivesse entediado com ela. Ela poderia ter pensado que poderia ganhar o título de Sra. Benjamin Talbot e talvez se jogasse corretamente, poderia tê-lo um dia, mas não porque Benjamin a amava. Se ele tivesse decidido se casar com ela, seria apenas porque eventualmente precisava se casar com uma garota de uma boa família. Precisava de alguém que fosse a esposa do troféu em público, enquanto atendia suas necessidades no quarto, e Daphne poderia ter se qualificado.

Então, por que Benjamin ficou tão zangado com ele por causa disso? Mark fez-lhe um favor mostrando-lhe as verdadeiras cores de Daphne. Benjamin deveria estar agradecendo e procurando seu próximo brinquedo. Não deveria ter suas mãos em Sara, comportando-se como se ela fosse dele. Benjamin poderia ter qualquer coisa e quase qualquer uma que quisesse. Ele não queria Sara. Não poderia amar Sara. *“Ele está apenas usando-a para punir a mim e Daphne.”*

E estava funcionando. Claro, Mark tinha Daphne – pelo menos por enquanto – e era o que ele pensava que queria. Imaginou que tirá-la de Benjamin seria satisfatório. Mas estava errado. Horivelmente, incrivelmente, dolorosamente errado. Não tinha senso de vitória.

Na verdade, sentia falta de Sara. Ela era doce e quente e gostava dela. Gostava mais dela do que imaginava. Talvez a amasse. Mas amando-a ou não, com certeza não queria que Benjamin a tivesse. Queria-a de volta e precisava afastá-la de Benjamin para ter uma esperança de conseguir isso. Afinal, era do interesse dela. Ela era boa demais para Benjamin Talbot.

A melhor maneira de recuperá-la era que Benjamin fosse tentado por outra mulher. Uma mulher que fosse mais do seu agrado. Daphne se encaixava na conta, mas Benjamin não estava mordendo. Mark teria que seguir um caminho diferente.

Talvez com um pouco de tempo, Benjamin percebesse que Sara não era a garota para ele. E então também, talvez houvesse alguém em casa que pudesse atraí-lo para longe de Sara e voltar para a zorra que ele amava. De qualquer forma, Mark tinha certeza de que Benjamin a largaria mais cedo ou mais tarde e estava igualmente certo de que Sara seria a única a se ferir. *“E vou me certificar de que estarei lá para juntar as peças.”*

Daphne se aproximou do bar, pressionando seu corpo contra o dele.

— Aqui é onde você estava. Eu olhei em todos os lugares.

Ele puxou a banquetta ao lado dele.

— Sente-se. Vou te comprar uma bebida.

— Obrigado. Um Cosmo seria legal.

Ele pediu a bebida quando ela se sentou. Teve que sorrir para si mesmo. *“Sentar”* era a palavra errada. Daphne se posicionou. Ela realmente apenas se encostou no banquinho. Seu pé direito permaneceu no chão, fazendo com que sua saia subisse quase indecentemente acentuando suas longas e sensuais pernas. Se Sara tivesse feito isso, ele teria se inclinado para um beijo rápido e descansado a mão em seu quadril. Então, quando quebrasse o beijo, deslizaria a mão para baixo reposicionando sua saia. Ela não gostaria de ficar tão exposta, mas chamar sua atenção para isso a teria envergonhado. Daphne, por outro lado, fazia isso intencionalmente. Ela gostava de chamar a atenção de todos os homens de uma sala.

O barman deu-lhe o Cosmo e ela tomou um gole.

— Você parecia perdido em pensamentos quando entrei. O que tem em mente?

— A bagunça que fizemos.

Ela assentiu.

— Sim, eu estive pensando sobre isso também. A única maneira de colocar esse plano de volta nos eixos é separá-los.

— Pôr o plano de volta nos eixos? Você deve estar brincando.

— Claro que não estou brincando. Porque você pensaria isso? Nós simplesmente precisamos desacreditar Sara e convencer Benjamin de que ela mentiu sobre essa coisa toda.

— Desacreditar Sara? Eu não vejo como você pode fazer isso.

Ela sorriu maliciosamente.

— Acho que pode ser muito fácil e tenho uma ideia sobre como fazer isso, mas preciso da sua ajuda.

— Sou todo ouvidos, mas duvido que funcione.

— Tenha um pouco de fé. Tudo o que precisamos fazer é convencer Benjamin de que Sara não é quem ele pensa que é.

— E como você propõe fazer isso?

— Simples. Nós só precisamos de algumas evidências de que Sara o está traindo.

Mark soltou uma risada.

— Mas ela não está.

— A verdade nunca ficou no seu caminho antes. Temos que manipular um pouco a situação. — Ela franziu a testa e tomou outro gole.

Mark sabia que provavelmente deveria apenas cortar isso no passe, mas queria ouvir a ideia dela. Talvez, apenas talvez, houvesse alguma maneira de trazer Sara de volta.

— Ok, eu sou todo ouvidos.

— Você sempre disse que Sara é uma criatura de hábitos. Ela faz a mesma coisa todos os dias.

— Sim, ela tem uma rotina padrão da qual nunca se desvia.

— Se bem me lembro, ela sempre sai no meio do dia.

— Sim. Ela acorda de manhã cedo e passa várias horas escrevendo, mas por volta das onze faz uma pausa e sai do apartamento.

— Onde ela vai?

— Na maioria das vezes ela vai ao ginásio e nada. Às vezes sai para passear, mas sempre sai de casa por um tempo.

— E quando ela volta? O que faz então?

— Ela geralmente toma banho, almoça e depois passa mais algumas horas escrevendo. — Ele sorriu. — E antes de começar a escrever de novo, sempre faz um café gelado com o que sobrou no pote. Ela diz que alimenta sua musa.

— Porra, Mark, ela poderia ser mais chata?

— Eu prefiro pensar nisso como previsível.

Daphne deu um aceno de mão.

— Chata, previsível, isso não importa. Significa apenas que será fácil realizar o que precisa ser feito. O que ela faz à noite?

— Você quer dizer se ela não está comigo?

Ela revirou os olhos.

— Sim, porque se não descobrirmos isso, ela nunca mais passará tempo com você.

Mark franziu a testa.

— Certo. — Esqueceu isso por um momento e o lembrete de Daphne o fez querer Sara de volta ainda mais. — Bem, se ela não está saindo, quando para de escrever para o dia, toma um copo de vinho enquanto faz o jantar. Então, geralmente assiste a um filme ou lê por um tempo, e quase sempre está na cama às dez. Mas não vejo como isso é útil.

Daphne soltou um suspiro exasperado.

— Mark, você tem uma chave para o apartamento dela. Tudo o que precisa fazer é entrar ao meio do dia. Você pode colocar algo em seu vinho para relaxar e depois voltar mais tarde, quando ela estiver dormindo e tirar fotos de vocês dois. Então simplesmente as entrega para mim, e eu corro para ele com as fotos incriminadoras que encontrei no seu telefone, como prova de que Sara é a única traindo. Posso dizer-lhe que ela inventou a coisa toda sobre nos encontrar juntos só para chegar até ele.

Mark sacudiu a cabeça.

— Isso nunca vai funcionar, Daphne.

— Por que você acha que não vai funcionar? É um excelente plano.

— Primeiro, Sara e eu estamos namorando há um bom tempo. Ter fotos de nós juntos só prova isso. Isso não implica Sara em nada.

— Claro que sim. O carimbo de data na foto será recente. Ele saberá que aconteceu depois que ele se interessou.

— Qualquer pessoa com o menor conhecimento pode ajustar um carimbo de data. E então há todo o problema de drogar seu vinho. Como vou saber em qual garrafa colocá-lo?

— Às vezes você é realmente um idiota, Mark. Você disse que ela só toma um copo de vinho, então deve ter uma garrafa aberta. Coloque isso aí.

— Ok, gênio, mas e se não houver uma aberta?

Ela encolheu os ombros.

— Você poderia abrir uma. Ela provavelmente não se lembraria se estava aberta ou não.

— Talvez sim, talvez não.

Daphne ignorou suas dúvidas.

— Mas se a garrafa estivesse cheia, você teria que colocar muita coisa para ter certeza que a colocaria para dormir. Muito pouco não vai funcionar.

Mark franziu a testa.

— Sim, mas se eu colocar muito e ela beber alguns copos antes de entrar em ação, isso pode matá-la. Não, Daphne, é uma má ideia.

— Ok, então colocá-lo em seu vinho pode ser um problema, mas a idéia não é ruim. Só precisa de um pouco de ajuste. — Ela pensou por um momento. — Eu sei, você poderia colocar a droga no café dela. Você disse que ela faz café gelado do que sobrou da manhã.

— Mais uma vez, fotos de Sara e eu juntos não convencerão Benjamin. Ele só achará que você manipulou as fotos. Isso não vai funcionar.

Daphne franziu a testa e bebeu seu Cosmo.

— Acho que só precisamos deixar o que quer que seja entre eles seguir seu curso. Ele deve seguir em frente logo - disse Mark.

— E onde isso nos deixa? Se ele se mudar para outra pessoa, estou fora de cena.

— Eu acho que isso é inevitável, Daphne.

— Eu me recuso a acreditar nisso. — Ela tomou outro gole de sua bebida. Então um sorriso malicioso apareceu em seu rosto. — Eu sei o que fazer. Em vez de fotos de você e dela, precisamos de outra pessoa.

— Outro homem? De jeito nenhum. Isso seria errado. Como estupro. E como você logicamente teria as fotos para dar a Ben?

— Acorde, Mark. Primeiro, mesmo se você a drogar e fizer sexo com ela, é estupro. Mas eu não pretendo tirar fotos dela com outro cara.

— Então o que você pretende?

— As fotos serão minhas e de mim. E vou manipular o carimbo de data para algum dia antes do cruzeiro.

— Que bem isso vai fazer? Eu pensei que você o queria de volta.

Ela riu.

— Eu posso dizer a ele que planejava surpreendê-lo com um ménage comigo e Sara. Mas ela decidiu tentar pegá-lo para si mesma e inventou toda a história de encontrar você e eu juntos.

— Você tentou várias vezes convencê-lo de que Sara é a única que está mentindo e ainda não conseguiu.

— Mas ele vai acreditar nisso. Ele queria um ménage por um longo tempo. Eu não fiz. Vou dizer a ele que tudo foi feito para ser uma surpresa para ele, mas Sara ficou gananciosa e arruinou isso. — Daphne sorriu presunçosamente. — Ele poderia puni-la. Talvez ele me deixe assistir.

— Nenhuma chance Daphne. Benjamin sempre foi rígido quanto ao consentimento. Ele não brinca com alguém que não está disposto. Além disso, eu não quero que ela se machuque. Eu só quero...

— Eu sei. Você quer colocar o nosso plano de volta nos trilhos, e eu também. Mas para que isso aconteça preciso voltar com Benjamin e você precisa ganhar Sara novamente. Não se esqueça, este é o longo golpe. O objetivo sempre foi me casar e usar o dinheiro de Benjamin, enquanto você faz o mesmo com Sara. Então você e eu podemos saltar para o pôr do sol confortavelmente ricos.

O longo golpe. Tinha sido ideia dela desde o começo, mas não era o que Mark queria – pelo menos não mais. Benjamin teria que romper com Sara se quisesse ter alguma esperança de reconquistá-la. Não gostava disso, mas poderia funcionar.

— OK.

— Excelente. Estou absolutamente confiante de que este plano será recompensado. Eu posso até ser capaz de estabelecer um pouco de base. No

aeroporto ou no avião para casa, posso ter certeza de que ele ouve algumas coisas que poderiam ser mal interpretadas. Será uma evidência a mais quando chegar a hora.

~ * ~

Para a grande decepção de Mark, não viu Sara e Benjamin no terminal de cruzeiros em Veneza. A secretária de Benjamin havia providenciado um motorista, mas aparentemente ele enviou uma mensagem dizendo que não iria voar direto para casa e que o motorista estava lá apenas para levar Mark e Daphne.

— Onde está Sara? — Perguntou Daphne.

Mark teve que se forçar a não revirar os olhos.

— Evidentemente com Benjamin.

Daphne sorriu.

— Eu aposto que não. Aposto que ele decidiu fazer uma viagem rápida para Monte Carlo e ela só quer que pensemos que está com ele. Ela provavelmente só mudou seu voo por um dia e estará em casa amanhã.

Mas ela não estava em casa no dia seguinte. Mark passou por seu apartamento naquela noite pensando que ela deveria estar lá. O carro estava no estacionamento, exatamente onde estava estacionado quando eles saíram. Além disso, as cortinas das portas da sacada estavam fechadas. Ela amava a luz natural, então abria-as logo de manhã e fechava-as antes de ir para a cama. Ficou tentado a entrar e verificar, mas decidiu contra. Se aquelas cortinas estavam fechadas, ela não estava em casa. Pelo resto da semana, dirigiu para lá pelo menos uma vez por dia. Mas o carro dela nunca se mexeu e as cortinas nunca estavam abertas.

Também ligou para o escritório de Benjamin várias vezes naquela semana. A sua secretária dizia-lh sempre:

— O Sr. Talbot ainda está fora do país. Eu vou dizer a ele que você ligou.

Capítulo 10 - *E se eu me apaixonar?*

Na manhã em que o navio de cruzeiro deveria chegar em Veneza, Benedict acordou cedo, antes do amanhecer, e vestiu-se o mais silenciosamente que pôde.

No entanto, Sara acordou.

— É cedo. Nós não temos que levantar ainda.

— Eu sei, mas, como vamos partir para a Escócia assim que chegarmos, será minha única oportunidade de ver Veneza e o Lido, onde ficava minha casa. Eu pensei em subir no convés, onde possa ver bem.

— Não será a sua única oportunidade de ver Veneza. Nós podemos voltar quando você quiser. Na verdade, eu realmente gostaria de visitá-la com você. Mas entendo que queira vê-la esta manhã. Me dê um minuto para me vestir.

— Você não tem que vir comigo. Fique dormindo.

— Eu gostaria de ver tudo com você, através de seus olhos.

Ele assentiu.

— Eu também gostaria disso.

Assim, em menos de dez minutos, estavam no convés do porto observando o navio de cruzeiro aproximar-se de Veneza. Quando o sol estava nascendo, eles se aproximaram do Lido.

— Aí está. Uau, tantos edifícios.

— Sim, é um lugar muito elegante para viver agora e a praia é linda.

Era difícil de acreditar que há duas semanas, ele tivesse vivido uma existência relativamente isolada naquela mesma ilha – duzentos e quarenta e oito anos atrás. Depois que o navio contornou o lado norte do Lido, ele pegou a mão dela e caminhou até o lado estibordo do navio, para dar uma olhada melhor em Veneza.

— Tem o Arsenal. Meu estaleiro ficava lá. — Eles estavam sozinhos, então era seguro conversar. — Isso mudou um pouco, mas não tanto quanto o Lido.

Sara assentiu.

— Grande parte de Veneza continua muito parecida com centenas de anos atrás.

Ele percebeu como isso era verdade quando passaram pelo Palácio Ducal e San Marco. Havia luzes elétricas e lanchas, mas também havia gôndolas negras quase idênticas às de seu tempo. Os canais pelos quais passaram não foram alterados e muitos dos edifícios mudaram muito pouco.

— Eu me lembro de você mencionar encontrar uma pequena passagem que achava que poderia ser um portal do tempo em seu próximo livro.

— Sim. Não é longe da ponte de Rialto.

Ele sorriu.

— Achei um pouco estranho você escrever um livro sobre viagens no tempo usando portais, quando viu os resultados do relógio de bolso. Mas agora que estou vendo Veneza com a mesma aparência de centenas de anos atrás, posso ver como seria fácil imaginar que portais de épocas anteriores estão escondidos em suas ruas e becos.

Ao se aproximarem dos terminais dos navios de cruzeiro e o cenário se tornar mais moderno, Sara e Benedict foram ao bufê para tomar o café da manhã antes de voltar para sua suíte para embalar seus poucos itens restantes. A maior parte de sua bagagem havia sido recolhida na noite anterior.

Às oito, encontraram Gabe e Elsie em sua suíte e desembarcaram do navio pela entrada privada. Uma van particular já carregada com sua bagagem esperava por eles. Chegaram ao aeroporto cerca de vinte e cinco minutos depois, quando embarcaram no jato particular pertencente ao amigo de Elsie. Às nove, estavam no ar voando para Inverness e estavam se preparando para aterrissar logo depois das onze.

Havia muitas coisas no século XXI que surpreenderam Benedict: o imenso navio de cruzeiro, automóveis, televisão, filmes e música, para citar apenas alguns. No entanto, voar foi de longe o mais surpreendente. Ele havia viajado de navio da Escócia para Veneza quando tinha dez anos de idade, e levou dois meses e meio e demorou apenas duas horas e meia para voltar para lá no século XXI.

Eles voaram sobre os Alpes.

Ao se aproximarem da Escócia, Benedict esperava ver nuvens, mas estava um dia claro. Ele franziu a testa enquanto olhava pela janela.

— Está ensolarado.

— Isso é bom, não é? — Perguntou Sara.

— Sim, suponho que sim. Não é só o que eu esperava. Lembrei-me de que a Escócia era fria e cinzenta a maior parte do tempo. Na verdade, minha mãe odiava Veneza por causa do tempo ensolarado.

— Você está brincando — disse Elsie.

— Eu não estou brincando. Eu nunca entendi isso. Eu sempre gostei de sol e céu azul.

Gabe disse.

— Parece que vamos conseguir muito disso. Aparentemente, todo o norte da Europa tem sido excepcionalmente quente na última semana.

Benedict pensou nisso por um momento, lembrando-se da conversa que tivera com Gertrude em relação à mãe e de como odiava tudo em Veneza, inclusive o bom tempo. Sobre como ela implorara para voltar para a Escócia e depois morrera ali. Lembrou das palavras de Gertrude sobre como sua mãe desistira da vida e como ela sabia que isso o magoara ao longo dos anos. Gertrude estava certa. Ao escolher não viver sem o pai, uma parte dele sentiu que a mãe o abandonara.

— Há alguma coisa errada, Benedict? — Perguntou Sara.

— Não, não realmente. Estava pensando nos meus pais, na última vez que os vi.

— Quando foi isso? — Perguntou Elsie.

— Mais de trezentos anos atrás. — Ele sorriu, acrescentando: — Em 1745. Eles estavam em um navio indo para o mar, para a Escócia. Minha mãe queria ir para casa para Skye e ele concordou em levá-la para uma visita. Quando os vi pela última vez, meu pai estava de pé no convés de popa, acenando para mim. Minha mãe não olhou para trás. Ela odiava tudo sobre Veneza. Infelizmente, a visita deles foi mal cronometrada. Chegaram à Escócia no começo da rebelião e meu pai ficou preso nela. Ele foi morto em Culloden. Ela morreu de coração partido.

Sara segurou uma de suas mãos.

— Benedict, eu sinto muito.

Ele assentiu.

— Obrigado. Já faz muito tempo. Eu estava pensando em como é irônico que esteja indo para a Escócia e esteja quente e ensolarado.

— SÉRIO? — Perguntou Sara. — Eu acho que é um sinal.

— Um sinal de quê?

— Um sinal de que você deveria fazer essa viagem e que não deveria pensar na Escócia como o lugar frio e cinzento onde seus pais morreram.

Benedict apertou a mão dela.

— Obrigado. Honestamente, parte de mim tem temido isso desde o primeiro momento em que discutimos a vinda para a Escócia. A maioria das lembranças da minha mãe é de como ela era infeliz. Sempre. Mesmo quando ainda morávamos na Escócia, ela estava infeliz. Ela ficou brava quando meu pai nos levou da Ilha de Skye para Port Glasgow. Ainda estávamos na Escócia, mas num lugar onde ele poderia ganhar uma boa vida e nos dar uma vida decente. Ainda assim, era um mundo longe de Skye. Ela odiava e não tinha nada a ver com a comida ou o clima.

Sara sorriu, seus quentes olhos castanhos cheios de compreensão.

— Então, meu querido, também não teve nada a ver com seu pai ou com você. Eu acho que às vezes parte de ser feliz é decidir ser feliz e a mesma coisa é verdade por estar triste. Por qualquer motivo, sua mãe decidiu que só poderia ser feliz em Skye.

Ele não tinha certeza de como ela sabia que sempre se sentiu parcialmente responsável pelo descontentamento de sua mãe, mas as palavras de Sara o libertaram. Sua mãe era quem ela era. Nada do que ele fez ou deixou de fazer poderia ter mudado isso.

— Você está certa sobre a minha mãe e sobre o sol ser um sinal de que eu precisava. Agora acho que posso experimentar a Escócia sem a mortalha de sua infelicidade pairando sobre mim. Obrigado. — Ele se inclinou para ela e lhe deu um beijo.

Os olhos de Elsie se iluminaram.

— Falando em experimentar a Escócia, o Sr. Sinclair ajudou a organizar tudo. — Ela puxou um papel contendo os detalhes de sua bolsa. — Um carro e motorista nos encontrarão no aeroporto. Primeiro, vamos ao Castelo Cawdor.

— O Castelo Cawdor de MacBeth? — Perguntou Benedict.

Elsie franziu a testa.

— Eu não sei. O que é MacBeth?

— É uma peça escrita por William Shakespeare sobre um general escocês do século XI, MacBeth, que matou o rei Duncan e assumiu o trono para si mesmo — disse Sara. — Shakespeare escreveu-o no início do século XVII e parte dele se passa no Castelo de Cawdor. A questão é que Shakespeare teve um pouco de licença com isso porque o Castelo de Cawdor não foi construído até o final do século XIV.

Os outros três ficaram olhando para ela.

— O quê?

— Como você sabe tudo isso? — Perguntou Gabe.

— Eu me especializei em inglês e escrevi alguns romances históricos. Alguns dos meus livros se passam na Escócia, mas os castelos neles são fictícios.

— Assim, é sobre o Castelo de Cawdor que Shakespeare escreveu, mas o verdadeiro e histórico MacBeth nunca esteve lá. — Disse Benedict.

— Está certo. Mas ainda é um castelo antigo e vale a pena visitá-lo.

Elsie sorriu.

— Aquele castelo antigo ainda não havia sido construído quando eu morava na Escócia.

— Então, minha esposa muito antiga, qual é a próxima? — Perguntou Gabe

Elsie franziu a testa.

— Bem, nós temos a opção de ir para Culloden depois disso.

— Você não parece querer fazer isso — disse Sara.

— Nós podemos, se todos quiserem. É apenas... bem ... parece um lugar muito triste para mim. Minha Escócia ainda era independente e parte de mim não quer pensar sobre o que aconteceu lá.

— Eu posso entender isso — disse Gabe, antes de tomar uma das mãos dela e beijá-la. — Sara, Benedict, o que vocês acham?

— A menos que você realmente queira ir para lá, Sara, eu prefiro não ir. Foi uma batalha horrível e onde meu pai foi morto. Tenho certeza de que há muitos fantasmas por lá.

— Então nós não vamos para Culloden — disse Sara.

Elsie sorriu.

— Bem, então aparentemente há algumas lojas de antiguidades impressionantes em Inverness. Eu gostaria de ir e ver se há algo nelas tão antigo quanto eu.

Todos eles riram.

O avião pousou alguns minutos depois. Enquanto desembarcavam, Elsie parou por um momento, uma expressão estranha no rosto.

— Há algo errado, querida? — Gabe perguntou.

— Não. É estranho estar na Escócia moderna. Quer dizer, eu sabia que seria moderna, mas ainda é um pouco inquietante, um pouco como na primeira manhã em que acordei em Nova York.

Benedict assentiu.

— Eu sei o que você quer dizer. Sara e eu vimos o navio entrar na lagoa de Veneza e senti o mesmo. Embora suspeite que menos tivesse mudado lá do que aqui.

— Amanhã vamos dirigir para as Highlands — disse Elsie. — Temos uma casa de campo alugada perto de Glenshiel. Não é longe de onde minha casa teria sido. Talvez seja diferente lá.

~ * ~

A viagem a Inverness no dia seguinte levou-os a áreas menos povoadas, lembrando Benedict da Escócia da sua juventude.

Eles pararam no caminho para ver as ruínas do Castelo de Urquhart. Seu motorista, Hamish, era um excelente guia turístico, mas não podiam falar livremente na frente dele. Para ser justo, não poderiam falar livremente lá de qualquer maneira por causa dos muitos turistas.

Depois de explorar a ruína, continuaram dirigindo para sudoeste na A82, ao longo da borda do Loch Ness. Pararam em Invermoriston para dar uma olhada nas cataratas e almoçar num café lá antes de virar para oeste na A887.

Chegaram ao chalé alugado no meio da tarde e descobriram que era mais do que um chalé. Duas vezes mais pessoas teriam ficado confortáveis nela.

Sara ficou encantada ao encontrar uma cozinha totalmente equipada,

— Oh, eu adoraria cozinhar um belo jantar para nós.

— Se você me der uma lista, eu ficaria feliz em dirigir para Kyle of Lochalsh e conseguir mantimentos, enquanto vocês exploram — disse Hamish.

Depois que ele foi embora, eles passaram a tarde andando perto de Loch Duich.

Elsie, que ficara quieta desde que saíram de Inverness, parecia pensativa.

— Elsie, meu amor, está tudo bem? — Perguntou Gabe.

Ela assentiu.

— Sim. É só que até eu chegar ao século XXI, vivi toda a minha vida aqui na sombra desses picos, e além das montanhas, quase nada é familiar. Enquanto nos dirigíamos ao longo do rio Shiel, quase não havia árvores. Hamish falou sobre projetos de reflorestamento. A aldeia em que eu vivia, o castelo, teria sido tudo nessa área, mas todos os vestígios do século XIII desapareceram – como se nunca tivesse existido. Quando penso na minha vida, sobre amigos e minha tia Dolina, não penso neles como mortos há séculos. É mais como se eles estivessem em outro lugar. Mas quando dirigimos, comecei a perder esse sentimento.

Gabe estendeu a mão e pegou a mão dela.

Ela sorriu para ele.

— O castelo de Urquhart²³ não tinha sido construído quando eu morava aqui e agora é uma ruína, assim como apenas um remanescente permanece da floresta. Eu temia que quando chegássemos aqui e visse com meus próprios olhos que minha aldeia não existia mais, isso iria partir meu coração. Seria impossível para mim pensar nas pessoas que amo como estando em outro lugar. Mas isso não é o que aconteceu. Agora que estou aqui, a conexão com eles é mais forte do que nunca. Há simplesmente um véu de tempo nos separando. Eu posso fechar meus olhos e senti-los ao meu redor.

Gabe passou os braços em volta dela.

Benedict pegou a mão de Sara e eles caminharam na frente, dando a Gabe e Elsie alguma privacidade.

²³ O Castelo de Urquhart localiza-se em um promontório no Lago Ness, próximo a Drumnadrochit, na Escócia. Em posição dominante sobre as águas do famoso Lago Ness, este, que já foi o maior castelo da Escócia, inscreve-se num dos mais belos cenários das Highlands, o que o torna uma atração.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Urquhart

Naquela noite, Benedict teve sua primeira oportunidade de ver Sara em ação na cozinha. De seu tempo no navio, sabia que ela amava boa comida e ela disse-lhe que gostava de cozinhar, mas não tinha idéia de como ela era realmente talentosa.

Antes de servir o jantar, ela estava na cabeceira da mesa, como o chef do navio havia feito durante o jantar “*Chef’s Secret*”.

— O que eu estou prestes a servir a vocês é considerado um “*prato clássico escocês*”, que eu tenho certeza que nenhum de vocês, exceto Hamish, já ouviu falar.

Benedict se perguntou o que ela quis dizer com isso. Certamente, se fosse um prato clássico, um deles poderia saber disso. Mas ela explicou.

— O motivo pelo qual você não ouviu falar é que provavelmente não é muito clássico, mas você pode encontrá-lo em muitos menus hoje em dia, por isso pensei em testá-lo. Nosso jantar hoje é *frango balmoral*. É um peito de frango recheado com *haggis*²⁴, que depois é cozido, enrolado em bacon escocês e coberto com molho de uísque. O acompanhamento tradicional para isso é purê de batatas e nabos. No entanto, eu fui um pouco desonesta. Nossas batatas são assadas em manteiga, alho e alecrim e, em vez de beterraba temos purê de cenoura e nabo que eu amo.

Benedict certamente conhecia os *haggis* e o frango, seja uma receita clássica ou não, estava delicioso.

Elsie também mergulhou e amou o prato.

Gabe foi um pouco mais cauteloso, mas uma vez que provou os *haggis*, ele sorriu dizendo:

— É um pouco como tortilha de porco que eu adoro.

Hamish declarou que era delicioso e rivalizava com qualquer *balmoral* de frango que ele tivesse comido.

A sobremesa supostamente era outro clássico, merengues quebrados, chantilly e frutas frescas. Enquanto se sentavam apreciando xícaras de café, Gabe perguntou:

²⁴ Haggis é um prato tradicional da cozinha escocesa e consiste num bucho de carneiro recheado com vísceras, ligadas com farinha de aveia.

— O que fazer para amanhã?

Hamish disse:

— Você mencionou querer fazer algumas caminhadas nas “*Five sisters of Kintail*”²⁵, mas talvez deveríamos esperar até mais tarde na semana para isso. Então, minha sugestão é que visitem *Eilean Donan Castle*²⁶ pela manhã. Vou levá-lo a uma pousada próxima para um café da manhã escocês completo e nós pretendemos estar no castelo quando ele abrir às dez. Então nós vamos para Skye. As *fairy pools* (piscinas de fadas)²⁷ seriam um lugar ideal para ir amanhã. Você pode dar um mergulho lá se desejar. Neste tempo terrivelmente quente, a água fria será refrescante.

Os outros olhavam para Ben e ele entendia por quê. Elsie tinha encontrado seu passado aqui. Seu passado estava em Skye, mas era uma grande ilha. Eles iriam para onde ele quisesse ir.

— Acho que ir às piscinas de fadas é uma excelente ideia.

— Excelente. Eu organizarei um almoço de piquenique para levar com vocês para as piscinas.

Quando Benedict e Sara foram para a cama naquela noite, ela disse:

— As piscinas das fadas parecem lindas. Você já esteve lá antes?

— Sim. Eu vivi em Skye quando era muito jovem. Saímos quando tinha mais ou menos seis anos, mas tudo que minha mãe queria era voltar para Glenbrittle. Ela manteve as memórias daquele tempo vivas e amava as piscinas de fadas.

— Então estão muito perto de onde você morava?

— Sim. Mas tendo aprendido sobre as folgas das Terras Altas, suspeito que não haverá mais nada da minha aldeia.

— Infelizmente, acho que sim.

~ * ~

²⁵ A lenda das cinco irmãs de Kintail - As cinco irmãs de Kintail são 5 montanhas distintas, cada uma com o seu nome (Sgùrr na Ciste Duibhe, Sgùrr na Càrnach, Sgùrr Fhuaran, Sgùrr nan Spàinteach e Sgùrr nan Saighead). É um marco bem conhecido e popular para práticas de montanhismo.

²⁶ Castelo de Eilean Donan - A ilha de Eilean Donan (que significa ilha de Donan) foi nomeada em homenagem a Donan de Eigg, um mártir celta da Alta Idade Média

²⁷ Fairy Pools ou "Pool of the Fairies", é um conjunto de piscinas naturais que todo viajante deve conhecer, um dos lugares mais fascinantes da Escócia.

Sara estava certa, não havia mais nada de sua aldeia do século XVIII, mas isso não importava. Assim como Elsie, enquanto percorria o caminho para as piscinas diferentes, sentiu uma conexão com seu passado que estava vivo para ele. E enquanto sempre esteve perto de seu pai, era sua mãe cujo espírito estava com ele. Mas ela não era a triste, soturna e melancólica criatura que estava no convés do navio, nunca olhando para ele. Foi a mãe que ele quase esqueceu. Aquela que ria e sorria e segurava a mão dele enquanto passavam na água gelada. E estando mais uma vez num lugar onde certamente esteve com ela, foi capaz de soltar sua dor e seguir em frente.

Capítulo 11 - *E se eu me apaixonar?*

Quinta-feira, 3 de agosto de 2006

Apartamento da Sara

Sara e Benedict chegaram ao apartamento dela no final da noite anterior. A Escócia tinha sido maravilhosa. Viram e fizeram tanto que era difícil acreditar que só passaram oito dias lá. Haviã encenado o acidente na tarde de sexta-feira. Começaram a escalada do lado de fora do chalé. Porque não precisavam de um motorista, Hamish ficou para trás, mas ele quase teve um surto quando voltaram com Benedict tendo sofrido um ferimento na cabeça.

O hospital mais próximo ficava a trinta e cinco minutos de distância, em Broadford, em Skye. Mantiveram-no no hospital até domingo, quando então descartaram danos cerebrais sérios, embora os médicos estivessem confusos com a perda de memória. Gabe assegurou-lhes que já havia feito arranjos para Benjamin ver o Dr. Gerald Rose, especialista em amnésia atípica no Centro Hospitalar da Universidade de Nova York, NYUCH.

Voaram em jato particular para Nova York na segunda-feira. Rose insistiu em realizar a bateria de testes que seria esperada antes de permitir que Benjamin Talbot deixasse o NYUHC. Mas finalmente, liberou Benedict no dia anterior e a assistente de Benjamin mandou um carro e motorista para trazê-los de Nova York para casa.

Foi quase surreal voltar ao seu apartamento. Passaram-se quase quatro semanas, mas parecia uma vida inteira. O fato de estar desesperadamente apaixonada por um construtor naval do século XVIII no corpo de Benjamin Talbot ainda era difícil de acreditar.

Mas quando foram para a cama no quarto dela e ele fez amor com ela, sabia que tudo estava certo. O universo estava se desdobrando como deveria.

E agora, em pé na cozinha fazendo o café da manhã para Benedict, novamente teve a sensação de que havia encontrado sua alma gêmea e tudo estava exatamente como deveria estar.

Benedict entrou na cozinha, recém-saído do chuveiro.

Sara deu-lhe um beijo rápido enquanto colocava o prato de ovos mexidos e abacate na frente dele. Mas Benedict colocou a mão atrás do seu pescoço para lhe dar um beijo muito mais satisfatório.

Quando ele terminou o beijo, ela não conseguiu reprimir uma risada feliz.

— Coma seu café da manhã.

— Eu prefiro morder sua doçura.

— Confie em mim, os ovos serão mais satisfatórios.

— Ah, minha moça preciosa, talvez eles sejam mais fartos, mas nada pode ser mais satisfatório do que beijar você.

Querido Deus. Ninguém nunca lhe disse nada tão romântico. Ela suspirou e beijou-o novamente antes de dizer:

— Eu tendo a concordar. — Então ela se sentou na cadeira ao lado dele e tomou um gole de café. — Você está preocupado em encontrar seu pai hoje? — Ela parou de se referir a qualquer coisa relacionada a Benjamin na terceira pessoa. Benedict era Benjamin Talbot agora e tomara a decisão de ficar. Dr. Rose, Elsie e Gabe concordaram que este era o melhor curso.

Embora Sara ainda estivesse tendo um pequeno problema com isso, Gabe e Elsie também a incentivaram a começar a chamá-lo de Benjamin o tempo todo, mesmo em particular.

— Você será muito menos propensa a cometer um erro em público se começar a pensar em Benedict como Benjamin — disse Gabe em seu voo particular da Escócia.

— Mas você chama Elizabeth de Elsie frequentemente — observou Sara.

— Sim. Mas Elsie é um apelido para Elizabeth, e a mãe de Elizabeth costumava chamá-la assim. As pessoas aceitam que é um apelido carinhoso que ela gosta agora e amigos próximos usam isso. "*Benedict*" não é um apelido para Benjamin. Embora você possa chamá-lo de Ben.

Sara sacudiu a cabeça.

— Benjamin odiava o apelido de "*Bem*" e não deixava ninguém chamá-lo assim. Seria extremamente fora do personagem.

Elsie assentiu.

— Compreendo. Mas pense sobre isso antes de descartá-lo. —
Aparentemente, Elizabeth insistiu em ser chamada assim a partir dos seis anos de idade. — Mas, — ela disse, voltando-se para Benedict — se você vai ficar, a realidade é que Benedict Maclan já faleceu há muito tempo. Você é agora Benjamin Talbot. Pensar em Benjamin como uma pessoa separada te deixará em apuros, acredite em mim.

Então, desde que deixaram a Escócia, Sara tentou chamá-lo de Benjamin o tempo todo, não apenas enquanto estavam em público, mas ela constantemente cometia erros. Só não gostava de chamá-lo de Benjamin — provavelmente porque não gostava do anterior.

Eventualmente, depois de um pouco de discussão, Benedict decidiu que Gabe teve a melhor ideia.

— Eu acho que você só precisa me chamar de Ben, pelo menos em particular. É tanto um apelido para Benedict quanto para Benjamin e eu fui chamado Ben por muitas pessoas em meu próprio tempo.

— Mas será tão fora do caráter de Benjamin aceitar isso.

— Sara, minha querida, eu mudei. E me apaixonei. Permitir que a mulher que adoro me chame de Ben parece razoável e resolve o problema. Você pode tentar me chamar de Benjamin em público, mas se escorregar e me chamar de Ben, não há mal algum nisso.

Então aqui estava ela sentada, em sua própria mesa da cozinha com seu novo namorado, Ben Talbot.

Ben terminou de mastigar o que estava em sua boca e engoliu em seco.

— Eu acho que estou um pouco preocupado em conhecer... uh ... meu pai. — Sua testa franziu. — *Meu pai*. Isso ainda parece tão estranho dizer.

— Mas, Ben, se você não...

Ele levantou a mão.

— Eu sei. Eu tenho que o fazer. Isso só parece desonesto de alguma forma. Não tenho problemas em ser Benjamin Talbot para o resto do mundo, mas é diferente com o pai dele.

— Eu acho que entendo isso. Ainda assim, nós realmente não temos escolha se você quiser ficar.

Ele balançou a cabeça ligeiramente.

— Eu acho que não.

— Se você não estiver pronto, não precisamos encontrá-lo hoje.

— Prolongar isso apenas atrasará o inevitável. Além disso, o Dr. Rose limpou sua agenda e provavelmente já está na estrada. Não, é melhor seguir em frente como planejado. — Ele respirou fundo, parecendo reforçar sua determinação. — Então, minha secretária disse que meu pai nos encontraria às dez. A que horas precisamos sair daqui? Eu não quero que ele espere.

— Acho que devemos sair um pouco antes das nove. Eu realmente não tenho certeza do tipo de tráfego que teremos, mas acho que isso nos deixará bastante tempo.

— Espero que, entre você, eu e o Dr. Rose, possamos explicar ao meu pai como a lesão na cabeça que sofri na Escócia afetou minha memória.

— Você tem certeza absoluta de que quer que eu vá com você?

— Sim. Você pode falar mais diretamente de tudo que aconteceu do que a Dra. Rose ou até mesmo eu.

— Você quer dizer que eu deveria dizer a ele como Gabe fez o seu melhor para esterilizar uma pedra e sua cabeça antes de raspar a pedra ao longo de sua testa? — Ela piscou para ele.

Ele tocou a área ferida, estremeando.

— Ele foi mais agressivo do que eu esperava ser necessário. Ainda assim, essa provavelmente não é a versão que deve dizer ao meu pai.

— Ok, então estávamos caminhando em algumas colinas bastante íngremes. Você escorregou no musgo, perdeu o equilíbrio, deslizou parcialmente para baixo do morro e bateu com a cabeça numa pedra. Perdeu a consciência por um tempo, mas acordou antes de chegarmos ao hospital. Você tem uma amnésia retrógrada, mas não é profunda.

Ele sorriu para ela.

— Sim, essa é a história que devemos seguir para explicar a lesão na cabeça. Mas eu acho que você deveria estar lá para discutir os eventos no cruzeiro, antes de perder algumas das minhas memórias.

— Porque, Deus sabe, nós não queremos esquecer essa bagunça.

Ele se inclinou para frente e a beijou.

— Essa bagunça nos permitiu encontrar um ao outro, então vamos agradecer pelo resultado.

— Sou grata pelo resultado. Estou com um pouco de medo, que não esteja completamente acabado. Mark pode aceitar que arruinou as coisas permanentemente, mas não descartaria Daphne ainda.

Depois do café da manhã, Sara os levou para Baltimore.

— Você vai ter que obter uma licença. Eu odeio dirigir.

— Aquele pequeno pedaço de plástico com minha foto? Eu tenho uma — ele brincou. — Veio com a carteira e os cartões de crédito de Benjamin.

Ela revirou os olhos.

— Correção. Você vai ter que aprender a dirigir.

— Você pode começar a me ensinar esta tarde. Embora pareça bastante simples. Um pé faz o carro ir para a frente e o outro o faz parar.

— Lembre-me de levar o livro de código do meu antigo motorista para você. Eu acho que um pouco de instrução em sala de aula será sábio antes de irmos direto para colocar você no volante.

Quando chegaram à sede corporativa da Talbot & Company, Sara começou a dirigir para o estacionamento, mas uma atendente parou-a.

— Eu sinto muito mas a senhorita tem que ter uma autorização para estacionar aqui. — A atendente olhou além de Sara e seus olhos se arregalaram. — Eu sinto muito, Sr. Talbot, não o vi no carro. Claro, seu espaço está aberto.

Ben assentiu com a cabeça, parecendo um pouco imperioso para Sara, mas era exatamente isso que Benjamin teria feito. A menos, claro, que também repreendesse o atendente por ousar parar o carro em que estava.

Ela dirigiu até encontrar vários espaços reservados perto do saguão do elevador, um dos quais tinha a placa, *“reservado para o Sr. Benjamin Talbot”*.

— Aqui estamos.

Ben assentiu com um olhar de consternação no rosto.

Sara franziu a testa.

— Você está bem?

— Sim. Isso é apenas ... bem, agora que estamos aqui, parece ainda mais que estou fazendo algo errado.

— Ben, se você não tivesse aceitado o relógio de bolso, Benjamin estaria morto agora. Seu pai e amigos estariam sofrendo sua perda. Além disso, Mark e Daphne poderiam estar mortos também. E, só para piorar as coisas, o pai de Benjamin estaria lidando com um escândalo embaraçoso em torno da morte de seu filho. Nada disso aconteceu por sua causa. Você é Benjamin Talbot. Um pouco drasticamente alterado, mas *ele* mesmo assim.

— Eu sei que você está certa, mas quanto mais nos aproximamos dessa reunião, a sensação de que esta não é a maneira de lidar com as coisas com o pai de Benjamin só fica mais forte.

Isso deu a Sara uma pausa. Ela acreditava firmemente em ouvir essas vozes interiores.

— Então o que você acha que devemos fazer?

— Talvez ... talvez devêssemos contar a ele sobre o relógio de bolso?

— A verdade sempre me parece o melhor caminho, mas isso é tão difícil de acreditar. E se ele não acredita? E se acha que você perdeu a cabeça ou fez algo para manipular você? Contar a verdade, nessa situação, me assusta um pouco.

— Eu sei. Honestamente, me assusta também. Não posso ignorar minhas reservas, mas as coisas podem dar muito errado se Samuel Talbot achar que eu perdi a cabeça. — Ele colocou a cabeça entre as mãos. — Deus, eu não sei o que fazer.

Ela colocou a mão no braço dele.

— Ben, você é um bom homem e está certo em não ignorar suas reservas. Mas eu acho ... acho que quando chegar a hora, você saberá a direção a seguir. E se decidir ser franco sobre o relógio de bolso, o Dr. Rose estará conosco. Ele é um psiquiatra altamente respeitado – o chefe de psiquiatria do Centro Hospitalar da Universidade de Nova York. E está familiarizado com o relógio de bolso. Será capaz de dar algum crédito ao conto.

— Você está certa. Eu preciso seguir meu instinto no momento. Mas e se o Sr. Talbot me rejeitar ou algo assim?

— Isso não importa para mim. Nós ficaremos bem. Não preciso do dinheiro de Benjamin Talbot. Francamente, eu nem quero isso.

Ele assentiu resolutamente.

— OK. Então vamos conhecer meu pai.

O elevador da garagem só foi para o saguão. Sara já havia pesquisado o suficiente na Internet para saber que os escritórios executivos ficavam no último andar do prédio. Quando entraram no saguão, caminharam juntos para os elevadores principais. Um atendente no balcão do saguão veio correndo atrás deles.

— Perdoe-me, você não pode simplesmente subir. Você tem que se anunciar.

Ben se virou e franziu a testa para ela, muito parecido com Benjamin.

— Oh, eu sinto muito, Sr. Talbot. Não o reconheci a princípio. Claro, não precisa ser anunciado. Mas sua companheira...

Sua voz sumiu ao olhar de Benjamin continuado.

— ... uh ... sua companheira pode ir com você.

— Obrigado — disse Ben com um aceno de cabeça.

Claramente, algo que Benjamin não teria feito porque a jovem recepcionista parecia chocada.

Enquanto continuavam do outro lado do saguão, algumas pessoas cumprimentaram Ben com *“Bom dia, Sr. Talbot”*, mas a maioria simplesmente saiu do caminho.

Quando chegaram ao último andar, a jovem atrás da mesa da recepcionista pareceu um pouco surpresa, mas se recuperou bem.

— Bom dia, Sr. Talbot. Eu acredito que Dona se afastou de sua mesa por um momento. Vou pegar café pra você?

— Não, obrigada. Estou esperando um visitante, Dr. Gerald Rose. Por favor, veja que ele não tenha problemas com a segurança na portaria e mande-o entrar assim que chegar. Nós temos uma reunião com meu pai mais tarde esta manhã.

— Sim senhor. Eu vou providenciar isso.

Ben pegou a mão de Sara e passou pela recepcionista e pelo corredor. Esperavam que os escritórios fossem claramente marcados e não ficaram desapontados. A placa na porta de um enorme escritório de esquina dizia *“Benjamin Talbot”*, mas, ao contrário de todas as outras portas pelas quais passaram, não havia outro título.

Uma vez no escritório, os dois respiraram aliviados, seguidos por uma risada nervosa.

Ele olhou para Sara.

— O que agora?

— Acho que nos sentamos e esperamos pelo Dr. Rose. Ele deve estar aqui em breve.

Em menos de um minuto, uma jovem muito grávida, de aparência apressada, enfiou a cabeça na porta.

— Eu sinto muito, Sr. Talbot. Acabei de sair para o banheiro. Posso servir-lhe algo ou à sua convidada?

Esta tinha que ser sua assistente, Dona, e Ben claramente também havia feito essa suposição.

— Bom dia, Dona. Esta é uma grande amiga minha, senhorita Sara Wells.

— A Sara Wells com quem saiu de férias? — Assim que a pergunta foi feita, a mão dela voou até a boca. — Oh, me desculpe, eu não deveria ter perguntado isso.

Ben sacudiu a cabeça.

— Não, está bem. Sim, esta é a Sara Wells com quem eu fui de férias. Sara, você quer alguma coisa? Café? Água?

— Não, estou bem, obrigada.

— Então, não, obrigada, Dona. Apenas faça entrar o Dr. Rose quando ele chegar. Ele partiu de Nova York esta manhã e espero que queira algum refresco. Eu acredito que ele é um bebedor de chá.

— Sim, senhor, vou cuidar disso. — O olhar perplexo em seu rosto sugeriu que o comportamento de Benjamin era incomum.

Quando ela fechou a porta, ele perguntou:

— Eu exagerei?

— Talvez, mas você mesmo disse, a realidade é que você mudou. Você não pode ser rude e indelicado pelo resto de sua vida apenas para manter as aparências. Essa é a razão pela qual Gabe pensou que uma leve lesão no lóbulo frontal poderia ser melhor, já que pode ser acompanhada por mudanças de personalidade.

O Dr. Rose chegou minutos depois. Ele abraçou Sara e apertou a mão de Ben.

— É bom ver vocês dois. Você está pronto para isso? — Sara adorou o som de seu sotaque escocês. Isso a fez lembrar de sua maravilhosa viagem à Escócia.

Ben sacudiu a cabeça.

— Na verdade, estou começando a ter dúvidas sobre o que dizer ao Sr. Talbot. Sei que o resto do mundo precisará acreditar que tenho amnésia parcial, mas sinto que ele deveria saber a verdade.

Dr. Rose assentiu.

— Eu acredito em ouvir o instinto. Eu não conheço Samuel Talbot, então não sei como ele vai reagir. Mas parte de Benjamin vive em você e seu senso de que é melhor se nivelar com ele é possivelmente a intuição de Benjamin afetando você.

— Então, o que eu deveria fazer?

— Depois de conhecer o homem, vá com seu instinto. Eu apoiarei qualquer direção que você escolher. Sara, você está confortável com isso? Isso acabará afetando você também.

— Sim. Eu acho que é o melhor plano.

Dona cutucou a cabeça no escritório novamente.

— Sr. Talbot, seu pai está disponível agora e gostaria que todos se juntassem a ele em seu escritório.

— Muito bem. — Ele deu um breve aceno de cabeça e segurando a porta, fez um gesto para Sara e Dr. Rose o precederem. — Depois de vocês.

O escritório de Samuel Talbot ficava no canto oposto do mesmo andar. Quando chegaram, uma mulher mais velha e eficiente, com cabelos cor de aço e sapatos sensatos, os cumprimentou.

— Bom dia, Ben. Vá em frente. — Ela foi a primeira pessoa que conheceram até agora, que se dirigiu a ele como Ben. Mas, pela sua aparência, ela provavelmente tinha sido a assistente de seu pai por anos e estava familiarizada com o garoto Ben Talbot. O nome da placa em sua mesa dizia "*Jeanne Marshall*" e claramente Benedict tomou nota disso.

— Obrigado, sra. Marshall.

Suas sobrancelhas se juntaram quando Ben passou por ele. Sara não tinha certeza se por irritação ou confusão.

Samuel Talbot levantou os olhos de sua mesa quando eles entraram.

— Ben — Ele se levantou, contornou a mesa e deu um abraço no filho. — Estou tão preocupado com você desde que soube do acidente. Você está bem?

— Estou bem. Bem, não exatamente *bem*, mas estou bem. Deixe-me apresentá-lo à minha amiga Sara Wells e ao Dr. Gerald Rose.

Samuel franziu a testa, mas apertou a mão de cada um deles.

— Dr. Rose é um dos especialistas que vi em Nova York quando voltei da Escócia. Ele é o chefe de Psiquiatria do Centro Hospitalar da Universidade de Nova York e tem muita experiência com a minha condição.

— Sua condição? — Ele parecia preocupado.

— Podemos nos sentar? É uma longa história.

Capítulo 12 - *E se eu me apaixonar?*

A preocupação na voz de Samuel Talbot rasgou o coração de Benedict. Para todos os efeitos, o filho de Samuel não estava *bem*. Ele estava, de fato, morto. E no momento em que o Sr. Talbot o abraçou, soube que tinha que dizer ao homem a verdade. Sentiu uma onda avassaladora de emoções e imagens passarem por sua mente como uma rápida montagem de clipes de filmes. Em segundos, entendeu, sem qualquer dúvida, a natureza do relacionamento de Samuel e Benjamin.

Samuel amava seu filho sem reservas, mas ficou profundamente desapontado com ele. Samuel administrava a Talbot & Company e orgulhava-se de sua história e reputação, enquanto Benjamin não tinha nenhum senso de compromisso com o negócio e achava seu pai sentimental e tolo. Nas últimas semanas, Sara compartilhou sua avaliação de Benjamin e seus valores distorcidos. Mas quando abraçou Samuel, percebeu que Sara tinha sido gentil. Benjamin não só amava a riqueza e o poder acima de tudo, como também desprezava aqueles que não compartilhavam seus valores, inclusive seu pai. Benedict também estava profundamente certo de que, mesmo desapontado como Samuel estava com seu filho, ele se culpava.

Contudo, a impressão mais forte era de que Benjamin sabia que Samuel nutria uma esperança de que seu filho um dia pegaria as rédeas da liderança e abraçaria seu papel nos negócios da família, mas ele sentia apenas desdém pelas noções antiquadas de seu pai. Isso rasgou o coração de Benedict mais do que qualquer outra coisa.

Samuel conduziu-os a uma grande área de estar.

— Por favor, sintam-se à vontade. — Sua preocupação por seu filho era evidente.

Benedict e Sara sentaram-se juntos no sofá de couro, enquanto Samuel e Dr. Rose ocupavam as poltronas. Depois que todos estavam sentados, Benedict respirou fundo, soltando o ar devagar.

— Senhor, o que estou prestes a dizer-lhe será difícil de acreditar. E se, quando eu terminar, quiser me renegar, vou aceitar isso. Eu só peço que ouça toda a história primeiro.

— Benjamin, qual é o problema com você?

— Eu vou explicar tudo, mas por favor concorda em me ouvir?

— Claro que vou te ouvir.

Benedict suspirou pesadamente e começou a contar a sua história. Aparência de descrença, medo e dor cruzaram o rosto de Samuel enquanto lhe dizia tudo. Temporariamente deixou Gabe e Elsie fora da história. Não iria expor Elsie, a menos que o pai de Benjamin acreditasse na verdade sobre o relógio de bolso.

— Inicialmente, fiquei intrigado com a oportunidade de ver métodos modernos de construção naval. Eu pretendia aprender o suficiente sobre Benjamin para ser ele por um tempo limitado.

— O que mudou? — Samuel segurou o relógio de bolso na mão. Sua expressão não dava indícios se acreditava ou não em Benedict.

— Eu me apaixonei por Sara. Não quero me afastar dela. Não tenho ninguém no século XVIII. Meus pais são falecidos e não tenho irmãos. Eu ajudo a administrar o modesto negócio de construção naval que meu pai começou, mas meu sócio pode assumi-lo.

— E você realmente espera que eu acredite em tudo isso? Eu não sei o que dizer. Fiquei francamente chocado ao saber que você estava fazendo algo tão prosaico quanto viajar num cruzeiro, com Daphne. — O tom de Samuel gotejava de desprezo pela mulher. — Não estou nem um pouco chocado por ela ter traído você. Acho que esperava mais de Mark Holland, no entanto, não sei porquê. Mas você quer que acredite que não é mais meu filho? Que você e ele *trocaram de alma*?

Samuel se aproximou de Sara.

— Jovem senhora, você está por trás disso? Fez alguma coisa para meu filho? Deu-lhe alguma droga ou hipnotizou-o? Você é apenas mais uma garimpeira com uma abordagem única?

Claramente as palavras de Samuel picaram Sara. Benedict pegou a mão dela.

— Por favor, não jogue acusações como essa. Sara é uma inocente envolvida nisso.

Ela balançou a cabeça.

— Está tudo bem, Ben. Eu pensaria a mesma coisa se fosse o Sr. Talbot. — Ela olhou diretamente para Samuel sem nenhuma malícia em sua expressão. — Mas senhor, eu não estou por trás disso. Eu não sou ninguém, Sr. Talbot.

— Sara, não diga isso — disse Benedict.

— Não, eu quero dizer isso. Não sou filha, neta ou prima em segundo grau duas vezes afastada de alguém que você consideraria importante. Na verdade, sou órfã. Meus pais e meu irmão de dezesseis anos morreram num acidente quando eu estava na faculdade. Mas eu não sou pobre. Sou escritora de romance paranormal e histórico. Tenho sido bem sucedida nisso, devo acrescentar. Faço uma ótima vida escrevendo romances. E para ser perfeitamente honesta com você, desprezava Benjamin. Ele tratava as pessoas com desdém a ponto de ser absolutamente malvado às vezes. E seu temperamento era atroz. A menor coisa poderia detoná-lo. Eu não preciso nem quero isso na minha vida. Encolhia-me toda vez que Mark disse que íamos fazer alguma coisa com ele. E quase cancelei as férias que sonhei durante anos quando descobri que ele e Daphne iriam conosco. — Sara deu um sorriso triste ao Sr. Talbot. — Sinto muito, mas esta é a verdade.

O fato de que Samuel não reagiu à avaliação negativa de Sara sugeriu que não podia argumentar com isso. Ele voltou sua atenção para o Dr. Rose.

— Meu filho perdeu a cabeça? É por isso que você está aqui, Dr. Rose?

— Não, Sr. Talbot. Seu filho não perdeu a cabeça.

— Você acredita nele? *Você* perdeu a cabeça?

O Dr. Rose riu.

— Não, não perdi. No entanto, conheci Gertrude e usei o relógio de bolso uma vez, muitos anos atrás.

— Você não está falando sério.

— Mas eu estou. Eu tive que aprender a aceitar que há coisas neste mundo que nunca serei capaz de entender. Asseguro-lhe que o relógio de bolso é real e tudo o que Ben lhe disse é verdade.

Samuel bateu com o punho no braço da cadeira.

— Não pode ser verdade. Você, minha jovem, conte-me o que aconteceu a bordo com suas próprias palavras.

— Certamente. Eu estava tão ansiosa para este cruzeiro. Nunca estive em um e pensei que seria divertido. Até pensei que Mark poderia estar planejando me propor casamento a bordo. Mas, como Ben lhe disse, Mark fez marcações no spa para mim na primeira manhã. Esqueci meu maiô e quando voltei para a cabine para pegá-lo, ele e Daphne estavam...

— Eu entendo a ideia, não preciso de detalhes sobre isso.

Sara parou por um momento antes de continuar.

— Bem, isso me destruiu. Eu realmente achei que Mark me amava. Corri para fora do quarto. Decidi naquele momento deixar o navio em nosso primeiro porto.

Ela disse a Samuel sobre tentar sem sucesso encontrar outro quarto e depois encontrar Benjamin.

— Comecei a contar-lhe o que havia acontecido e ele me disse para calar a boca até termos privacidade. Não queria publicidade. Levou-me para a sua suíte e quando lhe disse o que tinha visto, ele ficou furioso. Ameaçou matar Mark e disse que ia fazer os dois pagarem. Quando tentei impedi-lo, ele me ameaçou.

Samuel assentiu.

— Lamento dizer que tudo isso soa exatamente como Benjamin. Eu quero saber quando ele supostamente mudou. Quando a *alma* de Benedict, entrou em seu corpo e, mais importante, por que você acreditou nele.

— Ele mudou bem naquele momento. Sua raiva se foi num instante. Ele me contou o que havia acontecido e acreditei nele porque também conheci Gertrude no dia anterior. Ela me ofereceu o relógio de bolso e eu recusei.

— Então você não o usou. Você não sabe ao certo se teria funcionado.

— Não senhor, eu não o aceitei. Mas Gertrude... não posso explicar exatamente. Quando ela está com você, não há espaço para dúvidas. Acreditei nela quando ela me contou sobre o relógio de bolso e acreditei em Benedict quando ele disse que o usou. — Sara lançou um olhar sério para Samuel. — Senhor, sabe que nada teria acalmado a raiva de Benjamin. Nada. Então, claramente, o homem calmo que estava na minha frente não era mais o velho Benjamin.

— Você disse que estava tão chateada com o que Mark tinha feito que estava determinada a deixar o navio no próximo porto, por que não o fez?

— Benedict mudou a minha ideia. Eu queria tanto ir a um cruzeiro. Ele me convenceu a ficar e aproveitar ao máximo. Foi gentil e tentou me ajudar de uma forma que Benjamin nunca teria feito.

Samuel balançou a cabeça, parecendo refletir sobre o que ela disse.

— Francamente, de tudo o que ouvi até agora, acho sua história mais surpreendente. Não acredito nem por um instante que meu filho Benjamin teria

ignorado o que Mark e Daphne fizeram ou permaneceria naquele cruzeiro depois de descobri-lo. Jovem, meu filho não *“tira o melhor”* de qualquer coisa que ele não gosta.

Samuel levantou e se afastou deles, parando para olhar pela janela.

— Além disso, meu filho era um idiota de cabeça quente quando alguém o atravessava. O fato de que foi um dos seus únicos amigos que fez isso teria sido exponencialmente pior. Ele nunca teria se afastado disso. — Sua voz estava cheia de emoção. Abaixou a cabeça, pressionando dois dedos na ponte do nariz. — Eu acredito, ou pelo menos espero, que ele realmente não teria matado alguém, mas seu temperamento certamente poderia tê-lo matado.

Benedict não perdeu o fato de que Samuel falou sobre seu filho no passado.

— Me desculpe senhor. Se dizer a palavra e retornar ao passado trouxesse de volta seu filho, eu o faria, apesar do quanto amo Sara. Mas não vai. Como nós lhes dissemos, os eventos foram postos em movimento. A morte de Benjamin estava destinada. Se eu sair, ele vai morrer.

Samuel se virou para encará-los.

— Benedict, esta é a última vez que você pedirá desculpas pela escolha que fez. Em seu lugar, eu teria feito a mesma coisa. E é bastante óbvio que Benjamin estava prestes a provocar sua própria morte. Talvez isso estivesse prestes a acontecer algum dia. Eu continuava esperando que as coisas mudassem, que ele acordasse certa manhã e mostrasse algum interesse em algo diferente de si mesmo, mas temo que era uma esperança vã.

Dr. Rose limpou a garganta.

— Sr. Talbot, de certa forma, você conseguiu o que esperava. Ben é um bom rapaz com uma paixão pela construção naval.

— Sem memórias e sem maneira de explicar por quê.

— Mas nós temos uma maneira de explicar isso — disse Benedict. — É por isso que fomos à Escócia por uma semana.

— O que a Escócia tem a ver com isso?

Benedict olhou para Sara, depois para o Dr. Rose, antes de responder. Cada um deu-lhe um leve aceno de cabeça.

— Você acredita em nós sobre o relógio de bolso?

Samuel assentiu.

— Então há um pouco mais na história. — Nós conhecemos um casal a bordo, Dr. Gabriel Soldani e sua nova esposa, Elizabeth Quinn.

— A filha de Charlotte Matheson? — Samuel caminhou de volta para eles, pegando sua cadeira novamente.

— Sim, ela mesmo.

— Ela não sofreu um acidente terrível no inverno passado?

Benedict assentiu.

— Sim, e tem profunda amnésia retrógrada. Ou pelo menos é o que a maioria das pessoas pensa. Acontece que uma alma do século XIII, uma garota chamada Elsie, pousou no corpo de Elizabeth como resultado do relógio de bolso. Ela me ouviu dizendo algo para Sara sobre Gertrude e o relógio e se lançou sobre nós. Ela nos contou tudo. — Benedict contou a ele o resto da história, sobre sua decisão de ir para a Escócia e fingir um ferimento na cabeça.

Samuel franziu a testa.

— Mas você disse que não era sério. No telefone, disse que estava bem.

— Não foi terrivelmente sério, mas nos deu uma maneira de explicar minha perda de memória. Como pode imaginar, o Dr. Rose tem um interesse especial nesse campo e já tratou mais do que alguns pacientes com amnésia.

— Dr. Rose, eu não entendo como uma pequena lesão na cabeça pode resultar em amnésia total. Alguém acreditará?

— Bem, agora, estou feliz que tenha perguntado isso. A perda de memória é uma ocorrência estranha. Perda de memória profunda pode acontecer depois de uma lesão muito pequena, enquanto outros pacientes com trauma grave se recuperam com essencialmente nenhuma interrupção na memória. Mas acontece que, nas últimas três semanas, Sara tem ensinado a Ben tudo o que ela sabe sobre esta época a seu filho. Ele deve ser capaz de sobreviver na maioria das situações sem que ninguém saiba. Quando parecer esquecer algo, pode ser atribuído à leve amnésia que experimentou.

— E como vamos explicar sua clara mudança de temperamento?

Dra. Rose deu um sorriso largo.

— Acontece que as lesões do lobo frontal são particularmente instáveis e podem estar associadas a mudanças comportamentais. O jovem Dr. Soldani estava pensando no futuro quando escolheu o local para a lesão de Ben.

O Sr. Talbot assentiu.

— Então o que fazemos agora?

— Quanto ao público em geral, você provavelmente vai querer divulgar uma declaração sobre os ferimentos de Ben, a fim de minimizar as dúvidas sobre as mudanças nele.

Benedict encolheu os ombros.

— Depois disso, depende mesmo do senhor. Se quiser me aceitar como seu filho, eu farei o meu melhor para aprender o que for preciso e ser um trunfo para o seu negócio. Mas se isso não é o que quer, entenderei e vou com Sara.

— Você se afastaria de bilhões? — Perguntou seu pai, incrédulo.

— Sim — disse Benedict simplesmente.

Samuel sacudiu a cabeça.

— Bem, se eu tivesse qualquer dúvida de que você era um homem diferente, sua resposta o confirmou.

— Não precisa decidir agora, senhor. Tome todo o tempo que precisar para pensar sobre as coisas. Eu vou ficar com Sara.

— Eu não preciso de tempo. Você é meu filho agora. Se tivesse feito outras escolhas, eu não teria filho algum. Acredito que você sinceramente quer aprender e então vou criar um lugar para você na empresa. Eu quero dizer um lugar real, com um papel real, não apenas um escritório de canto.

— Obrigado, senhor.

— Eu vou fazer uma estipulação.

— Qualquer coisa.

— Benjamin sempre teve bilhões de dólares à sua disposição. Acredito no que você me disse, mas ao fazê-lo, também reconheço que sua falta de conhecimento pode ser uma desvantagem. Vou limitar seu acesso a todos os fundos, exceto o que ganhar como salário.

— Isso parece perfeitamente razoável.

— Também continuarei a pagar as despesas da sua casa.

— Minhas o quê?

— Suas despesas domésticas. Nós possuímos a propriedade, mas os serviços e assim por diante estão todos em meu nome e seus funcionários estão na minha folha de pagamento pessoal.

— Senhor, isso parece desnecessário. Sara e eu estávamos planejando morar juntos... por enquanto ... no apartamento dela.

Samuel franziu a testa.

— Eu preferiria que você morasse no condomínio. A segurança é muito melhor lá.

— Senhor, eu moro numa área agradável do Condado de Howard. A taxa de criminalidade é relativamente baixa — disse Sara.

Ele sorriu para ela.

— Eu sei que você mora, minha querida. Sei mais sobre você do que você pensa.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Como?

— Fiz uma verificação de antecedentes sobre você.

Ben franziu a testa.

— O que é uma verificação de antecedentes?

— É uma investigação sobre todos os aspectos da história pessoal de alguém. Em um nível muito alto, é uma verificação para ver se alguém tem antecedentes criminais, mas pode ser mais profundo. Uma verificação de antecedentes detalhada também pode incluir o local onde alguém mora, onde foi para a escola, o que faz para ganhar a vida, quanto ganha, quanto paga, até mesmo quem são seus amigos e parentes.

— E o senhor me investigou quando descobriu que Ben e eu estávamos juntos?

— Não, minha querida. Nós a investigamos quando você começou a namorar Mark Holland.

— Por quê?

— O pai dele me pediu, mas Ben ou eu a faríamos assim mesmo. Sara, desculpe, isso soa extremamente elitista, mas não há outra maneira de dizer isso.

Quando se tem meios consideráveis, é preciso ter muito cuidado com as pessoas que encontram seu caminho no círculo de amigos.

— Você pensou que eu era uma escavadora de ouro?

Ben franziu a testa novamente.

— *Uma escavadora de ouro?*

Sara explicou:

— Alguém que tenta se casar com uma pessoa rica pelo seu dinheiro. E, Sr. Talbot, eu não tinha interesse no dinheiro de Mark. Eu já disse, ganho bem o suficiente para mim mesma.

Ele sorriu indulgentemente.

— Sim, eu sei que sim e isso era tudo que o Sr. Holland queria saber. Mas essa não é a única razão pela qual é importante saber quem são os amigos e tenho um pouco mais em risco. Em alguns setores, a espionagem industrial é uma preocupação, e novos conhecidos são sempre suspeitos. Às vezes, os criminosos trabalham em determinados círculos para obter informações que podem ser usadas para chantagear, cometer roubos ou fraudes. E ocasionalmente, alguém simplesmente quer se tornar mais visível para promover a si mesmo ou a sua agenda pessoal.

Sara pareceu chocada.

— Verifica os fundos de todos que conhece?

Samuel riu.

— Nem todos. Apenas pessoas que têm a habilidade de se tornarem muito próximas. Mark e Ben eram bons amigos, assim alguém que estivesse namorando com Mark teria acesso a Ben.

— Então, eu passei, mas o que teria feito se não tivesse?

— Nós teríamos dado a Mark as informações e se ele continuasse a namorar com você, tomaríamos as precauções necessárias para proteger nossos próprios interesses.

— Bem, isso é tudo um pouco assustador. Acho que entendo, mas ainda é perturbador. — Sara sacudiu a cabeça. Sua testa franziu. — Mas desde que me checou, sabe que eu sou confortavelmente auto-suficiente e moro num lugar agradável. E francamente, não tenho muito que valha a pena roubar.

— Você mora num lugar legal, mas não estou particularmente preocupado com o roubo. A segurança de alto nível que temos em nossas residências e empresas não está lá para proteger as coisas. Sara, se vai estar intimamente ligada à nossa família, há algumas realidades duras sobre as quais você precisa estar ciente.

Ben sentiu Sara tensa. Instintivamente, colocou a mão sobre a dela e ela enrolou os dedos nos dele.

— Senhor, talvez devêssemos deixar essa discussão para outro dia.

O Dr. Rose veio em auxílio de Samuel.

— Está claro que esta discussão foi angustiante para vocês dois, mas neste caso a ignorância não é uma felicidade. Meus amigos mais queridos, Aldous e Jo Sinclair, enfrentam problemas semelhantes. Ben, posso assegurar-lhe, para sua própria segurança, que você também precisa entender essas coisas.

— Isso tudo parece muito sinistro — disse Sara — mas se a segurança de Ben estiver em risco, precisamos estar cientes disso.

O Sr. Talbot balançou a cabeça tristemente.

— Jovem, por causa de sua associação com esta família, sua segurança também está em jogo. Pessoas ricas e próximas a elas podem ser alvos de sequestro.

Sara deu uma risadinha.

— Sequestro? Você não pode estar falando sério. Há muitas pessoas ricas nos Estados Unidos e não me lembro da última vez em que uma pessoa foi sequestrada para resgate.

O Sr. Talbot assentiu.

— Ponto justo, mas mesmo que a incidência seja muito baixa, pode ser porque, como eu, outras pessoas de meios empregam segurança pessoal. Infelizmente, sei por experiência própria que as consequências de ignorar até mesmo o risco muito baixo podem ser devastadoras.

Sara pareceu atordoadada.

— O que aconteceu?

O Sr. Talbot suspirou pesadamente.

— Há dezesseis anos atrás, Ben tinha catorze anos na época, minha esposa e nosso filho mais velho foram mortos numa tentativa frustrada de sequestro no Rio.

Ben ficou sem fala.

Sara gaguejou:

— Oh, meu Deus. Eu sabia que ela estava morta ... mas ... como ...

— Eu vou a uma variedade de feiras internacionais todos os anos. Os meninos sempre gostavam de ir, mas os shows geralmente eram na primavera, quando estavam na escola. Ainda assim, sempre havia pelo menos um grande show durante as férias de primavera, então se tornou uma tradição ir em família. Naquele ano estávamos indo para um grande show internacional no Rio de Janeiro.

— Então, Benjamin também estava lá?

O Sr. Talbot balançou a cabeça tristemente.

— Não. Benjamin teve alguns problemas na escola e não estava mantendo suas notas. Sua punição foi ficar em casa e trabalhar com um tutor. Ele ficou furioso na época, mas estou feliz por ter feito isso. Ele poderia ter sido morto também. É claro que, com a arrogância de uma criança de quatorze anos, ele tinha certeza de que não teria acontecido se estivesse lá, e desde então sempre me culpou pelas mortes.

— Como ele poderia pensar que poderia ter evitado o que aconteceu? — Sara perguntou.

Benedict sacudiu a cabeça. Ele sabia a resposta para isso.

— Porque quando você é um jovem, não é um adulto, mas não é mais uma criança, está cheio da absoluta confiança de que sabe tudo o que há para saber e que é invencível. Eu me lembro bem e sofri uma perda semelhante, mas me culpei por isso. Demorou anos para perceber que não poderia ter impedido nada e poderia ter perdido a minha vida também.

Samuel assentiu.

— Exatamente. Acredito firmemente que, se ele estivesse lá, também teria morrido.

— Nunca foi capaz de convencê-lo de que o senhor não era culpado? — Perguntou Sara.

— Eu nunca tentei, porque *eu* sou culpado. Não porque fiz meu filho mais novo ficar em casa, mas porque fui pego em negócios e não estava com minha

esposa e meu outro filho. Disse a eles para continuarem sem mim, tolamente pensando que nada poderia acontecer. Não era como se minha esposa estivesse sozinha, ela tinha o nosso menino de dezoito anos com ela. — Sua voz falhou e ele cobriu os olhos com uma mão. — Eu nunca me perdoei, então não poderia pedir a ele que me perdoasse.

Sara estava ao lado dele num instante, colocando uma mão reconfortante em seu ombro.

— Eu sinto muito pela sua perda, senhor, mas não pode se culpar. É possível que teria sido morto com eles, deixando Benjamin completamente sozinho. Ninguém pode saber o que teria sido.

— Isso é verdade, mas...

— Não termine essa frase. — Sara advertiu. — A culpa pelo que aconteceu é exclusivamente das pessoas que cometeram o crime.

Ele olhou para ela, dando-lhe um meio sorriso.

— Você está certa, claro. No entanto, por causa disso, jurei que nunca mais assumiria esse tipo de risco com meus entes queridos. Essa é a razão pela qual tomo as precauções que tomo.

— Eu entendo — disse Ben.

Sara assentiu.

— Claro que entendemos. Ben, você provavelmente deva morar no condomínio de Benjamin.

— Eu? Não *nós*?

— Eventualmente. Mas tenho um prazo. Tenho que terminar a versão final do meu manuscrito mais recente. E não posso tomar o tempo necessário para embalar tudo e sair agora.

Ben franziu a testa.

— Senhor, Sara é minha salvação. Se acontece algo que eu não entendo ou não sei como lidar, ela está lá para me ajudar. Foi assim que guardamos esse segredo. Temo que morar sozinho possa ser desastroso. Se tivermos cuidado e não transmitirmos onde estamos vivendo, acha que seria aceitável, no curto prazo, continuarmos na casa de Sara?

Samuel pareceu considerar as coisas por um momento antes de responder.

— Qual é o seu prazo?

— 17 de agosto, duas semanas a partir de hoje.

— Eu suponho que isso não é muito terrível. Preferiria que você morasse no condomínio, mas desde que ambos sejam muito discretos, então não haverá um circo da mídia, deve ser seguro o suficiente por algumas semanas. Mas, devem fazer planos para se mudar logo após o prazo final.

Capítulo 13 - E se eu me apaixonar?

Domingo à noite, 6 de agosto de 2006

— Isso foi ótimo querida — disse Mark quando saiu de Daphne, tirou o preservativo e jogou-o na lata de lixo perto da cama. Então pegou o controle remoto e ligou a televisão.

— Você é o último dos grandes românticos, Mark.

Mark não fazia ideia de por que o tom de Daphne estava cheio de sarcasmo, mas não se importava o suficiente para perguntar. Queria ver os destaques do esporte e vasculhou os canais até encontrar uma estação de notícias local.

“O Orioles terminou uma série de três jogos em Camden Yard hoje com uma perda de seis para o Yankees. A única corrida da tarde do O aconteceu no quarto tempo, quando Markakis acertou uma única linha no campo esquerdo, permitindo que Conine marcasse.”

— Porra, eu tinha uma aposta nessa série.

— E você apostou nos Orioles? Eles não tiveram exatamente uma temporada vitoriosa.

— Mas eu não posso apostar contra eles.

— Então não aposte nada se não quiser perder. — Ela saiu da cama e foi para o banheiro.

“E em outras notícias, o bilionário Samuel Talbot, proprietário e CEO da Talbot & Company, com sede em Baltimore, divulgou um comunicado sobre seu filho, o famoso playboy Benjamin Talbot.”

— Espere, Daphne. Ouça.

“Aparentemente, enquanto caminhava pelas Terras Altas da Escócia, o jovem Talbot perdeu o equilíbrio e caiu, sofrendo um sério ferimento na cabeça. Embora sua lesão não tenha sido descrita como ameaçadora à vida, fontes próximas aos Talbots confirmam que Benjamin sofreu perdas de memória bastante significativas. Ele está se recuperando em sua casa em Baltimore.”

— Puta merda, você ouviu isso? — Ele perguntou.

— Claro que ouvi isso. Eu não sou surda. Esta é uma notícia brilhante. Talvez ele não se lembre do que aconteceu no navio.

— Ele pode não lembrar, mas Sara sim.

Ela balançou a cabeça.

— Não se eu chegar a ele primeiro. Você ouviu o que o relatório dizia. Ele está se recuperando em sua casa. E pelo seu relatório, você sabe que ela está no apartamento dela e não sai de noite. Então não parece que esteja mantendo uma vigília de cabeceira. Ele provavelmente se cansou dela. — Ela sorriu. — Ou talvez não se lembre dela.

— Isso seria ótimo, mas você provavelmente não deveria simplesmente entrar para vê-lo, sem saber se ele lembra de tudo ou não. Vou ligar para ele amanhã. Se ele não atender minha ligação, é uma boa aposta de que se lembra, e se aceitar, eu posso ver como as coisas estão.

— Absolutamente não. Isso é muito arriscado. Se você começar a tentar contatá-lo e ele lembrar de tudo, você parecerá patético e ele talvez suspeite de algo. Não, precisamos de provas primeiro. Então eu vou vê-lo. Se ele esqueceu tudo, não preciso usar as fotos. Mas se não, vou usá-las. Precisamos colocar nosso plano em ação o mais rápido possível.

— Olha, Daphne, eu não acho que seja uma boa ideia.

— Isso é porque você é um covarde sem o bom senso de fazer tudo o que deseja. Você quer que o que há entre eles termine tanto quanto eu. Temos um plano para o futuro, lembra?

Ele não estava mais interessado nesse plano. Se ela fosse, se Daphne fosse a mulher com quem queria passar a vida, iria seguir seus passos agora. Era muito rico e não precisava que Benjamin se divorciasse para viver feliz para sempre. Também não precisava mais de Benjamin. Só queria Sara de volta. Talvez Daphne estivesse certa e essa fosse a melhor maneira de garantir que ela o aceitasse novamente.

— Eu não sou um covarde e você está certa, eu quero isso. — Pelo menos queria Sara. — Você conseguiu o GHB²⁸?

— Eu decidi usar o Rohypnol²⁹.

²⁸ Ácido gama-hidroxibutírico - é sedativo e depressivo. Seus efeitos podem variar de euforia e diminuição das inibições para a inconsciência e até a morte, dependendo da dosagem.

— Por quê? Você disse que o GHB trabalha mais rápido e está fora do sangue mais rápido, e podemos entrar e sair com menos chance de sermos vistos.

— Eu sei, mas o cara de que eu comprei disse que você pode provar o GHB. Se ela sentir o sabor, vai jogar fora o seu café sem beber, e então nós teremos perdido a nossa chance. O Rohypnol demora um pouco mais para funcionar, mas não tem sabor e é menos provável que ela se lembre de que algo aconteceu.

Mark franziu a testa.

— Vamos, baby, não é como se a machucássemos ou algo assim. Nós só vamos tirar algumas fotos. Se nos certificarmos de que ela está vestida do jeito que a encontrarmos, ela não vai suspeitar de nada quando acordar. Só vai pensar que teve um longo cochilo.

— Acho que você está certa. Devemos acabar logo com isso. Que tal amanhã?

— Amanhã não. Preciso me depilar primeiro.

— Depilar? Você está de brincadeira? Estamos tirando algumas fotos comprometedoras de Sara. Não é uma sessão de fotos suas.

— Mas eu vou estar nessas fotos comprometedoras e tenho que mostrá-las a Benjamin. Então quero que elas pareçam boas. Quero lembrá-lo do que ele está perdendo. Especialmente se há uma chance dele não se lembrar. Segunda-feira é o dia de folga de Ludmilla, mas tenho certeza que ela pode me dar um aperto na terça-feira. Vamos planejar as coisas para a quarta-feira.

— OK.

— Você precisa vigiar para que ela saia de casa no final da manhã, então entre, coloque as coisas em seu café e vá embora. Provavelmente é melhor que espere que ela volte e me ligue. Quanto tempo acha que vai demorar?

— Ela geralmente volta um pouco depois do meio-dia. Vai demorar pelo menos uma hora para ela tomar banho, almoçar e fazer café. Acho que precisamos esperar mais trinta minutos antes de entrarmos.

Daphne deu-lhe um olhar mordaz.

— Você acha? Por que você acha isso?

²⁹ Flunitrazepam, (popularmente conhecido como 'Boa Noite Cinderela ou —Droga do Estupro—') é um medicamento que causa forte depressão do sistema nervoso central, sendo usado esporadicamente para diminuir crises de ansiedade e distúrbios do sono.

— Demora cerca de trinta minutos para o medicamento começar a funcionar.

— Qual é o seu problema? Exatamente como Sara bebe seu café gelado? Ela abaixa tudo de uma vez?

— Não. Ela bebe enquanto trabalha.

— Então pode levar uma hora para beber tudo?

— Talvez.

— Então, se aparecermos em trinta minutos, ela pode não ter bebido o suficiente para ter muito efeito ainda.

— Então, vamos esperar uma hora ou até duas. Se ela beber o café todo de uma vez, ainda estará funcionando duas horas depois. E se o beber lentamente, ainda assim terá terminado tempo suficiente para começar a funcionar.

— Eu não gosto de deixar muito ao acaso.

— Então o que você sugere?

— Eu acho que você deveria ficar no apartamento. Esconda-se em algum lugar. Então, quando perceber que está funcionando, ligue para mim.

— Agora quem é o idiota? O que você acha que vai acontecer se, por acaso, ela me encontrar escondido em seu apartamento? Pelo menos se aparecer na porta e bater primeiro, se ela ainda estiver acordada e atender a porta, posso dizer que estou parando para lhe entregar a chave e ela não vai pensar em nada disso. Vou fazer uma cópia, apenas no caso. Posso dar uma a ela e voltar dali a uma hora depois que a droga estiver atuando.

— Eu não gosto disso, mas acho que terá que ser.

Mark também não gostou. A coisa toda era arriscada e inteiramente destinada a juntar Daphne e Benjamin. Ele ainda teria que recuperar o carinho de Sara. Ainda assim, a única chance que tinha era se Benjamin e Sara não estivessem mais juntos.

~ * ~

Ben estava deitado na cama com Sara abraçada a ele, se aquecendo no crepúsculo de seu amor. Ela o chamava de “conchinha” e isso o descrevia perfeitamente, aconchegando-se como duas colheres numa gaveta. Achava que nunca teria o suficiente de Sara. Ela era uma amante ardente e receptiva na cama. Mas também era inteligente e engraçada. Gostava de cada minuto que passava com ela.

Sara bocejou e se espreguiçou.

— Eu esqueci de preparar o café da manhã. Cinco horas é muito cedo e eu não posso enfrentá-las sem café.

— Fique aí. Eu posso fazer isso, já que sou o motivo pelo qual o dia começa tão cedo.

— Sim, mas você é quem realmente precisa estar em pé e sair. Posso colocar um roupão de banho e me enrolar com meu laptop. — Ela pulou para cima e foi até a cozinha.

Benedict saiu da cama de qualquer maneira. Estava na hora.

Sara falou da cozinha:

— Avelã ou simples?

— Simples.

— Ok, mas eu quero avelã amanhã.

— O que você quiser, minha senhora. — Ele pegou a pequena caixa contendo o anel de sua gaveta, acendeu a lâmpada na mesa de cabeceira e voltou para a cama, sentado de costas contra a cabeceira da cama. Colocou a caixa debaixo do travesseiro.

Um minuto depois, ela voltou, subiu na cama e se aconchegou ao lado dele novamente.

— A que horas o seu motorista estará aqui?

— Às cinco horas e vinte e cinco minutos. Samuel disse que a viagem até o escritório é de apenas vinte minutos, se quisermos estar lá bem antes das seis, mas depois das seis, pode levar uma hora.

— Você precisa começar a pensar nele como “pai” e eu poderia levá-lo, você sabe.

Ele beijou o topo de sua cabeça.

— Eu sei, em ambos os casos. Mas mesmo sem tráfego é uma viagem de ida e volta de quarenta minutos, duas vezes por dia, e isso vai lhe roubar muito tempo de escrita. Além disso, Sa... quer dizer, *meu pai*, teme que, se for vista a mesma jovem dirigindo um Corolla para me deixar e me buscar na sede, rumores indesejados possam começar.

— Ele provavelmente está certo. Como ele planeja trazer você para a velocidade dos negócios da empresa?

— Essa é uma das razões pelas quais ele quer começar o dia tão cedo. Nessa hora da manhã, seremos apenas nós. Ele vai me informar sobre o seu dia, dando-me o máximo de detalhes sobre os projetos e as pessoas que vai ver durante o dia, e eu vou sombreá-lo por um tempo. Dessa forma, não vou parecer completamente perdido. Mas ele também divulgou a notícia sobre o meu acidente hoje, então se cometer um erro ou esquecer algo, será compreensível.

— Isso funciona para a perda de memória, mas como ele pretende explicar seu súbito interesse pela empresa?

Ben riu.

— Mais uma vez, o acidente. Evidentemente, na sequência do quase fatal acidente, eu fiz um balanço da minha vida, percebi a loucura dos meus atos e desejei me tornar um membro contribuinte do negócio. Ele também quer que eu pareça trabalhar alguns dias por um tempo, porque ainda estou me recuperando. Depois que terminarmos com o nosso *briefing* matinal, sairei por uma entrada privativa e depois serei visto entrando na entrada principal por volta das oito e meia todas as manhãs. Então, sairei do escritório por volta das duas e meia. Devo estar aqui às três. É tudo para manter a ilusão de que o acidente foi muito sério.

— E ele ainda está bem com você ficar aqui comigo?

— Bem, ele preferia que morássemos em minha casa por causa da segurança lá, mas entende a sua necessidade de terminar o seu livro, assim como seu desejo de não ser empurrada imediatamente para os olhos do público. Sem mencionar o meu desejo de estar com você. — Ele a beijou. — Assim, enquanto permanecermos imperceptíveis aqui, ele aceitará isso por um tempo.

Ela assentiu e suspirou.

— Eu sei que teremos que desistir disso em algum momento, mas gosto de me sentir comum.

— Minha doce menina, você é tudo menos comum. — Ele aninhou atrás de sua orelha até que ela riu.

— Estou feliz que você pense assim. Você é muito especial mesmo. Mas provavelmente devemos apagar a luz. É tarde, cinco horas é muito cedo e isso significa que você só precisa de vinte minutos para se preparar.

— Vou desligá-la em um minuto, mas há algo que preciso fazer primeiro.

— O quê?

Ele se virou, então ficou sentado na cama de frente para ela.

— Eu posso ser um pouco antiquado.

Ela riu.

— Você? Não. Bem, talvez só *um pouquinho*. — Sua voz gotejou com sarcasmo.

— Você é uma garota má por me provocar.

Ela se inclinou para frente e o beijou.

— Honestamente, Ben, eu amo o seu lado antiquado.

— Bom, então você vai entender isso. Sara, eu te amo e quero você ao meu lado para sempre. Mas viver com você, fora do vínculo do casamento, parece errado para mim.

Seu rosto caiu.

— Você quer que vivamos separados?

Ele sorriu para ela.

— Não, meu amor, eu não. Eu apenas disse que quero você do meu lado para sempre e quis dizer isso. Eu quero que você se case comigo.

Ela sentou-se ereta.

— O que? Você acabou de me propor casamento?

Ele riu.

— Sim, mas aparentemente mal, então deixe-me tentar de novo. Sara Wells, você me daria a honra de se tornar minha esposa? — Ele deslizou a mão por baixo do travesseiro e tirou a pequena caixa de veludo, abrindo-a para ela ver o antigo anel de diamantes com um cenário intrincadamente filigranado. — É o que você gostou da loja de antiguidades em Inverness.

Sua boca se abriu.

— Você o tem desde então?

Ele assentiu.

— No momento em que decidi ficar neste século, soube que você fazia parte disso. Bem, você é quase toda a razão para isso. Eu te adoro e com tudo em mim, acredito que estamos destinados a ficar juntos. Somos literalmente almas gêmeas. Então, Sara Fern Wells, minha preciosa garota, você vai se casar comigo?

Sua mão voou para a boca e lágrimas brotaram em seus olhos.

— Sim, Ben, eu te amo com todo meu coração e vou me casar com você.

Ele tirou o anel da caixa e colocou-o no terceiro dedo da mão esquerda de Sara.

Ela jogou os braços ao redor dele e beijou-o.

— Você me fez um homem muito feliz, Sara. A ideia de passar o resto da minha vida te amando é felicidade.

— Felicidade. Sim, isso resume tudo para mim. — Ela o beijou novamente.

Depois de um momento, ele quebrou o beijo, apoiando a testa na dela.

— Por mais agradável que seja, ainda temos algumas coisas para falar.

Ela se afastou um pouco e franziu a testa.

— Que coisas?

— Eu entendo que precisamos de uma licença para nos casarmos, mas uma pode ser obtida rapidamente. Você merece um belo casamento na igreja, e nós podemos ter isso eventualmente, mas gostaria muito que você se casasse comigo esta semana. Então não me sentiria tão mal vivendo com você.

— Ben, eu adoraria casar com você o mais rápido possível, mas seu pai não aprovará. Ele quer acordos pré-nupciais para protegê-lo.

— Pelo que entendi, esses acordos descrevem a divisão da propriedade em caso de divórcio.

— Sim.

— Eu não pretendo me divorciar de você.

— Eu não pretendo me divorciar de você também, mas seu pai não vai ver isso dessa maneira.

Ele a beijou.

— Você se preocupa muito. Eu já discuti isso com meu pai. Como não tenho mais acesso à maioria dos ativos da família e da empresa, não há nada com que se preocupar. E antes que isso mude, ele terá as garantias de que precisa para nos casarmos até que a morte nos separe.

Um sorriso tão brilhante quanto o sol matinal se espalhou por seu rosto.

— Está bem então. Se você tiver certeza, vou me casar com você assim que possível. Vou fazer algumas ligações e descobrir como podemos fazer isso.

Ele sorriu.

— Eu já fiz as chamadas. É necessário marcar uma consulta com o secretário do condado para a cerimônia civil a ser realizada. E precisamos obter a licença pelo menos dois dias antes disso. Eu estava pensando que poderíamos nos casar na sexta-feira à tarde e podemos obter a licença na quarta-feira.

— Um pouco pretensioso não?

— Nem um pouco. — Ele a beijou. — Eu estava apenas empenhado em continuar perguntando ... — ele a beijou novamente —... até que te convencesse. — Ele a beijou novamente, empurrando-a suavemente para trás até que ela deitou na cama debaixo dele.

— Mmmm. Talvez eu devesse ter jogado mais duro para você conseguir.

Ele estendeu a mão e apagou a luz antes de beijá-la novamente.

— Fico feliz que você não fez, porque teria levado muito mais tempo para voltar a isso. — Ele começou a fazer amor com ela novamente, requintadamente devagar, trazendo-a para a beira e segurando-a lá. Finalmente, quando ela não aguentou mais, levou-a ao limite e alcançaram o êxtase juntos.

Capítulo 14 - *E se eu me apaixonar?*

Quarta-feira, 9 de agosto de 2006

Mark estava sentado em seu escritório presumivelmente revisando a papelada das vendas do dia anterior. Na realidade, não conseguia se concentrar em nada. Essa coisa toda o incomodava, mas ele concordou e se houvesse uma chance de recuperar Sara, aceitaria. Olhou para o relógio para o que poderia ter sido a quinquagésima vez naquela manhã. Finalmente, eram dez e meia. Saiu do escritório, ligando para a assistente administrativa da equipe de vendas.

— Tonya, vou sair por algumas horas. Tenho algumas coisas para fazer e tenho um amigo que está doente.

Tonya sorriu.

— Deseje-lhe as melhoras. — Como pretendia, ela assumiu que ele iria ver Benjamin Talbot.

— Estou tomando um empréstimo. Meu Audi está no mecânico esta manhã.

— OK. Até mais, Mark.

Ele dirigiu para o complexo de apartamentos de Sara, chegando alguns minutos antes das onze. Dirigiu pelo estacionamento e espiou seu carro em seu lugar habitual. Boa. Agora apenas dirigiria um pouco, retornando a esse lote a cada poucos minutos até que seu carro não estivesse lá. Não queria arriscar ser visto. Era um típico dia quente e úmido de agosto e, se estacionasse, teria que deixar o motor ligado para manter o ar condicionado ligado e isso definitivamente chamaria atenção no terreno quase vazio.

Saiu, dirigindo ao redor da área por cerca de cinco minutos antes de retornar ao complexo por uma entrada diferente. Ela ainda não havia saído, então ele fez outro circuito, tomando o tempo para parar numa loja de conveniência para pegar um jornal e algo para beber. Quando voltou desta vez, o carro dela não estava. Ele estacionou e entrou no prédio com impunidade. Não era incomum que estivesse lá, afinal de contas. Embora normalmente não viesse durante o dia – porque Sara preferia não ser interrompida enquanto trabalhava – não era algo

inédito. Ainda assim, hoje estava excessivamente nervoso e sentia como se o fato de não ser dali estivesse escrito em seu rosto. Pegou o elevador até o andar dela, caminhou pelo corredor e entrou no apartamento usando a chave. Mais uma vez, algo que fez muitas vezes. Felizmente, não encontrou ninguém. Isso também não era incomum. Este era um complexo de apartamentos amplamente ocupado por jovens profissionais urbanos que estavam todos trabalhando durante o dia.

Fechou a porta atrás de si e olhou ao redor do apartamento. Nada havia mudado. Estava tão aconchegante e confortável como sempre, expondo a personalidade única de Sara. *“Você é um idiota, o que mudaria? Não foi assim há tanto tempo”*. Mesmo assim, tinha sido muito tempo e estar aqui, cercado por suas coisas, lembrava-lhe o quanto sentia falta dela.

— Melhor fazer isso então. Quanto mais cedo isso for feito, mais cedo eu vou tê-la de volta.

Foi até a cozinha e, como esperado, um pouco de café permanecia no pote, embora fosse menos do que esperava. Pegou-o usando um pano de prato que estava no balcão. Provavelmente era melhor não deixar impressões digitais. Deixou cair o Rohypnol no pote, girando o conteúdo até que se dissolvesse. Isso fez o café preto parecer um pouco nublado, mas tinha certeza de que Sara não notaria.

Devolveu o pote ao seu lugar, colocou o pano de prato onde o encontrou e saiu. Cobriu a mão com a barra da camisa para abrir a porta por dentro e, quando viu que o corredor ainda estava vazio, usou-a para limpar qualquer impressão da maçaneta externa. Ele franziu a testa para si mesmo. Por que isso importava? Suas impressões estavam em todo o apartamento dela - era o seu namorado. *“Jesus Mark, não é como se você fosse um criminoso ou algo assim. Você está fazendo isso porque você a ama.”*

Novamente, não encontrou ninguém quando saiu do prédio e voltou para o carro. As coisas estavam funcionando perfeitamente. Foi embora. Precisava estar atento à sua volta, mas não faria isso no estacionamento.

Embora ocasionalmente ela fizesse outra coisa, geralmente ia a um clube de saúde num grande shopping center onde nadava ou fazia aula de ginástica. Esperaria lá.

Quando chegou ao shopping, encontrou o carro dela perto do clube de saúde. Estacionou bem longe, mas num local onde tinha uma visão desobstruída das portas. Entrou numa lanchonete e comprou algo para o almoço. Percebeu que, se se sentasse a uma mesa perto das janelas na frente da loja, também poderia ver a entrada do clube de saúde. Em vez de levar o almoço para o carro, poderia sentar-se aqui em um conforto frio e ficar de olho nela. Embora houvesse uma

chance que ela pudesse vê-lo aqui, isso não importava. Ele veio para o almoço o suficiente para não ser incomum que ela o encontrasse.

Quando estava quase terminando o almoço, ela ainda não havia saído da academia. Pretendia voltar para o carro e ler o jornal até que ela emergisse, mas uma chave foi jogada nas obras. Um velho amigo da faculdade, entrando no restaurante, avistou-o.

— Ei, Mark, é você? Eu não posso acreditar. Passou muito tempo. Você é a última pessoa que eu esperaria encontrar aqui. — Jack Beall era um cara legal, sempre do tipo certo. Normalmente, Mark teria adorado vê-lo.

— Jack, amigo, faz muito tempo. Como está você?

— Ótimo. Deixe-me pegar minha comida e podemos conversar durante o almoço.

Mark quase recusou, querendo dizer a Jack que estava com pressa. Mas não seria bom se, depois disso, Jack o visse sentado em seu carro. Ainda podia vigiar Sara daqui.

— Certo.

Conversaram por alguns minutos sobre os dias de faculdade, antes de passarem para suas situações atuais.

— Então, Mark, você está trabalhando no negócio da família?

Mark assentiu.

— Sim. Importações da Holanda.

— Você gosta disso? Quero dizer, sei que sempre foi o plano, mas está funcionando para você?

— Oh, sim. Eu amo isso. Sou bom nisso. Amo os carros e interajo com os compradores.

Jack sorriu.

— Sim, você seria absolutamente fantástico nisso, mas é ótimo ouvir você se divertir também.

— E você?

— Você sabe, eu sempre fui mais um cara de números. Estou trabalhando numa corretora em Silver Spring.

— Nossa, esse é um longo caminho para o almoço. Você estava visitando sua mãe e seu pai?

Jack sacudiu a cabeça.

— Não, meus pais mudaram para o sul depois que meu pai se aposentou. Mas minha irmã ainda mora aqui. Ela tinha que ter seus dentes do siso removidos esta manhã e precisava de alguém para levá-la, então tirei o dia de folga.

— Isso é legal da sua parte.

Jack encolheu os ombros.

— Ela tem um namorado que se ofereceu para ir com ela, mas eu estava desconfortável com isso.

Mark franziu a testa.

— Por quê?

— Eu não sei. Ela não tem saído com ele há muito tempo e ele não parece levar muitas coisas a sério. Eu sabia que ela estaria um pouco grogue por causa da medicação que lhe deram. Acho que estava um pouco preocupado que ele tirasse proveito disso e fizesse algo estúpido. Você sabe, achando que seria engraçado. Não queria lhe dar essa chance.

— Você é definitivamente um dos caras bons, Jack.

— Falando nisso, tenho que voltar. Depois da cirurgia, levei-a para casa e coloquei-a na cama. Ela está descansando agora. Eu pensei em sair, pegar um almoço para mim e sopa para ela. — Ele apontou para a bolsa de transporte na mesa ao lado.

— Bem, foi ótimo ver você, Jack. Se você estiver à procura de um carro de luxo usado, venha me ver. Eu vou oferecer um bom negócio.

Jack entregou a Mark seu cartão de visita enquanto se levantavam para sair.

— Sempre o vendedor, Mark. Se você precisar de um novo corretor para investir seus milhões, me ligue.

Quando saíram do restaurante, Mark percebeu que, enquanto estava envolvido na conversa com Jack, parou de vigiar Sara. Olhou para onde o carro dela estava estacionado e estava vazio. Fazia apenas quinze minutos, então ela não estava muito à sua frente. Poderia até ser melhor assim. Não havia chance de que ela notasse que a seguia.

Dirigiu de volta ao seu complexo de apartamentos e, como esperado, seu carro estava novamente estacionado no estacionamento. Ele dirigiu para outro lote, estacionou na sombra, abaixou as janelas e tirou o jornal. Esperaria aqui por uma hora ou mais antes de voltar para o apartamento de Sara.

Tentou ler o jornal, mas não conseguiu se concentrar. Foi ótimo ver Jack novamente. A mente de Mark continuava voltando à conversa. Mark poderia aceitá-lo como seu corretor pessoal. Não só ele era inteligente, como sempre foi decente. Não, essa não era uma palavra forte o suficiente. *Honroso*. Ele sempre foi honrado. Que tipo de cara tira um dia de folga do trabalho para ir com sua irmã para ter seus dentes do siso removidos? Especialmente quando ela tinha um namorado que teria feito isso. E porque? Porque ela estaria sob a influência de drogas fortes e Jack não confiava que o namorado não *“aproveitasse isso e fizesse algo estúpido”*. Isso era amor genuíno.

Com esse pensamento, a imagem dele se esgueirando no apartamento de Sara apareceu em sua cabeça. Ele tinha propositadamente drogado seu café com toda a intenção de aproveitar a situação e fazer algo estúpido.

— Puta merda. Que diabos estou fazendo?

Dissera a si mesmo quando deixou o apartamento dela que não era um criminoso, mas isso era exatamente o que ele era. Um homem que ama uma mulher não a droga para tirar fotografias embaraçosas e incriminatórias. *Cristo todo foda-poderoso*.

Seu celular tocou. Tirou-o do bolso e olhou para a tela. Maldição. Era Daphne e deveria ligar para ela quando Sara voltasse para o seu apartamento.

— Ei Daphne...

— Ela ainda não está de volta ao seu apartamento?

— Não, ela está de volta, mas ...

— Você se esqueceu de me ligar? Há quanto tempo ela está de volta?

— Não muito tempo, mas...

— Estou a caminho.

— Não, escute, Daphne. Esta é uma má ideia. Uma ideia muito ruim. Nós não podemos fazer isso.

—O inferno que nós não podemos.

— Estou falando sério. Isso está seriamente errado. Eu não posso continuar com isso.

— Você já começou. Você entrou no apartamento dela e drogou o café, certo?

— Sim, mas eu posso simplesmente sair. Ela vai ficar com sono, tirar uma soneca e dormir. Ninguém mais saberá.

— Vamos, Mark. Nós concordamos. Esse é o melhor caminho. Eu posso nem ter que usar as fotos se Benjamin não se lembrar do que aconteceu. Nenhum dano, nenhuma falta. Além disso, é perigoso deixá-la sozinha. E se o apartamento pegar fogo, ou algo acontecer? Se estivermos lá, podemos protegê-la. E se estamos lá para mantê-la segura, por que não tirar algumas fotos?

— Porra. Você está certa.

— Eu sei que estou certa. Eu estarei aí em alguns minutos.

— Não, Daphne, não foi isso que eu quis dizer. Eu tenho que voltar lá e ter certeza de que ela não beba o café em primeiro lugar.

— Mark, baby...

Ele não tinha tempo para ouvi-la, então desligou o telefone, pulou do carro e correu em direção ao prédio. Parecia que o elevador havia demorado uma eternidade. Quase decidiu subir as escadas quando a porta se abriu. Chegou ao apartamento dela e bateu antes que pensasse, mas usaria a desculpa “*vim devolver a minha chave*” para entrar e então teria que improvisar a partir daí.

Ela não respondeu. *Merda, merda, merda, merda, merda*. E se ela já estivesse desacordada? Deveria entrar, ou simplesmente sair e esperar pelo melhor? Bateu de novo. Desta vez ouviu movimento lá dentro.

Quando ela abriu a porta, tinha uma toalha sobre a cabeça, mas estava usando um vestido de verão. Isso era estranho – ela normalmente não se vestia para trabalhar a tarde inteira. Mas o importante era que ainda estava de pé e parecia ter acabado de terminar o banho.

— Mark? O que você está fazendo aqui?

— Ei, Sara. É bom te ver. Você parece ótima. Eu... uh... eu sinto sua falta.

Ela começou a fechar a porta na cara dele. Ele levantou a mão para pará-la.

— Não, Sara, por favor. Eu só parei para devolver a sua chave, e... uh... pedir desculpas.

Embora sua mão ainda segurasse a maçaneta da porta, ela parou de empurrá-la contra ele e simplesmente olhou-o por um momento. Finalmente, colocou uma mão para fora.

— Bem. Obrigado por devolver minha chave.

— Podemos conversar por um minuto?

— Não, Mark, nós não podemos.

— Querida, por favor. Eu sinto muito. Fui um idiota total. Sei disso agora. Acho que só queria ... bem, é complicado e quero me explicar. Eu sei o que perdi.

— E o ponto dessa frase é que você me perdeu.

Mark suspirou e olhou para baixo. Ele a havia perdido. Sabia disso. Sabia disso desde o minuto em que ela entrou na cabine naquela manhã. Estava vivendo num mundo de fantasia pensando que poderia ter uma esperança de recuperá-la, muito menos que este movimento estúpido ajudaria. Não havia nenhuma maneira no inferno que pudesse reconquistá-la. Por que tinha sido tão idiota?

— Deus, Sara, eu sei que te perdi. Mas podemos, por favor, conversar por um minuto?

Ela bufou, abrindo a porta o suficiente para ele entrar.

— Você pode falar o tempo que for necessário para eu encontrar a sua chave. — Ela se afastou dele e se dirigiu para a cozinha, deixando cair a toalha nas costas de uma cadeira enquanto passava.

Perfeito. Seguiu-a. Deu uma olhada rápida ao redor para ver se ela já havia feito seu café gelado. O bule de café estava intacto, mas um copo alto de plástico de uma cafeteria estava na mesa. Parecia que ela tinha parado no caminho da porta. Ela poderia simplesmente jogar o que estava no pote fora, mas ele não podia arriscar.

Ela abriu uma gaveta da cozinha e começou a vasculhar as canetas, almofadas, pacotes de molho, elásticos, caixas de fósforos e outros detritos diversos que continha.

Graças a Deus não foi fácil encontrar. Mesmo que ele tivesse lhe dado uma chave, ela nunca usou. Ele sempre preferiu vir aqui. Ainda assim, tinha que trabalhar rápido.

— Sara, eu só queria dizer que sinto muito.

— Você já disse isso. — Ela tirou coisas da gaveta enquanto continuava a procurar.

— Eu sei que sim. Mas eu tenho pensado muito nas últimas semanas. Eu acho ... eu acho que ... bem, Benjamin tem sido meu melhor amigo desde que me lembro. Mas acho que sempre me senti inseguro e inferior. — Sara suspirou. Francamente, ficou surpresa que finalmente tivesse percebido isso.

— Não, eu quero dizer isso. Acho que sempre me perguntei por que alguém como ele me manteria como amigo, mas ao mesmo tempo tinha a sensação de que ele achava que eu estava abaixo dele.

— Eu disse que ele tirava o pior de você.

— E você estava certa. Este foi um excelente exemplo. Quando Daphne flertou comigo ...

— Você pensou que era especial? — Ela se virou para ele, colocando as mãos nos quadris. — Você achou que ela gostava mais de você do que de Benjamin? Que você o superou de alguma forma?

Mark encolheu os ombros e deu-lhe um meio sorriso.

— Bem, sim.

— Mas Daphne flerta com todos.

— Eu sei. Eu nunca realmente notei.

Ela voltou para a gaveta.

— Os homens podem ser tão ignorantes.

— Isso praticamente resume tudo. Pelo menos até algo nos acordar.

— Bem, pelo menos você está acordado agora. Ah, aqui está. — Voltou-se para ele com a chave na mão estendida. — Espero que você e Daphne sejam muito felizes.

— Obrigado. — Droga, ele precisava pegar o café. — Uh, Sara, eu realmente não dormi bem ontem à noite e estou meio que arrastando. Você se importaria se eu terminasse o café? — Ele deu um passo em direção ao balcão, pegou uma caneca e começou a servir o café antes que ela pudesse reagir.

— Está frio, Mark.

— Está tudo bem. É caféina. Vou aquecer por um minuto. — Colocou a caneca no microondas e ligou-o. Ele se atrapalharia com a caneca quente e a soltaria enquanto saía do microondas. Então esse pesadelo de estupidez terminaria.

— Não, você tem que sair. — Ela puxou seu braço, puxando-o para a porta da cozinha.

— Mas eu ainda não te dei sua chave. — Ele teve que parar. Só precisava de um pouco mais de tempo.

— Então, por favor, passe-a para mim.

Ele enfiou a mão no bolso.

— Eu só tenho que tirá-lo do meu chaveiro. — Como ele intencionalmente se atrapalhou para tirar a chave do anel de divisão, ouviu a porta da frente abrir.

— Sara, amor, você está pronta? Temos tempo suficiente para almoçar antes de irmos ao cartório — veio a voz de Benjamin da sala da frente.

Mark arqueou uma sobrancelha para ela.

— Benjamin? Realmente, Sara? Você odeia Benjamin.

Antes que ela pudesse responder, Benjamin entrou na cozinha e franziu o cenho.

— O que diabos você está fazendo aqui?

— Eu só vim para devolver a chave de Sara. — Ele ergueu a chave que finalmente retirou do anel e sorriu. — A questão mais interessante é o que *você* está fazendo aqui e por que está levando Sara para o cartório?

— Não é da sua conta.

— Talvez não. Mas o comunicado de imprensa do seu pai sugeriu que você estava gravemente ferido e se recuperando em casa. É evidente que não é o caso. — O microondas apitou e quase sem pensar que Mark recuperou a caneca. — Então você está escondendo a verdade do seu pai, ou ele está escondendo alguma coisa?

Benjamin ficou momentaneamente sem fala.

— Mark, olhe, você disse que veio aqui pedir desculpas e devolver minha chave. Você fez isso. Pode simplesmente largar e ir embora?

— Não realmente, não. — Ele sabia que tinha se comportado como um idiota e nunca ganharia o afeto de Sara de volta, mas se importava com ela. Ela era doce e

de muitas maneiras ingênua. Benjamin Talbot iria mastigá-la, cuspi-la e rir sobre isso quando finalmente a esmagasse. — Sara, me diga que você não se apaixonou por Benjamin.

— Você acabou de dizer que ele é seu melhor amigo desde sempre.

— Sim, mas Sara, ele não trata bem as mulheres. Ele as usa e passa para o próximo. Ele até admite isso.

Benjamin puxou Sara para perto dele e colocou o braço em volta dela em um gesto protetor que Mark nunca tinha visto.

— As coisas são diferentes agora, Mark. Sara é diferente de ... uh ... as outras mulheres.

Mark franziu a testa para Sara.

— Espere um minuto. Ele disse que vocês dois estavam indo para o cartório?

— Eu tenho algumas multas que preciso pagar — disse ela, obviamente mentindo.

— Não. Você não apanha multas. Você não estaciona onde não deveria e nunca dirige mais que algumas milhas acima do limite. E a única outra razão que conheço para um casal ir ao tribunal é pedir uma licença de casamento ou se casar. Jesus, Sara, me diga que você não vai se casar com ele.

— Você precisa sair agora — disse Benjamin.

— Não. — Mark balançou a cabeça. — Não, eu não preciso sair. Você precisa se explicar.

Sara tentou argumentar com ele.

— Mark, acabou entre nós dois. Você mesmo disse isso.

— Sara, querida, eu sei que te perdi. Eu aceito isso. E perdi Benjamin como amigo, mas mesmo se não tivesse, não gostaria que você se casasse com ele. Por favor, eu o conheço há mais tempo que você. Sei do que ele é capaz. Eu não gostaria que nenhuma mulher com quem me importasse remotamente casasse com ele. E se eu tiver que ir à imprensa ou ao seu pai para impedir isso, eu vou.

Sara deu um passo em direção a ele.

— Não, Mark. Por favor. Você não pode. — As lágrimas encheram seus olhos.

Mark esperava que Benjamin soltasse seu temperamento. O que aconteceu, em vez disso, o chocou.

Benjamin puxou Sara de volta para um abraço protetor e beijou o topo de sua cabeça antes de dizer:

— Meu pai sabe que eu amo Sara.

— Benjamin, sou seu amigo mais antigo ou era. Eu conheço você, cara. *Eu conheço você. Você nunca amou ninguém, nem mesmo seu pai. Você mesmo me disse isso. Você não acredita em amor e romance. Quantas vezes você citou Somerset Maugham³⁰ para mim? “O amor é apenas o truque sujo jogado em nós para alcançar a continuação da espécie.”*

Sara sacudiu a cabeça.

— Você está errado, Mark. Ele mudou.

— Ninguém muda tanto assim.

— Mark, você disse que se importa com Sara, e diz ser meu amigo mais antigo.

— Eu me importo com ela... e com você também.

— Então eu vou lhe dizer uma coisa e pelo bem dela ... e o meu ... preciso que você guarde para si mesmo.

Mark não tinha ideia de onde isso estava indo, mas tinha que ouvir.

— Bem.

— Quando Sara me contou o que aconteceu no navio, fiquei lívido. Quer dizer, eu estava pronto para te matar. Ela me acalmou e me dissuadiu de lhe causar sérios danos corporais quando você e Daphne chegassem. Eu ainda estava furioso, mas talvez pela primeira vez fui capaz de controlá-lo. Não havia outro quarto disponível no navio, então Sara e eu fomos obrigados a ficar juntos por alguns dias. Percebi imediatamente que ela tinha um efeito calmante em mim que ninguém jamais teve.

— Você não pode estar falando sério.

— Muito sério. Por isso decidi ficar no cruzeiro com ela.

³⁰ William Somerset Maugham (25 de janeiro de 1874 - 16 de dezembro de 1965), mais conhecido como W. Somerset Maugham, foi um dramaturgo, romancista e escritor de contos britânico.

— E você quer que eu acredite que você é um homem completamente diferente apenas por causa da influência de Sara.

— Não, isso seria ridículo — disse Sara, um sorriso flertando em seus lábios.

Benjamin beijou a cabeça dela novamente.

— Ela subestima seu poder, mas você está certo. Algo mais aconteceu. Fomos para a Escócia por uma semana com um casal que conhecemos a bordo. Nós estávamos caminhando nas Highlands e eu sofri uma queda ruim.

— E teve uma lesão na cabeça. Sim, eu sei. Agora você está apenas citando o comunicado de imprensa do seu pai.

— No entanto, é verdade.

— O noticiário disse que você tem amnésia. Você parece lembrar as coisas muito bem, tanto quanto eu posso ver.

— Embora os eventos do cruzeiro estejam perfeitamente claros, eu tenho alguma perda de memória, mas há um pouco mais do que isso. A lesão também resultou em algumas mudanças na minha personalidade.

— Ta brincando, né?

— Não. Aparentemente, isso pode acontecer com algumas formas de amnésia.

Mark mal podia acreditar nisso. Ele não podia negar que a maneira pela qual Benjamin havia abandonado completamente a questão da infidelidade de Daphne e sua traição enquanto estava no navio também era incomum. E como a lesão ainda não havia acontecido, Sara era a única pessoa que poderia ter temperado a reação de Benjamin. Mas acalmar sua raiva era uma coisa e se apaixonar era algo diferente. O rico, arrogante e inflexível Benjamin Talbot raramente nutria sentimentos calorosos por ninguém. Ele tolerava um punhado de amigos chegados, mas era isso. No entanto, aqui estava ele, parecendo ser um homem muito apaixonado. Isso era drasticamente fora do personagem para Benjamin.

— Isso é ... isso é ... incrível. Eu acho que pode ser rude dizer isso, mas essa lesão pode ter sido uma bênção.

— Acho que sim — disse Benjamin.

O que Mark disse foi rude e o velho Benjamin teria rugido para ele. “Uau”, era tudo o que poderia dizer. Ele se encostou no balcão da cozinha e tomou um gole do café em suas mãos. Percebendo o que fez, cuspiu de volta na xícara.

— Deus, isto é horrível. — Jogou o resto na pia, aliviado por se livrar dele.

— Olha, Mark, obrigado por trazer a chave de volta. — Sara estendeu a mão, lembrando-lhe que ele não a tinha realmente entregado ainda.

— Oh, sim. — Entregou-a a ela.

— Obrigada.

— Uh, escute, eu sei que estraguei tudo. Devo-lhe uma enorme desculpa. Mas, por algumas circunstâncias loucas, isso os juntou e vocês parecem muito felizes. Acham que poderiam encontrar em seus corações espaço para me perdoar? Benjamin, você é meu amigo mais antigo. Eu realmente não quero perder isso.

— Você deveria ter pensado nisso antes de se esgueirar pelas minhas costas.

— Eu sei. Eu sinto muito. Foi estúpido perguntar.

Benjamin sacudiu a cabeça.

— Não foi estúpido. E você está certo, acabou bem para mim e Sara. Mas você nos traiu e, embora possamos perdoá-lo, é uma coisa difícil de esquecer. Mas, você foi involuntariamente colocado em posição de demonstrar sua confiabilidade novamente.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, você sabe um pouco mais sobre tudo que aconteceu do que o público em geral. Além disso, também sabe que estamos indo para o cartório e não para pagar multas de estacionamento.

— Você não quer que ninguém saiba que vão se casar? Sara, você está bem com isso?

Ela assentiu.

— Você não entende tudo, Mark.

Benjamin acenou com a cabeça.

— Não é que não pretendamos anunciar isso em breve e, em seguida, ter um casamento real. Mas, por enquanto, é melhor para todos os envolvidos se deixarmos as coisas quietas por mais tempo.

— Então você quer que eu mantenha tudo isso para baixo.

Benjamin pareceu intrigado, mas Sara respondeu:

— Sim, gostaríamos que você mantivesse tudo confidencial.

Jesus, ele não entendeu o que eu quis dizer com “*baixo*”? Mark considerou os dois por um momento. Benjamin ainda tinha os braços em volta de Sara, sem a possessividade arrogante que costumava exibir. Ele a amava. Então Mark capturou o olhar de Sara. Sua expressão era suplicante, esperançosa.

— Você tem certeza que é isso que você quer, Sara? Você mal podia tolerar Benjamin antes.

— Eu sei, Mark, mas eu o amo agora. Eu o amo com tudo em mim.

Ele olhou para longe.

— Bem, isso está dizendo muito. Você é a mulher mais doce e mais amorosa que já conheci e sou uma grande idiota por não ter percebido isso. Mas quero que você seja feliz e, Benjamin, não quero perder sua amizade. Eu dou a vocês a minha palavra de que não revelarei nada sobre esta tarde. Esqueçam que eu estive aqui.

— Obrigado, Mark.— Benjamin estendeu a mão para apertar sua mão.

— Não tem de quê. Apenas cuide dela.

Mark saiu do apartamento, a cabeça girando com tudo o que havia acontecido. Quase cometera um crime terrível contra uma garota com quem se importava muito profundamente. Como pôde alguma vez considerar fazer algo tão sujo? Uma única imagem surgiu em sua mente. Daphne.

Ela tinha sido a instigadora por trás de tudo isso. Ah, sabia que concordando com a merda dela, era igualmente responsável, mas incomodava-o que ela o manipulasse tão bem. A próxima vez que concordasse com algo tão colossalmente estúpido, a sorte poderia não estar do seu lado. Precisava estabelecer alguns limites. Talvez colocar uma pequena distância entre eles por um tempo. Pegou o telefone para ligar para ela antes de decidir que não era uma conversa que queria ter enquanto dirigia.

Quando chegou ao seu apartamento, viu-a em seu carro no estacionamento. Ela não tinha uma chave para o seu apartamento. Suspirou pesadamente. Verdade seja dita, esta não era uma conversa que queria ter pessoalmente, mas não havia como evitar isso agora.

Ela estava fora do carro antes que ele chegasse perto.

— Que diabos, Mark? O que aconteceu?

Ele olhou ao redor.

— Vamos entrar.

Ela balançou a cabeça e andou ao lado dele até chegarem aos limites de seu condomínio. Então olhou para ele, com as mãos nos quadris, e perguntou novamente:

— O que aconteceu?

— Percebi que estávamos cometendo um grande erro. Era perigoso e simplesmente errado, sem mencionar que não teria funcionado.

— Sim, teria. Você não conhece Benjamin como eu. Eu posso reconquistá-lo.

— Não, Daphne, você não pode, assim como eu não posso ter Sara de volta. Acabou.

— Não se ela o estiver traindo.

— Mas ela não o está traindo.

— Bem, eu vou continuar com o meu plano. Vou contar a mesma história para ele, só não tenho fotos para fazer o backup. Ele pode ter esquecido tudo de qualquer maneira. Quem não arrisca não petisca. — Ela passou por ele até a porta.

Ele estendeu a mão para impedi-la.

— Daphne, confie em mim, não vai funcionar.

— Por que você tem tanta certeza disso? Sara disse alguma coisa?

Droga. Seria tão fácil derramar esse pequeno segredo, mas ele não faria isso.

— Vamos apenas dizer que estou certo de que eles ainda estão juntos e ele não vai acreditar em você.

— Você não sabe disso.

— Sim eu sei.

— Eu vou tentar de qualquer maneira.

— Não. Você só vai se envergonhar.

— Por que você tem tanta certeza?

— Porque conheço Sara. Eu falei com ela e os sentimentos que eles têm um pelo outro são reais.

— Estou chamando a *isso* de besteira. Os sentimentos dela por você eram reais, mas os seus não eram e ela não tinha ideia.

— Você está errada.

— Sobre o que?

— Eu me importava com Sara. Eu ainda me importo. Nós suavizamos as coisas. Eu posso dizer a você que ela o ama e acredito firmemente que ele a ama.

Daphne bufou, parecendo pronta para explodir.

— Vamos, Daphne, vamos deixar passar. Na melhor das hipóteses, esse plano teria resultado em Ben rindo de você no escritório dele. E na pior das hipóteses, nós dois poderíamos ter acabado na cadeia. Estou feliz por ter percebido isso antes que fosse tarde demais.

Daphne franziu a testa.

— Ela não bebeu o café?

— Não. Eu bati na porta para dar a chave dela de volta. Fui capaz de chegar ao café e despejá-lo. Foi quando falei com ela.

— Eu não posso acreditar nisso. Estava contando com você. — Ela olhou para ele com uma expressão que daria uma competição triste para cachorrinhos. — Eu o amo e o quero de volta.

— Oh, por favor, Daphne, estou chamando *isso* de besteira. Eu nem acho que você gosta tanto dele. O que você ama é a ideia de ser mega-rica, e Benjamin Talbot era seu ingresso de ouro.

Daphne apenas olhou para ele por um momento. Finalmente, ela soltou um suspiro.

— Você está certo. Claro, você está certo. Mas tudo que fiz foi para nós. Mark, ele tem bilhões. *Bilhões*.

— O ponto é que são os bilhões dele e nenhum de nós está sofrendo. O negócio da minha família é sólido e eu amo o que faço, para não mencionar que você tem um fundo que pode mantê-la confortável para sempre. Deixe isso ir agora.

Ela suspirou.

— Tudo bem. — Ela deu um passo em direção a ele, colocando os braços ao redor de seu pescoço. — Nós sempre fomos feitos para acabar juntos, isso aconteceu apenas um pouco mais cedo — ela o beijou — e um pouco mais pobres — ela o beijou novamente — do que tínhamos planejado originalmente.

Ele tinha que parar isso agora. Não queria acabar com Daphne. Ela sempre foi divertida, mas hoje percebeu o quão perigosa ela poderia ser. Tirou as mãos dela do pescoço e deu um passo para trás.

— Escute, Daphne, vamos nos dar um pouco de tempo e espaço.

— *Dar-nos tempo e espaço?* O que isso significa?

— Apenas o que eu disse. Não precisamos nos precipitar em nada. Você acabou de terminar com Benjamin e eu acabei de terminar com a Sara. Talvez devêssemos fazer uma pequena pausa?

— Mark, você esqueceu que o seu relacionamento com Sara e o meu com Benjamin eram simplesmente artifícios? Era você e eu o tempo todo. Esses romances falsos acabaram, mas ainda estamos juntos.

— Estamos? Dado os eventos de hoje, não tenho certeza se trazemos o melhor um para o outro. Eu estou apenas sugerindo que façamos uma pequena pausa. Talvez namorar outras pessoas por um tempo.

— Namorar outras pessoas? Você está terminando comigo?

— Vamos ver como as coisas vão nos próximos meses.

— Seu filho da puta! — Ela empurrou-o com força no peito, virou-se e saiu, batendo a porta em seu rastro.

Bem, isso foi bem.

Capítulo 15 - *E se eu me apaixonar?*

Benedict estava irritado consigo mesmo por inadvertidamente deixar Mark saber sobre o casamento. Claro, nunca esperou que alguém mais estivesse no apartamento de Sara na quarta-feira à tarde, muito menos Mark. Não queria estragar o dia se preocupando. Tinha dificuldade em acreditar que estavam em perigo, mas Samuel tinha incutido uma porção saudável de cautela nele. Então levou Sara para almoçar e foram para o Tribunal do Condado de Howard para obter sua licença de casamento como planejado. Mas naquela noite ele levantou a questão.

— Sara, estou um pouco preocupado com uma coisa.

Ela franziu a testa, obviamente preocupada.

— O quê?

— Você sabe, era nosso plano não deixar ninguém saber sobre o nosso casamento e eu cometi uma falta nesta tarde com o Mark.

— Não foi sua culpa. Fiquei atordoada quando abri a porta e o encontrei ali de pé. Ele não poderia ter escolhido um momento pior. E não consegui me livrar dele. Jesus, ele se serviu de café.

Ben sorriu.

— Eu sei. Não foi culpa de ninguém, mas ainda estou preocupado com isso. Você acha que podemos confiar nele?

Sara pareceu pensar por um momento.

— Espero que isso não soe tão louco para você como na minha cabeça, mas aqui vai. Antes de o encontrar com Daphne naquela manhã, teria dito que Mark era absolutamente confiável. Se você tivesse um pouco mais de experiência com este século, poderia rir da ideia de que um vendedor de carros usados seria descrito como confiável, mas Mark era. Primeiro, os carros que a Holland Imports vende são de alta qualidade e os Hollands valorizam sua reputação. Eles podem atrair compradores e obter lucros razoáveis sem recorrer a meios dissimulados. Mas com Mark, havia algo mais. Eu sei de várias ocasiões quando ele falou de um cliente que ia comprar um carro. Na maioria das vezes, era um cara jovem que não ganhava muito dinheiro e que realmente não podia pagar as mensalidades do carro que queria. Mark sabia que o garoto acabaria com o empréstimo e arruinaria seu

crédito, ou seria forçado a vendê-lo, talvez perdendo dinheiro no processo – ou ambos. Ele falou com o garoto, não como um pai, como um amigo. Ele o ajudou a encontrar um bom carro que pudesse pagar, mesmo que fosse em outro revendedor. Uma vez deixou um deles trazer um carro usado, e quis comprá-lo para o departamento de serviço da Holland para que um de seus mecânicos desse uma olhada.

— Isso foi bom da parte dele.

— Foi. E é um bom negócio. Quando esses jovens ficam um pouco mais velhos e têm mais dinheiro, podem sentir alguma lealdade à Holland. Então, até que ele me traiu, achei que era um cara realmente decente e confiável.

— Mas ele enganou você.

— Sim, e assim seria compreensível ignorar tudo o que eu pensava ser verdade. Mas quando ele jurou para nós que valorizava sua amizade e minha felicidade e nos deu sua palavra de que ele não contaria a ninguém sobre nós, eu vi aquela parte doce e sincera de Mark que não o deixaria se aproveitar de um jovem que realmente queria um carro bacana.

— Tem certeza de que isso não é apenas você querendo resgatar um vilão?

Sara riu.

— Você já me conhece muito bem, e pode ser pura esperança que me leve a essa conclusão. Mas acho que podemos confiar nele nisso.

Então, Benedict deixou de lado suas preocupações. Eles iriam se mudar para o condomínio de Benjamin em pouco mais de uma semana.

Então, na sexta-feira, o alarme disparou às oito e meia.

Sara bocejou e se espreguiçou.

— Você vai trabalhar no dia do nosso casamento?

— Não, claro que não. — Ele a beijou. — Mas você não precisa levantar ainda.

Na segunda-feira, ele disse ao pai que Sara concordara com sua proposta e que se casariam no cartório na sexta-feira. Samuel insistiu que tirasse o dia de folga do trabalho, mas também tinha algumas sugestões para ele.

Parte disso, Benedict tinha montado na noite anterior, e seu motorista faria a primeira entrega a qualquer momento. Ele vestiu uma camiseta e shorts antes de sair para a cozinha para fazer o café. Em poucos minutos seu celular tocou. Ele foi até a porta da frente, onde seu motorista esperava com várias malas.

— Obrigado, Nash.

Seu motorista sorriu.

— O prazer é meu, senhor. Volto em duas horas conforme você pediu.

— Excelente, até lá então.

Benedict levou as encomendas para a cozinha. Nash tinha ido a uma mercearia gourmet que fazia bagels e doces toda manhã. Os sacos continham uma seleção de ambos, com várias variedades de cream cheese e um recipiente de suco de laranja espremido na hora. Estava terminando de arrumar a mesa quando Sara entrou na cozinha.

— Você gostaria de bacon e ovos para ... espera, o que é isso? — Seu rosto se dividiu num sorriso feliz.

— Você sempre faz essas refeições maravilhosas, e eu queria fazer algo especial para você esta manhã.

— Oh, uau, todos os meus favoritos. Até suco de laranja fresco. — Ela ficou na ponta dos pés para beijá-lo. — Ben, esta é uma surpresa incrível. Obrigado.

Depois de comerem o café da manhã, ele a enxotou para fora da cozinha, guardou tudo e lavou a louça. Assim que estava terminando, seu celular tocou novamente. Nash estava de volta para ele.

Benedict encontrou Sara em seu escritório em seu computador.

— O que é isso? Acredito que alguém estava à beira de me depreciar um pouco mais cedo quando pensou que eu iria trabalhar no dia do nosso casamento.

Ela olhou para cima e sorriu.

— Eu não estou trabalhando. Estou apenas checando meu e-mail e depois tenho hora marcada para manicure e pedicure.

— Boa. Aproveite isso. Eu vou sair por um tempo também. — Ele passou as mãos pelo cabelo molhado. — Samuel sugeriu que um corte de cabelo ficaria bem. E então eu vou ao apartamento pegar um terno. Não vou demorar muito. — Ele também tinha algumas outras paradas para fazer, mas eram surpresas.

A hora marcada no cartório era às treze horas. Quando ele voltou ao apartamento às onze e meia, ouviu-a secar o cabelo.

— Estou em casa — ele falou.

— Não venha aqui. Eu não quero que você me veja até que esteja vestida e pronta para ir.

— Sem problemas.

Ele tentou ler o jornal por um tempo, mas finalmente desistiu. Levantou e caminhou até as portas da varanda, olhando para o lindo dia de agosto. Estava neste século há apenas trinta e dois dias e, no entanto, parecia uma vida inteira. Amava Sara quase desde o começo e em cerca de uma hora finalmente poderia torná-la sua esposa. Mal podia esperar. Ouvindo o clique suave de seus sapatos, ele se virou e quase foi derrubado.

Ali estava sua noiva absolutamente deslumbrante.

Ela usava um simples vestido branco de mangas curtas e sandálias brancas. O vestido estava coberto de renda e se agarrava a sua figura. Seu cabelo estava reunido em um coque solto do qual os cachos escapavam. Ela usava muito pouca maquiagem, mas o que usava acentuava seus lindos olhos.

— Ah, minha menina de olhos castanhos, você é uma visão absoluta.

~ * ~

No instante em que Sara entrou na sala de estar e viu Ben, de costas para a janela, sua respiração ficou presa. De ombros largos, cabelos escuros, vestindo um terno bege feito por um designer italiano, Ben parecia como se tivesse saído das páginas de uma revista de moda. Então ele se virou para ela. Em vez da fria indiferença do modelo impressionante que parecia ser, o seu rosto espelhava uma expressão calorosa e amorosa do homem que ela adorava.

Ele a chamara de “*visão absoluta*”, mas essas palavras poderiam se aplicar igualmente a ele.

— Você está muito bonita. — A camisa de linho branco que ele usava contrastava fortemente com uma gravata de seda roxa, e em suas mãos, segurava um lindo buquê de flores roxas e brancas.

O buquê era composto de rosas brancas e flores de laranjeira, rosas de lavanda profundas, cardos roxos escuros e urzes roxas rosadas.

— Estas são para você — ele disse simplesmente.

— Ben, são lindas. Onde você encontrou uma florista que tivesse cardo e urze?

Ele riu.

— Bem, eu não deixei isso para o último minuto e foram necessárias algumas ligações, mas consegui localizar um fornecedor em Nova York que as tinha. Adorei cada minuto que estou com você desde que cheguei aqui. Aqueles dias na Escócia foram particularmente maravilhosos. Mas também tenho outro motivo. Hoje, em meu coração, você está se tornando a Sra. Benedict MacLan, e eu queria um pouquinho do meu país para nos lembrar disso.

Seu coração estava tão feliz que ela não achou que pudesse falar. Então, em vez disso, apenas colocou os braços em volta do pescoço dele e puxou os lábios dele para os dela, dando-lhe um beijo ardente que dizia *“eu te amo com todo o meu coração e alma.”*

Quando o beijo terminou, Ben pousou sua testa contra a dela.

— Eu te amo, Sara Wells. Vamos nos casar.

— Eu também te amo, Benedict MacLan, e nada me agradaria mais.

Ela pegou sua pequena bolsa branca e, passando o braço pelo dele, saiu do apartamento.

Para sua surpresa, Nash esperava num brilhante carro preto.

— Eu pensei que ninguém deveria saber? — Ela sussurrou.

— As únicas duas pessoas que sabem, além de nós mesmos, são meu pai e Nash. Ambos são extremamente confiáveis.

Ben a ajudou a entrar no carro antes de ir para o outro lado. O caminho para o tribunal não demorou. Chegaram quinze minutos mais cedo. Quando Nash segurou a porta e Ben a ajudou a sair do carro, ela percebeu que outro carro escuro com vidros escurecidos rolava atrás deles. Antes que tivesse a chance de reagir, Samuel Talbot desceu do banco de trás. Ele beijou Sara na bochecha e apertou a mão de Ben.

Isso fez Sara pungentemente ciente do fato de que seus pais não estariam lá. Mas os pais de Benedict também não estavam aqui, nem o filho de Samuel Talbot. Todos eles tinham que seguir em frente. Esse pensamento tornou as coisas um pouco mais fáceis, mas ainda assim seu coração doeu.

Ben sorriu.

— Papai, você não precisava vir.

— Claro que sim. Você é meu filho e vai se casar hoje. Eu não perderia isso por nada.

Ben inclinou-se para perto:

— Você não tem medo que alguém nos reconheça e a história se espalhe?

— É possível, mas duvido que isso aconteça. — Ele olhou em volta e sorriu. — Todo mundo está preso em sua própria história hoje. Eles estão ocupados demais para prestar atenção em nós.

Então os três entraram no tribunal e fizeram o check-in no escritório do cartório. Ben pagou a taxa e esperaram até serem chamados. Havia um casal jovem à frente deles que parecia estar lá sozinho. O jovem, grande e loiro, parecia tão irlandês quanto uma caneca de Guinness e sua noiva era uma menina asiática delicada que era mais fofa do que uma cesta de filhotes. Ambos pareciam transbordar de felicidade.

Quando chegou a vez deles, entraram na sala que era usada apenas para casamentos. Havia uma treliça branca coberta de hera de seda na frente de um pódio. Atrás estava o funcionário do cartório, que oficiava os casamentos. Ele era um homem extremamente alto e imponente. Até Ben teve que levantar a cabeça para olhar para ele. Mas sua voz era suave e seus olhos gentis. Ele sorriu calorosamente para eles.

— Boa tarde, e vamos ver — ele consultou um panfleto — vocês são Benjamin Talbot e Sara Fern Wells.

— Sim, somos — respondeu Ben. — E este é meu pai, Samuel Talbot.

— Prazer em conhecê-los. — O funcionário apertou suas mãos. — Agora, vamos começar?

Sara assentiu e Ben respondeu:

— Sim, senhor.

— Tudo bem então. Sara e Benjamin, apenas fiquem aqui, debaixo do arco, e o Sr. Talbot pode ficar onde quiser. Sinta-se à vontade para tirar fotos.

Quando eles estavam em suas respectivas posições, o funcionário começou.

— Benjamin e Sara, hoje vocês celebram um dos maiores momentos da vida enquanto se unem nos votos de casamento. Benjamin Talbot, aceita Sara Fern Wells, para ser sua esposa?

— Sim — disse Ben.

— Você promete amá-la, honrá-la, cuidar dela, protegê-la, abandonando todos os outros e mantendo apenas a ela?

— Sim — ele respondeu novamente.

— Sara Fern Wells, você aceita Benjamin Talbot como seu marido?

— Sim —, ela respondeu.

— Você promete amá-lo, honrá-lo, cuidar dele e protegê-lo, abandonando todos os outros e se apegando somente a ele?

— Sim.

—Agora, vocês trocarão alianças?

Sara e Ben não falaram sobre isso. Com tudo acontecendo tão rápido, ela nem tinha pensado nisso. A expressão no rosto de Ben disse-lhe que ele também não tinha.

Foi Samuel quem respondeu.

— Sim, eles vão. — Ele puxou uma caixa de joalheiro de um bolso que continha duas alianças de casamento.

— Obrigado — disse Ben, pegando a caixa e entregando-a para o funcionário.

O funcionário deu a menor aliança para Ben antes de dizer:

— Repita depois de mim.

Ben repetiu as palavras:

— Eu, Benjamin Talbot, aceito Sara Fern Wells para minha esposa. Para ter e manter, na doença e na saúde, na riqueza e na pobreza, e prometo meu amor a você. Com este anel, eu te desposo. — Ele colocou o anel no quarto dedo da mão esquerda de Sara.

Em seguida o funcionário deu o anel maior para Sara. Não sabendo mais o que fazer, ela entregou seu buquê para o Sr. Talbot antes de repetir seus votos,

— Eu, Sara Fern Wells, aceito Benjamin Talbot para meu marido. Para ter e manter, na doença e na saúde, na riqueza e na pobreza, e prometo meu amor por você. Com este anel, eu te desposo.

O funcionário sorriu calorosamente.

— Benjamin e Sara, hoje vocês optaram por mesclar duas vidas tornando-se um pelo casamento. Para fazer seu casamento funcionar será necessário muito amor. O amor é essencial para o vínculo que vocês estão forjando e é a razão de estarem aqui. Mas o casamento também vai exigir confiança, dedicação, abertura e vontade de aprender e crescer, mesmo em face das dificuldades. É preciso coragem para ir para a frente a cada manhã, sem saber o que surgirá. E vai exigir o compromisso de continuar na jornada juntos que começa hoje, mesmo quando seria mais fácil seguir caminhos separados. Agora, Benjamin e Sara, como vocês dois concordaram em viver juntos em matrimônio, e prometeram o seu amor um pelo outro por estes votos, eu vos declaro agora marido e mulher. Parabéns, você pode beijar sua noiva.

Ben embalou o rosto dela entre as mãos e beijou-a com ternura.

Samuel parabenizou-os, dando-lhes cada um abraço.

— Obrigado por cuidar dos anéis, Sr. Talbot — disse Sara.

— Sara, você é minha filha agora, por favor, me chame de Samuel, ou mesmo pai se estiver confortável com isso.

Quando deixaram a sala de casamento, as pessoas desejaram-lhes felicidades. Eles fizeram o seu caminho para fora do tribunal e saíram para o sol brilhante de agosto.

— É um dia espetacular — disse Samuel. — Não muito quente, baixa umidade. Perfeito.

— Sim, é — concordou Ben.

— Também deveria ser um ótimo final de semana. Vocês dois têm planos de lua de mel? — Havia um brilho nos olhos de Samuel que fez Sara se perguntar o que ele estava planejando.

— Não, senhor — respondeu Sara. — Eu ia fazer o jantar para Ben e estávamos apenas planejando passar um final de semana tranquilo em casa.

— Hmm. Bem, isso não pode ser. Ben e eu tivemos um bate-papo no começo da semana e acho que elaboramos um plano muito melhor.

Sara lançou um olhar interrogativo para Ben.

Ele sorriu e encolheu os ombros.

— É um segredo.

— Sim, mas acho que vocês dois vão gostar. Então, vá para casa, arrume uma mala para o fim de semana, e eu vou mandar um carro para vocês às três.

~ * ~

A surpresa de Samuel e Ben acabou sendo um fim de semana sozinhos no iate de Samuel em Chesapeake. Bem, sozinhos não foi precisamente certo. Além dos dois, havia uma tripulação de seis pessoas, incluindo o capitão, três marinheiros, um mordomo e um chef gourmet.

Eles não poderiam ter servido um jantar de casamento mais fino no melhor restaurante de Baltimore. Depois, se retiraram para a cabine para celebrar a noite de núpcias da melhor maneira possível – fazendo amor e dormindo nos braços um do outro.

O fim de semana foi delicioso. Foi o cruzeiro perfeito para lugar nenhum. Relaxaram ao sol, comeram refeições estelares e tiveram sexo alucinante.

Enquanto Sara estava nos braços de Ben em seu apartamento na noite de domingo, ela disse:

— Obrigado por organizar aquela mini lua de mel, Ben.

— Muito do agradecimento vai para Samuel. Eu queria fazer alguma coisa, mas sabia que você tinha um prazo esta semana, então teria que ser curto e discreto. Ele sugeriu o iate.

— Bem, era exatamente o que uma lua de mel deveria ser.

— Exceto que durou apenas dois dias.

Ela riu.

— Eu não vou mentir, poderia me acostumar a tê-lo para mim novamente, cercado por sol e água.

— Fico feliz em saber disso, porque assim que você cumprir este prazo, gostaria de desaparecer para algum outro lugar com você por alguns dias.

— Você não tem que torcer meu braço.

— Boa. Nós nos instalaremos no condomínio na próxima semana, e depois escolheremos um lugar para um fim de semana prolongado em setembro.

— Isso é um plano — ela concordou, sonolenta. — Talvez Carolina do Sul. As praias de lá são ótimas no outono.

Capítulo 16 - *E se eu me apaixonar?*

Na segunda-feira de manhã, Sara teve que saltar de volta para sua escrita com ambos os pés, a fim de terminar a edição final do seu próximo livro. Normalmente quando o prazo final se aproximava, ela trabalhava pelo menos várias horas por dia nos fins de semana. Mas casar e ter sexo quente com seu novo marido tinha interferido um pouco com isso. Claro, seus pensamentos à deriva de volta para sua lua de mel não a ajudavam a se concentrar em sua escrita.

Acabou trabalhando na sua pausa habitual tarde e não apenas na segunda-feira, mas terça e quarta-feira, também. Nunca perdeu um prazo, mas estava chegando perigosamente perto disso.

Finalmente na quinta-feira, Sara levantou os olhos do manuscrito quando o relógio marcou onze horas. Ela só tinha uma ou duas horas de trabalho antes de terminar. Certamente teria tempo de seguir sua rotina habitual hoje e ir nadar. Só tinha que enviar o manuscrito às cinco da tarde.

O anjinho num ombro sussurrou:

— *“Você realmente deveria parar e ir ao ginásio para nadar”.*

O diabinho do outro ombro sussurrou:

— *“Mas se você não fizer isso, terminará mais rápido e estará completamente livre para o resto do dia”.*

O anjinho respondeu:

— *“Há dois dias que você não se exercita”.*

O diabinho sorriu maliciosamente:

— *“Oh, sim ela se exercitou. Gostamos de chamá-lo de ‘sexercise’ e pode queimar até trezentas calorias em trinta minutos”.*

O anjinho franziu a testa.

— *“Mas... bem... sim, eu não tenho nada. Volte para o trabalho”.*

Então Sara pegou uma barra de iogurte e granola e se acomodou para terminar. Às doze e meia, cinco horas antes do prazo final, bateu em enviar.

Com o manuscrito enviado ao seu editor, estava felizmente livre. Também estava cansada. Bocejou e se espreguiçou. Um cochilo seria um luxo decadente. Nunca tirou um cochilo, a menos que estivesse doente – ou sofrendo um grave bloqueio de escrita – mas hoje ela ganhou. Nem mesmo parando na cozinha para um almoço mais substancial, foi direto para a cama para um descanso rápido.

Tentou relaxar e ceder ao cansaço. Mas no instante em que seus olhos se fecharam, seu cérebro entrou em piloto automático, registrando a lista de coisas que tinha que fazer antes de sair na semana seguinte.

Após cerca de cinco minutos, desistiu de tentar. Com tanta coisa para fazer, supôs que deveria começar a arrumar seu apartamento, mas o diabo em seu ombro sussurrou:

— *“Mas você tem até o final do mês para desocupar o apartamento e não há muito o que fazer. Vá fazer algo divertido”.*

Na verdade, não tinha muito para empacotar. Levaria todas as suas roupas e coisas com valor sentimental, mas o apartamento de Ben estava totalmente mobiliado e havia sido decorado por um designer de interiores. Sara não gostou da decoração. Havia uma frieza estéril que seria perfeitamente adequada a Benjamin, mas não parecia uma casa. Iriam redecorá-lo mas, ainda assim, a maioria das coisas dela eram de segunda mão e estariam terrivelmente fora de lugar lá. Ela nem precisava de suas coisas de cozinha porque o apartamento era equipado com o melhor de tudo.

O diabinho sussurrou novamente:

— *“Faça isso. Vá fazer compras”.*

O pequeno anjo deu de ombros.

— *“Claro, por que não?”*

Ela sorriu e pegou o telefone para ligar para Ben.

— Olá querida — veio a voz rica e profunda através do telefone. Oh, as coisas que essa voz faziam com ela.

— Oi, querido.

— Como vai o livro?

— Ótimo. Eu pulei a minha natação novamente hoje, mas acabei de terminar e enviei para o meu editor.

— Excelente. Você deveria relaxar esta tarde. Você tem se esforçado muito nos últimos dias.

Ela riu.

— Eu pensei a mesma coisa, mas estou muito nervosa para descansar. Acho que vou fazer compras por um tempo.

— Parece bom. Que tal eu te levar para jantar esta noite para comemorar?

— Seria perfeito. Provavelmente não gastarei mais do que algumas horas no shopping. Devo estar em casa o mais tardar às cinco.

— Até lá então. Divirta-se.

— Obrigada. Eu te amo.

— Eu também te amo. Até logo.

Com isso, ela deixou cair o celular na bolsa e praticamente pulou para o carro. Dirigiu até Hanover Mills, um enorme shopping center não muito longe, que não só tinha sua loja de departamentos favorita, mas também uma grande loja de lingerie, uma loja de sapatos que amava e, mais importante, a *Mrs. Cinnamon's*. Ela não se entregava com frequência, mas se digitar “fim” e enviar não era motivo suficiente para comemorar com um pão de canela pecaminoso e rico, não sabia o que era.

Como pulou o almoço, pretendia ir primeiro para a *Mrs. Cinnamon's*. No entanto, com um lembrete para o fato de que não treinou em três dias, estacionou na outra extremidade do shopping center. Achou que essa caminhada pelo shopping era uma boa ideia, até ouvir alguém chamar seu nome e se virar para ver Daphne correndo na sua direção. “*Maldição. Se eu tivesse estacionado mais perto, ela poderia não ter me visto.*”

— Sara, querida, eu não te vejo desde o cruzeiro.

— Realmente, Daphne? O que você quer?

— Sara, não podemos simplesmente deixar o passado ser passado?

“*Não até a imagem de você de joelhos com o meu ex-namorado enfiado na sua boca deixar de queimar na minha memória*”, parecia uma boa resposta, mas Sara

não conseguiu dizer isso. Além disso, não podia negar que, se não tivesse descoberto sobre Mark e Daphne, não teria Ben em sua vida agora. Além disso, ela e Ben haviam feito as pazes com Mark, então seria educada com Daphne.

— Isso é bom. Espero que você e Mark estejam muito felizes.

Daphne agarrou-a pelo cotovelo e começou a andar.

— Oh, Mark é história. Ele é um cachorro. Eu deveria saber disso. Uma vez uma fraude, sempre uma fraude.

Bem, isso foi rápido. Sara parou e puxou o braço para longe.

— Olha, Daphne, eu tenho coisas para fazer.

Daphne deu um sorriso brilhante.

— Bem, eu não sei. Que tal eu apenas fazer compras com você por um tempo?

— Na verdade, eu ia comprar algo para comer.

— Excelente, estou morrendo de fome. O que você está pensando?

Daphne era uma daquelas garotas que gostavam que todos acreditassem que ela existia com alface e café preto. E, para piorar as coisas, era excessivamente crítica em relação a qualquer pessoa, pelo menos qualquer mulher, que comesse como uma pessoa normal. Sara sorriu largamente, sabendo exatamente como se livrar dela.

— Eu tenho um desejo feroz por um grande pão de canela e um café gelado da *Mrs. Cinnamon's*.

— Oooh, parece pecaminoso. Estou dentro.

Sara franziu a testa.

— Você foi sequestrada por alienígenas ou algo assim?

Daphne riu alegremente.

— Não, querida, eu decidi que preciso viver um pouco.

Droga. Por que Daphne escolheu esse momento para ser normal? Bem, não havia como sair disso agora. Sara respondeu sem nenhum entusiasmo na voz:

— Ótimo.

Caminharam juntas até a praça de alimentação com Daphne conversando o tempo todo.

Sara colocou seu pedido no balcão, mas antes que pudesse pagar, Daphne se adiantou.

— Não, deixe-me ver isso.

— Isso não é necessário.

— Por favor, Sara, sei que não é necessário, mas eu quero.

Sara deu de ombros. Não tinha certeza do que fazer com tudo isso.

— OK. Obrigada.

Daphne sorriu para o rapaz que trabalhava no registro e disse:

— Eu vou querer o mesmo, só que quero o meu mocha com leite de soja e sem chantilly.

Bem, houve um vislumbre da antiga Daphne.

Depois que Daphne pagou, receberam seus doces, mas tiveram que esperar que os cafés fossem feitos.

— Vá em frente, encontre uma mesa para nós. Eu vou levá-los quando estiverem prontos — ofereceu Daphne.

As maravilhas nunca cessarão?

— Certo.

Quando Daphne se juntou a ela na mesa, colocou a xícara de Sara na frente dela.

Sara franziu a testa.

— Este é o seu? Não tem chantilly.

As sobrancelhas de Daphne se juntaram e ela olhou para a xícara.

— Oh, não, essa também não é a que está marcada com soja. — Ela ergueu a taça para que Sara visse a palavra “*soja*” rabiscada sobre ela. — Ele deve ter pensado que eu quis dizer nenhum chantilly em ambos. — Ela pousou sua própria xícara. — Aqui, eu vou levá-la de volta e pedir-lhe para adicionar o creme.

— Não, tudo bem. Obrigado.

— Não tem problema. — Daphne se sentou em frente a ela na mesa e tomou um gole de sua xícara. — Oh, uau, isso é delicioso.

— Você nunca comeu um mocha gelado antes?

— Não. Honestamente, Sara, realmente tenho que tomar cuidado com o que como. Gostaria de poder ser como você.

— Você é muito mais magra do que eu. — Sara tomou um gole de seu próprio mocha.

— Claro que sou, mas só porque não como nada divertido. Você pode se dar ao luxo de se entregar porque vai ao ginásio todos os dias. Eu odeio fazer exercício. Eu me forço a ir duas ou três vezes por semana, mas desprezo cada minuto disso. Absolutamente não suporto suar.

Sara riu.

— Eu não suporto nem suar. É por isso que comecei a nadar quando estava no ensino médio.

— Eu nunca pensei nisso, mas realmente não sei nadar muito bem.

— Então você pode gostar de hidroginástica

Com essa sugestão, o olhar no rosto de Daphne – como se ela tivesse cheirado algum cheiro horrível – era muito mais consistente com a mulher com quem Sara estava familiarizada.

— *Eca*. Não. Só as senhoras velhas fazem isso.

— Eu não diria que isso é verdade, mas você pode fazê-la.

A conversa seguiu em frente, de volta aos tópicos fúteis em que Daphne se destacava, principalmente fofocas sobre celebridades. Sara simplesmente assentiu muito enquanto apreciava seu lanche. Eventualmente, sua mente começou a vagar. Afinal, realmente não se importava que Paris Hilton tivesse lançado um álbum ou que Jennifer Aniston estivesse namorando Vince Vaughn.

Enquanto Daphne continuava a falar, Sara comeu o último pão de canela com o que restava do café e olhou para o relógio. Passava das duas. Daphne estava tagarelando por mais de trinta minutos, mas mal tocara em seu próprio lanche.

— Olha, Daphne, isto foi legal, mas eu queria fazer algumas compras. Você aproveita o resto da sua comida e te vejo mais tarde.

— Oh, por favor, não saia ainda. Eu queria ir às compras com você. Eu só vou dar outras dentadas e depois pedir uma caixa para que possa levar o resto para casa.

Sara suspirou. Não seria capaz de se livrar de Daphne, então a melhor coisa a fazer seria passear por uma loja ou duas e depois dar uma desculpa para ir embora. Talvez fosse para casa e tirasse aquela soneca de qualquer maneira.

Finalmente, depois de mais alguns minutos de conversa, durante os quais Daphne deu uma única mordida em seu pão de canela, ela disse:

— Estou cheia. Eu não posso comer mais nada — e voltou ao balcão para pedir uma caixa.

Sara revirou os olhos. Quatro mordidas no máximo e ela estava recheada.

Daphne voltou para a mesa com as sobras de caixa em uma sacola.

— Você quer levar isto? Eu provavelmente não vou comer mais e você parece gostar muito deles. Não há uma migalha sobrando. Eu não posso imaginar quantas voltas você terá que nadar para queimar todas essas calorias.

“Zing e ela está de volta”. Não havia como Sara conseguir fazer compras com Daphne por muito tempo, então, quando ela perguntou onde queria ir às compras, sua resposta foi fácil. *“Lindstrom’s”*. A loja de departamentos perto da qual ela estacionou seu carro.

— Ótimo. Mas você se importa se nós simplesmente entrarmos no *Vitale* por um segundo rápido, já que estamos aqui? Eu estava de olho numa bolsa da sua linha de outono.

— Sim, eu acho que está tudo bem. — *Vitale* era um designer de alta qualidade de sapatos e bolsas. Sara não se importava muito com seus projetos, mas eles estavam quentes no momento.

Então seguiram nessa direção, mas não andaram mais de cinquenta metros quando Sara tropeçou. Estava muito mais cansada do que havia percebido e isso deu-lhe a desculpa perfeita.

Daphne pôs a mão no ombro dela.

— Você está bem?

— Sim, eu tenho trabalhado muito duro para terminar um livro e estou um pouco cansada hoje. Pensei que fazer algo divertido esta tarde poderia me animar,

mas acho que talvez seja melhor ir para casa descansar. Eu só vou voltar para o meu carro.

— Ah, claro, eu entendo. Sem problemas. Eu vou pegar a bolsa outro dia.

— Vá em frente e compre-a agora. Não me deixe ... hum ... arruinar seus ... hum ... planos. — Deus, ela estava cansada.

— Eu não me importo. Irei com você.

— Como queira... quero dizer... o que seja. — Ela esfregou o rosto com as mãos. Sua cabeça estava girando.

— Sara, você não parece bem.

— Estou me sentindo muito estranha.

— Olha, Lindstrom fica do outro lado do shopping. Meu carro está estacionado do lado de fora dessa saída. Que tal eu te levar ao seu carro?

— Sim, isso é ... sim.

Daphne segurou-a pelo cotovelo, apoiando-a enquanto caminhavam em direção à saída. Sara mal conseguia colocar um pé na frente do outro. Algo estava acontecendo com ela, mas não conseguia se concentrar tempo suficiente para descobrir. Quando chegaram ao carro de Daphne, Sara caiu contra ele.

— Eu não sei o que está errado. Eu me sinto mal.

— Talvez em vez de levá-la ao seu carro, eu deva te levar para casa. Ouvi dizer que conduzir com sono é tão ruim quanto dirigir embriagado.

— Sim ... eu não posso dirigir.

— Aqui, entre no banco de trás. Você pode se deitar até eu chegar em sua casa.

— Boa ideia. — Sara rastejou para o banco de trás colocando sua bolsa debaixo da cabeça como um travesseiro. O seu celular começou a tocar, mas estava cansada demais para atendê-lo.

Capítulo 17 - *E se eu me apaixonar?*

Para Ben, hoje foi um rude despertar para alguns dos aspectos mais feios do século XXI. Às três horas, pouco antes de ele sair do escritório para ir até a casa de Sara, a Talbot & Company entrou em pânico. Alguém ligou para dizer que bombas haviam sido colocadas em todo o prédio e foram programadas para detonar automaticamente.

Ben não saiu como normalmente faria, optando por ficar ao lado do pai. Ele ligou para o celular de Sara, mas ela não respondeu, então enviou uma mensagem, sorrindo para si mesmo sobre como se acostumou com as formas modernas de comunicação.

“Espero que você esteja se divertindo. Eu posso sair mais tarde que o normal.”

Decidiu não se preocupar com os detalhes do porquê. Em poucos minutos ela respondeu de volta.

“Não se preocupe. Estou me divertindo. Vou chegar atrasada também.”

O prédio foi evacuado e revistado pelo esquadrão antibomba. Dois pacotes suspeitos não identificados foram encontrados na varredura inicial, um na garagem e outro no banheiro feminino no térreo. Eventualmente, foram encontrados para ser chamarizes. Mas, em vez de acalmar medos, isso deixou a polícia mais desconfiada de que uma verdadeira bomba poderia estar mais bem escondida.

— Não podemos correr o risco de que quem fez isso quisesse nos dar uma falsa sensação de segurança de que toda a ameaça foi uma farsa, apenas para que a verdadeira bomba exploda depois que as pessoas retornem aos seus escritórios.

Todo o incidente pôs Samuel no limite, temendo que a ameaça de bomba pudesse ter sido planejada para tirá-los de campo para algum outro propósito nefasto. Ele enviou seus funcionários para casa.

— Se o seu carro estiver estacionado na garagem, deixem-no lá. Peguem um táxi ou transporte público para casa e façam o mesmo amanhã.

Mas ele não queria que Ben fosse para a casa de Sara ainda.

— Venha para casa comigo ou vá para o seu apartamento. Mas é importante aumentar nossa segurança até que tudo tenha sido resolvido. Na verdade, vou

mandar um motorista para buscá-la. Eu me sentiria melhor sabendo que ela também está segura.

— Vou com você para sua casa, mas Sara não está em seu apartamento. Ela terminou o livro e decidiu ir às compras por um tempo.

— Onde ela foi?

— Eu não sei. — Ben franziu a testa tentando lembrar. — Não, espere, ela disse “o shopping”, o que quer que isso seja.

Samuel sacudiu a cabeça.

— Ben, um shopping é um grupo de lojas num enorme prédio e há pelo menos seis shoppings na área. Columbia, Annapolis, White Marsh, Towson. Ela poderia estar em qualquer lugar.

— Sinto muito, pai, não pensei em perguntar a ela.

— Está bem. Às vezes esqueço que você é novo em tudo isso.

— Vou ligar para ela se você quiser. Mas, na última vez que verifiquei, ela estava se divertindo. Eu odeio arruinar a primeira tarde que ela tira em semanas.

Samuel arqueou uma sobrancelha para ele.

— Ela trabalhou durante o fim de semana?

Ben riu.

— Bem, não. Mas ainda assim, ela tem se esforçando bastante.

Samuel sacudiu a cabeça.

— Eu provavelmente estou exagerando de qualquer maneira. Deixe que ela se divirta.

Mas Samuel permaneceu tenso e nervoso durante toda a tarde até que a polícia finalmente o notificou de que o prédio estava limpo.

— Ben, aparentemente tudo foi verificado. A polícia continuará investigando para ver se eles podem descobrir quem está por trás disso.

— Essa é uma boa notícia. O que disseram quando perguntou se poderia ser um funcionário da Talbot & Company?

— Disseram que era possível, mas não provável. Poderia ter sido qualquer um. Os pacotes estavam em áreas que o público pode acessar livremente. A polícia acha que provavelmente foi um doente entediado que gosta de ver o caos que cria.

— Bem, isso é um alívio. Mas desde que tudo está bem, eu gostaria de voltar para Sara. Nós sairíamos hoje à noite para comemorar a conclusão de seu novo livro.

Um olhar de preocupação cruzou o rosto de Samuel. Ben ficou impressionado com a intensidade com que foi afetado pela tragédia de perder sua esposa e filho. A preocupação de que algo assim pudesse acontecer de novo estava evidentemente longe de sua mente.

— Papai, se você ainda está preocupado, tudo bem. Eu posso ligar para Sara e dizer a ela para vir aqui ou me encontrar na sua casa.

— Não, eu estou sendo bobo. Preciso parar de fazer uma coisa tão grande de algo que a polícia acha que foi provavelmente aleatório. Continue. Leve sua talentosa esposa para jantar.

— Ok, se você tem certeza. Vejo você amanhã.

Enquanto estava sendo levado para a casa de Sara, Ben ligou para o seu celular, mas ela ainda não respondeu. Ele mandou uma mensagem.

“Estou a caminho de casa agora. Vejo você em alguns minutos.”

Ela não retornou seu texto.

Quando chegou, o carro dela não estava estacionado no local habitual. Ela ainda deveria estar fazendo compras.

Ele entrou e tentou ligar para ela de novo, mas novamente a chamada foi direto para o correio de voz, então enviou outra mensagem.

“Estou em casa agora. Pense em onde você quer ir para o jantar. Te vejo em breve.”

Tomou um banho rápido. Quando terminou e se vestiu, checkou seu celular novamente. Eram quase sete horas e ela ainda não tinha respondido às suas mensagens. Mas, para sua surpresa, havia uma chamada perdida de Mark, e uma nova mensagem de voz. Ele ouviu isso.

— Hey, Ben, eu preciso te ver imediatamente sobre algo. Eu não sei se você está no seu apartamento ou no de Sara. Estou mais perto do apartamento dela, eu vou lá primeiro. Se não é onde você está, me ligue.

Agora estava preocupado. Tentou o celular de Sara novamente e mais uma vez foi para o correio de voz.

“Porra, Sara, por que você não atende? Me ligue assim que puder.”

Bam Bam Bam. Alguém bateu na porta.

Quando abriu, Mark entrou.

— Que diabos?

— Ben, desculpe cara, mas é algo ruim. — Ele tinha um envelope na mão. — Quando cheguei em casa do trabalho, isto estava preso à minha porta. Eu te liguei assim que o abri.

— O que é isso?

Mark entregou-o a ele.

— É um pedido de resgate. Alguém raptou Sara.

Ben tirou o conteúdo do envelope. Examinou a nota, que foi escrita à mão em letras maiúsculas:

EU TENHO SARA WELLS. ELA ESTÁ VIVA ... POR AGORA. SIGA ESTAS INSTRUÇÕES SE VOCÊ QUER QUE ELA CONTINUE ASSIM.

1. NÃO INFORME QUALQUER AGÊNCIA DE APLICAÇÃO DA LEI OU EMPRESA DE SEGURANÇA PRIVADA. SABEREI E ELA MORRERÁ INSTANTANEAMENTE.
2. QUANDO VOCÊ RECEBER ESTA MENSAGEM FAÇA UMA CHAMADA PARA O Nº 410-555-6450 DE UM TELEFONE CELULAR. VOU ENVIAR-LHE PROVAS DE QUE A TENHO.
3. AO MEIO-DIA DE AMANHÃ QUERO UM MILHÃO DE DÓLARES EM NOTAS DE \$ 100.
4. COLOQUE O DINHEIRO EM DUAS MOCHILAS IDÊNTICAS.
5. VOU CHAMÁ-LO ÀS DEZ DA MANHÃ COM MAIS INSTRUÇÕES.

Ben simplesmente ficou boquiaberto com a letra.

— Ela foi sequestrada?

— Parece que sim. Liguei para o número e foi isto que me enviaram. — Ele pegou o telefone e mostrou a Ben uma foto de Sara, amarrada a uma cama, com uma cópia da Crônica de Catonsville ao lado de sua cabeça.

— Por que a carta foi entregue a você?

— Cristo, Ben, onde mais entregariam isto? Ela não tem família e você escondeu seu relacionamento com ela. Por causa disso, eu não desmenti exatamente o fato de que ela não é mais minha namorada.

Ben não sabia o que fazer. Instintivamente, pegou o telefone para ligar para Samuel.

— Quem você está chamando? — Perguntou Mark.

— Meu pai. Ele gostaria de saber disso.

Mark pegou o telefone da mão antes que Ben pudesse completar a ligação.

— Está maluco? A nota dizia para não contar a ninguém. Você poderia matá-la.

Ben pegou o telefone de volta.

— A nota dizia para não ligar para nenhuma agência de segurança pública. Meu pai não é policial.

— Sim, mas se você ligar para ele, ele colocará sua segurança particular imediatamente. Você sabe que ele vai. Ele acreditará que o sequestrador estava blefando sobre saber se ligamos para alguém.

— E justamente por isso. Como eles podem saber?

— Eu não sei. Torneiras de fio ilegais? Equipamentos de vigilância?

— Mas é como você disse, eles nem sabem que estamos juntos. Se estão monitorando alguém, é você.

— Você está disposto a arriscar a vida de Sara sobre isso?

Ben franziu a testa.

— Não.

— Então, não ligue para o seu pai ainda. Vamos pensar nisso primeiro. Um milhão de dólares não é muito no grande esquema das coisas. Você tem bilhões.

— Não, Mark, eu não tenho.

— Claro que você tem.

Ben sacudiu a cabeça, frustrado.

— Não. Eu não tenho. Após a minha lesão na cabeça e perda de memória, meu pai estava corretamente preocupado com minha capacidade de lidar com dinheiro. Ele removeu meu acesso a todos os fundos da família. Eu tenho algum dinheiro no banco, mas não chega nem perto de um milhão.

— Sara tem. Ela recebeu três milhões no processo de homicídio culposo.

— Eu sei disso, mas não está na nossa conta bancária. Além disso, se eu a entendi corretamente, ela investiu a maior parte em maçãs.

— Maçãs? Que diabos você está falando?

— Eu não sei. Ela disse que comprou “*maçãs nos anos oitenta*”.

— *Maçãs nos anos oitenta?*

— Isso é o que ela disse. Aparentemente, ela estava chateada na época. Ela chamou isso de “*dinheiro de sangue*” e não o queria, então ela fez um – eu acho que ela chamou de *Forrest Gump*? De qualquer forma, aplicou-o em maçãs.

— Espere, você quer dizer Apple? A empresa? Ela afundou todo esse dinheiro em ações da Apple?

— Talvez seja isso o que ela quis dizer.

— Puta merda. Eu nunca perguntei o que ela fez com isso. A Apple disparou. Se ela investiu três milhões a um dólar e oitenta, vale pelo menos cinco vezes mais.

— Poderia valer um bilhão de dólares e isso não importaria. Eu não tenho acesso a isso.

— Bem, eu provavelmente posso conseguir um milhão em dinheiro amanhã. Pode ser melhor ir junto com o sequestrador, se isso significa mantê-la segura.

— Eu não sei. Não gosto da ideia de ficar sentado até amanhã. Realmente acho que devemos ligar para o meu pai. Talvez haja uma pista na foto. Onde fica *Catonsville* de qualquer maneira?

— Não é longe. Eu duvido que a estejam segurando em Catonsville, no entanto. Apenas usaram esse papel como prova de vida.

— *Prova de vida?*

— Sim — Mark puxou a foto em seu telefone novamente. Deu um zoom na imagem e apontou para ela. — Veja, tem a data de hoje. É um pequeno jornal semanal que chega às bancadas nas quintas-feiras à tarde. Está na foto para provar que Sara estava viva esta tarde. — Mark franziu a testa e olhou mais de perto para a

foto ampliada. — Espere um minuto. Eu já vi essa cama antes. Aquela cama está no alojamento de Slater. Você se lembra da cabana de caça da família de Carl Slater?

— Não, Mark, eu não lembro. — Ele apontou para sua têmpora. — Lesão na cabeça, lembra?

— Oh, desculpe. Fomos para a escola preparatória com o Carl. Sua família possui um pavilhão de caça a poucas horas de distância nas montanhas do oeste de Maryland. No verão, um monte de gente se esgueirava para lá para beber e sair. Você dizia ao seu pai que íamos velejar pelo fim de semana. Então, nós saíamos do iate clube em Essex, rio abaixo até o Chesapeake, e subíamos o Patapsco até a marina em Fells Point, onde um de nós deixara um carro. Depois, para o oeste, para as montanhas e a liberdade de um fim de semana perdido de bebida e devassidão.

Um fim de semana perdido? Ben sacudiu a cabeça. Quando era adolescente, trabalhava longas horas, seis dias por semana, como aprendiz de construtor de navios. Então seu pai morreu quando tinha dezoito anos, deixando Ben com um negócio em crescimento para ajudar a gerir.

— Se você só passou fins de semana desperdiçados lá, o que o faz ter tanta certeza de que é a mesma cama?

— Confie em mim. Eu *sei* que é a mesma cama. Reconheço a armação de ferro antiga.

— É apenas uma moldura de cama e eu não diria que é particularmente memorável.

— Talvez não para a maioria das pessoas, mas vê a urna pintada na cabeceira da cama? Nunca vou esquecer isso. Está gravado na minha memória para sempre.

— Me dê um tempo

— Não, é sério. Eu estava tentando entrar na calcinha de alguma garota. Eu tinha feito todo o caminho para a cama, mas não consegui sair da segunda base.

— *Segunda base?*

Mark gemeu exasperado.

— Ela me deixou beijá-la e brincar com as mamas dela, mas foi só isso. De qualquer forma, vi a imagem da urna grega na cabeceira da cama. Eu pensei em derramar um pouco de poesia nela e fazê-la pensar que era culto e romântico. Foi a primeira vez dela. A minha também, aliás, mas algumas linhas da Ode numa urna grega e ela derreteu.

— *Ode em uma urna grega?*

— Sim. Você sabe, o poema de Keats³¹. “*A beleza é a verdade, a beleza da verdade, isso é tudo o que sabeis na terra e tudo o que precisas saber*”.

— Quem é Keats?

— Maldição Benjamin, sua memória está mesmo ruim. Nós tivemos aquela professora de inglês maluca que passou duas semanas analisando essa merda. De qualquer forma, isso me serviu, então eu não deveria resmungar. Mas nunca vou esquecer essa cama.

— Certamente foi um item produzido em massa. Pode haver milhares deles em todo o país.

— Eu suponho que poderia haver. Mas é uma antiguidade, então provavelmente não há muitas delas em uso. Além disso, é muita coincidência que Sara seja mantida numa cama como a que está em casa de alguém do nosso círculo de amigos.

— Você acha que esse Carl a sequestrou?

— Tem que ser ele.

— Mas por quê?

— Não tenho certeza. Eu sei que ele estava passando por uma fase difícil financeiramente. Tem muita riqueza ligada ao mercado imobiliário e o mercado está caindo. Deve realmente estar num ponto ruim financeiramente para recorrer a isso. — Mark balançou a cabeça. — Ele tem família também. Isso será devastador. Sequestro é um crime e pode ir embora por trinta anos.

— *Ir embora?* Se ele sequestrou Sara, quero que ele vá embora.

— Eu quero dizer tempo sério de prisão. Isso seria trágico.

Ben estava incrédulo.

— Ele raptou minha esposa.

— Eu sei disso. Mas talvez pudéssemos ir até a velha loja e conversar com ele.

³¹ John Keats (Londres, 31 de outubro de 1795 - Roma, 23 de fevereiro de 1821) foi um poeta inglês. Foi o último dos poetas românticos do país, e, aos 25, o mais jovem a morrer.

— E se você estiver errado e nós formos até lá? Meu pai conhece os Slaters? Talvez devêssemos passar por ele agora que achamos que sabemos quem está por trás disso.

— Eu estou dizendo a você, seu pai vai trazer as autoridades e não podemos arriscar. Além disso, Carl é um cara decente. Se ele fez isso, está desesperado. Talvez possamos conversar com ele e oferecer ajuda. Uma vez que souber que sabemos que foi ele, não pode continuar com isso. Inferno, ele pode nem estar na loja. Podemos ir até lá, garantir que Sara esteja segura e decidir o que fazer.

Ben sacudiu a cabeça. Em seu tempo, teria tomado o assunto em suas próprias mãos e feito exatamente o que Mark estava propondo, mas as coisas eram diferentes aqui.

— Não tenho certeza se é uma boa ideia.

— Olha, Benjamin, não temos muitas escolhas. Se levarmos os policiais para lá, corremos o risco de encurralá-lo e ele pode matá-la. Somos velhos amigos. Eu acho que temos uma chance melhor de manter Sara segura, se apenas lidarmos com isso silenciosamente.

Ben não estava completamente convencido, mas não podia simplesmente sentar e esperar pela manhã.

Mark seguiu-o.

— Você dirige, eu oriento o caminho.

— Você dirige. — Benjamin ainda estava dominando a direção e não tinha um carro aqui de qualquer maneira.

— Você está falando sério? Você nunca deixa ninguém mais dirigir, a menos que seja um dos seus tipos profissionais de guarda-costas. Esqueceu como dirigir ou algo assim?

Ben franziu o cenho para ele.

— Não seja um idiota. Apenas dirija.

Capítulo 18 - *E se eu me apaixonar?*

Sara abriu os olhos. O quarto estava escuro e sentia como se seu cérebro estivesse envolto numa névoa pesada e não conseguisse processar o que estava acontecendo. Tentou esfregar os olhos, mas não podia mover seus braços. Estavam amarrados por cima da cabeça numa placa de cabeceira de ferro. Seus pés também estavam amarrados ao pé das costas da cama.

Amarrada? Que diabos?

Puxou as cordas, mas isso só fez com que elas se aprofundassem mais em seus pulsos.

Como tinha chegado aqui? Fechou os olhos e tentou se concentrar em limpar a cabeça e lembrar do que tinha acontecido. Mas simplesmente não conseguia dar um sentido às coisas.

OK. Volte para algo que você possa lembrar. O livro. Ela terminou o livro. E lembrou-se de dirigir até o shopping para fazer umas compras e se entregar a um pãozinho de canela. Mas então o quê?

Daphne.

Encontrou Daphne, que insistiu em se juntar a ela na *Mrs. Cinnamon's*. Não conseguia lembrar de nada depois disso. Era como se tivesse acabado de adormecer. Escuridão. Nada.

Pense Sara. Como você chegou aqui?

Tinha que ser através de Daphne, então Sara tentou se concentrar nela, mas tudo o que conseguia lembrar era de estar na praça de alimentação com ela. Então, outra imagem nebulosa flutuou para ela. Daphne ajudando-a a sair do carro e entrando em uma casa. Numa cama. Tirando uma foto. Tirando uma foto?

— Segure o papel e sorria para mim. Nós não queremos sua foto desfocada.

O flash inesperado do celular de Daphne quase a cegou.

— Por quê? — Foi tudo o que Sara dissera.

— Oh, querida, eu preciso de uma foto como prova de vida.

— Prova de...

— Vida. Sim. Você vê, tenho que a enviar assim que a nota de resgate for encontrada. Agora, só preciso ter certeza de que essas cordas estão apertadas e justas. Vou sair por um tempo. Preciso sair desta montanha para ter certeza de que tenho sinal suficiente para enviar a foto quando chegar a hora. E Deus sabe, se você acordar enquanto eu estiver fora, não posso ter você vagando.

Quando isso aconteceu, Sara não poderia ter lutado, mesmo se não tivesse sido amarrada. Mal conseguia se mexer. Mas a palavra “*resgate*” havia se cristalizado em seus pensamentos. Não fez sentido para ela naquele momento. Daphne era rica. Ainda assim, lembrou-se de perguntar:

— Você precisa de dinheiro? Eu posso te dar ...

Mas Daphne a interrompeu.

— Eu não quero o seu dinheiro e não precisaria se você não tivesse interferido.

— Então por quê?

— Você arruinou tudo para mim. Arruinou minhas chances com Benjamin e agora Mark também se foi. Você é a causa de todos os meus problemas e quero você morta.

— Por que o resgate então?

— Porque as pessoas vão acreditar. Vão acreditar que você foi sequestrada para espremer dinheiro de Benjamin Talbot. Infelizmente, quando entregarem o resgate, não haverá ninguém para levá-lo e nenhuma doce Miss Wells será devolvida. Porque assim que tiver certeza de que não são necessárias mais fotos de prova de vida, vou matar você e simplesmente voltar para Baltimore. Ninguém vai saber. Inferno, provavelmente nem vão encontrar seu corpo por meses.

— Onde estamos?

— Isso é um pavilhão de caça que pertence à família de um velho amigo nosso, quero dizer, Mark, Ben e eu. Todos nós vínhamos aqui anos atrás para beber e sair. Ninguém vai pensar em procurar aqui. Na verdade, é provável que ninguém vá vir aqui por um par de meses, não até a estação dos cervos. E a melhor parte é, quando a encontrarem, todos vão pensar que Mark fez isso.

Sara lembrou-se tentando descobrir por que Mark seria culpado, mas não conseguia tirar outra lembrança de seu cérebro confuso. Voltou sua atenção para suas restrições. Tentou novamente soltá-las, torcendo e puxando com uma nova urgência. Se não se libertasse, tinha poucas dúvidas de que Daphne iria matá-la.

Não estava nisso há muito tempo quando a porta se abriu e a luz do teto foi acesa.

— Ah, você está acordada — disse Daphne da porta. Ela segurava uma arma frouxamente em uma mão. — Está tarde. Eu pensei que você nunca mais iria acordar.

— Acordar? O que você me deu?

— Um *roofie*.

— Um *roofie*? Rohypnol?

— Sim. E eu entendo agora porque os caras o usam para cometer estupro. Você estava praticamente em coma. Eu mal consegui tirar você do carro.

— Aconteceu de você ter um *roofie* quando me encontrou no shopping?

— Claro que não. Eu te segui até o shopping. Eu tinha planejado fazer isso alguns dias atrás. Ia encontrar você no clube de saúde e oferecer-lhe suco, mas você não saiu de casa.

— Você planejou isso por dias? Deus querido, por quê?

— Inicialmente, estava tentando trazer Benjamin de volta. Ia tirar fotos de você e eu ... curtindo uma com a outra. Queria convencê-lo de que você inventou tudo sobre o que aconteceu no navio. Ia dizer-lhe que estava tentando montar um ménage com você. Ele sempre quis um. Ia dizer a ele que você é gananciosa e mentiu sobre encontrar Mark e eu juntos. Mark queria tanto você de volta, e convenci-o a me ajudar. Mas não só ele se assustou, como o idiota disse que eu e ele deveríamos fazer uma pausa. Deveríamos ser nós dois. Desde o começo.

— Do que você está falando?

— Mark. Ele deveria ser meu. Ele me queria durante todo o ensino médio. Eu sei que sim. Eu estava saindo com o zagueiro de seu time de futebol, então Mark resolveu sair com a minha prima mais nova. Ele namorou com ela por um tempo até que fomos para a faculdade. Eu ainda namorava atletas, mas depois da formatura, as coisas na minha vida pessoal mudaram um pouco e percebi que queria mais do que músculo. Também queria dinheiro. Então Mark começou a namorar você e eu não podia aceitar isso. Comecei a namorar seu melhor amigo, mas meu objetivo desde o início era seduzir Mark e afastá-lo de você. Se pudesse pegar alguns milhões no processo, isso seria ainda melhor. Uma vez que ele estava interessado, conversei com ele sobre um longo golpe. Ele se casaria com você e pegaria seu dinheiro. Eu me casaria com Benjamin e pegaria o dele, então nos casaríamos e viveríamos ricos para sempre. Mas depois que você terminou com

ele, o idiota decidiu que *você* era a pessoa que ele queria o tempo todo. Você arruinou minhas chances com os dois homens e me roubou todo esse dinheiro.

— Mas você já é rica. Você não tem uma família rica e algum grande fundo fiduciário?

— Não é uma enorme quantidade de dinheiro e minha família ... bem, vamos apenas dizer que eu não posso contar mais com eles.

— Por que não?

— Bem, isso é sua culpa, também.

— Como poderia possivelmente ser minha culpa? Eu não conheço a sua família.

— Sim, você conhece. Você simplesmente não sabe que são minha família. De qualquer forma, você é milionária por causa deles.

— Do que você está falando?

— Os milhões que você ganhou no processo de morte por negligência.

— Os DeWitts? Você é uma DeWitt? A menina que causou o acidente que matou a família de Sara era Cordelia DeWitt.

— Não. A irmã da minha mãe se casou com um DeWitt. Seu nome de solteira era Cheswick. Os Cheswicks eram confortavelmente ricos, mas minha tia se casou. Ela e minha mãe eram opostas. Minha tia era a boa irmã que fazia exatamente o que mamãe e papai queriam. Minha mãe não era tão boa assim. Ela se metia em problemas com frequência. Eventualmente, ela fugiu com seu amor verdadeiro, um homem de baixa-vida sem valor, Ralph Chappy. Ele ficava bêbado e batia nela regularmente e não iria se casar com ela, mas aí de quem pronunciasse uma palavra contra ele. Depois que eu nasci, os pais dela ameaçaram deserdá-la se não o deixasse. Ela não o fez e eles foram fiéis à sua palavra. Eles não queriam vê-la gastar sua herança, então colocaram-na num fundo para mim. Como as coisas pioraram, ela virou-se para as drogas e álcool para passar seus dias. No final, foi Ralph quem nos deixou. Ela conseguiu juntar o tempo suficiente para atrair outro perdedor que não queria cuidar do filho de outra pessoa. Então me deixou na porta de Honoria quando tinha nove anos e foi a última vez que a vi.

— Honoria? Sua tia é Honoria DeWitt?

— Conectando os pontos agora?

— Cordelia é sua prima? Aquela que namorou com Mark?

— Sim. Os DeWitts se voltaram contra mim depois disso.

— Por quê?

— Porque Cordie estava a caminho para me pegar. Nós íamos a uma festa. Ela estava atrasada e eu continuei mandando mensagens para ela se apressar.

— Você é a razão pela qual ela estava acelerando e mandando mensagens? Minha família está morta por sua causa?

— Sua família está morta porque Cordie não conseguia chegar a lugar algum a tempo, nunca. Eu não tenho culpa se ela estava correndo.

— Você estava mandando mensagens para ela, dizendo para ela se apressar?

— Bem, ela não precisava fazer isso. E foi o que eu disse para minha tia e meu tio, mas eles disseram que eu era uma má influência e queriam que ficasse longe de Cordie. Sara, quando disse que você arruinou minha vida inteira, você realmente o fez. Pode se desculpar se isso a fizer se sentir melhor, mas isso não mudará nada. Eu ainda devo me livrar de você. Então tudo voltará ao lugar.

Sara apenas olhou para ela atônita. Isso era incompreensível. Daphne não era apenas uma vaidosa garota rica. Era uma *sociopata*. Nada era culpa dela, ela não tinha empatia, não demonstrava remorso e tomava decisões baseadas apenas no que queria. Soube naquele instante que se não conseguisse se libertar, ela iria morrer. Não seria capaz de argumentar com um sociopata.

Daphne franziu a testa e olhou para a porta como se tivesse ouvido alguma coisa. Ela saiu do quarto.

Sara começou a puxar freneticamente as cordas novamente, mas parou quando ouviu passos na escada e percebeu que alguém estava abrindo a janela.

Ben passou para dentro no momento em que Daphne entrou pela porta.

Daphne balançou a cabeça tristemente.

— Oh, Benjamin. Você realmente não deveria ter vindo.

— Sara, você está bem?

— Sim, mas Ben ela é ... — *louca* estava na ponta da língua, mas conteve-se. — Ela tem uma arma.

— Benjamin, eu não posso acreditar no quão rude você se tornou. Você nem disse olá.

A alegria inicial de Ben em encontrar Sara viva se transformou instantaneamente em medo quando viu Daphne com uma arma na mão.

Daphne.

Seu cérebro dificilmente poderia processá-lo. Ela era a última pessoa que esperava ver.

Levou quase duas horas para chegar lá. Mark lhe contara tudo o que conseguia lembrar sobre a cabana.

— A frente tem dois andares, mas a parte de trás da casa, onde fica a cozinha, é apenas uma história. Costumava haver uma macieira perto da porta dos fundos e seus galhos estendidos sobre o telhado. — Decidiram estacionar no fim da pista e se aproximarem da casa a pé. Então, independentemente de parecer que alguém estava lá ou não, se a árvore ainda estivesse em pé, eles subiriam no telhado da cozinha e entrariam por uma das janelas superiores.

Quando eles chegaram a casa, seu coração pulou. Havia luzes acesas, mas não havia sinal de um veículo em qualquer lugar.

— Você estava certo —, ele sussurrou para Mark. — Ele a deixou. Não há carro.

Mark balançou a cabeça, apontou para uma estrutura semelhante a um celeiro, não muito longe da casa, e sussurrou:

— Não podemos ter certeza. Eles converteram aquele celeiro em uma garagem. Se houver um veículo aqui, ele estará lá.

Então, eles seguiram o plano e Ben subiu na árvore para subir primeiro no telhado da cozinha.

No caminho, eles também discutiram a melhor maneira de lidar com Carl se ele estivesse lá. Mas eles nunca pensaram na possibilidade de que não fosse Carl. Como Mark não o seguiu pela janela, ele deve ter visto o que estava acontecendo. Ben precisava manter Daphne falando e se concentrando nele. Talvez Mark pudesse ter acesso no andar de baixo e escorregar por trás de Daphne

— Olá, Daphne — disse Ben tão calmamente quanto possível. — Eu não esperava ver você aqui.

Ela riu um pouco.

— Não, eu suponho não. Francamente, estou surpresa em ver você. Quer dizer, eu assumi que Mark viria correndo para você pelo dinheiro, mas não tenho certeza de como você descobriu que ela estava aqui. É uma pena mesmo. Eu só queria me livrar dela, mas agora vocês terão que morrer.

— Daphne, por favor. Vamos deixar Sara ir. Se você precisar de dinheiro, eu lhe darei tudo o que você quiser.

— Eu não preciso de dinheiro. Eu preciso me livrar dela. — Ela apontou para Sara com a arma. A alegria inicial de Ben em encontrar Sara viva se transformou instantaneamente em temor quando viu Daphne com uma arma na mão.

Por instinto, Ben moveu-se para colocar-se entre Daphne e Sara.

Daphne balançou a arma de volta para ele.

— Não se mova.

Ele colocou as mãos para cima.

— Ok, eu não vou. Mas Daphne, você não quer fazer isso. Vamos, dê-me a arma antes de machucar alguém. Então você e eu podemos falar.

Ele estendeu a mão, dando um passo para Daphne.

Ela virou a arma de volta para Sara.

— Eu disse que não se mova! Se você der um outro passo eu vou matá-la.

— Daphne, por favor. Olhe para mim. Eu sou aquele de quem você está com raiva, não Sara.

— Você não tem nenhuma idéia do caralho sobre qualquer coisa. Estou brava com ela. Isto é tudo culpa dela. Mesmo o fato de que você estar aqui e eu ter que te matar é culpa dela. Você nunca deu a mínima sobre ninguém, a não ser a si mesmo. E ainda assim está aqui, como um cavaleiro maldito de armadura brilhante, arriscando sua vida para salvar a *pobre* Sara Wells.

— Você não tem que matar qualquer um de nós.

— Oh, mas tenho. Eu não quero. Eu pensei que com ela fora do caminho você pudesse voltar para mim. Bebê, estávamos tão bem juntos. — Sua mão livre deslizou sedutoramente até seu corpo e ela acariciou seu peito. — As coisas que você faz para mim. — Ela suspirou. — Não, eu gostaria que fosse diferente, mas você não me deu nenhuma escolha.

Um barulho, como alguém pisando em uma tábua solta, veio de trás Daphne, chamando sua atenção por um momento. Nessa fração de segundo, enquanto sua cabeça virou, Ben mergulhou em sua direção. Mesmo pega de surpresa, ela foi capaz de puxar o gatilho antes que ele a alcançasse. O som do tiro, juntamente com os gritos de Sara reverberaram em seus ouvidos enquanto a dor e o calor atravessaram o lado superior esquerdo do seu abdômen. Ele caiu de joelhos.

Mark surgiu através da porta atrás de Daphne. Ela girou e disparou a arma de novo quando ele a agarrou. Ela caiu de costas, a cabeça batendo no chão com um baque nauseante, e ficou mole. Sangue floresceu no ombro direito de Mark. Ele tirou a arma da mão de Daphne antes de se virar para Ben.

— Jesus Cristo, Ben.— Ele colocou a mão sobre o ferimento de bala e baixou Ben para o chão.

Sara estava histérica.

— Mark, eu estou ... Eu estou bem. Peça ajuda, em seguida, veja a Sara.

— A ajuda já está a caminho. Quando ouvi a voz de Daphne, desci do telhado e liguei para o 911 enquanto estava tentando entrar no andar térreo.

Ben assentiu.

— Bom. Ajude Sara.

— Você está sangrando, homem. Precisamos manter a pressão sobre isso.

— Eu vou segurá-la. Você está ferido também. — o sangue escorria no lado direito da camisa de Mark. — Se Daphne acordar ... — Ele empurrou a mão de Mark à distância, substituindo-a por sua própria. — Ajude Sara.

Mark foi para a cama e Ben fechou os olhos. Era simplesmente muito trabalho mantê-los abertos.

Ele ouviu o protesto de Sara.

— Não! Estou bem. Ajude-o, Mark.

— Não, linda, ele está certo. Eu não me sinto muito bem. Você precisa estar livre no caso de Daphne acordar.

Demorou um minuto para Mark a desatar.

— Sinto muito, o sangue torna as minhas mãos escorregadias.

Assim que estava livre, ela correu e ajoelhou-se no chão ao lado de Ben. Ele abriu os olhos e olhou para os belos olhos castanhos que amava.

— Minha menina de olhos castanhos. Eu te amo. — Ele fechou os olhos novamente.

— Não, não, não, não, não. — Ela colocou a mão sobre a dele, colocando pressão sobre a ferida. — Fique comigo, Ben. Eu te amo. Por favor, fique comigo.

Ele queria. Realmente, queria. Mas não podia forçar os olhos abertos. E ela estava tão longe.

Capítulo 19 - *E se eu me apaixonar?*

Ben lentamente tornou-se consciente de seu entorno. Com base em coisas que tinha visto na televisão, parecia estar numa sala de operação. Alguém estava deitado na mesa de operação cercado por pessoas usando máscaras, batas e luvas, que pareciam estar a trabalhar freneticamente sobre o paciente.

— Oh, meu Deus. Sara. Daphne atirou em Sara. Por favor, por favor, Deus, eu não posso viver sem ela. — Ele começou a se aproximar, para vê-la, dizer-lhe para lutar, para dizer-lhe o quanto a amava, mas uma mão em seu ombro o impediu. Olhou para trás. — Gertrude.

— Benedict, rapaz, você não precisa ver isso.

— Mas, Gertrude, eu a amo. Não posso perdê-la.

— Você não precisa se preocupar com Sara. Ela está bem. Você a salvou.

— Então, é Mark na mesa? Deve ser. Daphne atirou nele também. Ele vai ficar bem?

— Sim, Benedict, Mark está bem. Sua lesão não é séria.

— Então quem é?

— Você levou a bala por Sara. Você é a pessoa na mesa. Ou mais precisamente, é Benjamin.

— Eu? Não, não pode ser. Eu estou aqui ao seu lado.

Gertrude acariciou sua bochecha com a mão enrugada.

— Sim, rapaz, a sua alma está aqui ao meu lado. Não o seu corpo.

— Estou morrendo?

— Os médicos estão lutando desesperadamente para manter vivo o corpo de Benjamin, mas lamento dizer que a morte parece ser uma possibilidade distinta.

— Uma possibilidade? Você é um anjo e não sabe?

Ela balançou a cabeça.

— Eu só sei o que preciso saber, quando preciso saber. Evidentemente, se o corpo de Benjamin sobreviverá a essa lesão não é uma informação vital.

— *Informação não vital?* É muito importante para mim.

Gertrude riu.

— Os humanos geralmente pensam que precisam saber mais do que sabem. Mas você tem uma escolha a encarar e o conhecimento do futuro não é necessário para tomar sua decisão.

— Eu não entendo.

— Você se lembra do que eu disse sobre as escolhas quando lhe ofereci o relógio?

— Sim. Você disse que eu tinha que decidir aceitar o relógio de bolso e usá-lo. Mas também disse que a escolha de voltar ao meu tempo seria minha. Eu decidi ficar e, no entanto, parece que nunca pretendi ficar. Por que você me deixou pensar que poderia? Por que me dar a chance de vir aqui e me apaixonar se não pudesse ficar? Você mentiu para mim.

— Eu nunca minto. Você certamente pode ficar aqui. A escolha de retornar ainda é sua. Nada mudou.

— Mas se eu estou morrendo, tenho que voltar.

— Não, não tem. É verdade que enquanto o corpo de Benjamin ainda estiver vivo, você pode dizer sua palavra de retorno, se quiser. Mas também pode escolher não dizê-la.

— Mas então eu vou morrer ... Gertrude, eu não quero morrer.

— Eu entendo, mas ninguém sabe o dia de amanhã. Estando aqui ou no século XVIII, você é simplesmente humano. Seus dias são finitos. Você vai morrer um dia. Talvez amanhã. Talvez daqui a setenta anos.

— Então, se disser a palavra vou voltar para o meu próprio corpo e vou estar vivo.

— Sim. Pelo menos por enquanto. Como eu disse, ninguém sabe o dia de amanhã.

Benedict olhou para a equipe que trabalhava para salvar Benjamin. Havia muito sangue. Como poderia viver com isso? Então a lembrança daqueles últimos momentos no chão do quarto na cabana veio até ele. Lembrou de olhar nos lindos

olhos castanhos de Sara. Lembrou das palavras dela: *“Fique comigo, Ben. Eu te amo. Por favor, fique comigo.”*

— Como posso deixá-la? Acho que não poderia suportar perdê-la para sempre. Você pode dar-lhe o relógio de bolso? Pode mandá-la de volta para mim?

— Não é assim que funciona, rapaz. Diga a palavra e acorde em seu próprio corpo como foi quando você saiu. Ou, para permanecer com sua alma gêmea pelo tempo que lhe for dado, decida não dizer a palavra sabendo que a morte é uma possibilidade muito real. A escolha é sua, Benedict.

— Eu não quero deixá-la.

— Então, não desista facilmente. Lute como se o próprio diabo estivesse em seus calcanhares para viver. Mas se vai dizer a palavra, precisa dizê-la agora.

Naquele instante, ele sentiu como se estivesse sendo puxado em direções opostas. Era tudo o que podia fazer para manter o foco em Gertrude.

— O que está acontecendo?

— É uma encruzilhada, rapaz. Você está sendo puxado para o corpo de Benjamin ou para a próxima vida.

Imagens de sua vida passaram antes dele, mas aquelas das últimas semanas com sua amada Sara eram tão vibrantes, tão tangíveis que encheram-no de alegria e propósito. Sua decisão foi tomada. Ele não desistiria.

— Ela é minha alma gêmea. Eu vou lutar por ela.

Mal pronunciou essas palavras sentiu uma força superar a outra e ele foi puxado para o nada.

~ * ~

Quando Sara viu a equipe de trauma carregar Ben no helicóptero, temeu que nunca mais o visse. Como as coisas tinham corrido tão terrivelmente? Ela e Ben foram feitos para ficar juntos, não foram?

Eles o levaram para um centro de trauma em Baltimore. Mark estava sendo levado para um centro de trauma de nível três em Hagerstown e queriam levar Sara de ambulância para um hospital em Cumberland. Inicialmente, ela recusou. Precisava chegar a Baltimore para ficar com Ben. Mas eles a convenceram de que

seria extremamente perigoso para ela fazer isso. Não sabiam com o que tinha sido drogada e precisava ser verificada.

No entanto, tão logo chegou ao hospital, uma enfermeira lhe disse:

— Um homem chamado Samuel Talbot está ao telefone querendo falar com você. Posso transferir a ligação para cá?

Ela pegou o telefone e, ao ouvir sua voz tensa, perguntou:

— Sara, você está bem? — Ela começou a chorar.

— Samuel, sinto muito. Eu sinto muito — ela repetiu várias vezes.

— Sara, pare — ele disse com firmeza. — Nada disso é culpa sua. Nada disso. Agora me escute. Você está ferida de alguma forma?

— N-não. Eles... eles estão apenas fazendo exames de sangue para ver o que ela me deu.

— Então, estou enviando um helicóptero e um motorista para você. Assim que você for liberada, nós a levaremos de volta a Baltimore. Estou colocando tudo nas mãos do meu assistente. Eu vou te ver quando você chegar aqui.

Para sua grande frustração, demorou mais de uma hora para que finalmente a libertassem, mas, como Samuel havia prometido, um motorista e um helicóptero esperavam por ela. Demorou menos tempo para voar para Baltimore do que de carro do heliporto para o hospital.

Foi levada diretamente para uma sala de espera privada, onde Samuel e sua assistente, Jeanne Marshall, sentavam-se em tenso silêncio. Assim que Sara entrou na sala, Samuel ficou de pé, envolvendo os braços em volta dela.

— Sara, minha querida, estou tão agradecido que você não se machucou.

— Como está Ben? O que está acontecendo?

— Não sabemos. Ele está sendo operado. A bala quebrou uma costela e atingiu o baço. Perdeu muito sangue.

— Samuel, eu não posso perdê-lo. Eu não posso.

— Shh, Sara, não pense nisso.

Algum tempo depois um cirurgião cansado entrou na sala.

— O senhor é o pai de Benjamin Talbot?

Samuel assentiu.

— Sim, e esta é sua esposa, Sara, e minha amiga, Jeanne.

— Como ele está? — Perguntou Sara.

— Ele está vivo, mas estamos observando atentamente sua condição. Ele perdeu muito sangue. A situação ficou crítica por um bom tempo e tivemos que remover parte de seu baço. Ele também tinha uma costela quebrada e um colapso do pulmão, mas ambos são menores em comparação.

— Ele vai ficar bem? — Perguntou ela.

— É muito cedo para dizer. O sangramento parou e ele está sedado, num ventilador. Está sendo transferido para a unidade de terapia intensiva cirúrgica agora. Vamos ver como vão as próximas vinte e quatro horas.

— Podemos vê-lo? — Perguntou Samuel.

— Assim que o removerem, podem. Eu direi a eles para virem avisá-los.

Isso foi há três dias atrás. Sara não tinha ido para casa e Samuel também não durante as primeiras vinte e quatro horas.

— Ele parece estar estável. Seu hemograma e sinais vitais estão bons. Mas vocês dois precisam descansar. Vamos mantê-lo sedado e no ventilador por mais um dia. Vão para casa por um tempo.

Quando o médico se foi, Sara disse:

— Samuel, vá para casa um pouco e descanse.

— Sara, você passou por uma provação muito pior do que eu. Você precisa muito mais de descanso.

— Eu não posso ir para casa. Seria inútil, não conseguiria dormir de qualquer maneira. Você vai. Eu vou dormir aqui na cadeira por um tempo.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu acredito em você, milhares não.

Ela riu e beijou sua bochecha.

— Eu juro, enquanto estiver aqui ao lado dele, vou dormir um pouco.

E assim foi por mais dois dias.

~ * ~

Ben piscou. As luzes eram brilhantes, mas demorou alguns instantes para que a sala ficasse em foco. Estava num moderno quarto de hospital. Tentou falar, mas não conseguiu. Um tubo estava em sua garganta.

— Oh, Ben, você está acordado. — Era a voz doce de Sara. — Não tente falar, meu amor. Você está no hospital e o tubo na garganta está ajudando você a respirar. Lembra-se do que aconteceu?

Ele assentiu. Nunca esqueceria aquele momento horrível. Esperava que a cena fosse queimada em seu cérebro para sempre. Também se lembrou de sua conversa com Gertrude na sala de cirurgia. Tinha escolhido ficar na pequena chance de ter mais tempo com a linda mulher que segurava a mão dele.

— Bem, meu amor, você nos deu motivo para nos preocupar e orar nos últimos dias.

Ele franziu a testa. Dias? Era como se tivesse acabado de falar com Gertrude.

Sara acariciou sua bochecha.

— Você esteve no respirador, sedado por três dias. — Ela baixou a voz para um sussurro. — Um ventilador é uma máquina moderna que pode respirar por uma pessoa ferida.

Ele assentiu. Odiava o jeito como se sentia, mas se era o que o mantinha vivo, o mantinha com ela, toleraria isso.

— Os médicos estão reduzindo a sedação e você está respirando melhor. Vão tentar tirar o tubo em breve. Então você poderá conversar.

Ele assentiu e apertou a mão dela, segurando-a como se ela fosse uma tábua de salvação até que voltou ao esquecimento.

~ * ~

Para grande alívio de Sara, os médicos removeram o tubo mais tarde naquele dia. Durante todo o tempo em que Ben esteve sedado, disseram-lhe que ele estava indo tão bem quanto se poderia esperar, mas observando seu corpo

imóvel na cama, seu peito subindo e descendo apenas porque uma máquina forçava o ar em seus pulmões, não lhe dava muita confiança.

As primeiras palavras de sua boca quando ele pôde falar de novo foram:

— Eu te amo, Sara.

— Oh, Ben, eu também te amo. Estava com tanto medo de perder você.

— Eu não pude deixar você — ele resmungou.

— Não fale querido. Você precisa descansar a sua voz por um tempo.

Ele assentiu, mas sussurrou:

— O que aconteceu?

— Você e Mark encontraram o lugar para onde Daphne tinha me levado e Daphne atirou em vocês dois.

Ele sorriu.

— Depois disso.

— Bem, graças a Deus, Mark pediu ajuda antes que ele entrasse na bagunça. Assim que me libertou, ele ligou novamente para dizer-lhes para enviar um helicóptero. Estávamos bem longe no país, mas a polícia chegou pouco depois de você perder a consciência e minutos depois o helicóptero aterrisou com a equipe de trauma. Eles voaram até o centro de trauma da Universidade de Maryland. A bala quebrou uma costela e rasgou seu baço. Você perdeu muito sangue.

Ben não sabia o que o baço fazia.

— Consertaram isso?

— Os médicos tiveram que remover parte dele, mas não se preocupe, tudo ficará bem. Você pode viver sem um baço.

Aliviado, assentiu. Então lembrou que Mark também tinha sido baleado.

— Mark está bem?

Ela sorriu.

— Sim. A bala fixou-se em seu ombro, mas não atingiu grandes vasos. Levaram-no para Hagerstown, mas ele ficou apenas alguns dias. Está em casa se recuperando agora.

— Você?

— Estou bem.

— O que aconteceu? Com ela ...

Sara pôs um dedo nos lábios dele.

— Não force a sua voz.

— Mas...

— Como ela me sequestrou? Aparentemente, ela planejou fazer isso vários dias antes, enquanto ia para a academia, mas eu estava muito ocupada no livro para ir. Então, em vez disso, ela me seguiu até o shopping, depois fingiu encontrar-me por acaso. Fizemos um lanche juntas e ela colocou uma droga no meu café. Só me lembro de pedaços do que aconteceu depois disso.

— Eu sinto muito.

— Não é sua culpa. Não é mesmo culpa de Benjamin.

— É.

Sara não tinha certeza de quanto dizer a ele, mas decidiu que toda a verdade era melhor.

— Não, não é. Vai muito mais fundo que tudo isso. Acontece que Cordelia DeWitt, a garota que estava dirigindo o carro que causou o acidente da minha família, era a prima de Daphne. A razão pela qual ela estava acelerando era porque estava atrasada para pegar Daphne para ir a uma festa. E para piorar as coisas, ela era a pessoa para quem Cordelia estava enviando mensagens. A tia e o tio de Daphne acharam que ela era uma má influência para a filha e se afastaram dela. Claro, Daphne não podia ver seu papel nisso e pensou que era porque eles tinham que pagar muito para evitar o processo. Então foi *minha* culpa. E ela teve um caso com Mark atrás das costas de Benjamin, o que também foi *minha* culpa. Você terminou com ela, também *minha* culpa, e quando Mark não aceitou tomar parte de algum esquema maluco para fazer você se virar contra mim, também foi minha culpa. Ela decidiu que se livrar de mim iria consertar tudo.

Ben simplesmente balançou a cabeça.

— Se ela não tivesse tentado me matar e quase conseguido matar você, sentiria pena dela. Ela teve um começo difícil de vida. Estava doente e ninguém prestou atenção suficiente a ela para perceber o quão doente estava até que fosse tarde demais.

— Muito tarde?

Sara assentiu.

— Quando Mark a abordou, sua cabeça bateu no chão. Isso causou um sangramento em seu cérebro. Ela morreu antes do helicóptero chegar. Mark está muito abalado com isso, mas não havia mais nada que ele pudesse fazer.

— O que acontece agora?

— Agora pare de falar e descanse um pouco. Seu pai deve estar aqui em breve. Até você acordar esta manhã, ele só saiu do hospital por algumas horas desde que você chegou. Eu o convenci a ir para casa há algumas horas para descansar, mas tenho certeza de que ele não vai demorar muito.

Ben assentiu e fechou os olhos.

Sara sentou-se apenas segurando a mão dele. Ele ia ficar bem. Sabia disso agora com toda confiança. tinham uma vida plena esperando pela frente. Ele era sua alma gêmea. O seu destino. Não iria soltá-lo. Nunca.

Epílogo - *E se eu me apaixonar?*

Sara saiu da limusine e ficou por um momento sorrindo para a bela igreja gótica. Era um dia claro e frio. Uma brisa forte fez o véu girar ao seu redor. Sua amiga, Elizabeth Soldani, que havia descido do carro logo antes dela, ficou segurando o buquê de noiva.

— Sara, você está deslumbrante. Eu acho que nunca vi uma noiva mais bonita.

Sara sorriu.

— Além do seu, de quantos casamentos você participou?

Elizabeth riu e em voz baixa disse:

— Bem, este é o único casamento moderno que eu já assisti até agora, mas vi muitos casamentos. E garanto-lhe que a coisa que torna uma noiva bonita não é um vestido de tirar o fôlego ou lindas flores, as quais você tem a propósito. Sua verdadeira beleza está em seu sorriso radiante e no brilho de felicidade em seus olhos.

— Bem, eu estou feliz por finalmente poder comemorar nosso casamento.

— Eu posso ver isso.

— É difícil acreditar que faz apenas quatro meses desde que eu conheci ... uh ... quero dizer, realmente conheci o Ben. Eu não sabia que aquela viagem a Veneza e às ilhas gregas mudaria profundamente a minha vida. — Ela acrescentou: — E recusei o relógio de bolso. Estou tão feliz por tê-lo feito embora. Eu não o teria conhecido de outra forma.

Elizabeth sussurrou de volta:

— Suponho que não. Ainda assim, Gertrude gosta de dizer que o *“universo se desdobra como deveria”*. Então, de um jeito ou de outro, você e Ben foram feitos um para o outro.

A Sra. Sinclair, uma boa amiga dos Soldanis e do pai de Ben, esperava por eles nos degraus da igreja.

— Senhoras, estão prontas? Está na hora.

— Vamos lá — respondeu Elizabeth.

Sara alisou a frente de seu vestido uma última vez e esfregou os lábios para uniformemente dispersar a camada leve de brilho neles.

Elizabeth entregou-lhe o buquê.

— De onde eu venho, as noivas levam um buquê de ervas para seus casamentos. Então, espero que você não se importe, mas coloquei algumas entre as flores. A florista já tinha raminhos de lavanda, é por devoção. E as flores de laranjeira são para a fertilidade. — Ela balançou as sobrancelhas, fazendo Sara rir. — Eu adicionei um pouco de murta para amor eterno e felicidade conjugal. Isso deve colocá-la bem no caminho da fecundidade — brincou ela. — Eu também adicionei sálvia para vida longa, salsa para felicidade e hortelã para pensamentos calorosos. É um dia frio.

— Obrigado, Elizabeth. Nós devemos muito a você e a Gabe. Apenas ter amigos que entendem nossas circunstâncias especiais é maravilhoso.

— Eu me sinto do mesmo jeito. — Ela abraçou Sara. — Agora, não diga mais nada, ou você vai me deixar chorando e vou arruinar minha maquiagem.

Sara riu novamente.

— OK. Vamos então.

Subiram os degraus da igreja juntas. Momentos depois que entraram, o organista começou a tocar *"Jesu, Joy of Man's Desiring"*³².

— Essa é a minha deixa — disse Elizabeth. — Eu vou te encontrar lá. — Ela se virou e começou a andar tranquilamente pelo corredor. Quando chegou ao altar, o organista mudou para a marcha de casamento.

Todos se levantaram e se viraram para encarar Sara onde ela estava sozinha. Embora tivesse vários amigos queridos que a teriam alegremente escoltado pelo corredor, Sara decidiu não lhes pedir. Sempre imaginou os dois pais a conduzindo pelo corredor e, de alguma forma, achou que seria melhor não ter ninguém além de um substituto que só a lembrasse da ausência deles. Mas agora sentia-se um pouco nervosa. Era uma longa caminhada para fazer sozinha. Olhou para o corredor e viu Ben esperando por ela e seu profundo amor a encorajou. Ele viajou através do tempo para chegar ao lado dela. Ela poderia descer pelo corredor para alcançá-lo.

³² A canção "Lady Lynda" que foi uma versão de "Jesu, Joy of Man's Desiring" foi um dos maiores hits da banda fora dos EUA. Jardine deixou de fazer shows com o The Beach Boys em 1998, quando Carl Wilson morreu de câncer no pulmão.

<https://www.youtube.com/watch?v=j6vZoutVpXU>

Naquele momento, ouviu uma voz muito familiar atrás dela dizer.

— Não tenha medo, moça. Seus pais estão com você. Eles não perderiam isso. Vá em frente agora. — Olhou por cima do ombro a tempo de ver Gertrude acenar e desaparecer.

Sorriu e acenou com a cabeça. Gertrude estava certa. Eles estavam com ela. Sentia-os.

— Ok, mamãe, papai, vamos fazer isso.

Caminhou pelo corredor com a certeza absoluta de que o espírito de seus pais estava com ela a cada passo do caminho. Quando chegou ao banco da frente, antes de ir ter com Ben, tirou duas rosas brancas do buquê e colocou-as no local reservado para eles.

Olhou para Ben e se sentiu envolvida por seu amor. O passado descansaria agora. O futuro era deles.

A Nota do Autor

Espero que tenham gostado da história da experiência de Benedict com o relógio de bolso.

Se você aceitou o relógio de bolso em primeiro lugar e já leu o que acontece com Sara no século XVIII em Veneza (Nada a perder), conhece ambas as histórias agora. Diga-me o que pensa.